A. FREITAS DA CÂMARA

Costa do Sol

Romance Rialista

LIVRARIA CENTRAL EDITORA - LISBÔA

EMENDAS

Seria vexatório para o leitor apontar-lhe todos os pequenos lapsos, como por exemplo: *femenino, ceremónia*, e outros que passaram pela malha na tarefa ingrata da revisão e que o leitor emendará de motu-próprio.

A seguir se indicam as «gralhas» mais atrevidas que devem ser «mortas» desde já:

Página:	Linha:	Onde está:	Escreva:
95	21	puigência	fulgência
157	31	*she's not*	*so, too*
230	15	*Tanks*	*Thanks*
236	5	nem	meu
249	24	masso	maço
295	22	16	26

COSTA DO SOL

OBRAS DO AUTOR:

ROMANCES:

Costa do Sol
Mundana *(a concluir)*

HISTORIOGRAFIA:

Farrapos do Passado (*em preparação*)
Figuras Imortais (I — ALEXANDRE MAGNO)
(inédito)

TEATRO (INÉDITO):

Flôr d'Altura, 4 actos em verso
Mundana, 4 actos em prosa
Justiça Imanente, 4 actos em prosa

POESIA:

Segredos da Musa (*esgotado*)
Aguias Lusitanas (")

Imp. Moderna—R. Luz Soriano, 43-45—Lisboa

A. FREITAS DA CAMARA

COSTA DO SOL

ROMANCE RIALISTA

LIVRARIA CENTRAL
DE GOMES DE CARVALHO, EDITOR
14-A, Avenida Almirante Reis, 14-C
LISBOA

A SEGUIR

DO MESMO AUTOR:

MUNDANA

ROMANCE RIALISTA

Crónica dramática de uma mulher frívola para quem a suntuosidade do vestuário e as manifestações de mundanismo eram — ou pareciam ser — a finalidade única da sua existência. Leitura empolgante em que se desenrola, no colorido estilo do autor, uma comovente tragédia doméstica.

I

Virgindade inquieta [1]

A's oito e meia, como de costume, a Leonor bateu levemente á porta do quarto de Maria Luisa. Não obtendo resposta, voltou a bater as tres pancadinhas habituaes com os nós dos dedos, a inquirir:

«Posso entrar, menina?»

De dentro, a voz musical de Maria Luisa preguntou, com aquela intonação propria de quem acaba de ser desperto de improviso:

«Quem é?»

«Sou eu, menina. São horas do pequeno almoço,» voltou a dizer a Leonor.

«Ah. Entra.»

A criada deu volta ao fecho da porta e penetrou no aposento imerso em quasi completa escuridão. Distinguiam-se vagamente os objectos que adornavam aquele lindo aposento de mulher: o mobiliario de estilo, o lavatorio a um canto onde abundavam

---

(1) O que vae ler-se não é uma efabulação de fantasia mas uma narrativa autèntica. A alteração de nomes e locaes justifica-se por um escrupulo que é desnecessario salientar porque o leitor o compreende e perfilha — Nota do Autor

os sabonetes de boa marca, o *psyché* repleto de frasquinhos de capitosos perfumes, a escrivaninha, tudo disposto com muita arte e indiscutivel bom gosto.

A Leonor deu os bons dias e, pousando numa mesinha de centro a salva com a chicara de café com leite que fumegava e as torradas macias e tépidas, dirigiu-se á janela e abriu as portas de madeira.

Um jorro de luz branca, coada pelos cortinados de tule penetrou no quarto onde flutuava um indefinivel perfume, grato á narina, de essencias de preço e de cheiro a carne feminina bem cuidada.

«Abre tambem a janela, Leonor, para entrar um pouco de ar».

Disse-o com a voz um pouco dolente o que fez com que a creada, tendo aberto a janela, olhasse para ela de soslaio.

«Está doentinha a minha menina?» —preguntou a serva com interesse e meiguice a que não era estranho um certo tom de ironia, ao ver que a sua jovem ama esfregava levemente a fronte com a mão delgada e branca.

«Um pouco, sim. Doe-me a cabeça.»

A Leonor sorriu imperceptivelmente para que Maria Luisa não notasse; bem conhecia a causa daquelas dores de cabeça de que sofria periodicamente a «sua menina»: de espaço a espaço, os lençois de fina bretanha do seu leito de solteira acusavam nitidamente o estravasamento da seiva daquele apetecivel e maduro corpo de mulher ainda virgem de contactos masculinos.

«E' o que diz o doutor, menina Maria Luisa» proseguiu a Leonor, completando o seu pensa-

mento, com aquela liberdade e confiança que soubera conquistar nos trez anos em que já servia naquela casa.

«Que sabes tu disso, rapariga?» ripostou Maria Luisa sem azedume, só para a ouvir, porque a Leonor tinha, por vezes, umas «saidas» curiosas, reveladoras de que a antiga «parôla» de Moimenta da Beira já tinha a mesma sabedoria, a mesma malicia e descaro das meninas da cidade.

«Ora, o que sei eu! O que dizem os lençois da cama...»

E, com um sorriso gaiato, lançou uma olhadela obliqua para o leito de Maria Luisa que fez o gesto de pegar num sapato para lh'o atirar, dizendo com fingido agastamento:

«Oh, sua descaradona!»

A Leonor acentuou o sorriso que lhe bailava nos labios, pintados como os das senhoras, deixando ver uns dentes brancos e bonitos que eram o seu orgulho, emquanto a sua ama continuava:

«Sabes mais do que o que eu te ensinei, minha sonsa! Sim, senhora, está saida a Leonor!... Quem havia de dizer ha trez anos!...»

«Em trez anos aprende-se muito em Lisboa, menina Maria Luisa...»

E como a «menina» voltasse a levar a mão á testa, como a querer afastar uma dor pertinaz que ali se tivesse aferrado, a Leonor quiz provar que se aprendia muito em Lisboa e dirigiu-se ao *toilette* donde voltou com um frasco de boa Agua de Colonia com que friccionou delicadamente as fontes da doentinha, acrescentando:

«Era o que eu fazia quando padecia da mesma «doença»... Agora já não preciso porque tenho o meu José...»

E ria, maliciosa, emquanto seguia massando a fronte de Maria Luisa que se sentou no leito, semi-nua, exibindo a plena luz o colo setinoso e os braços roliços e, meio a descoberto, os seios alterosos de recorte purissimo.

«Já basta, obrigada. Dá-me o almoço que tenho fome.»

Uma voz feminina, de timbre um pouco forte, chegou até ao aposento:

«Leonor. Oh Leonor...»

Era D. Clorinda que chamava. A Leonor desdobrou um guardanapo em cima da colcha sobre as coxas fartas de Maria Luisa e ali colocou a salva dizendo junto á porta:

«Vou já, minha senhora. E' um momento.»

E, dirigindo-se a Maria Luisa:

«Apronto o banho?»

«Mais tarde. Pregunta a minha mãe se quer tomal-o primeiro. Talvez seja para isso que ela te chamou.»

A criada saiu, acudindo á chamada, emquanto a «sua menina» trincava com delicia as loiras torradas apetitosas que estalavam sob os seus dentes alvissimos e bebia a pequenos goles o saboroso café com leite.

Fóra, naquele bairro elegante, quasi aristocrático, zumbia a vida quotidiana com o tilintar dos «electricos», o buzinar dos automoveis, os pregões dos vendilhões ambulantes, as pragas e doestos de

gentes mal educadas; e de todo aquele arfar citadino chegava ao quarto de Maria Luisa um rumor confuso que era de todos os dias e sempre egual.

Pela janela aberta entrava uma lufada de ar ainda não aquecido pelo sol e prenhe dos efluvios das flores que abundavam no jardim para o qual dava o seu quarto.

Era pertença da moradia dos Penedono, ausentes no estrangeiro havia muito tempo, o que não obstava a que os canteiros continuassem floridos e devidamente cuidados pelo jardineiro, o Pedro, um velhote cortez que, com sua mulher, guardava a casa e, não poucas vezes, tinha a gentilesa cativante de enviar a Maria Luisa bonitos ramalhetes que ela muito apreciava.

Eram ofertas amaveis que provinham da sua gratidão por ter D. Clorinda conseguido livrar-lhe o filho das «sortes» valendo-se da influencia de um militar de alta patente que era visita da sua casa havia muitos anos e — dizia a coscovilhisse do bairro — dono e senhor dos encantos da quarentona senhora. E nisso não erravam.

Quando entravam na casa da Rua Felipe Folque aquelas flores magnificas que o eram, na realidade, pe'o colorido, pelo assetinado, pela grandesa, perfume e raça, os quartos de dormir, a saleta e a sala de jantar pareciam adquirir uma alma nova que tinha, com desgosto de Maria Luisa, uma duração efémera. Poucos dias volvidos, voltavam aos solitarios e jarras as pobres flores de compra que, de ordinario, as enfeitavam com certa graça, é certo, mas sem aquele incomparavel mimo das que o Pe-

dro ofertava, inimitaveis obras primas de sedução e maravilha em que se transformava o esterco infecto e pútrido no grande crisol que são as mãos do Creador.

Maria Luisa aspirou com delicia esse ar perfumado e vivo que vinha renovar a atmosfera confinada do seu quarto e, pousando a salva que a Leonor lhe trouxera, já reconfortado o estômago, procedeu ás suas abluções matinaes. Era uma operação sempre demorada em que ela punha extremos de cuidados porque Maria Luisa era dum aceio irrepreensivel com o seu corpo não só por indole, como ainda por uma espécie de adoração que por si mesma nutria desde que se reconhecera formosa.

Era-o, sem duvida alguma.

Não pertencia ao número das que opinam parvamente que a agua estraga a pele, compreendendo que sem uma perfeita respiração cutanea não pode haver sangue rico, esse mesmo que dá à cutis a coloração rosada que não se obtem com tinturas artificiaes, e sómente se pode conseguir com uma excelente saüde avigorada pela higiene e pelos exercicios fisicos. E compreendia que não pode a pele respirar sem lavagens freqüentes que desobstruam os poros das excreções neles acumuladas pela eliminação cutanea.

«Muita agua, um bom sabão, um pouco de exercicio muscular, alimentação cuidada, ar puro e luz,» eis o que aconselhava certo livro que figurava na sua pequena biblioteca entre romances de amor, livros de versos e obras libertinas que tambem gos-

tava de ler para excitação da sua curiosidade de virgem moderna, ávida de sensações fortes.

Fiel aos principios contidos no seu livrinho, Maria Luisa ia ensaboando vigorosamente o rosto, o pescoço, os braços e as regiões intimas, fazendo chiar a agua ao canto do seu quarto onde, a coberto dum biombo, dispunha de todo o arsenal indispensavel á limpêsa sumaria do seu corpo escultural que nunca poderia queixar-se de falta de agua ou de sabão.

A caricia fresca da agua activou a circulação do sangue e consolou-lhe a epiderme rosando-a deliciosamente; em seguida a linda jovem envergou as calças do pijama e tirou a camisita. O seu busto de soberba carnação nacarada emergiu, por momentos, numa fugaz visão de beleza que a seda macia do pijama voltou a cobrir amorosamente, deixando apenas a descoberto o colo grácil e o começo das duas admiraveis pomas que tanto *charme* e tanta graça sensual emprestavam á sua perturbadora feminilidade.

Tirou do guarda-vestidos uma alfombra que estendeu no chão em frente da janela aberta e um par de extensores; e, ora deitada de costas, ora de pé sobre o macio tapete, encetou a série diaria de exercicios ginásticos constante de flexões e extensões que lhe ocupavam uma boa meia hora todas as manhãs e contribuiam para lhe conservar a graça e a flexibilidade nervosa do corpo. Mais além não iam as suas preocupações desportivas muito embora se interessasse egualmente pela prática da equitação, do *tennis*, do *golf* e da natação, seus desportos favoritos.

Aprendera com o irmão, o valdevinos do Gustavo, a apreciar a cultura física de que apenas, a principio, conhecia a ginástica sueca praticada obrigatoriamente no liceu. Supunha, então, que os exercicios musculares eram práticas exclusivamente masculinas para reserva de energia; mas quiz o acaso que lhe caisse nas mãos um livro cuja leitura a interessou: *La Beauté par l'hygiène et la culture physique* e, desde então, outros horisontes se rasgaram deante dos seus olhos, acabando por aprender que a verdadeira belesa não reside nos segredos do toucador com os seus cosméticos, os seus vernises, as suas tinturas, mas no perfeito funcionamento da máquina humana, esse prodigioso laboratorio de complicadas e estranhas reacções cujo perfeito equilibrio se sintetisa numa só palavra: saüde.

Mas, como mulher que era e mulher formosa. reconhecia que remedio não havia senão conceder ao artificio a parte que as imposições idiotas da caprichosa Moda ordenam ás suas devotas que são a quasi totalidade das femeas humanas.

Convencionara-se que era *chic* pintar os labios de côres inverosimeis, agrandar e afinar as sobrancelhas, ondular as pestanas, dar uma côr bistre ás faces e outras infantilidades por este gosto; e Maria Luisa, «para estar na moda», seguia esses procedimentos, automaticamente, consoante as indicações das «abalisadas» Revistas de que era leitora assidua. Mas, no intimo, ria-se de tudo aquilo como se ri, por exemplo, das exterioridades católicas o noivo livre-pensador que se vê forçado a confessar-

se a um padre e comungar por ter a noiva declarado que, sem ir á egreja, não se considera unida legalmente, decentemente, ao homem escolhido para partilhar do seu leito e do seu corpo...

Terminada a sua ginástica apeteceu-lhe respirar a plenos pulmões, á janela, o ar da manhã que já ia aquecendo. Estava linda naquele trajo masculino que lhe emprestava um ar picante e agarotado; com um pouco menos de corpulencia e com o penteado a caracter, dir-se-ia uma japonesa de chromo, ao ser observada de longe para não ser notada a falta de obliqüidade dos olhos e a correcção das suas feições europeias.

Com o olhar fixo num ponto vago e distante, tamborilava com os dedos o peitoril da janela; um ténue sorriso lhe fazia encovar os cantos da fina boca e os seus grandes olhos, expressivos e húmidos, seguiam com um interesse infantil os mais insignificantes incidentes em que pousavam: o adejar duma borboleta de flor em flor, o vôo rapido das andorinhas, o fumo duma chaminé que, ao longe, por sobre a casaria, tingia de negro o ceu luminoso daquela manhã de estio. Tudo a encantava como se os mais infimos nadas constituissem uma novidade excitante e nunca saboreada.

O sol ia rodando. Dentro em pouco incidiria de face na sua janela, pelo que era forçoso abandonar o posto em que, despreocupada, se sentia viver, feliz e sem cuidados.

Estava abrasador aquele começo de Julho. Até fins do mês anterior o tempo mantivera-se carrancudo, agreste e chuvoso, como se março fôra, fa-

zendo acreditar que o calendario se tinha equivocado na marcação da estação bela.

Mas, de repente, o ceu desanuviara, os negros novelos de nuvens tinham abalado para o sul impelidos pelo vento e sobre Lisboa tinha desabado um calor de fornalha que punha queimaduras no rosto e quasi fazia ferver o sangue nas veias.

A fisionomia da cidade transformara-se. De pronto fizeram a sua aparição os tecidos leves, vaporosos, que moldavam as picantes redondezas femininas de forma a deter na rua os homens que as miravam gulosamente com humidades eróticas nas pupilas abrazadas de desejos incontidos.

Eterna victima do verão, o sexo forte abanicava-se com os chapeus de palha, mal sofrendo a tortura dos colarinhos e dos tecidos de lã e absorvia sofregamente toda a classe de gelados nos cafés e cervejarias que trasbordavam de gente encalmada.

As noites estavam sufocantes; nos suburbios da cidade a população buscava a brisa refrescante, sobretudo sob os arvoredos do Campo Grande ou sobre as areias de Algés e Cruz Quebrada.

A debandada para as praias, termas e campos, já se tinha esboçado. Toda a gente abastada, ou que como tal pretende figurar, fazia apressadamente as malas fugindo ao calor tropical que parecia querer reduzir tudo a torresmos. De ha muito que nos hoteis tudo estava a postos para receber a onda habitual de veraneantes e os seus proprietarios afligiam-se com a prolongada invernia; mas uma alma nova tinha entrado a alentar os que do verão vivem ao

saber-se que em Lisboa se asfixiava, quer em casa quer na rua, com 35° á sombra.

Havia «bicha» nas bilheteiras da estação do Rossio e os comboios começavam a seguir com as lotações esgotadas, desdobrando o rápido do Norte. Lisboa despovoava-se e ganhava, pouco a pouco, aquele aspecto insipido e incolor, que é a sua fisionomia caracteristica no trimestre que vai de Julho a fins de Setembro.

Maria Luisa não tardaria egualmente a abalar para a Curia acompanhando sua mãe que áquela estancia ia anualmente buscar alivios para os seus padecimentos. Em seguida iriam... não sabia ela positivamente para onde, não tendo ainda escolhido a localidade, maritima ou campesina, em que passariam o resto da temporada dispondo-se a seguir a inspiração de momento.

Cançou-se Maria Luisa daquela contemplação e imobilidade em que ficara á janela do seu quarto, olhando quasi alheada os canteiros floridos dos Penedono, embriagada de luz, sentindo em toda a sua pujança a alegria de viver e sorrindo interiormente ao anceio de amor que, de forma ainda vaga e imprecisa, se desenhava na sua mente sonhadora e impressionavel.

Acendeu uma cigarrilha perfumada, instalou-se comodamente no seu confortavel *maple*, pequenino e acolhedor, e dipoz-se a continuar a leitura dum romance francês *La Faute du Mari* no ponto em que a suspendera no dia anterior. Era uma novela de autor em voga que pretendia provar a grande quota-parte de responsabilidade que cabe aos mari-

dos no comportamento irregular das suas esposas, quando eles voltam os seus carinhos, as suas atenções e devaneios para outras mulheres, buscando uma ilusoria felicidade, comprada com as lagrimas daquelas a quem confiaram o seu nome e o seu lar.

Nas suas linhas geraes o romance, até ao ponto em que Maria Luisa lera, cifrava-se nisto: um homem sensual e grosseiro tivera artes de induzir uma jovem a despozal-o; tudo lhe proporcionava no tocante ao bem-estar material porque dispunha de dinheiro. A pobre iludira-se com a escolha que fizera sem ter percebido que as exigencias do marido, emquanto fora noivo, não eram de atribuir a um exceso de carinho, mas a um autoritarismo despótico que logo se revelou claramente durante a viagem de nupcias.

Essa excursão que é o sonho dourado de todas as noivas românticas, como que o portal magnifico da nova vida que vão encetar, fôra para ela não uma deliciosa «lua de mel» mas uma amarissima «lua de fel» e dela voltara sem alegria de viver e já perdida a esperança de constituir o lar encantador que a sua fantasia de amorosa tinha engendrado. Queria um *ménage* risonho de que o seu «amo e senhor» fosse o Deus, bondoso e afavel, todo empenhado em tornar feliz a esposa pequenina que, cheia de meiguice e submissão, procuraria adivinhar os menores desejos do seu idolo para os realisar antes mesmo de terem sido formulados. Um sonho doce e suave da rapariga enamorada.

Mas qual? Ai dela! Que lhe importava ter percorrido terras encantadoras, no dizer das gentes via-

jadas, se todo o encanto para ela se tinha evolado com a ausencia quasi sistemática do marido, deixando-a só no hotel onde, por vezes, nem ia dormir!

Sempre brusco, mal humorado, poucas vezes lhe dirigia a palavra excepto para a contrariar e consumir de pena. Parecia ter casado mais por imposição do que por proprio alvedrio e buscar, assim, uma vingança feroz.

A infeliz refugiara-se na maternidade que não se fizera esperar. E, poucos anos volvidos sobre o regresso do casal a Paris, o «homem fatal» aparecia na vida da esposa mortificada. Entretanto o marido seguia na conquista de faceis mulheres de teatro e de «clubs» a troco de pesadas esportulas para mantença do luxo e da despreocupação de gastos daquelas femeas de prazer.

Tinha ficado nesta altura da narrativa a fitinha marcadora do livro de Maria Luisa. Tentou ler mais algumas paginas mas não conseguiu fixar uma única passagem e fechou o livro; a cigarrilha não lhe sabia bem, contra o costume. Os efeitos daquela «doença» a que aludira a Leonor com malicia persistiam sob a forma duma incómoda nevralgia.

Nem a agua fria, nem a ginástica, nem o ar vivo da manhã a tinham refeito. Talvez uma *douche* lhe fizesse bem.

Prestou, por momentos, o ouvido distraido ás loas que vinham da cosinha onde a Vicencia, uma forte raparigaça de Vizeu, preparava o almoço, cantarolando na curiosa pronuncia daquela risonha cidade beirã. E, emquanto esperava que a mãe aca-

basse o seu banho, poz-se Maria Luisa a meditar.

Pensava na insistencia com que aparecia nos seus sonhos confusos, eróticos e depressivos, aquele «homem moreno» de feições indistintas que não conseguia refazer na sua imaginação, um ente vago, vigoroso, bem dotado de atributos másculos, que a possuia quasi raivosamente como a querer estancar no seu ventre palpitante o abundante humus ali acumulado desde que, aos doze anos, se fizera mulher.

Ao recordar, pelo curso dos seus pensamentos, esse momento da sua vida, não poude deixar de sorrir à lembrança do susto horrível que tivera quando notara com terror, pela vez primeira, o sinal irrecusavel da puberdade sem perceber ainda, na sua infantil ignorancia, o que significava esse aviso da Natureza.

Lembrava-se de ter ído a correr, informar D. Clorinda, com uma palidez mortal e com as lagrimas correndo em fio, que lhe tinha rebentado «um vaso» e que era preciso chamar o médico depressa. Recordava-se de a Maria Clara, a irmã mais nova, ter desatado a soluçar, abraçada a ela, supondo-a prestes a morrer e ainda lhe soava aos ouvidos a jovial gargalhada com que a mãe acolhera a «terrivel» noticia, aquietando-a e afirmando-lhe com beijos e caricias que «aquilo» acontecia a todas as raparigas...

Era, então, ainda vivo o paesito, tão amigo delas todas e sómente agastado com o Gustavo que não dava conta dos estudos no liceu e só se comprazia com guitarradas e esturdia.

Por onde andaria ele? Em que terra e em companhia de quem?

A irmã, Maria Clara, havia muito que não dava noticias suas; a última carta, datada do Rio de Janeiro quatro meses antes, deixava perceber que as suas relações com o amante, por quem se embeiçara havia dois anos, eram cada vez mais difíceis sendo de prever um rompimento.

E Maria Luisa não atinava em compreender como a Maria Clara, tão exigente, tão ladina, apezar de condescendente em extremo com os namorados, se deixara apaixonar por aquele patiforio cuja fama de chulo não era uma invenção de maldizentes. A atracção do abismo, talvez.

De novo lhe voltou á mente, numa obsessão, a lembrança do «homem moreno» que perturbava as suas noites, que dela se apossava durante o sono fatigando-a com a sua excessiva virilidade para a deixar rendida de cansaço, numa dolorosa tensão de nervos.

Por vezes acordava em sobresalto durante a noite. De uma vez surpreendeu-se a implorar, numa grande aflição e sentindo as carnes dilaceradas:

«Deixe-me. Vá-se embora!...»

Falava com a imaginaria figura que a perseguia nos seus pesadelos. E, tão nitida tinha sido a impressão de que «aquele homem» estivera no seu leito, saboreando àvidamente os seus primores fisicos numa brutal violação, que, estonteada ainda, só se convenceu de que tudo fôra um sonho mau quando, tateando-se com os seus dedos afila-

dos, reconheceu que o seu virginal emblema não tinha sofrido ultraje.

A Leonor, que tinha o sono leve e dormia no quarto contiguo, acordava freqüentes vezes e percebendo a causa da vigilia da «menina» comentava para consigo, chocarreira:

«Pobresita, precisas de homem...»

E tapava a cabeça com os lençois para continuar o sono interrompido, mas não sem que antes beijasse apaixonadamente o retrato do seu José, um mocetão do liceu proximo que tinha sido o seu iniciador nos delírios amorosos e que já por duas vezes a tinha pejado, o grande mariola...

Maria Luiza, nesses momentos de enervamento, inundava as fontes com Agua de Colonia e cheirava saes inglezes voltando a adormecer na semi-embriaguês produzida pela essencia volatilizada junto às narinas. Mas, nos dias seguintes aos destas crises, a sua palidez era intensa e a espertalhona da Leonor fazia alusões picantes ao acontecimento que as roupas do leito denunciavam; e acabava por fazê-la rir com revelações mais ou menos indiscretas sobre o que se passava, entre ela e o seu José, em certo quarto da Rua dos Fanqueiros que o filho-familia alugara para os seus encontros semanaes com ela.

Maria Luiza acabava por lhe impor silencio quando ela se excedia em pormenores ousados. Mas, no fundo, sentia-se despeitada porque fosse dado à sua criada saborear com desenvoltura e «de verdade» os prazeres do amor, ao passo que ela, Maria Luisa, tanto se mortificava na impossibilidade de a imitar.

Anciava ter tambem «um José» guardadas porém as conveniencias com receio das más linguas. A menos que rompesse definitivamente com os preconceitos, como fizera a Maria Clara e como fazem tantas outras. Ver-se-ia, a seu tempo. Assim não podia continuar.

A Natureza reclamava os seus direitos; era forçoso obedecer-lhe.

Fosse como fosse, era impossivel, sem prejuizo para a sua saüde e beleza, continuar sujeita ao suplício cruel de sentir a imperiosa necessidade do cumprimento da sua missão de femea sem o poder fazer de uma forma natural, humana e satisfatória. E lembrava-se da máxima cristã: *Crescei e multiplicai-vos*. Era ahi que estava a suprema sabedoria; o resto eram convencionalismos idiotas, vistas as coisas com superior criterio.

As temerosas crises histéricas do ano anterior, que tanto haviam assustado D. Clorinda, não se tinham repetido; os semicupeos receitados pelo bom do doutor Arlindo, que há muitos anos assistia áquela familia e medicara o defunto pae de Maria Luisa, algum resultado tinham dado em conjunção com os medicamentos calmantes.

Mas o proprio clinico tivera o bom senso de dizer que o seu receituario era um paliativo. O melhor de todos os remedios para Maria Luisa era o casamento.

«Está uma virgem forte, saüdavel, pletórica, minha boa senhora», dissera ele a D. Clorinda. «É forçoso descobrir-lhe um marido e as crises hão de passar como por encanto.»

Mas não fora possivel casá-la a seu contento. Nenhum dos adoradores que a tinham cortejado até então realisava o tipo de marido aceitável segundo as ideias da interessada que esperava ainda o seu aparecimento por mercê do acaso.

E as crises de nervos transformaram-se em explosões de seiva, de menos graves conseqüencias, é certo, mas suficientes para a quebrantarem sendo de admitir que, num corpo mais débil, não deixariam de tornar-se desastrosas.

A sua meditação foi interrompida pela voz da Leonor:

«Sempre quer o banho, menina?»

«Não. Tomo uma *douche*. Depois te chamo» respondeu Maria Luisa afastando da mente aquelas cogitações e encaminhando-se para a casa de banho.

Não tardou que a agua, caindo em finas gotas e sob pressão, banhasse a sua cutis aveludada fazendo um ruído cantado. Minutos depois a campainha electrica advertia a Leonor para ir ajudar a sua ama a enxugar-se.

Maria Luisa sentia-se já fresca e bem disposta com a reacção provocada pela agua fria. Inúmeras gotasinhas, redondas e brilhantes, salpicavam a sua pele leitosa, presas pela ténue penugem de damasco que a revestia.

Era, na verdade, uma linda mulher tanto pela extrema correcção dos traços fisionómicos como pela deliciosa harmonia das suas proporções.

De estatura regular, a sua nutrição parecia ter sido determinada a rigor por um estatuario. Uma

perfeita maravilha de-carne: a cabeça era graciosa; no rosto, dum oval perfeito, brilhavam como farois dois olhos rasgados e vivos defendidos por longas pestanas e encimados por dois arcos de finos pelos; o nariz era irrepreensivel e de azas finas, a fenda bucal pequena e bem desenhada com rebordos sanguineos; o mento de bom recorte e as orelhas pequenas, descansando tudo num pescoço de puro desenho que se continuava em deliciosa curva para os hombros, o dorso e o busto; neste, como duas enormes pérolas que duas gotas de sangue manchassem, erguiam-se dois formosos seios, turgidos, erectos e vibráteis, que tremiam com os movimentos da formosa rapariga a enxugar-se. O ventre, ligeiramente curvo, as ancas pronunciadas, as pernas de fina modelação e os braços bem estofados completavam a figura adoravel daquela jovem a quem a Leonor dizia, sentada num escabelo:

«Como a menina é linda!»

E dizia-o com sincera admiração, que não para lhe lisongear a vaidade natural de femea formosa. Maria Luisa sorria a ouvil-a.

«E que pele tão bonita! Tão macia... E a carne tão rija! E' como pedra!»

E, assim dizendo, passava a mão como numa caricia sobre o ventre e as ancas de Maria Luisa e premia um dedo contra a firme polpa das coxas que mal cedia sob a pressão.

Ficou-se por momentos a Leonor a mirar a sua ama, maravilhada, como quem se embevece na contemplação duma obra de Arte.

Maria Luisa calçou os «silenciosos» e, aconche-

gando-se na ampla *robe* que a Leonor lhe oferecia, encaminhou-se para o seu quarto seguida pela criada que, como sempre, a ajudaria na sua *toilette* matinal.

Ajoelhada sobre uma almofada, a Leonor foi pulverisando de finissima essencia a epiderme de Maria Luisa rosada pela fricção áspera da toalha turca. Dir-se-ia agora que aquela explendida mulher era uma flor exótica que, por um qualquer capricho da Naturesa, fosse modelada em carne humana. A branda chuva que saia pelo orificio quasi invisivel do pequeno aparelho foi banhando todas as saliencias e concavidades daquela carnação magnifica que, pouco depois, a *houpe* de pó de arroz perfumada com *Rose de France* tornava ainda mais estonteante.

Entretanto a Vicencia vinha anunciar que o almoço estava pronto a ser servido. Maria Luisa deu um retoque nas unhas e no cabelo e envergou novamente o pijama oriental que tão interessante a tornava. A Leonor, entrementes, saira para pôr a mesa trauteando uma canção em voga saida do «Maria Victoria».

E, pouco depois, Maria Luisa beijava carinhosamente sua mãe e as duas senhoras sentavam-se alegremente á mesa.

II

Meditações

Deitada na *chaise*, a fumar com volupia uma cigarrilha turca, Maria Luisa lia atentamente a secção «Praias e Termas» do jornal.

Um dos pés descançava sobre o tapete emquanto o outro, apoiado no rebordo do movel, brincava indolentemente com a sapatilha suspensa pelas pontas dos dedos.

A tarde estava quente o que a forçava a afastar as bandas do pijama para refrescar a pele, afogueada a despeito da caricia fresca do sedoso tecido.

As espiraes de fumo azulado, saidas dos seus labios em «o» subiam lentamente, em caprichosas evoluções, até se desvanecerem e sumirem através do tule do cortinado que pendia junto á *chaise* sem a mais leve ondulação naquela tarde de pesada calmaria.

Crusou as pernas, ageitou-se melhor na posição horisontal em que estava e pousou o jornal sobre o joelho saliente; em seguida poz-se a observar

com curiosidade o movimento ascensional do fumo do seu cigarro até deter a vista num ponto fixo do tecto. Meditava em que praia ou estancia termal lhe conviria veranear nesse ano, parecendo-lhe sentir nma inexplicavel inclinação pelo Estoril.

No ano anterior estivera na Figueira da Foz. Não voltaria lá tão cedo.

Das restantes localidades que a gente *chic* habita na época calmosa eram-lhe familiares a Curia, o Bussaco, Vila do Conde, a Nazaré e outras estancias de verão mais ou menos atraentes desde os tempos em que o papá ia a Vizela todos os anos para as suas massagens mercuriaes. De forma que hesitava na escolha.

Ia a cigarrilha já meio queimada quando a lançou ao cinzeiro e se ergueu com evidentes indícios de ter tomado uma resolução definitiva.

Estava decidido. Apoz o tratamento da mamã na Curia, iria para a Costa do Sol que tanto vinha sendo falada nos jornaes, desde que o arrojo do grupo «Fausto de Figueiredo» fizera convergir as atenções das pessoas que se divertem para aquele aprazivel rincão quasi ás portas de Lisboa.

Não sabia Maria Luisa explicar a si propria a verdadeira razão que a levava a preferir essa praia a tantas outras que esmaltam a vasta costa portuguesa; o seu estival bulicio era o mesmo de toda a parte: azougadas creanças respirando a fundos haustos o ar iodado que tisna e fortalece; homens libidinosos espiando a visão picante da desnudez feminina; mulheres que se despem para consolo de determinados olhos em especial e para

espicaçar desejos em geral, confiando ao beijo do sol e á carícia húmida do mar a sua cutis descoberta com o pretexto quasi sempre falso de alívio para hipotéticos males e menos por higiene do que por exibição.

Mas tanto se falava ultimamente na transformação por que havia passado o Estoril, que ela tinha conhecido insipido e morno, que sentiu a tentação de ir observar essa apregoada metamorfose de que chegava á capital o aviso irrefutavel no rolar incessante do simpático e moderno comboio electrico.

Outro motivo havia além da curiosidade: dizia-lhe uma voz secreta que era ali que devia expôr os primores da sua plástica exuberante para atingir o objectivo que tinha em vista. Presentimento? Ilusão?

Fosse como fosse, havia como que uma força irresistível que a impelia para as bandas de Cascaes em vez de buscar, como de outras vezes, as paragens de oeste ou do norte que, quasi todas, já conhecia a palmos.

Faltavam poucos dias para que D. Clorinda recebesse a pensão semestral que lhe pagava a agencia em Lisboa da *Fire & Life Insurance*, conforme o estipulado no contrato de seguro assinado com o defunto marido da pensionista. Logo de seguida abalariam para a Curia, consumindo ali o resto do mês até que, com a chegada de Agosto, a temporada «aquecesse» para ela fazer finalmente a sua radiosa aparição na Costa do Sol e verificar se o seu presentimento era um simples pro-

ducto de exaltada fantasia ou uma realidade inegável.

Em Lisboa já pouca gente se encontrava da sua roda e relações. Mas Maria Luisa achava aborrecido «ir para fora», antes de bem entrado o verão, para locaes de animação insôssa em que teria que contentar-se com o «lá vem um» dos começos da estação.

E, assim, preferiu ficar na capital a despeito do calor tórrido que nesse principio de Julho foi intoleravel.

Quando mesmo pretendesse partir, não o poderia fazer porque, antes da primeira semana de Julho, não teria prontos os vestidos que encomendara e cuja confecção não tinha querido apressar porque os desejava muito perfeitos afim de que pudessem impô-la ás atenções e realçar devidamente todos os seus encantos físicos.

A batalha galante que se propunha travar assim o exigia; e esperava com ansiedade, desejando que o tempo marchasse mais depressa, a chegada do mês de Agosto, animada com a intima convicção em que vivia de que êsse mês havia de «marcar» na sua existencia.

Fôra mais exigente, mais minuciosa do que nunca, na escolha da indumentaria que levaria; folheara inúmeras revistas de Modas, tomara conselho com a experiencia comprovada das mestras da tesoura, discutindo pormenores durante varios dias até se decidir pelos modelos mais originais e *grand chic* que fôra possivel encontrar para a satisfazer. E, ainda assim, com alterações por ela

propria sugeridas e aprovadas pelas *couturières* apoz uns momentos de reflexão para ajuizar do efeito.

Para alguns deles fôra preciso primeiro fazer *maquettes*; doutra forma não se responsabilisariam as modistas. Mas tinham verificado que ficavam «adoraveis» e cumprimentavam Maria Luisa pelo seu bom gosto e visão, assegurando-lhe que, em París, poderia ser, se quizesse, e com um capitalista suficiente, uma criadora *à grand succès*.

Não eram esses trajos duma riqueza suntuosa como ela bem desejaria. Mas não deixariam de a tornar notada nem de excitar invejas, pela sua originalidade e grande linha, entre as elegantes dos Estoris.

Para o seu custeio, fôra lhe preciso recorrer a parte dos trinta contos legados por seu pae e que dormiam na Caixa Geral de Depositos, acumulando juros e destinados a constituir o seu dote se viesse a casar.

Mas a ideia do casamento que a principio a preocupava ia, pouco a pouco, desvanecendo-se na sua imaginação, considerando-o possivel mas pouco provavel nas condições em que ela o fantasiava.

Tinha a secreta ufania de se considerar bela e admitia sem custo que valia um tesouro mas não deixava nunca transparecer essa convicção intima. Só era vaidosa no mais fundo recesso do seu ser.

E, como tinha olhos para observar e bom gosto para concluir, reconhecia, quando se contemplava nua deante do espelho do guarda-vestidos, que era

um mimo de mulher e, para mais, em primeira mão. Aquele que a levasse deveria reunir determinados atributos sem os quaes não consentiria Maria Luisa em deixar aspirar a capitosa fragrancia a que rescendia toda a sua valiosa pessoa.

Queria-o robusto, avigorado pelo desporto, musculoso e ágil, de boa presença e finas maneiras, inteligente e culto sem ser um sabio, moderno na forma de encarar a vida, elegante sem afectação, másculo bastante para lhe saciar as suas ânsias de femea e, circunstancia indispensavel, rico suficientemente para lhe proporcionar o bem-estar material e lhe alimentar o gosto pelas encantadoras frivolidades que ela adorava e sem as quais dificilmente saberia passar.

Onde estava esse modelo da sua predilecção? E, deitada agora de través sobre a colcha azul do seu leito, com as mãos crusadas sob a nuca, Maria Luisa passava em revista a série dos seus adoradores passados.

Dos primeiros, figuras vagas e banaes como ha sempre na vida das raparigas dos 15 aos 18 anos, já mal se recordava. Os tres mais modernos estavam, porém, vivos na sua memoria sem, contudo, lhe terem deixado qualquer funda saüdade.

O mais antigo da trindade, o Guilherme Castro, teria sido mais afortunado se tem aparecido mais tarde; mas teve a pouca sorte de fazer a sua aparição quando ainda os nervos de Maria Luisa viviam tranqüilos. Era um tipo de homem que ela achava aceitavel ainda que não correspondesse exactamente ao padrão apetecido. E Maria Luisa

sorriu ao lembrar-se dum incidente passado com esse rapaz: um dia, por te-la beijado de forma insólita e ousar, com mão atrevida, experimentar a dureza dos seus seios, apanhara uma bofetada tremenda que estalou ruidosamente no silencio da saleta...

Picado no seu amor-proprio, Guilherme erguera-se como impulsionado por uma mola, talvez no intuito de devolver o castigo. Mas Maria Luisa, de pé, serena e impávida, apontara-lhe a porta da rua com o indicador, olhando-o de má sombra:

«Sáia e não volte» dissera-lhe; «aquela porta nunca mais se abre para o senhor.»

Guilherme caira em si, balbuciara desculpas reconhecendo o seu atrevimento e assegurando-lhe que não tivera intentos de ofendê-la. Mas tudo fôra inútil. O braço de Maria Luisa, estendido para a porta, era uma sentença irrevogavel. Ele saiu, confuso e cabisbaixo, e não voltou; escreveu por duas vezes e não obteve resposta. E nunca mais Maria Luisa soubera dele.

«Se fosse agora...» pensava a formosa rapariga «não teria eu coragem para tanto...»

Tempos depois chegaram os insultos nervosos com as pavorosas crises histéricas que punham a pobre D. Clorinda em ânsias de morte. Namorava Maria Luisa, nessa altura, o João Gilberto, um filho-familia que os paes forçaram a romper o namoro logo apoz a ida da Maria Clara para o Brasil em companhia do amante, o tal chulo por quem ela se apaixonara loucamente.

Coubera depois a vez ao «padreca», como ela

lhe chamava, um quartanista da Escola Médica que, a páginas tantas, tinha declarado ser contra os seus sentimentos católicos aliar a sua existencia á de uma mulher cujos irmãos tanto ofendiam a Deus com o espectáculo das suas vidas irregulares, absolutamente á margem dos salutares princípios da Santa Madre Igreja. E fôra-se tambem.

«Que vá bugiar. Que pape muitas hostias para salvação da sua alma!» foi o comentario de Maria Luisa, ao ler a carta de rompimento.

E ficara odiando os homens com uma intensidade só comparavel ao ardor com que os desejava nos seus momentos de crise.

Temia esses terriveis minutos em que o seu sangue reclamava imperiosamente o refrigerio consolador da posse. Mas repugnava-lhe oferecer a joia real do seu corpo ao primeiro macho humano que a cubiçasse para satisfação de apetites carnaes, muito embora deles partilhasse tambem fartamente.

Era pouco atreita a romantismos e não compreendia a tal poesia com que muitas raparigas pretendem rodear a prática desse acto, incidente natural da vida, que é a junção de dois corpos de diverso sexo aquecidos sob o fogo devorador do desejo.

Via a vida por um prisma que tinha mais de prático do que de idealista; sómente se defendia das inclinações do seu temperamento não por real pudor, como antigamente, mas por atenção ao meio em que fôra creada e em que o homem, em geral, não busca na mulher apenas «a mulher» e habituou a dar uma importância excepcional, que

Maria Luisa achava idiota, a uns centimetros de pele recôndita por uma vã gloriola de prioridades que era puro egoismo, como ela opinava.

A conservação da sua virgindade era, portanto, mais obra do cálculo do que da virtude. Tinha a convicção de que assim se tornaria mais valiosa aos olhos do «felizardo» — no dizer da Leonor — que conseguisse, mediante condições, obter dela o abandono total da sua pessoa.

E, em obediencia a esse propósito, reprimia, intimamente revoltada, os seus proprios ímpetos, apezar do mal que essa repressão causava á sua saüde.

Fugia da proximidade dos homens, da sua amizade e simpatia quando os seus nervos atingiam tensões perigosas. Tinha medo da «maré do carvoeiro».

Sobretudo receava, nesses momentos, a visinhança do primo Ricardo, um pedaço de asno que julgava lisongeal-a e estar no seu papel ao dirigir-lhe uns madrigaes insulsos e destituidos de sentido mas que ele julgava primorosos e que a enervavam dando-lhe vontade de lhe bater.

Que desastre seria, para o seu orgulho de virgem esplendorosa, ter a desdita de ceder ao império tirânico do seu desejo exacerbado e consentir, sem resistencia, que esse parvo enfatuado emporcalhasse o seu corpo radiosamente fresco e belo, lambuzando-lhe os secretos encantos com a sua baba ascorosa!

Ah, não! Isso não! Por esse motivo havia muito que decidira vedar-lhe intimidades perigosas, não

lhe permitindo certas liberdades de linguagem ou atrevimentos de mãos a que o pateta se julgava autorisado pelo grau de parentesco que os ligava.

Só o recebia na presença da mamã; quando D. Clorinda não estava em casa, mandava-lhe dizer pela creada que se encontrava recolhida ou adoentada e assim afastava o insofrivel primo que era enfadonho quando queria ser sério e ridiculo quando julgava ter chiste.

Maria Luisa acendeu outro «Abdula», recostou-se melhor e continuou a sua meditação.

Retiniu a campainha electrica do corredor. Devia ser a Irene por quem Maria Luisa esperava para sairem como estava combinado. Iriam á Baixa a compras e ás modistas a provar vestidos, não fossem elas faltar com eles na data marcada.

Era efectivamente a Irene cuja voz Maria Luisa reconheceu. Sabia que a amiga iria primeiro dar as boas tardes a D. Clorinda, segundo um velho hábito cortez. Só depois viria ter com ela ao seu quarto.

Deram quatro horas numa torre, algures. Maria Luisa deixou-se ficar na mesma posição indolente e quiz retomar o fio dos seus pensamentos cortado pela chegada da visitante esperada.

«Para quem estarei eu a guardar-me, cuidando com tanto carinho deste «tesouro de argila humana» como lhe chama o parvo do meu primo?» foi dizendo para consigo.

Não via entre os seus numerosos conhecimentos quem fosse digno de conquistar o direito de primazia. Teria que o buscar noutro lado. Mas onde?

E, como nenhuma ideia lhe ocorresse, a sua mente tomou outro rumo e ocupou-se da recem-chegada.

Conheciam-se havia quatro anos desde que ambas se tinham matriculado no 6.º ano de letras do liceu. Foram companheiras de carteira durante os dois anos do curso complementar, sendo para Irene de valioso préstimo o auxilio da sua amiga nos «pontos escritos» e outros trabalhos escolares em que saía victoriosa a brilhante inteligencia de Maria Luisa ao lado do fraco poder de assimilação da companheira.

Eram da mesma idade mas de compleição diferente. Não era ainda Maria Luisa a magnífica mulher em que depois se tornou, mas era regularmente fornida de carnes, rosada e já formosa, ao passo que Irene era magra, enfermiça, olheirenta e pálida, o que fazia rosnar aos irreverentes moços, seus companheiros, que se masturbava.

A educação da mocidade masculina é de tal forma reles que não é possivel a existencia dum fraterno convivio com as raparigas dentro das escolas o que, a existir, daria ao ambiente academico um encanto que totalmente lhe falta.

Longe de se sentirem entre camaradas atenciosos e corteses as raparigas encontram-se entre gente hostil que as criva de frases de duplo sentido, que pronuncía palavrões que as fazem corar e que murmura á sua passagem apreciações torpes que as deprimem e enxovalham.

Em virtude deste triste e sintomatico estado de coisas veem-se elas forçadas a conviver isoladas,

entre si, para não se arriscarem aos dissabores que lhes proporcionam os seus condiscipulos. E foi desta forçada camaradagem que nasceu a amisade que ligou Irene a Maria Luisa, passando a visitar-se com freqüencia e saindo ambas a passeio, aos teatros e cinemas, quando as familias de uma ou de outra as não podiam acompanhar.

Durante ano e meio, desde a morte de seu pae, deixou Maria Luisa de ver a sua condiscipula que tivera de acompanhar a familia para o Porto onde o pae de Irene foi desempenhar uma comissão de serviço público como funcionario de Finanças.

Ali conheceu Irene um adorador de quem se enamorou perdidamente a ponto de se lhe entregar muito em segredo e com um entusiasmo fogoso em poucos meses de namoro.

Com tão habil mestre Irene familarizou-se com todas as fantasias do amor e a elas se prestou com tanta surpresa como condescendencia para acorrentar o amante á sua pesssoa. Mas a sua revolta foi enorme quando ele decidiu romper aquela ligação oculta desaparecendo para não mais ser visto.

Todas as pesquisas resultaram infructiferas. E o desespero de Irene foi tanto maior quanto era absolutamente certo ela estar grávida. E ele sabia-o. Desiludida, nutriu um tal odio pelos homens, em geral, que jurou nunca mais consentir que qualquer outro se roçasse pela sua carne, tão castigada já.

«Porcalhões! São todos uns porcalhões!» dizia Irene sempre que ao sexo masculino se referia, ao lembrar-se de que o cobarde que a gosara não tinha deixado recanto algum do seu corpo por explo-

rar, no conchego cúmplice daquele discreto *appartement* da Rua de Santo Ildefonso que recolhera os seus amorosos suspiros na meia luz de tantas tardes de paixão embriagante.

Valeu-lhe naquela grande aflição a prima Gloria, uma finoria que *lo sabia todo* e que a dissuadiu do suicidio, sua ideia fixa com receio duma tareia do pae que não era para graças.

«Ai, se ele sonha!» gemia a pobre Irene, debulhada em lagrimas, ao contar á prima Gloria a sua aventura desgraçada.

«Deixa que tudo se arranja. Fica por minha conta e risco» assegurou a prima. «Desses apertos estou eu livre, graças a Deus...»

Irene ergueu para ela uns olhos espantados, não compreendendo como seria que a prima, mulher como as outras, afirmava com tanto aprumo estar livre dos percalços desagradaveis gerados numa troca de beijos.

Mas a prima Gloria não julgou essa ocasião favoravel para largas confidencias. Limitou-se a sorrir, intencionalmente. Irene, segundo o combinado, conseguiu que o pae a autorisasse a ir passar uns tempos a casa da prima, onde, a ocultas, teve um parto prematuro mercê dos cuidados de determinada especialista em taes manobras.

Quando todos os vestigios do acidente estavam passados, Irene regressou á casa paterna cada vez mais enojada dos homens, mas encantada com a prima Gloria que tivera já ocasião de lhe explicar praticamente porque forma se livrava dos aborrecimentos causados pelo outro sexo...

E passou, com muita assiduidade, a ficar com a prima Gloria que, por sua vez, vinha ficar com a prima Irene, de quando em quando...

Tudo isto Maria Luisa sabia por lh'o haver contado minuciosamente a propria Irene quando, regressada a Lisboa com infinito desgosto da prima Gloria, voltou a visitar, como outr'ora, a sua amiga do tempo do liceu.

Um toque familiar á porta do quarto chamou Maria Luisa á realidade.

«Podes entrar» disse ela sem se mexer.

«Como estás, meu amor?»

A voz de Irene, ao formular esta pregunta, teve uma intonação mais emocionada do que é vulgar atingir esta frase, banal entre mulheres.

«Menos mal. E tu? Sempre «fixe»?» preguntou Maria Luisa, erguendo os olhos para a ver aproximar-se. Irene ciciou:

«Sempre. E sempre doida por ti...»

Curvou-se sobre o leito e beijou Maria Luisa longamente, volutuosamente, em plena boca. Sorriu-lhe meigamente e atravessou-se na cama, lado a lado da sua amiga.

«Estás adoravel, querida!...» disse ainda, envolvendo-a num olhar quente de admiração e ternura.

Maria Luisa continuava na mesma posição em que estivera, vendo desfilar na imaginação determinados sucessos da sua vida passada. O decote do pijama revelava uma boa porção dos seus magnificos seios que Irene fixava gulosamente com as pupilas incendiadas.

E, como a recemvinda se aprestasse a acaricial-a,

Maria Luisa disse-lhe baixinho, furtando-se ao afago perturbador:

«Tontá! Não fechaste a porta...»

Temia que a sabida da Leonor pudesse ter a curiosidade de vir espreitar pelo buraco da fechadura.

Irene foi dar volta á chave, tapou o indiscreto orificio e voltou a ameigar a sua antiga condiscipula.

«Deixa-me. Estou indisposta,» disse-lhe Maria Luisa recusando-se.

«Aposto que é novamente o «homem moreno»...» ripostou Irene, agastada. «Voltaste a sonhar com ele?»

«Voltei. E com as mesmas conseqüencias de sempre,» informou Maria Luisa. «Sinto-me esvaïda. Tenho estado para aqui a meditar toda a tarde...»

«Porcalhões!» explodiu Irene, no seu habitual estribilho. «Queres trocarme por um desses nojentos bichos que se chamam homens?»

Maria Luisa riu-se:

«Tem paciencia. Não concordo contigo. Deve ser muito diferente... De resto, foi assim que a Naturesa dispoz as coisas...»

«Diferente, sim, mas para peor. Eu tenho experiencia para o poder afirmar. E tu nada sabes disso. E's tola...»

«Serei. Mas deixemos isso e ajuda-me a vestir. Vão sendo horas. Deram ha pouco as quatro...»

«Já não gosto de ti», continuou a amiga com amuo infantil. E virou-lhe as costas.

Maria Luisa sorriu, encolheu os hombros e foi aplicar um pouco de *neige* no rosto e pescoço para

melhor segurar o pó de arroz, combatendo assim os efeitos da transpiração produzida pelo calor ambiente.

Irene, a quem depressa passou o amuo, foi ajudal-a nessa operação de toucador, ao mesmo tempo que lhe dizia com a voz cortada pela comoção:

«E's a mulher mais linda do Universo, querida Maria Luisa!... Meu amor... Minha amante...»

E, erguendo para ela uns olhos ternissimos onde havia uma sùplica muda, inquiriu com voz melodiosa, quasi segredada.

«Hoje fico contigo. Sim?»

«Veremos. Mas avia-te que já não é cedo.»

Irene, muito perturbada, procedeu com agilidade e moderado vigor á massagem requerida, em seguida ao que borrifou o volutuoso corpo da «sua amante» com uma das essencias mais delicadas que havia sobre o *psyché*.

As roupas interiores, em caricioso *crèpe de Chine*, moldaram, logo apoz, os opulentos relevos de Maria Luisa de cuja carne se evolaram perturbadores efluvios de flores frescas. Meia hora depois a linda jovem dava o ultimo retoque na *toilette*.

Estava encantadora com o seu singelo vestido *imprimé*, os seus minusculos sapatos azues, o seu gracioso chapelinho de palha sob cujo rebordo espreitavam, curiosas, algumas mechas de cabelo duma quente tonalidade castanha.

Disseram adeus, de passagem, a D. Clorinda que, nesse momento, conversava animadamente com o coronel Silvares, chegado do Ministerio da Guerra havia poucos minutos, e desceram os dois anda-

res do predio com grande ruído de apressados tacões.

A' janela do primeiro andar assomou o nariz espevitado da Mariquitas, uma esgrouviada pretenciosa e vulgar que odiava a formosura triunfante da visinha de cima que lhe fazia sombra. Os seus labios murmuraram qualquer coisa indistinta, talvez uma praga agoirenta.

E as duas amigas, tomando um taxi, rolaram em direcção á Baixa.

III

Carlos Eugenio

D. Clorinda conheceu Carlos Eugenio quando era ainda muito jovem, tendo-o visto pela primeira vez na egreja da Estrela, numa explendente e luminosa Sexta-feira Santa. Morava ela, ao tempo, em Campo de Ourique com sua mãe e já orfã de pae, um capitão do «Dezesseis» a quem as febres palustres tinham arrebatado á vida, no Huambo, para onde fôra, cheio de coragem, na esperança de avançar na escala de promoção e conseguir, para sua mulher e sua filha única, um relativo conforto a roçar pela abastança.

A vida da pequena Clorinda decorria monótona e simples, despida de outros prazeres que não fossem o Passeio da Estrela, ao domingo, onde tocava a banda do regimento alternando com a da Guarda Municipal, a da Marinha e a de Infantaria 1; uma ou outra ida ao teatro onde ela se impressionava até ás lagrimas com as tiradas declamatorias dos actores; e o Coliseu dos Recreios em época de opera, principalmente, para desenvolver as notaveis apti-

dões que ela patenteava para a música. Para mais não davam os apertados recursos de que dispunha a esposa do colonial.

Havia trez anos que ele tinha embarcado num vapor que á pequenita se afigurou monstruoso de dimensões, com a sua larga chaminé listada e fumegante, os seus camarotes sobrepostos, a profundidade e vastidão do seu ventre, as poderosas maquinas trepidantes e outros detalhes que lhe faziam arregalar os olhos de pasmo, naquela manhã em que, com sua mãe, fôra dar ao capitão o beijo da despedida no Terreiro do Trigo.

Chorava, abraçada ao pae que, durante alguns anos, não voltaria a ver e que, em terras longinquas, ia arriscar a saüde, talvez a vida, para as tornar ditosas mais tarde.

Assegurava o oficial a sua mulher que não temia as febres malignas nem os horrores do sol abrazador. Conhecia muitos camaradas que, então, gosavam uma reforma bem ganha em plagas africanas, ou serviam ainda nas fileiras em postos avançados e, não obstante, moços ainda a despeito dos estragos causados pelo clima feroz nas suas constituições abaladas.

Teria muito, muito cuidado com a cacimba; havia de resguardar-se para poder resistir eficazmente á mordedura do sol e contava regressar a Portugal ao fim de trez anos para matar saüdades, em seguida ao que voltaria a Africa para conseguir o designio que se propusera atingir por amor daqueles dois entes a quem dedicara a sua vida.

Durante os primeiros tempos de ausencia cus-

tou muito á esposa do capitão conformar-se com a falta que lhe fazia o marido. Pouco a pouco, porém, fôra habituando-se ao inevitavel com aquele espirito de adaptação que reside em todos nós e nos obriga, insensivelmente, a aceitarmos todos os males, mesmo os peores.

Sempre que o corneteiro do proximo regimento executava qualquer sinal de ordenança, a imagem do ausente avivava-se na memoria da esposa e da filha. Todos os toques eram familiares a esta última que, muito tenrinha ainda, os fixara com a sua esplêndida memoria musical e o seu gosto pelas coisas militares, efeitos do ambiente que respirava e que a faziam preferir os soldados de chumbo ás bonecas.

Recolhiam-se, por momentos, pensando no que estaria fazendo o capitão naquele preciso minuto. E a sua imaginação corporisava-o, mostrando-o ora zangado com os soldados por motivos de serviço, ora a cavalo, mato fora, fardado de branco e exposto á torreira do sol.

Outras vezes os olhos da alma da desolada esposa viam-no á beira do mar, pensando na patria distante e enviando aos caros seres nela deixados um beijo, um sorriso, as boas tardes, num carinhoso telegrama mental.

E assim ia passando o tempo. Estavam quasi concluidos os trez anos de serviço quando, subitamente, começaram a rarear as cartas que sempre tinham chegado com regularidade. Em seu logar vinham telegramas curtos, secos, lacónicos: «Estou bem. Saüdades infinitas. João».

Mãe e filha sentiram um vago temor roer-lhes o coração.

«Porque motivo não escreve ele já aquelas longas cartas, amoraveis e saüdosas?» pensava a mortificada esposa, sem atinar com uma explicação aceitavel.

Com a tendencia doentia que temos quasi todos para admitir o peor, ou talvez por um presentimentc ainda indeciso mas já a desenhar-se, a mãe de Clorinda fazia freqüentes caminhadas ao Ministério da Marinha, a informar-se. Nada havia, porém, que fosse de molde a inquietá-la, diziam-lhe. Algum assunto de serviço que o obrigava a permanecer fora da séde em que servia.

Efectivamente os telegramas não traziam o mesmo carimbo que enodoava a principio os selos das cartas. E nessa incerteza passaram mais uns meses.

Mas, numa manhã triste e nevoenta de Fevereiro, uma terrivel noticia chegava ao modesto segundo andar da Rua Ferreira Borges que albergava a melancolia das duas mulheres de mistura com a rútila esperança de vida desafogada na companhia de seu tão amado capitão que talvez voltasse já major.

Uma carta muito cortez, dum camarada, informava cautelosamente a mãe de Clorinda de que a sorte adversa lhe roubara o marido, não permitindo que os seus designios se cumprissem. Uma biliosa perniciosa o fizera sucumbir, de nada valendo os recursos da medicina.

Fôra ele quem, a pedido do seu falecido amigo

se tinha encarregado de expedir-lhe os telegramas em que dizia estar «bem» apezar de estar «bastante mal». Não queria afligi-las. E cumpria, desta vez, a sua dolorosa missão com bastante mágua, permitindo-se aconselhar-lhe e a sua filha a resignação e a conformidade para com tão rude golpe do destino, acrescentando, filosoficamente, que a Morte é o fim inevitavel de todos os seres viventes.

Foi um rio de lágrimas naquela casa de Campo de Ourique. Durante quatro meses a viuva esteve entre a vida e a morte, tratada com solicitude por uma irmã e pela filha que, á força de cuidados estremosos, conseguiram convence-la a tomar os remedios e a cuidar-se porque o contrario seria um suicídio e devia lembrar-se de que deixaria uma filha, quasi uma creança, sujeita aos embates da sorte nesta imensa Lisboa cheia de ciladas e de maldade.

Cinco meses depois do formidavel golpe que a ia matando entrava a mãe de Clorinda em convalescença. Estava fora de perigo, dissera o médico, mas era indispensavel uma mudança de ares para consolidar aquele organismo debilitado pela dor. A casinha de verão que o cunhado possuia na Malveira servia á maravilha para o fim desejado e para lá se trasladaram os quatro parentes até que os primeiros frios do outono dessem o sinal de regresso á capital.

Clorinda crescera e enformara. Faria dezesseis anos em Agosto daquele verão em que a sua ida para a Malveira foi para ela, não só uma variante muito agradavel á sua vida sedentaria da cidade

como ainda contribuiu, com o ar forte e saüdavel do campo e a vida quasi primitiva que alı fazia, para lhe desabrochar os encantos femininos que avolumaram, ao mesmo tempo que a sua pele, macia e delicada, se tingia de um mixto de halo e de rosa que a tornava deveras apetecivel.

Assentava-lhe deliciosamente o negro dos seus vestidos lutuosos e a sua recente orfandade emprestava-lhe um ar grave e retraído que a tornava mais senhoril e comedida, não lhe consentindo expandir livremente a sua ainda muito acentuada infantilidade.

Encantada com o campo, cujos delicias nunca saboreara, como ali, olhava para todo aquele scenario magnífico com olhos de curiosidade, quasi de espanto, numa semi-embriaguez de ar vivo e perfumado e de sol tonificante e intenso.

Os coelhinhos, as galinhas, o cevado, as borboletas e as flores, ocupavam-lhe grande parte do seu tempo. Sentia-se feliz, ventura que apenas amargava a ausencia para sempre do paesinho que sempre fôra o seu ídolo.

O seu aniversário foi simples e modesto como convinha ao seu luto: beijos e umas prendas ligeiras dos tios, logo de manhã cedo, antes de a levarem a admirar a proxima basílica de Mafra, evocadora de régias liberalidades.

Todos os olhares da gente moça os atraia a gracilidade de Clorinda, que córava ante a fixidez gulosa com que a miravam' os rapazes.

«Que azadinha! Que linda! Tão airosa!» diziam as camponias tisnadas, vendo-a passar na *charrette*.

E ficavam-se, com as trouxas á cabeça, a contemplar a sua silhueta negra e esbelta até que ela se perdia numa volta da estrada.

«Está um acepipe de rapariga», afirmava o tio á mãe da linda moça. «Precisas ter cuidado com ela. Comem-na com os olhos por onde passa. E a respeito de namoros?»

A mãe meneava a cabeça em sinal de negação. Nada. Havia, é certo, um cadete que passava na sua rua com uma freqüencia que poderia tornar-se suspeita. Mas julgava poder afirmar que, se alguma coisa havia, era uma troca de olhares.

«Significativos?» preguntava o tio.

«Por parte dele, sim. Por parte dela suponho que não. E' ainda muito nova...»

«Fia-te nisso! Está uma mulher feita, principalmente depois que veiu para aqui. E engrossando duma forma!...»

«E' verdade» assegurava a tia. «Em tão pouco tempo! Um mimo, não ha que negar... Cuidadinho!»

E a mãe mirava com desvanecimento aquele fruto sazonado das suas entranhas que andava pela «quinta» entretida com as flores e os coelhinhos recemnascidos.

O tempo, que tudo cura, ia lentamente sarando a ferida daquela alma atribulada pela saüdade do defunto. O outono tinha já chegado mas não trouxera consigo sinais assustadores de invernia prematura. Estava-se em fins de Setembro e ainda não chovera; mas era forçoso regressar para que Clorinda recomeçasse os estudos de piano no Conser-

vatorio, interrompidos com a lutuosa nova que as ferira tão fundamente.

Quando Clorinda voltou a Lisboa vinha mais crescida e mais forte. Aquele «apetite de rapariga», como lhe chamavam no seu bairro, ia decerto atrair á sua rua bastos admiradores como a luz atrae as borboletas.

Mas ela tivera tempo de pensar. O cadete não seria bem acolhido porque não queria um marido que fosse da tropa; o seu antigo gosto por tudo quanto á vida militar dizia respeito morrera com o falecimento do papá. Já não achava interesse á saida do regimento que ela tanto gostava de ver com a sua banda de musica, á frente, enchendo o ar com marciais estridencias; logo a seguir, o velho coronel, a cavalo, quasi sem força para segurar a espada nua, farrapo humano em que se tornara o porventura flamante conquistador de meninas prendadas de outro tempo; depois, em formação de costado e divididos por companhias, os soldados, de espingarda ao hombro, fazendo ressoar as pedras da rua com as suas pesadas botas em marcha compassada ao ritmo da música.

E' que faltava á frente duma dessas companhias o seu pae que ela tanto gostava de admirar com o seu desempenado garbo, saüdando-a com a espada num gesto discreto que só ela e sua mãe compreendiam, debruçadas á janela e babadas de orgulho desculpavel.

Não, o cadete não. Nem ele nem outro que usasse farda. A's duas por três vinha uma ordem ministerial e a sua vida se desorganisaria com a ida

forçada para provincianas guarnições, a conhecer novas caras, a criar novos hábitos.

Não queria. Estava decidido. Era inútil que o simpático moço de olhos negros e atrevido buço, continuasse a mirar a sua janela e a «bater espora» no passeio fronteiro. Era pena, porque não lhe desagradava fisicamente ; tinha boas maneiras e parecia ser de boas familias ; alto, direito, desembaraçado e com uns traços fisionómicos que a seduziam. Sobretudo os olhos, que eram, no seu entender, fascinantes. E ficava-lhe tão bem a farda!

Mas o destino pode mais do que nós e, assim, quando o cadete lhe mandou preguntar pela criadita «se aceitava uma carta» respondeu que «agradecia a amável preferência mas que se via forçada a recusar por motivos de familia». E o cadete desapareceu de Campo de Ourique para manobrar noutro «campo» qualquer.

Passaram os meses no seu curso normal. Veiu o Carnaval, quadra foliona que Clorinda tanto adorava noutro tempo, com a loucura dos bailes no Ateneu e em «clubs» particulares onde nunca faltava. Mas nesse ano não saiu de casa porque ainda estava de luto, se bem que aliviado.

Apenas da janela se distraiu a ver as insulsas brincadeiras que tinham a rua por teatro e suspirou de alívio egoista quando a quarta-feira de cinzas sepultou aquela loucura idiota.

Veiu depois a Semana Santa. Aos oficios das Trevas, das Endoenças e da Paixão concorreu assiduamente, recolhida, murmurando orações, curvada sobre o seu livrinho ao lado de sua mãe

que orava fervorosamente pelo eterno descanço do ausente.

Durante o Sermão das Sete Palavras, na Estrela, notou um cavalheiro que aparentava uns trinta anos, correctamente vestido de preto e fitando-a com insistencia ainda que duma forma que a não molestava.

Tinha todo o «ar» dum homem sério que encontra, por acaso, uma dama de quem se sente enamorado e que procura certificar-se pela «telegrafia ocular» se o seu desejo encontra acolhimento favoravel.

Clorinda surpreendeu-se a olha-lo furtivamente por varias vezes. Houve passagens do sermão, belo por sinal, que ela não apreendeu, distraida com aquele namoro incipiente. Nem deu por que a soberba peça oratoria tinha acabado nem por que sua mãe se preparava para voltar a casa.

O cavalheiro elegante seguiu-a e cumprimentou-a discretamente, tanto á entrada de casa como ao aparecer ela á janela, por momentos. Era Carlos Eugenio.

No dia seguinte, uma hora antes da festividade da Aleluia, rondava o cavalheiro distinto a porta de Clorinda, como qualquer colegial em alvoradas de amor, esperando que ela saisse ou aparecesse á janela.

Efectivamente, o vulto gracioso da rapariga apareceu no enquadramento correspondendo á saüdação com que ele a brindou. Ia sair.

Repicavam os sinos alegremente, evocando a Ressurreição do Senhor, quando Clorinda, com um

abaixamento de cabeça, assentiu em aceitar a declaração de amor que Carlos Eugenio lhe mostrava disfarçadamente em carta fechada.

No coração daquela rapariga havia tambem um repique festivo. Amava pela primeira vez. Pelo menos assim lhe parecia ao notar o alvoroço que lhe ia na alma. Os seus saüdaveis e robustos 17 anos, ainda desconhecedores de amorosas vibrações, acolhiam com ansiedade a aproximação daquele homem forte e atraente que não parecia ter tantos anos mais do que ela na certidão de edade.

Foi facil a Carlos Eugenio, entregar-lhe a carta por entre a multidão que se comprimia para sair da egreja.

Clorinda leu-a com nervosismo febril apenas entrou no seu quarto de donzela. Nela lhe dizia o seu adorador o que ha milhares de anos é costume dizer-se em taes situações e que aos namorados sôa sempre como uma novidade deliciosa e original.

E o namoro começou pela forma como se namorava ha vinte anos e que hoje nos parece ridícula e anacrónica quando topamos algum par de apaixonados nos arruamentos excêntricos da cidade ou, mesmo, no coração dela.

A mãe dera o seu consentimento depois de se certificar de que o pretendente era sério e bem intencionado e não achou que a diferença de edade, tão pronunciada como era, fosse obstáculo de maior. Não era a primeira vez que tal acontecia.

Gostassem um do outro e estivessem dispostos a fundar uma familia em bases sólidas e duradoras,

que uns anos mais ou uns anos menos pouca importancia tinha.

De resto, os 17 anos de Clorinda pareciam 20 pela exuberante carnação da rapariga e os 35 anos de Carlos Eugenio não o avelhentavam a tal ponto que o casal fosse desarmónico. Isso quanto á aparência de que principalmente se vive neste mundo. Mas o que o tornava verdadeiramente aceitavel era a sua situação financeira, próspera e sólida.

Carlos Eugenio era rico. As informações tomadas pela mãe de Clorinda deram-no como possuidor de uns 200 contos entre bens móveis e imóveis e não ha mãe alguma ciosa do bem-estar material duma filha casadeira que resista a essa circunstância decisiva...

Com os seus presentes delicados e oportunos soube Carlos Eugenio captar de tal forma a extremosa mãe que ela deu graças a Deus por lhe conceder um amparo tão valioso para a sua filha, receosa como estava de lhe faltar de um momento para o outro em virtude do abalo moral sofrido cuja cura fora mais aparente do que real.

Amavam-se. Clorinda, com a impetuosidade cega do primeiro amor; Carlos Eugenio com a calma reflectida mas não menos violenta do homem experiente e já saciado de mulheres faceis que são de todos os que as cubiçam e a quem se paga o estremeção erótico de alguns momentos.

Temia, no entanto, o casamento. A experiência dos outros ensinava-o a ser cauto. Mas aquela Sexta Feira de Paixão dera em terra com as suas prevenções, os seus temores, as suas negativas. A silhueta

grácil de Clorinda, talvez a impressão indefinivel produzida no seu espírito pela santidade da hora em que a vira, fôra o bastante para que ele dissesse para consigo, pasmado:

«Desconheço-me. Então não parece que estou enamorado!? Esta agora!...»

Sentia-se feliz, intensamente ditoso. Tinha fortuna, tinha saüde e não deveria tardar que se tornasse o senhor absoluto daquela formosa virgem, delicioso fruto temporão que ele havia de saborear lentamente, gulosamente, como iguaria rara com que só uma vez na vida o paladar se delicia.

Sempre em busca de graciosidades com que inebriasse a noiva e cativasse a futura sogra, teve uma ideia linda: casariam em agosto, precisamente no dia do aniversario de Clorinda.

Mãe e filha acharam a lembrança primorosa. E, como só faltavam quatro escassos mezes, vá de aprontar o enxoval a toda a pressa com descidas contínuas á Baixa numa azáfama de todos os dias, em procura do que havia de mais fino e mais gracioso para uma noiva rica. Carlos Eugenio queria que ela desse que falar no bairro pela beleza e suntuosidade da sua *toilette* de noivado; não por mera vaidade de homem endinheirado, mas porque só com delicados tecidos a cobrir-lhe o formoso corpo, que seria sua pertença desde esse dia, achava digna de toucar-se aquela por quem se embevecera de forma tão subita que bastante lhe dava que pensar sempre que estava longe do feitiço dos seus encantos.

E, nesta ordem de ideias, oferecera com infinita

delicadesa para lhes quebrar os escrúpulos, a quantia de 10 contos para as despesas do noivado.

«Com tanto dinheiro noivava até uma princesa!» dizia sorridente e embriagada de ventura a apaixonada rapariga.

Deu que falar, efectivamente, o casamento da «filha do capitão». Poucas vezes se tinha visto e se veria naquele bairro uma «coisa assim» diziam as comadres do sitio. Toda a parentela e relações de Carlos Eugenio tinham acorrido á singela habitação da viuva do colonial, ficando encantados com a simplicidade, a lhanesa e a apagada modestia com que a desolada senhora os recebera a todos na casita minúscula da rua Ferreira Borges.

As raparigas casadoiras de Campo de Ourique cochichavam, comentando venenosamente, com invejas, ironias e até maledicencia, a sorte daquela «delambida»:

«Menina do Conservatorio... hum!» diziam algumas com reticencias significativas.

«Tão nova e tão farta de carnes... Aquilo já vae «bem trabalhado»...» acrescentavam outras, debruçadas às janelas a ver passar o cortejo que enchia a rua com o número infindavel de trens.

«Foram casar á Estrela. Naturalmente foi lá que ele a conheceu...» voltava uma a dizer.

«E que a apalpou...» completava outra, furiosa por não haver meio de «pescar» um marido apesar de não se dar por achada ao consentir que os rapazes experimentassem a maciesa dos seus contornos trazeiros.

Mas taes setas envenadas, não podiam, felizmente para Clorinda, chegar aos seus ouvidos deliciados com o hino de amor que ecoava na sua alma virginal.

A viagem de nupcias foi um encantamento. A belesa paradisiaca de Sintra que ela só conhecia dos postaes ilustrados; a frondosidade do Bussaco, tão cheia de imponente silencio como de vagas harmonias; o alvoroço balnear da Figueira da Foz; a ria de Aveiro tão caracteristica; o Porto laborioso e fecundo; o mosteiro da Batalha, rendilhado e austéro; a Coimbra cheia de tradições e de beleza evocativa e romântica; todos os recantos belos, enfim, que Portugal contem, Clorinda conheceu nesses trez mezes em que, pelo braço de Carlos Eugenio, poude dar aos seus olhos, ignorantes de tanta sedução, a felicidade imensa de a contemplar.

Quando voltou a abraçar sua mãe, saüdosa pela ausência, disse-lhe ao ouvido, córando um pouco, que no seu ventre havia uma agitação insólita e que não deixava dúvidas sobre a sua natureza.

Estava grávida. E esperava, contente, muito feliz, ocupando-se com o enxoval, a vinda do primeiro fruto dos seus abraços conjugaes,

Em Junho do ano seguinte nascia o Gustavo Maria num parto difícil que poz suores de aflição na fronte de Carlos Eugenio. Mas o perigo passou. Trez anos depois via a luz do dia Maria Luisa e, finalmente, com mais um intervalo de dois anos, novamente se ouviram vagidos infantis na sua casa, ao Calvario: era Maria Clara que perneava

nas mãos da parteira, num berreiro impossivel de se ouvir.

E por ali ficou a descendência do casal.

Carlos Eugenio era trabalhador e metódico. Pouco culto, ainda que suficientemente instruido, tivera uma época dificil quando se ausentou de casa, ao atingir a maioridade, cortando relações com o pae cujo despotismo ensombrava a sua mocidade apagada.

Quis ser homem á sua custa, sem estar sujeito ao dinheiro paterno nem ás imposições do irascivel senhor que lhe dera o ser. Emquanto por força da lei teve que habitar sob o tecto onde vira a luz do dia, resignou-se a ser escravo, como sua mãe, da tirania desmedida do «barão» como irreverentemente chamava ao autor dos seus dias.

Mas chegados os 21 anos quiz trabalhar, confiando aos seus braços e á sorte o futuro, bom ao mau, que lhe estava destinado. As lagrimas da mãe não o detiveram porque a sua resolução era inabalavel; de resto, a pobre senhora compreendia que não era possivel a vida em comum entre os dois homens sem que, fatalmente, um choque violento um dia se produzisse entre ambos com taes conseqüencias que a pobre não queria, sequer, pensar em tal eventualidade.

A mocidade de Carlos Eugenio fôra um martirio com um pae como o seu que lhe não permitia a liberdade relativa que é de uso conceder aos adolescentes já proximos da hombridade. Seu pae procedia como os senhores feudaes e ele não estava disposto a ser um súbdito ou um servo do

«senhor barão» como, em séculos já mortos, eram todos os humanos que viviam na area de jurisdição desses senhores de baraço e cutelo, inclusive a propria familia.

Essa época irrequieta, buliçosa e folgazã que é a vida dos rapazes já púberes não a conheceu Carlos Eugenio que se tornava, mau grado seu, a fábula dos seus amigos cujas troças e epigramas eram por vezes demasiadas não compreendendo que a culpa não era dele.

Não era possivel convida-lo para um passeio mais demorado, quer de dia quer de noite, porque o infeliz encolhia os hombros resignadamente desculpando-se com a necessidade de estar em casa a horas certas como um recruta num quartel.

Uma demora de minutos sobre a hora de recolher era motivo para uma violenta bofetada que, por vezes, lhe fazia saltar o sangue do nariz com grande susto da pobre mãe, victima egualmente das ameaças e brutalidades do «senhor barão».

Quando Carlos Eugenio sentiu pela primeira vez o arrepio carnal, numa cohabitação com uma *cocotte* vulgar, hesitou antes de entrar em casa e teve tentações de desaparecer de Lisboa e até da vida.

Foi com o credo na boca que se acercou do pae, temeroso de que ele descobrisse, por qualquer forma, o «atrevido passo» dado sem sua autorisação pois, certamente, tambem não entenderia que o filho, já homem feito, procurasse o contacto da femea como fazem todos os machos da Creação, sem que a mulher fosse da sua escolha e eleição e

quando ele entendesse chegado o momento oportuno para o fazer...

Mas esse acto não deixa sinal visivel no rosto e o perigo duma bofetada, talvez duma sova, passou sobre a cabeça do mancebo, como passa a tempestade sobre a povoação sem deixar indicio de estragos.

E, nesta vida de inferno, tendo satisfeito o seu serviço militar que foi para ele um alívio, viu Carlos Eugenio chegar o dia do seu vigessimo primeiro aniversario.

Nesse dia declarou solenemente o seu austero pae, que o ia casar. Tinha escolhido nas suas numerosas relações uma menina que reünia todos os atrativos e condições precisas para ser a nora da sua preferência. Carlos Eugenio nunca a tinha visto nem sequer sonhava a sua existência neste mundo. A noiva que lhe era oferecida egualmente o não conhecia, nem em estampa. Mas pouco importava ao tirânico progenitor. Fora educada de maneira a não saber dizer «não» a seu pae e o que lhe mandavam fazer cumpria sem a menor observação.

Carlos Eugenio meditou durante uns rápidos segundos sobre o que lhe conviria dizer. Pensou que o casamento era a libertação, a menos que o pae tambem entendesse governar o casal segundo os processos do seu habitual despotismo, o que era bastante provavel tanto mais que dispunha das chaves do cofre e Carlos Eugenlo não tinha um centavo que fosse seu. Mas pensou tambem que um consorcio naquelas condições era um perigo para o futuro. A pequena não saberia dizer «não»

a uma ordem paterna mas, morto o progenitor, poderia muito bem dizer ao marido de imposição:

«Passa por cá muito bem...»

De resto, como seria ela? O facto de agradar ao pae não era motivo para que lhe agradasse a ele.

E respondeu, brandamente mas com firmeza:

«Não, meu pae. Casar sem ser a meu contento não caso.»

O «senhor barão» olhou-o fixamente, com dureza, ergueu-se furibundo, deu uma punhada na mesa que gemeu e disse:

«Se tivesses menos um dia de vida saberias quanto custa o atrevimento que acabas de ter, contrariando um desejo meu. Mas, como és maior, dou-te a escolher: ou casas como eu mando, ou abandonas esta casa que deixa de existir para ti. Emquanto eu for vivo, quem manda aqui sou eu. Escolhe.»

E sentou-se, mordendo raivosamente o charuto.

A mãe esboçou um gesto e, a medo, quiz interceder:

«Talvez haja um...»

Não acabou a frase. O tirano atirou-lhe um berro que a gelou, abafando-lhe a voz na garganta:

«Cale-se! Está dito tudo.»

E a pobre encolheu-se no seu canto, a tremer de susto.

Carlos Eugenio decidira-se:

«Pois bem, meu pae, prefiro a alternativa de sair desta casa. Abandono-a para sempre. E nada lhe peço quanto a recursos. Confiarei só em mim e Deus me ajudará. Boa noite.»

O «senhor barão» não lhe deu a importância de lhe responder. Franziu a testa e virou-lhe as costas, mordiscando o charuto num enervamento visivel, prenuncio de tempestade.

Carlos Eugenio beijou a mãe e foi para o seu quarto arranjar a pequena mala que levaria consigo. E no dia seguinte, de manhã cedo, despediu-se da mãe que chorava convulsamente fazendo-lhe ver a imperiosa necessidade em que se encontrava de abalar de casa. Beijou-a ternamente, combinou a forma de se corresponderem com a cumplicidade duma parente a quem visitaria nesse dia e correu pela escada abaixo para não a ouvir mais chorar e lamentar-se.

Só voltaram a ver-se quando o «senhor barão» sucumbiu a uma apoplexia fulminante.

Tinham decorrido nove anos; nove séculos interminaveis de martirio e escravidão para a mãe e outros tantos de luta, de desânimo e de esperanças para o filho.

IV

A bela Clorinda

Carlos Eugenio encontrou sua mâe, ao regressar de Africa, pálida sombra do que fôra. Muito mirradinha, muito apagada, no seu rosto devastado pelas lagrimas e pela tortura apenas brilhavam ainda os seu olhos negros, restos duma passada louçania.

Havia muito tempo que se desabituara de rir. Mas o seu rosto envelhecido iluminou-se num clarâo súbito, que por instantes a remoçou, quando o seu filho transpoz o limiar da porta que não pisava havia tantos anos. E foram beijos infindaveis, caricias febris, como se ele fôra o filho pródigo regressado ao lar apoz uma vida errante de crueis desenganos por entre aventuras loucas!

Quiz saber tudo, exigiu pormenores daqueles nove anos de exilio voluntario para fugir a um suplicio impossivel. Conhecia pelas suas cartas os principaes episodios da sua luta feroz pela existên, cia mas, certamente, o seu Carlinhos teria omitido- para não a afligir demasiado, determinados detalhes da vida de desconforto e miseria que sofrera,

sobretudo nos primeiros tempos, quando saiu de casa com as escassas notas de Banco que ás escondidas a mãe lhe dera, produto das suas economias de alguns anos.

Tudo ele lhe contou com aquela espécie de volupia que nos faz recordar as nossas atribulações quando, uma vez dobrado o cabo tormentoso da miseria, nos encontramos usufruindo o confortavel conchego da abastança como recompensa do nosso porfiado esforço.

E a pobre senhora estremecia de dolorosa afliçāo ao ouvir o seu Carlinhos referir, com um sorriso melancólico, o que fôra a sua peregrinação de 3,000 dias pela maior parte passados no braseiro dos trópicos.

Exercera todos os mistéres, alguns bem humildes, para a conquista sagrada do pão para a boca que muitas veses fôra escasso, duro e negro, o verdadeiro pão amassado com o suor do rosto como ele se lembrava de ter lido na Biblia.

Ah! este mundo era cruel para muitos dos que, por desgraça, pisavam a sua crosta por mandado do Destino. Não lhe faltava que contar a seus filhos se algum dia os tivesse...

E a mãe, doce e resignada, com os olhitos pregados nele e sentindo calafrios ao ouvir as desditas daquela dramatica aventura, chorava brandamente. As lagrimas corriam-lhe pela face murcha e engelhada, seguindo um itinerario forçado pelas numerosas rugas do rosto como um regato que serpenteia por vales apertados entre colinas de encrespada região.

«Mas tudo isso passou. Foi um pesadelo que não voltará mais,» concluia Carlos Eugenio que, durante a emocionante narrativa, reparara naquelas doces lagrimas, expressão dum pesar que o enternecia fundamente.

«Sim, vamos ser felizes, finalmente,» confirmava a velhinha, confortada com aquela perspectiva de vida pacifica que se lhe rasgava deante da imaginação como panorama colorido de formosa região a visitar.

Pouco durou, no entanto, aquele sonho de ventura. Mezes depois, apoz alguns dias de doença, a bondosa senhora extinguia-se para a vida passando, quasi sem agonia, para um mundo melhor.

E Carlos Eugenio, quando sentiu um pouco aliviada a enorme mágua causada pela sua morte, entregou-se, para esquecer, a gosar a vida que se lhe oferecia risonha, por fim, descansando da sua áspera labuta até que a saciedade produzida pela inacção o forçasse a ocupar a sua actividade de qualquer forma proveitosa.

Satisfeitos os encargos de que ficara incumbido no testamento de sua mãe, com o pagamento de diversas somas a instituições piedosas e de beneficencia, encontrou-se senhor duma fortuna muito confortavel em bens de varia naturesa que lhe permitia encarar o futuro com tranqüilidade e sem apreensões de qualquer espécie.

Não tinha propensão para o casamento. Considerava-o um acto muito grave da vida que não devia praticar sem profunda reflecção.

Comparecia em todos os festejos de bom tom

como desforra daquela vida miseravel e sertaneja que a sorte lhe impusera durante os melhores anos da sua vida. A sua substancial fortuna permitia-lhe cuidar de si como compete a um homem de bons principios e nascimento, vestindo dos melhores alfaiates e ostentando uma aparencia de homem feliz, diametralmente oposta á doutros tempos quando errava, faminto e despresivel, pelos areaes africanos. A vida era bela, afinal.

Não quiz conservar nem habitar a casa que fora de seus paes. Era-lhe odiosa porque ali sofrera na sua juventude as inclemencias dum pae autoritario e excessivamente rispido e porque ali morrera a terna mulher que tanto o amava. Vendeu-a, conservando apenas os objectos que tinham sido pertença de sua mãe e que, agrupados com devotado carinho, passaram a constituir o «museu da sua santa».

Decidiu viver no hotel emquanto não se resolvesse a mobilar de novo uma casa a seu gosto quando, porventura, pensasse em casar o que se lhe afigurava pouco provavel. E veiu-lhe o desejo de ver terras desconhecidas.

Paris, Londres, Berlim, Petersburgo, Viena e as demais grandes urbes do cosmopolitismo passaram a contar entre os seus hospedes flutuantes mais um senhor trigueiro, duma grande distincão de trajo e de maneiras, que gastava largamente e a quem o pessoal hoteleiro fazia rasgadas mesuras, sempre proporcionaes á grandesa das gorgetas.

Em Berlim, primeiro, depois em Viena e, por fim, em Nice relacionou-se com uma formosa polaca, M^me^

Czernov, que consumia na febre devoradora da roleta os restos da fortuna deixada por seu marido, ou seu amante segundo alguns. Era uma linda mulher de trinta anos cujo corpo, branco como jaspe e moldado como o duma Venus, acendeu no sangue de Carlos Eugenio delirios de desejos, mitigados em longos abraços sensuaes na risonha «vila» que a dama habitava nos suburbios de Nice e sobranceira ao Mediterraneo que, em baixo, parecia um vasto lago de tinta azul.

Foi uma temporada deliciosa essa sua estada na Riviera onde, ao lado da sua adoravel amante, arriscou somas importantes em Monte-Carlo a titulo de curiosidade e com um exito muito compensador, por vezes.

Era a polaca uma destas mulheres «internacionaes» que não teem patria definida e fixa, mudando de nacionalidade, de nome e de posição social consoante as conveniências de momento. No curto espaço de dias são, sucessivamente, condessas, duquesas ou princesas; são russas, francesas, italianas ou irlandesas; são *madame* isto, ou *mademoiselle* aquilo, passando por todos os santos do calendario e apelidos mais estravagantes.

Havia com certesa um misterio qualquer na vida daquela mulher que Carlos Eugenio sempre se absteve de aprofundar. Pouco lhe importava a sua autêntica origem. Era duma formosura picante e arrebatadora; entregava-se-lhe com ardor pelo menos aparente; não lhe saia cara porque, além de possuir recursos proprios, ganhava muito ao jogo. Que lhe importava, pois, inquirir sobre a terra da

sua naturalidade, o seu verdadeiro estado social, o número dos maridos ou amantes que o tinham precedido na posse do seu corpo?

Robustecido pela vida folgada desses mezes de deambulação pelo mundo civilisado sentia Carlos Eugenio a necessidade imperiosa duma companheira para alivio da sua virilidade, incómoda por excessiva. Já o enojavam as *cocottes* de aluguer que enxameiam em todos os logares onde afluem os homens endinheirados; e entregou-se com complacência áquela aventura que o acaso lhe deparava e que tão gratas satisfações lhe proporcionava.

Fora, talvez, a lei dos contrastes que os atraira mutuamente. O acentuado tipo meridional de Carlos Eugenio era para *madame* Czernov uma novidade que ela se propoz saborear; por seu lado, Carlos Eugenio sentia-se saciado das morenas da sua raça e não se fez rogado, naturalmente, quando a bela polaca, ou coisa que o valha, lhe fez saber, com um desembaraço notavel, que o seu tipo de homem do sul lhe interessava.

Queria experimentar se o temperamento dos meridionaes era, como ouvia dizer, cálido e fogoso, capaz de incendiar a carne semi-gelada das mulheres do norte. E Carlos Eugenio prestou-se a esse capricho com uma boa vontade que a encantou!

Ao que parece a experiência fôra concludente porque, nos seus momentos carinhosos e confidenciaes, ela lhe assegurava que sentia com ele o que nunca tinha sentido com os homens do norte que tinham passado pela sua vida, melhor dizendo: pelo seu leito.

Mostrava-se enamorada e ciosa; enamorada da máscula robustês de Carlos Engenio, ciosa de que outras mulheres, de vida livre como ela, pousassem seus olhos cobiçosos naquele homem encantador que tanto a fazia vibrar.

Mas não era «carraça»; não queria pesar como um fardo aborrecido na sua vida. E, assim, quando Carlos Eugenio sentiu desejos de voltar a ver o Tejo e de acalmar a sua embriaguês de civilisação no provincianismo pacato da capital portuguesa, *madame* Czernov tomou nota do hotel em que ele habitualmente se hospedava, afirmando-lhe que um dia ou outro viria a Lisboa fazer-lhe uma visita. Nunca vira Portugal. Conhecia, de nome, apenas Sintra que afirmavam bela; pois, na primeira oportunidade, Carlos Eugenio lhe faria as honras do seu país, num renovamento passageiro das loucuras de que fôra testemunha muda a encantadora «vila» de Nice. E escolheriam Sintra para scenario dos seus futuros arroubos.

Era assim que ela compreendia o amor: buscal-o onde o encontramos, agarral-o de passagem, saboreal-o e, para evitar o enfartamento, seguir cada um rumos opostos até que, por acaso ou por exigencia dos sentidos despertos, novamente voltassem a buscar-se os dois cooperadores. O contrario era uma sensaboria embrutecedora e reles que só poderia interessar a uma alma tacanha e burguesa. Não a ela.

E foi nesse ano, em que Carlos Eugenio regressou a Portugal, que a beleza plástica de Clorinda o cativou na doce penumbra da Estrela, emquanto a

voz vibrante do orador sacro evocava, na mente dos seus ouvintes, a impressionante tragedia do Calvario com os sarcasmos irreverentes dos fariseus, as Sete Palavras profundas do Mártir e as lagrimas amaríssimas da Virgem-Mãe.

Esse dia decidira da sua vida.

*

Regressado da viagem nupcial resolveu Carlos Eugenio dedicar-se a qualquer ramo de actividade que lhe ocupasse o tempo. Estava saturado de inacção em cinco anos que levava de vida folgada e sem preocupações.

Muito embora a sua época de Africa tivesse sido rude e desconfortavel, uma vida de negro, ficara-lhe o hábito do trabalho que antes fôra uma dura necessidade e agora seria um passatempo agradavel e, possivelmente, lucrativo.

Era rico, sim, mas desde que tinha constituido familia verificou a conveniência de aumentar a cifra da sua prosperidade para que, uma vez dividida por sua morte, tocasse a cada um capital suficiente.

Viviam numa bonita casa, ao Calvario, que o bom gosto de Clorinda tinha alindado, tornando-a confortavel e aconchegada, ali nascendo os trez filhos em que frutificaram os beijos dos dois esposos e ali passando temporadas a avó materna da petisada até que, um belo dia, a saüdade sempre viva pelo seu capitão lhe fechou os olhos e a levou ao pequeno cemiterio da Ajuda onde a filha lhe erigiu

um bonito mausoleu, singelo e discreto como a defunta sempre fôra em vida.

Os primeiros anos de matrimonio foram felizes para ambos. Clorinda estava mais linda do que fôra em solteira; a maternidade, longe de a deformar, dera-lhe novos encantos físicos que a tornavam demasiadamente sedutora.

Freqüentavam a sociedade onde ela era sempre festejada pela sua fortuna e beleza, contando inúmeros admiradores que a insensavam com frases proprias para endoidar uma mulher tão *coquette* como ela, sabedora do que valia como femea em plena e florescente maturação.

Carlos Eugenio dividira a sua fortuna em trez partes eguaes logo apoz o nascimento do Gustavo Maria. Uma parte seria para giro em negocios; outra para que sua mulher dela dispuzesse quando ele fechasse os olhos; a terceira para constituir um capital afim de que seu filho pudesse manejar fundos quando atingisse a maioridade. Esta ultima terça parte ir-se-ia subdividindo se, por graça de Deus, mais filhos lhe desse o ventre prolifico de sua mulher.

E o tempo passou e mais duas filhas vieram encher de risos e de algazarra a bonita casa do Calvario.

A firma comercial que Carlos Eugenio fundara era já próspera com a sua importante exportação de vinhos quando o pequeno Gustavo começou freqüentando o liceu. Não tencionava o pae forçar a sua natural inclinação, qualquer que ela viesse a ser. Se o seu cérebro não se amoldasse aos estu-

dos não lhe faltaria em que se ocupar: sucederia ao pae na direcção do escritorio exportador que nas praças de Lisboa e Londres tinha já uma notavel cotação.

Mas a saüde de Carlos Eugenio que triunfara, aparentemente, no clima equatorial, das arremetidas varias que sofrera, acusava a ferroada deixada pelo impaludismo no seu organismo então robusto.

A chegada da meia edade foi o sinal do declinio, sendo-lhe necessario medicar-se cuidadosamente e procurar na boa estação os alivios que o campo oferece aos corpos debilitados. A agravar esse estado sanitario voltavam, de tempos a tempos, os terriveis estragos da sifilis, contraida em solteiro no seu comercio com *cocottes* imundas por baixo ainda que envernizadas por cima.

A ida a Vizela, todos os anos, era uma necessidade. E os pequenos chilreavam de contentes sempre que, chegado o verão, abalavam de comboio para a formosa vila minhota a que se seguia uma excursão com paragens demoradas em terras que maravilhavam os seus olhos infantis.

Entretanto, a côrte de adoradores que zumbia em torno da desejavel Clorinda passou a apertar o cerco sabendo o marido «quasi liquidado», incapaz, certamente, de satisfazer a mulher maravilhosa que era sua propriedade.

E de tal forma a endoidaram com os seus elogios, os seus madrigaes, os seus cumprimentos, que aquela linda mulher de quasi trinta anos acolheu favoravelmente os protestos de paixão in-

cendiaria em que dizia arder um deles, um titular jovem e distinto de muito valimento na Côrte, conquistador com muita prática do «oficio» e amante apontado de varias senhoras da sociedade nesse tempo.

Foram dois anos de delirio e de ignoradas volutuosidades em que Clorinda conheceu as mais estranhas e curiosas variantes do prazer. O visconde era emérito em taes proezas amorosas e dizia-lhe que era ela a mais encantadora de quantas tinha possuido, a mais divinamente bela, a de mais radiosa formosura.

As precauções infinitas que Clorinda a principio tomara para não despertar suspeitas tinham, a pouco e pouco, dado lugar a um atrevimento só comparavel ao duma mulher que não tem satisfações a dar dos seus actos a ninguem. E o visconde receou um escândalo; viu-a tão excitada e louca com aqueles amôres ilicitos, que, pretextando quaesquer negocios de familia, se safou para Italia na esteira duma eminente «diva» de S. Carlos que não se mostrara indiferente aos seus galanteios.

As caricias ousadas do visconde tinham despertado na carne de Clorinda ânsias até então adormecidas. Nos seus momentos de tranquilidade e equilibrio de nervos lamentava que o seu temperamento e a quasi inutilidade máscula do marido a forçassem a satisfaser os seus apetites por aquela forma pecaminosa; mas reconhecia não haver remedio e tranquilisava os escrúpulos da sua consciencia com o exemplo de tantas que encontrava pelos salões que freqüentava e que, com muito

menos desculpa do que ela, tinham tambem o seu amante, ou varios, como um objecto de luxo indispensavel na vida de ostentação e prazeres que era a sua existencia normal.

O visconde tinha-lhe feito revelações sobre o que se passava nos bastidores da alta roda que era o seu ambiente. Isso lhe servia de atenuante. Poderia, assim, retribuir quaesquer picadas indirectas com que se atrevessem a alfinetal-a, "como quem não quer a coisa", de envolta com um sorriso de envenenada amisade.

Outros esperavam, pacientemente ou com febril ansiedade, o dom precioso daquele corpo magnifico; e dois ou trez mais foram passando pela sua vida com intervalos mais ou menos longos.

Os filhos foram crescendo e tomando uma feição definitiva, passada a linha divisoria da puberdade: o Gustavo herdou do pae o temperamento altivo e voluntarioso, aquele mesmo espírito que fizera Carlos Eugenio rebelar-se contra a autoridade paterna transformada em opressão; a perfeição corporea de Clorinda reviveu em Maria Luisa e a disposição nata para a música, que tornara a mãe uma das mais prendadas meninas de Campo de Ourique, manifestava-a com mais perfeição ainda a pequena Maria Clara que já maravilhava as pessoas das suas relações com uma virtuosidade espantosa aos 12 anos, ainda mal sabidos os rudimentos teóricos.

Um dia o reitor do liceu que o Gustavo freqüentava, farto de o admoestar paternalmente, mandou chamar Carlos Eugenio á reitoria. Comunicou-

lhe, muito pesaroso, que a permanência de seu filho no liceu era impossivel pelo seu comportamento mais do que irregular e pela sua aplicação nula ao estudo.

Fez-lhe notar que estava gastando dinheiro inutilmente e que, no seu entender, nada se poderia fazer daquele rapazola ainda imberbe e que, não obstante pertencer a uma familia distinta, envergonha a sua turma pelo temperamento irrequieto que o caracterisava e pela sua conduta que não tinha classificação.

Nunca sabia as lições, faltava com desusada freqüência, repontava com os professores, fumava nas aulas, era brigão, numa palavra: indisciplinava a aula. Ele, reitor, via-se na necessidade dolorosa de lhe comunicar estes factos desagradaveis, já que não davam resultado as carinhosas reprimendas que, vezes sem conta, lhe tinha dado. E aconselhava Carlos Eugenio a retirar o filho para não ter que oficiar ás entidades superiores e ser o rapaz expulso, o que seria vexatorio e o impossibilitava de voltar ao liceu—outro, que não aquele—quando mais tarde, porventura, aquela cabeça «assentasse».

Gustavo Maria declarou ao pae que não queria estudar. Aquilo era uma «chatice» que não servia para nada e não gostava de prisões. Fez-lhe ver Carlos Eugenio que todo o homem tem obrigação de se cultivar, dentro dos limites demarcados pela sua inteligencia, para se tornar prestante a si e aos outros no futuro.

Novo e rico, tinha tempo de gosar os encantos que a vida proporciona aos endinheirados quando

fosse homem feito; até lá era preciso trabalhar para poder ser alguem. Apresentou-lhe o seu proprio exemplo dizendo-lhe que, durante anos, soube o que é trabalhar como ele, Gustavo, nunca saberia porque, por felicidade sua, tinha encontrado, ao nascer, o caminho atapetado e não semeado de espinhos e abrolhos como a ele, Carlos Eugenio, coubera em sorte.

«Farei o que o papá quizer menos estudar. Isso não. Para que preciso eu saber como se nutrem as urtigas e quantas patas tem a centopeia?» inquiria o espigado mancebo cujas olheiras cavadas denunciavam já uma vida de insalubres prazeres.

«Então o que queres? preguntou-lhe Carlos Eugenio a quem o meigo temperamento herdado de sua mãe e a doença tornavam contemporisador.

«Quero empregar-me e ganhar uns vintens que sejam meus para os gastar como me apetecer», foi a resposta obtida.

Carlos Eugenio pensou em dar-lhe um logar no seu escritorio para que o filho fosse tomando o pulso aos seus negocios. Podia faltar aos seus de um momento para o outro e convinha que o Gustavo, único varão da familia, estivesse em condições de lhe suceder.

Mas estava muito novo ainda e não tinha a disciplina precisa para se saber conduzir. Era preferivel que fosse fazer a aprendizagem noutra casa, o que facilmente conseguiu no escritorio dum dos seus habituaes fornecedores.

Tudo correu bem a principio. Gustavo Maria parecia ter tomado gosto pela nova feição da sua

vida, mas não eram passados trez meses quando Carlos Eugenio recebeu a visita do seu amigo cuja cara de caso lhe indicou que algo de grave acontecera.

Em conferência particular confiou-lhe, á puridade, que o Gustavo se tinha alcançado em dois contos gastando-os na pândega com uns amigos e umas «sujeitas».

Carlos Eugenio poz as mãos na cabeça, aflito com a novidade. Por aquele caminho ia o Gustavo para á cadeia um dia. Prometedores 17 anos!

Passou o filho a trabalhar no escritorio do pae. Era preferivel isso, com todos os seus possiveis inconvenientes, a que ele continuasse a praticar vergonhas na casa alheia, emporcalhando o nome limpo de seu pae com baixezas que não eram de esperar dum filho-familia como ele.

Tempos .depois deu Carlos Eugenio por falta duma importância de certo vulto que deixara sobre a sua secretária para ser creditada, o que não tivera tempo de fazer pela necessidade de sair por poucas horas em assunto de urgência. Poz o dedo na ferida: fôra, sem duvida, o Gustavo o autor do furto, porque o restante pessoal do escritorio era da mais absoluta confiança.

Era verdade. E como o pae o repreendesse severamente, o mancebo encolheu os hombros, negligentemente, dizendo:

«Gasto um pouco do que ha de ser meu um dia. Para que é tanto espalhafato?»

Tinha razão o reitor do liceu: nada havia a esperar daquele rapaz. Seria um vadio elegante, in-

capaz de todo o trabalho útil, servindo apenas para comer o que o pae lhe deixasse e, quando nada já lhe restasse, sabe Deus por que meio — vergonhoso, por certo — conseguiria a subsistência e tudo o mais que é necessario á vida, mormente quando se foi habituado ao conforto e á molêsa!

A saüde de Carlos Eugenio declinava visivelmente, o que o forçou a admitir um socio para que os negocios não sofressem interrupção a todo o tempo em que ele deixasse de existir.

Era a única solução viavel, uma vez que não podia contar com a cooperação do filho. Ficaria a viuva, nessa eventualidade, com participação individual na sociedade para o que passou o seu nome a figurar na escritura com uma quota de capital. Tinha, além disso, o seguro de vida que Carlos Eugenio fizera quando nasceu o Gustavo. Não ficava mal.

Os filhos, esses tinham o seu capital proprio, a juros na Caixa Geral; ao atingirem a maioridade disporia cada um de cerca de trinta contos o que, para começo de vida, já era razoavel muito embora, com a Guerra Europeia, fosse grande a desvalorisação da moeda.

O Gustavo tinha-se tornado um perdido. Aborrecera o trabalho que, em verdade, nunca soubera bem o que significava, passando o seu tempo de guitarra em punho por tabernas e locaes de deboche e jogatina.

Era uma lástima ver aquele esbelto rapaz de 18 anos acamaradando com vadios engravatados e prostitutas reles. Muito conhecido nos lupanares de

Lisboa, não havia rameira que o não tratasse por tu, que o não lambusasse com os seu labios pintados de carmim barato e não roçasse pela sua decadente juventude as carnes poluïdas e infectas comunicando-lhe as mais nojentas enfermidades que o faziam freqüentar assiduamente os especialistas do venéreo e os Bancos dos hospitaes.

Por seu lado, as irmãs cultivavam os primores do espirito com êxito egual á refinada *coquetterie* com que apuravam as graças do corpo :

Maria Luisa fazia brilhantes exames no liceu onde aprendia, egualmente, no convivio com as colegas, determinadas indecencias que a faziam córar um pouco com ohs ! admirativos e de doentia curiosidade que arranhavam já a sua puberdade em graciosa evolução.

Maria Clara, no Conservatorio, assombrava mestres e condiscipulos com a rara habilidade dos seus dedos ligeiros que arrancavam á dentuça alvinegra do piano quer melodiosas harmonias dum sentimento emocionante, quer tempestades marteladas duma perfeição inexcedivel. Com menos corpulencia do que a irmã, prometia tornar-se numa formosa rapariga quando, volvida mais meia duzia de anos, enformassem as suas redondezas ainda incipientes mas já atrevidas sob a ligeiresa da seda que as furtava aos olhares gulosos dos seus condiscipulos adolescentes...

E mais dois anos rodaram no sereno desfiar do tempo.

V

Manobras de Cupido

D. Clorinda ficou encantada com aquela surpresa, tão agradavel como inesperada. Tinha ido com as filhas a uma festa, em beneficio dos orfãos da guerra, patrocinada por altas individualidades do exercito e promovida por uma comissão de senhoras de que ela fazia parte.

Ali notara a insistência com que a contemplava um senhor coronel ainda novo, todo flamante na sua farda cinzenta, com a sua correia em diagonal sobre o peito, as suas botas altas e lustrosas e as suas condecorações a que a intensa luz das lâmpadas arrancava fulgurações irisadas. Era o comandante Silvares.

A sua fisionomia era correcta, a sua face bem barbeada, os olhos negros, o bigode sedoso e bem tratado. E Clorinda fazia esforços de imaginação para se recordar onde teria já visto aqueles traços fisionómicos. Rebuscou na sua mente inquieta, remontou até anos atraz, mas a bruma da sua memoria não lhe consentiu recordar um rosto algo parecido.

Seria ilusão; mas tinha uma como que certeza de que não se enganava. Tiveram ocasião de trocar umas palavras banaes e a sua voz, de timbre agradavel, tambem não a ajudou a relembrar. O coronel continuava a miral-a sempre que se lhe oferecia ocasião e parecia estar convicto de que não eram estranhos por completo um ao outro.

Clorinda, sempre *coquette* e risonha, ansiava por que, no decurso da festa, houvesse ocasião de entrarem em animada conversação para tirar dúvidas. Mas, atarefada com as suas funções, não lhe foi possivel fazel-o antes de chegada a hora do baile.

As duas filhas da formosa senhora circulavam pela sala espalhando pelos quatro cantos a sua gracilidade, de mistura com outras raparigas em ranchos rumorosos e alegres, rindo dos galanteios dos aspirantes — a oficial e a marido.

Foi uma festa encantadora que terminou com um baile animado e *distingué* em que os pares de namorados, jovens ou maduros, tiveram ocasião de sobra para se esfregarem e se beijarem discrectamente ao compasso do tango requebrado ou do *jazz* epilético...

Clorinda dançou com o coronel e vibrou de emoção e curiosidade ao certificar-se de que eram, efectivamente, antigos conhecidos. E riram ambos, gostosamente, ao evocar o passado.

Era ele o antigo cadete que «batia espora» no passeio fronteiro á janela de Clorinda, em Campo de Ourique. Que longe que isso ia!

Achou que ela estava linda na sua pujança de

mulher madura. Ele é que estava velho, assegurava por entre os protestos de Clorinda. E apontava os temporaes onde alvejavam alguns fios prateados.

Mas ela entendia, pelo contrario, que ele estava magnifico, robusto e «realmente bom»...

O comandante sentiu tremerem-lhe as narinas ao ouvir a classificação. Por detraz dos vidros das lunetas brilharam-lhe os olhos num clarão fugidio.

A orquestra atacou de seguida uma melodia inverosimil, chamada americana mas de ritmos africanos.

«Este saracoteio de agora é para os novos» — disse o coronel. «E ainda bem porque nos permite conversar á vontade.»

Na sala sacudiam-se rapazes e raparigas, como se estivessem sendo mordidos por uma aluvião de pulgas. As massas carnosas posteriores das raparigas desenhavam evoluções que arrancavam comentarios picantes aos que não dansavam e, de pé, assistiam áquelas contorsões selváticas, evocadoras de batuques sertanejos. Os seios, sem amparo, oscilavam nos decotes como se fossem gelatinosos *puddings* e a excitação daqueles nervosos movimentos tingia as suas faces de manchas vermelhas que o pó de arroz não conseguia dissimular. E a orquestra punha no ar vibrações metálicas excitantes, como se os músicos tivessem sido acometidos dum acesso de loucura e tocassem não música escrita por um cérebro pensante mas qualquer coisa que a sua fantasia lhes sugerisse, de momento...

Clorinda e o coronel continuavam interessados nas recordações do passado já distante. Disseram-se os seus nomes que ainda não conheciam. Clorinda contou o que lhe conveio contar da sua vida desde que recusara a inflamada declaração do cadete de olhos pretos e atrevido buço. E o coronel referiu que, desgostoso com a recusa, desaparecera para sempre do bairro dela, pedindo transferência de regimento, para não se expor ao suplicio de ver quem seria o seu feliz rival.

Fôra para a Graça onde, sumida a custo no seu coração a imagem de Clorinda, namorara uma menina com quem casara por mal dos seus pecados. Não tinha filhos e aborrecia a mulher que escolhera pela exagerada devoção que manifestava, quasi transformando a sua casa numa egreja.

A sua autoridade de marido não era bastante para evitar aqueles absurdos místicos em que se comprazia a sua alma, apegada á beatice por obra do padre Francisco. Era este um jesuita que soubera insinuar-se junto dos paes dela tomando conta da direcção espiritual da rapariga e embrutecendo-a com resas, jejuns e taes pavores do inferno que a pobre vivia numa meia loucura que tornava a vida conjugal num tormento!

Aquele padre Francisco, «um santo homem», como lhe chamavam seus sogros, era duma tal «santidade» que já tinha pejado cinco mulheres alheias, emquanto prégou as sãs doutrinas na provincia! Um dia viu-se em sérios apuros, mas livrou-se do aperto esportulando o que lhe exigiram para não o fazerem em pedaços... Uma velha beata forneceu o

dinheiro pedido para dote da moça por ele desflorada, pois só assim o camponio que a pretendia entendeu adormecer os escrúpulos da sua consciencia comprando uma courela e duas vacas. . .

E o jesuita fôra prégar o santo evangelho a outra freguesia acabando por ir «desaguar» a casa da noiva do coronel.

«Se o pudesse fazer sem que ninguem soubesse cortava-o em postas, onde quer que o pudesse topar!» dizia a Clorinda o infeliz marido, ao lembrar-se de que aquele mafarrico roubara a sanidade do espirito de sua esposa.

Vivia desgostoso sob todos os pontos de vista. O desafogo material que lhe dava a sua profissão e a regular fortuna de sua mulher não o compensavam dos desgostos domesticos com aquela beata insofrivel que até julgava ofender o Altissimo quando se prestava ás suas caricias maritaes!

Só vivia, a pobre semi-louca, para missas, confissões, benzeduras e exorcismos. Tinha muitas saüdades do santo padre Francisco que a Republica havia expulsado e falava em retirar-se para um convento, para se furtar ao contacto com o «século imundo»!

«Que fosse, que fosse para o diabo, que ele estava até aos cabelos!» — dizia o coronel, desalentado.

Clorinda envolveu-o num olhar de piedade cuja magia o fascinou.

«Tenho o presentimento de que vou ser feliz tambem, por fim. Seria maldade que você me negasse agora esse lampejo de ventura a que eu tambem tenho direito,» seguia dizendo o militar,

olhando Clorinda duma forma que a fez estremecer levemente.

Ela sorriu-lhe com doçura e ele calou-se por instantes emquanto a orquestra terminava duma forma tão inesperada que parecia que ainda faltava o resto. .

O coronel levantou-se e cumprimentou para se afastar por momentos afim de não dar pasto ás más linguas. Houve uma troca de olhares magnéticos, prenhes de sentido que só eles adivinharam.

O dele, carregado de desejo, parecia preguntar, ansioso:

«Sim?»

E o dela, cheio de efluvios de terna acquiescencia, parecia responder:

«Sim.»

Houve palmas e rumor na sala abafada, emquanto se sentavam e se abanavam as meninas, fatigadas do saracoteio furioso.

Um camarada do comandante bateu-lhe no hombro, fraternalmente, com subentendidos brégeiros na voz:

«Seu maganão! Um homem feliz. Você toma praças fortes sem combate...»

«Que não», asseverava o coronel. «Um antigo conhecimento encontrado por mero acaso...»

«E' soberba!» dizia o outro. «Uma mulher de encher a barretina! E demanda peso...»

Quando Silvares voltou a enlaçar o busto airoso de Clorinda teve ocasião de lhe dizer com a voz repassada de comoção:

«Clorinda, amo-a como naquele tempo, quando

eramos jovens. Posso albergar ainda alguma esperança?»

Ela fitou-o com os seus olhos aveludados e prometedores e, sorrindo com graciosidade, repreendeu-o meigamente:

«Tonto!»

A ternura com que o admoestou, o seu sorriso cheio de promessas, aquele perfume subtil que ela espalhava em volta de si entonteceram-no de verdade.

Insensivelmente, na crispação dos seus nervos agitados, apertou-a a si; sentiu a sua carne tenra colar-se á dele com os altos e baixos do seu relevo femenino e teve um estremecimento de orgulho e prazer, ao mesmo tempo que os seus dedos tremeram numa momentânea epilepsia na curva acentuada da cintura de Clorinda. Com as narinas dilatadas aspirou e capitoso odor que se escapava daqueles lindos seios que o decote baixo semi-velava; lançou-lhes uma olhadela furtiva, admirando a sua alvura e o seu contorno grácil e cheio, e voltou a falar numa súplica fremente:

«Serás para mim a terna amiga porque anseia o meu coração, o meu espírito, o meu corpo...»

«Cuidado, que podem ouvir...» interpoz Clorinda em voz baixa.

E combinaram encontro para o dia seguinte em que Silvares a visitou no seu camarote no Trindade.

Passados dias, num lindo e luxuoso gabinete das Avenidas Novas, Silvares teve um deslumbramento ao desnudar aquela estatua viva que, 36

anos antes, a Natureza moldara num momento de caprichosa inspiração...

*

«Não lhe dou mais. E' pegar ou largar. E já é oferecer muito,» seguia dizendo a Gustavo Maria o voraz usurario, fitando-o com os seus olhinhos piscos que sintilavam de cubiça por detraz das lunetas azues.

A sórdida figura do semita, que não conhecia outra finalidade á existencia humana que não fosse amealhar dinheiro, esperou a resposta do adolescente sentado junto á secretaria velha, cheia de papelada, no gabinete escuro e bafíento que lhe servia de escritorio na Travessa da Palha.

Iam ali parar as aflições de momento de todos aqueles e aquelas que se encontravam assoberbadas por uma urgente necessidade de dinheiro para os mais diversos fins.

Ali se traficavam os contratos mais esmagadores que a principio espantavam os contraentes parecendo estes dispostos a não assinar o compromisso de dívida, protestando com punhadas fortes na mesa contra a exploração vergonhosa, contra a expoliação infame e outras classificações que a sua revolta lhes sugeria.

Mas o judeu, raquítico e apagado, levantava as mãos magritas e ossudas, franzia a face pálida numa expressão entre aborrecida e dolorosa e dizia na sua voz flébil, untuosa, quasi infantil:

«Eu não os chamei cá... As minhas condições são estas..., não obrigo ninguem...»

Um sorriso escarninho dava ao seu rosto de vampiro um tom diabólico, em extremo repelente.

E os pretendentes acabavam, com raras excepções, por assinar as cláusulas que a sua avarêsa lhes impunha.

Era uma verdadeira sanguesuga o «tio Samuel» como era conhecido nos meios boémios cuja população a ele recorria com freqüencia. Uma herança a receber em futuro mais ou menos proximo mas que havia pressa de ter ás mãos; o ordenado ainda distante uma quinzena; a urgencia em fazer render-se uma beldade esquiva, mais sensivel ao ouro do que aos extases do sentimento; a necessidade de afastar o perigo eminente dum *chantage* desastroso; a insaciabilidade dum amante chulo; muitas outras cousas, enfim, faziam acorrer ao húmido e penumbroso gabinete da Rua dos Correeiros rapazes consumidos pelo vício, cavalheiros bem postos, de dedos aurifulgentes, damas da alta roda e modestas *cocottes* que ali deixavam uma assinatura ou uma joia valiosa a troco dum punhado de notas.

Diziam-no milionario e devia sel-o. Sóbrio, descuidado com a sua pessoa, vestindo sempre o mesmo fato coçado e ceboso, não gastava consigo, afirmava-se, a miléssima parte do seu rendimento anual que era enorme. A rendosa industria a que se dedicava não impedia a extrema avarêsa com que regulava os seus gastos vivendo num imundo quarto interior de casa réles, não usando ceroulas, aproveitando os fósforos já queimados e fazendo outras «economias» deste quilate.

Gustavo Maria era seu velho cliente. Por varias vezes recorrera ao seu cofre sempre abarrotado assinando, abusivamente, o nome de seu pae em declarações de dívida que Carlos Eugenio pagava com resignação e magua, não pela importancia em si mas pelo significado do delito.

Mas as suas atribulações de pae tinham findado, como tudo finda neste mundo em perpetua renovação. Havia trez mêses que jazia nos Prazeres, para repasto dos vermes, quando Gustavo Maria procurou o tio «Samuel» para uma transação financeira em que vinha pensando logo apoz o falecimento do papá.

Estava farto de Lisboa. Queria ver mundo. Achava mesquinho e burguês este meio onde o deboche e a devassidão já não lhe ofereciam novidade nem aliciante que lhe agitasse os nervos adormecidos pelo ópio da crápula em que se tinha atascado.

Na senda resvaladora em que escorregara um dia, ainda em verdes anos, já não havia obstáculos que o pudessem deter. A velocidade adquirida e a lei da inercia impeliam-no de forma assustadora pelo declive que ia dar, em direitura, ao abismo insondavel de treva e lama em que mergulham todos aqueles que se deixam tentar pelos saborosos deleites com que o vicio anestesia os incautos.

O poderoso narcótico que instilara nas veias tinha-lhe abolido as faculdades do raciocinio e Gustavo Maria deixava-se ir, na maré de lodo em que navegava, como segue o barco, á deriva, se lhe falta a mastreação e o leme...

Talvez que uma estrela maléfica tivesse brilhado no seu signo, presidindo ao seu nascimento; talvez que um demonio, sarcástico e horrivel, houvesse marcado a sua alma com um estigma de fatalidade ou ferrete de infamia quando a sua tenra boquita se abriu, com os primeiros vagidos, no ambiente morno da sua casa, ao Calvario!

Fosse como fosse. Gustavo Maria nem curava de pensar em taes hipóteses; não lhe ocorria, sequer, que o seu fim deveria ser prematuro e triste, roído pela lepra da avariose em distante hospital; talvez cosido a facadas em sangrenta rixa nos *bas-fonds* de qualquer grande metrópole; talvez desaparecido, algures, nas aguas profundas de um porto, victima de agressão de qualquer malandrim por motivo fútil. Ou outro semelhante e egualmente lastimavel.

Queria conhecer, primeiro que tudo, a famigerada Paris, fulcro da latinidade e desaguadouro do talento, da formusura, do deboche e do crime. Para lá se dirigia em breves dias a Susette, uma *cocotte* do *Maxim's* que devia ter sido linda anos antes e que acusava já o desgaste inevitavel das noitadas, do aluguer imoderado do corpo, das libações fortes e outros excessos que são a base da existencia desse genero de femeas.

Era a sua amante de então. Parecia amal-o com o amor doentio a que ás vezes se dão essas mulheres que o vicio entronisa, emquanto se não tornam farrapos ignóbeis e ascorosos quando o fogo da devassidão acaba de lamber e destruir a sua transitoria belesa.

Nem o teatro nem a profissão de *papillon* tinham sido proveitosos para Susette que a Lisboa tinha aportado numa companhia francesa em *tournée*. E decidira voltar ao seu paiz até que novas directrises se oferecessem á sua vida no desenrolar sempre imprevisto dos dias.

Certas modalidades de goso carnal que Susette lhe revelou tinham prendido Gustavo Maria á sua carne mais ainda do que á sua pessoa. Prometia-lhe a francesa proporcionar-lhe a frequência e a camaradagem picante dos *apaches* e *gigolettes* entre os quaes tinha relações que vinham de longa data; e descrevera-lhe a Paris nocturna com taes tintas, vivas e berrantes, que o amante sentira avolumar dentro de si o desejo insaciavel de visitar a Catedral do Prazer.

Mas faltavam uns nove mêses para que Gustavo entrasse, com a sua maioridade, na posse da pequena fortuna deixada por seu pae.

E recorrera ao «tio Samuel» para, sobre a herança, proxima, lhe adiantar dinheiro.

O judeu coçou a barbicha rala, agitou as lunetas, olhou para o tecto a meditar e rabiscou num papel quaesquer cifras confusas. Sorria-lhe aquele negocio de mais de duzentos por cento de lucro no curto espaço de alguns mêses. E ofereceu adiantar 10 contos.

E como Gustavo insistisse que era pouco, o «tio Samuel» repetiu:

«Não lhe dou mais. E é por ser para si...»

Gustavo hesitava. Mas lembrou-se de que Samuel conservava em seu poder um papelinho que

o comprometia e o arrastaria á prisão se fosse apresentado á policia. Era uma das taes declarações de dívida em que o irreflectido jovem tinha posto a assinatura falsificada de seu pae e que Samuel não pudera apresentar ao liquidatario que, por lei, procedia ao arrolamento dos bens do defunto visto haver filhos menores.

O «tio Samuel» sabia como demover as resistências dos seus clientes. Do cofre forte, a um canto do gabinete, tirou um maço de notas que contou quatro veses e voltou a sentar-se fleugmaticamente á secretaria.

«Estão aqui, novinhas em folha», disse, olhando de soslaio para Gustavo a espiar-lhe a impressão produzida. O jovem respirou fortemente á vista do dinheiro e dilatou os olhos onde sintilava uma chispa cobiçosa.

O judeu sorriu, com aquele sorriso infernal que lhe era peculiar e, sem desfitar o cliente, poz-se a acariciar os cem bilhetes emassados, tentadores com as suas côres vivas de crómo.

«Está bem, aceito,» decidiu o mancebo com evidente satisfação do judeu que esfregou, de contente, as mãos amarelas e ossudas.

E Gustavo Maria assinou o compromisso que fazia passar ás mãos da nojenta personagem o dinheiro acumulado pela previdencia de Carlos Eugenio, afim de que o filho se encontrasse devidamente municiado quando soasse para ele a hora de saltar a terreiro para o duro combate da vida e conquistar, palmo a palmo, a áspera ladeira da existência.

A autorisação materna para embarcar não foi dificil de obter porque no afastamento do moço via o Silvares certas vantagens que eram de ponderar. E tinha dito á amante:

«Deixa-o ir. Assim como assim, nada poderás esperar desse vadio. E' preferivel teres o desgosto de o ver partir a sofreres a magua, infinitamente maior, de o saberes a ferros por qualquer asneira grossa que ele faça por ahi. Que pratique tolices no estrangeiro, pouco importa. Se mal fizer, tanto peor para ele...»

Havia, porém, outra razão pela qual o coronel era levado áquele conselho sensato. Era que a convivência com o Gustavo Maria, já homem feito, o incomodava nos seus amores com a mãe. Preferia vel-o afastar-se.

Ao mesmo tempo tinha sugerido á formosa Clorinda a conveniência de mudarem de residência, alvitre que as pequenas acolheram com alvoroço.

A Clorinda sorria tambem a ideia da mudança. Tinha o pudor especial de lhe repugnar que o amante freqüentasse a mesma casa e se deitasse na mesma cama de Carlos Eugenio pelo que decidira, logo apoz o falecimento do marido, vender a mobilia de quarto substituindo-a por outra de diferente estilo que o coronel lhe oferecera. Era esse um dos taes misterios insoluveis que ha, por vezes, na alma incompreensivel da mulher e que desconcertam os mais asizados psicólogos...

Além disso era aquela familia muito conhecida no Calvario o que molestava Clorinda na sua nova fase de afectivas loucuras.

Em casa nova, entre gente que os não conhecesse, sentir-se-ia mais á vontade para receber o Silvares e proporcionar-lhe deliciosas noites em que, adormentado pelo narcótico dos seus beijos, ele acabasse por sucumbir de fadiga sobre o fofo coxim do seu peito.

Com as pequenas, opinava o coronel, não eram necessarias tantas precauções e rodeios como com o Gustavo que, debochado embora, poderia fazer escândalo um dia, num assomo de inexplicavel brio ou de rendoso *chantage*.

O jovem testemunhava-lhe, era certo, muita deferência e cortesia porque ele o tinha livrado da massada do regimento que o horrorisava pela disciplina a que o forçariam; mas nunca fiando...

E, numa manhã linda de Janeiro, que mais parecia de Maio pela amenidade da temperatura e azul imaculado do ceu, engolfava-se Gustavo com Suzette na negrura fumarenta do tunel do Rossio, levado pelo rodar vertiginoso do *Sud* e atraido pela puigência da doirada Paris que ao louco mancebo se afigurava um Eden de ignoradas delicias e de esquisitos prazeres...

*

Maria Luisa tinha apagado a luz e ageitou-se na cama para dormir regaladamente até á madrugada seguinte em que tinha ficado combinado um passeio ao Bussaco.

Estava com curiosidade de ver se o pateta do Jorge Cabral teria coragem para se declarar durante

a excursão depois das meias palavras ditas no barco, quasi em segredo, emquanto remava tão desastradamente que, por pouco, causava um naufragio no choque com o bote de Fifi Menezes.

Era um inexperiente que córava como um colegial ao falar com ela e se desconcertava ante o seu sorriso um pouco trocista. Consideraria aquela aventura um simples *flirt* sem consequências porque detestava homens timidos. Quasi pensava em o mandar passear mas servia-lhe, ao menos, de distração emquanto não aparecessem outros mais interessantes e, mesmo, mais ousados do que aquele envergonhado criançola que tantas ocasiões perdera de roubar-lhe um beijo...

E, bailando, na sala do hotel, que triste figura fizera o pobre, a esquivar o corpo ao contacto das suas pernas que atrevidamente buscavam as dele! Não teria aquele menino de escola visto a *sans-façon* tão natural com que a Maria Clara se enganchava com o seu par, tão colada, tão unidinha que se diria que os dois dançarinos tinham um só corpo? Idiota!

E, com este epiteto deprimente, preparava-se Maria Luisa para dormir. A seu lado, porém, Maria Clara agitava-se como quem não consegue conciliar o sono sob o imperio duma inquietação absorvente.

Estavam na Curia, como de ordinario, emquanto D. Clorinda fazia o seu tratamento á bexiga e rins que não funcionavam normalmente. Era no verão seguinte ao falecimento de Carlos Eugenio, a alguns meses de distância da partida do Gustavo

para o estrangeiro, levado pela miragem de gosos que o tentava.

O silencio do quarto ocupado pelas duas irmãs era apenas quebrado pelo *tic-tac* do despertador de viagem que ficara regulado para as 6 horas, afim de gosarem o fresco matinal durante a penosa ascensão da viridente montanha aos zig-zags pelos *Passos* até á Cruz Alta.

Poucas horas tinham já para dormir porque passava da 1 da madrugada. E Maria Luisa afastou por completo a imagem pouco cativante do moço Jorge para se entregar aos braços confortaveis de Morfeu.

Mas que tinha aquele diabo da Maria Clara que dava voltas sobre voltas e não a deixava descansar?

«Milí,» disse Maria Clara em voz baixa á irmã, dando-lhe o carinhoso nome familiar. «Ouves?»

A sua voz era meiga e tinha aquele tom suplicante e terno das creanças que receiam uma censura ou um castigo.

«Que é?» preguntou, mal humorada, Maria Luisa. «Deixa-me dormir.»

«Quero fazer-te uma confidência, Milí,» voltou a dizer Maria Clara. E chegou-se para a irmã diligenciando que ela se virasse para o seu lado.

«Deixa-me dormir, Miclá, estou cheia de sono. Amanhã me dirás.»

Mas Maria Clara tanto insistiu que a irmã acabou por se voltar para o lado oposto, um tanto agastada:

«Já viram isto? Eu faço ideia da grande confi-

dência... Estás apaixonada, não é?» preguntou.

«Pior do que isso, querida. Ha dois dias que ando para te dizer, mas sentia-me enleada. Tu não ralhas, não? E não dizes nada á mamã...»

Passou-lhe um braco em volta do pescoço, atraiu-a a si beijando-a com carinho e fez-lhe a grande revelação que estava inquieta por desabafar.

«Ah!» disse, muito admirada, a irmã mais velha. «Mas como foi isso?»

Maria Clara contou-lhe tudo.

Não sabia dizer por que motivo tanto simpatisara com aquele homem porque bonito não era, na verdade, mas sim extremamente elegante. Conversava tão bem, tinha um metal de voz tão cativante e sabia dizer uns galanteios tão finos, tão fora da vulgar banalidade, que ela se sentira realmente atraida para ele. E depois uma habilidade rara para levar uma mulher, por sucessivas gradações, insensiveis mas sempre progressivas, a desar-, mar-se por completo entregando-se sem resistência sem quasi dar por isso.

«Será ele hipnotisador?» preguntou Maria Clara, não sabendo explicar como foi que, sendo ela tão cautelosa nas suas condescendências quanto era curiosa de saborear o fruto proibido, em poucos dias se rendera áquele homem sem resguardo algum.

Pois não tinha sido por falta de incitamentos e convites que tinha evitado, até ali, dar o passo extremo. Os recantos mais escusos do Conservatorio e certos parques de palacetes pertencentes a gente da sua roda poderiam testemunhar que os 16 anos

da gentil Maria Clara não ignoravam a anatomia masculina em todos os seus detalhes e recônditas minúcias...

A estufa das orquídeas dum desses palacetes e o *boudoir* da sua particular amiga, a jovem *madame* Fontelo, poderiam egualmente atestar que Sodoma e Lesbos eram nomes com que a formosa rapariga estava muito familiarisada...

Mas nunca permitira que fosse visivelmente danificado o símbolo da sua aparente inocência porque era preciso guardar as conveniências, que diabo!

Subitamente, aparece aquele homem, engata-se um *flirt* e pronto: a flor da sua virgindade desfolha-se num momento!...

«E' estranho, pois não é?» inquiria, curiosa da opinião da irmã.

E detalhou pormenores. Tinham subido, á meia tarde, á *terrasse* donde, dizia ele, se disfrutava um panorama encantador para quem sabia apreciar e que era dum efeito estupendo a ponto de todos os estrangeiros, sedentos de belesa, não deixarem de ir contemplar aquela maravilha, de binóculo em punho. E havia acrescentado:

«Você, uma artista, não deve perder essa visão de encanto e frescura, um verdadeiro recanto edenico...»

Subiram. Ele levava o seu *Zeiss* prismático para precisar detalhes se fosse preciso. Era a hora em que as criadas estavam para baixo em afazeres diversos; o campo de manobras estava livre.

Fez-lhe ver a vasta mancha, ondulante e realmente bela, caprichosamente espalhada pelas cristas

das colinas e pelo côncavo dos vales, com as varias cambiantes do verde da vegetação e do branco mais ou menos vivo da casaria que o sol pouco intenso dessa tarde fazia sobresair num relevo estereoscópico. E apontava:

«Alem é a Anadia... para ali fica o Bussaco... nesta direcção Coimbra... nesta outra a Figueira da Foz...»

Entretanto tinha-lhe passado um braço em torno da cintura esbelta e flexivel atraindo-a levemente a si.

Maria Clara sentiu-se meio tonta ao contacto fremente daquele homem experimentado nas lides amorosas e que, era voz corrente, tantas mulheres havia possuido, vencidas por não sei — nem elas sabiam tampouco — que especie de sedução que nada aparentemente justificava.

A mão dêle tornava-se mais ousada e Maria Clara sentia já a leve pressão dos seus dedos seguindo a linha ondulosa do seio, mal dissimulado sob o vaporoso *crêpe*, quando êle, curvando-se um pouco, lhe disse por cima do seu hombro esquerdo, quasi ao ouvido:

«Repare nesta direcção. Veja pelo binóculo... junto áquele tufo, no banco...»

E apontava-lhe um local junto ao lago, em baixo, tranqüilo como o sereno ambiente daquela tarde cariciosa.

Maria Clara orientou o binóculo na direcção indicada, regulou a visão e teve um risinho nervoso e gaiato. Era um par de namorados que, a coberto dos arbustos da orla do lago, trocavam um beijo

enorme, visivelmente sorvido, de uma duração só comparavel à dos fins de *films*, quando a personagem cinematográfica acaba por salvar a noiva pretendida depois de ter por dez vezes jogado a propria existência...

Ele cerrava os olhos para que a reverberação do sol não o privasse de seguir a scena desenrolada em baixo. E, com o instinto da imitação, apertava mais a si o corpo apetecido da rapariga, beijando-lhe o lóbulo da orelha, emquanto Maria Clara, perturbada com a respiração cálida da sua máscula bôca a arrepiar-lhe a pele e os nervos, lhe dizia, um pouco trémula:

«Esteja quieto, Julio, que podem ver...»

E, erguendo os olhos lindos para ele, olhou-o amorosamente e duma forma que o galvanisou.

»Maria Clara, és a mulher mais desejavel que eu tenho conhecido,» proseguiu o Julio «a que mais me tem enfeitiçado, juro-te...»

«Mentiroso! Se eu posso acreditar!...» contestava ela, não querendo deixar transparecer a sua intensa vibração intima.

Afastaram-se. Descidos seis degraus, penetraram no corredor para onde davam os quartos do pessoal e outras dependências do hotel a essa hora desertas e acolhedoras. O Julio cingiu-a fortemente, quasi a quebral-a pelos rins, e colou os seu labios á bôca vermelha e fresca de Maria Clara que retribuiu o beijo e se sentiu desfalecer.

Havia uma porta entreaberta á esquerda do corredor. Para lá arrastou o Julio a sua conquista que se deixou levar sem revolta, como sonâmbula,

entorpecida pelo *haschisch* forte do desejo. Era aquele o compartimento onde se juntava a roupa que ia a lavar e que enchia o ambiênte dum cheiro penetrante e desagradavel de transpiração e outros odores do corpo antes duma boa e saudavel limpeza.

Sobre um montão de lençoes e roupas interiores de que se evolavam vagos perfumes femininos, sentiu Maria Clara, na meia embriaguês em que se encontrava, que o Julio a depositava brandamente, abafando os seus débeis protestos sob uma aluvião de apaixonados beijos que mais tonta a deixaram. E o inevitavel tinha-se consumado...

«O local não podia ser mais proprio...» interpoz Maria Luisa, interessada com a narrativa e num tom zombeteiro, emquanto soltava um frouxo de riso.

«Eu estava como bêbeda, Milí. Que querias que eu fizesse?» inquiriu Maria Clara, sempre em voz baixa e abraçada á irmã, na escuridão do quarto confortavel e vasto.

E foi continuando a referir os incidentes da sua aventura:

Tinha parecido ao Julio ouvir passos proximos. Talvez alguma creada que subira ao seu quarto em busca de um objecto esquecido. Ergueram-se cautelosamente e o Julio foi, pé ante pé, escutar á porta, voltando para ocultar o sinal irrecusavel do «delito» deixado numa das peças de roupa...

E, como os passos da creada se perdessem depois, escada abaixo, desceram tambem em amena e indiferente conversa, para disfarçar. Mas ninguem os tinha visto subir, ninguem os vira descer.

No dia seguinte o Julio suplicara-lhe que fosse ao seu quarto a determinada hora, favoravel ao encontro. Ela fôra. Nada já lhe podia recusar. Mas á saida tinham sido surpreendidos pela Ludovina, a creada daquele pavimento.

A Ludovina, já muito habituada a semelhantes visitas entre hospedes de sexo diferente, não se mostrou surpreendida, como creada que sabe o seu oficio, e seguiu o seu caminho tranqüilamente.

Mas, pelo sim pelo não, o Julio tocou a campainha.

«O senhor chamou?» preguntou á porta a creada.

«Entra e fecha a porta,» ordenou o Julio. «Escuta, Ludovina, tu não viste «nada», hein?»

«Oh, meu senhor, esteja descançado. O que eu vejo e o que oiço fica comigo. Se eu fosse a repetil-o, muito tinha que dizer... Não é nada da minha conta...»

«Bem sei. Em todo o caso, tens mais a ganhar se calares o «bico». Sabes que eu sou amigo do patrão e podia custar-te o logar se desses á taramela...»

E meteu-lhe na mão uma nota de cem escudos que ela agradeceu com um comovido «muito obrigada a Vossa Excelência», ao mesmo tempo que dizia, para consigo:

«Se todos os que eu «tósco» fossem assim generosos, em pouco tempo deixava de ser creada...»

E, querendo mostrar-se grata, alvitrou:

«Se eu puder ser prestavel de alguma forma... Posso, por exemplo, avisar a menina quando ela deve entrar e quando pode sair...»

«E' boa ideia», aprovou o Julio.

E no dia seguinte entrou a Loduvina nas suas novas funções de sentinela dos dois pombinhos, contando com as gorgetas avultadas que a «excelência» do Julio não deixaria de lhe dar pelo serviço que lhe prestava evitando um grande escândalo, doutra forma muito provavel.

«E olha que desempenha bem o papel,» afirmou Maria Luisa« porque podia muito bem, sob segredo, contar-m'o a mim, que sou tua irmã; e até agora nem a mais pequena alusão que me fizesse desconfiar...»

«Será, talvez, porque o Julio lhe unta bem as molas...» acrescentou Maria Clara, aludindo ás liberalidades do amante.

O Julio Ermida não era avarento e entendia que o dinheiro se tinha inventado para se gastar. Sem profissão definida, apezar de ter cursado a Faculdade de Direito, levava uma vida de ociosidade e prazêr custeada pelo jogo em que tinha épocas duma sorte espantosa, ou, quando a fortuna desandava, pelas proprias amantes que por ele se embeiçavam sem que soubessem a razão, como Maria Clara.

Sabia-se que fôra mantido durante dois anos, em que a roleta caprichosa parecia ter-se esquecido dele, por uma conhecida e linda titular que o aborrecera pela sua inconstância. Sabia-se tambem que uma das mais apetecidas *demi-mondaines* vendera todas as suas custosas joias para lhe sustentar a preguiça e o vicio terrivel de jogador impenitente. E conheciam-se ainda outros detalhes da sua vida

que o tornavam uma personagem pouco recomendavel para aqueles que não se afastam dos limites estreitos impostos pelo decoro e pela honra convencionaes.

Mas Ermida pouco se incomodava com a opinião do mundo a seu respeito. Gosava a vida a seu modo e tinha a sua contabilidade em dia. Sabia quanto devia a cada uma das damas que o tinham favorecido com as suas caricias e com o seu dinheiro e contava, na primeira oportunidade, ir a Monte-Carlo e, possivelmente, arrancar á Basílica da Jogatina alguns milhões com que indemnisaria as crédoras da sua gratidão.

Já uma vez o tentara fazer. Abalara uma bela manhã e chegara á *Riviera* disposto a arriscar-se. Mas não tinha visto nenhum preto nas margens formosas do Mediterraneo nem a combinação cabalistica com base no algarismo 3, que êle escolhera para guia, o tinha auxiliado com os «inequivocos» sinaes que o deviam favorecer. E o mais que conseguira foram uns magros milhares de francos, uma miseria que mal chegou para o hotel e o regresso.

Era muito conhecido em todos os Casinos do paiz e, principalmente ali, na Curia, que com mais freqüencia o via á mesa do jogo por se ter afeiçoado á Bairrada donde era natural. Era o «senhor do 3».

Ultimamente, coincidindo com a sua boa fortuna na conquista e posse daquele botão de rosa que era Maria Clara, o seu número predilecto tinha-lhe sido propicio e a sua carteira abarrotava de

notas com grande raiva dos *croupiers* que viam desaparecer as fichas de «500» para os bolsos do Ermida sem que uma volta de sorte as canalisasse novamente para junto da banca.

E o Ermida exultava, porque essa aragem de fortuna lhe permitia cativar com bonitos presentes a sua deliciosa e jovem amiguinha que, tão carinhosamente, acorria ao seu quarto depois de a Ludovina a prevenir, em segredo:

«Menina Maria Clara, pode ir agora...»

E com que alvoroço ela o beijava, a despedir-se, quando novamente a Ludovina batia três pancadinhas discretas na porta, a avisar que eram já horas de se desenlaçarem do abraço amoroso que os unia em fundos estremeções delirantes!

Mas aqueles encontros, no quarto dele, tinham um serio inconveniente pelo comprimento enorme do corredor, onde não era muito facil á Ludovina fiscalisar os dois extremos a um tempo. E Maria Clara, a instâncias do Julio, decidira-se a pedir á irmã um pequenino favor:

«Tu, se quizesses ser boasinha para a Miclá» e beijou-a novamente, a enternecel-a «podias prestar-nos um grande serviço...»

«Vamos a ver...» disse, curiosa, Maria Luisa.

«Era deixares o nosso quarto livre das 4 ás 6...»

«Mas como ha-de ser? Não posso ir para o quarto da mamã...»

«Pois não, que está lá o coronel...»

«O quê? Tambem sabes?»

«Dei por isso ha mais tempo do que tu, com certesa...»

E referiu que, na casa nova das Avenidas, numa tarde em que sentira vozes no quarto da mamã, tivera a curiosidade de escutar, primeiro, e espreitar depois pelo buraco da fechadura, ficando inteirada de que espécie de conferência a meia voz se ocupavam ambos dentro daquelas quatro paredes...

Riram as duas irmãs.

«Eu,» disse Maria Luisa, «há muito que desconfiava da assiduidade do coronel junto da mamã. Mas só aqui, na Curia, deixei de ter quaisquer d-vidas...»

Maria Clara voltou a insistir:

«Então, fazes o que te pede a Miclá?»

«Há-de arranjar-se...»

«E's um amor, querida!» disse, com um grande beijo de reconhecimento. E explicou a preferência:

«Este braço do corredor é pequeno e vae dar ao W. C. Se o virem, por casualidade, já não desperta suspeitas porque pode muito bem parecer que vae para lá ou vem de lá... Compreendes?».

«Compreendo muito bem.»

Maria Luisa olhou o relogio sobre a mesinha de cabeceira em cujo mostrador palpitavam na treva do quarto, com uma viva fosforescencia, os algarismos em circulo e as duas agulhas dos ponteiros.

«Sabes tu que horas são?», preguntou. «São duas e dez. E nós que temos que nos levantar ás seis! Basta de conversa, vamos dormir.»

«Isto tinha que acontecer, Milí... Com um ou

com outro, mais tarde ou mais cedo... não te parece?» inquiriu Maria Clara.

«Está claro. E ponto final,» rematou Maria Luisa, virando-se para o outro lado.

Minutos depois as duas irmãs dormiam a sono solto.

VI

As «Sans-Culottes»

Tinham chegado de manhã, muito cedo. A viagem matutina, naquele formoso dia de Agosto, agradou profundamente a Maria Luisa que respirou com inefavel satisfação a brisa cariciosa e fresca. Interessou-se como uma creança com a fuga vertiginosa da casaria proxima á via ferrea, debruçando-se á janela da carruagem para melhor contemplar o rio ligeiramente encrespado, onde velejavam barcos na labuta de todos os dias.

Tinha já decorrido o mês de Julho, monótono e abafadiço. Maria Luisa que se enervava na Curia, emquanto sua mãe tomava as aguas, alegrou-se com o regresso a Lisboa pois já lhe tardava encontrar-se no Estoril para onde a conduzia a sua ansiedade e secretos presentimentos. E foi com um alvoroço que surpreendeu D. Clorinda que ela decidiu seguir para o Mont'Estoril num dos primeiros comboios da manhã no dia seguinte ao da chegada a Lisboa.

«Encontrarei eu por lá gente conhecida?» dizia ela com os seus pensamentos. «Seria adoravel!

E a quantas invejas, quantos dissabores, quantas intrigas, irei eu expor-me nesta luta que vou travar?»

Entretanto o comboio seguia rolando velozmente, sobre os interminaveis carris de aço palido.

A frescura da madrugada tinha-lhe avivado a cor rosea da face que respirava saüde e encanto. Sorria Maria Luisa de vez em quando a sua mãe, um pouco ensonada no banco fronteiro, e mirava com curiosidade, como se nunca o tivesse visto, o movimento ainda diminuto das praias onde apenas um ou outro madrugador se confiava ao afago das ondas mansas a esbaterem-se em alva espuma na mancha ruiva da areia.

Passou deante dos seus olhos a vivacidade garrula das creanças pobres a banhos na Cruz Quebrada, a expensa das respectivas freguesias; ouviu risos, gritinhos, algazarra e lagrimas medrosas dos mais pequenitos, que não conseguiam vencer o medo horrivel que nutriam pelo mar, uma palavra de terrivel sentido que lhes trazia, aos cérebros pequeninos, scenas angustiosas de naufragios e de gente afogada.

Passou depois o forte desmantelado de Caxias, a baixa de Paço de Arcos e outros detalhes que ela estava farta de ver e que sempre achara indignos de uma olhadela curiosa. Mas, naquela manhã, encontrava-se noutra disposição de espirito, naquele estado de alma que nos faz encontrar novidade e belesa nas coisas mais fúteis e que parece emprestar-nos outros olhos, de mais aguda e penetrante visão, aptos a descobrir e a canalisar,

para o sub-consciente que nos governa, diversas sensações até então insuspeitas.

Tudo a encantava. Achou graciosa a mancha parda da Outra Banda com as suas pinceladas brancas e o seu recorte ondulante desenhado contra o azul do ceu que o sol nascente esbatia numa poeira dourada de luz; descobriu leveza e gracilidade numa pesada e negra barcaça, repleta de barricas, que fendia lentamente as aguas do Tejo, desfraldada a vela grande que a aragem bombeava; seguiu com uma fixidez de minutos um *outrigger* que deslisava veloz, sob o impulso das vigorosas remadas da sua tripulação de gente moça e forte; inclusivamente, a buzina do comboio electrico, que sempre tivera o condão de lhe irritar os nervos, tinha para ela, naquela manhã, uma modulação musical que jamais lhe encontrara.

E, não tendo outra forma de exteriorisar todo aquele encantamento interior que a deliciava, acordou a sonolenta D. Clorinda com um sonoro beijo, rindo como uma creança do «ar» atarantado da boa senhora sua mãe.

Por alturas de Oeiras entrava a barra, magestosamente, um grande paquete da *White Star* com as suas largas chaminés a fumegar levemente. Os passageiros dormiam ainda nos seus camarotes, distinguindo-se apenas no convez e na ponte o pessoal de bordo no cumprimento das suas obrigações de serviço.

A silhueta do paquete trouxe-lhe á lembrança, por associação de ideias, a Maria Clara ausente no Brasil havia quasi dois anos depois que confessara

á mamã os seus amores com o Julio e a resolução irrevogavel de o acompanhar ao outro lado do Atlântico para onde êle seguiria em busca de melhor sorte para o «3» que, decididamente, deixara de lhe sorrir no territorio pátrio.

«Terão já rompido a sua ligação ou continuará a Miclá embeiçada por aquele urso?» preguntava a si mesma Maria Luisa emquanto seguia com a vista o enorme paquete aproado a Lisboa. E sentiu um pequeno arrepio ao pensar qual seria, na primeira eventualidade, a situação da irmã. Mas acabou por encolher os hombros, filosòficamente, pensando:

«Uma mulher nova e bonita, como ela, encontra sempre um protector...»

Seguidamente pensou no irmão de quem não havia noticias. E fantasiou, na sua mente sonhadora, uma grande cidade, como ela imaginava que seria París, cheia de tentadoras delicias; qualquer coisa como a antiga Babilónia onde o fausto, a volutuosidade e toda a especie de vicios corrompiam as mulheres e enlouqueciam os homens.

O comboio seguia agora com maior velocidade. Aproximava-se o *terminus* da viagem e Maria Luisa desviou a imaginação para os assuntos que directamente a interessavam.

Não tardaria que pizasse o terreno em que defrontaria, em combate singular, o galante inimigo dos seus sonhos estranhos, talvez o famoso «homem moreno» que formava já parte integrante da sua alma vibrátil, da sua carne ansiosa, da sua imaginação inquieta.

São Pedro e São João tinham já ficado para traz. Outra paragem. Pela janela do *wagon* entreviu Maria Luisa uma nesga do parque do Estoril em frente do qual o comboio se deteve; mais uns minutos de marcha sobre a via e seria chegada.

O comboio estacou novamente com o costumado ronco de buzina, momentâneo mas arreliento, e Maria Luisa e sua mãe passaram ao caes com outros passageiros para quem o «Monte» era, naquele ano, o local preferido de veraneio.

Hospedaram-se no gracioso «Miramar». Já, de véspera, o coronel tinha reservado dois quartos contíguos, com certa dificuldade e algum aborrecimento que a saida repentina de um hóspede remedeou com grande satisfação de Maria Luisa que via, naquele contratempo, um mau agouro felizmente dissipado.

Horas depois, mudada a *toilette* e passada pelo rosto a indispensavel borla de pó de arroz, descia Maria Luisa á praia, toda de branco que lhe ficava primorosamente, por entre as cortesias dos creados meios atordoados com o estonteante perfume que espalhava, em torno da sua fulgurante belesa, a escultural rapariga.

Ficavam-se, estacados nos corredores, seguindo com a vista a imagem gentil daquela jovem idealmente formosa e que excitava mais facilmente o desejo do que a admiração estética pela sua insolente formosura. De todo o seu corpo se escapava, com os penetrantes aromas com que o ungia, um forte odor a femea que chicoteava as fibras mais íntimas da sua masculinidade reprimida, e comen-

tavam entre si, mais ou menos torpemente, os encantos d'aquele apetecivel fruto que lhes estava vedado saborear.

Ia-se enchendo a praia com o riso fresco das creanças e o perpassar de adoraveis mulheres em vaporosos trajos, ou em malha de banho que desvelava, mais ou menos, a sua pele bronzeada pelo hálito do sol e ligeiramente encrespada pela fina aragem da manhã.

O mar, rumoroso e brando, vinha lamber amorosamente os tornozelos das que, indecisas, se conservavam na orla da praia. De espaço a espaço alvejavam pequenas conchas e moviam-se minúsculos caranguejos, de mistura com o enxame dos saltões junto dos limos apodrecidos. Aqui e ali, as creanças faziam covas na areia ou rolavam por ela os seus corpitos tenros e semi-nus, emquanto esperavam que as «pessoas grandes» dessem o exemplo para que elas, por sua vez, entrassem na agua e mergulhassem e pulassem por entre gritos de alegria esfusiante.

«Olha a Maria Luisa!» disse a Carlotinha, admirada com a inesperada aparição. E, fazendo porta-voz com as mãos em concha a ambos os lados da boca, gritou, demorando muito a vogal final:

«Milí...»

Mas não conseguiu fazer-se ouvir e voltou a gritar ainda mais demoradamente:

«Milí... O'... Milí...!»

As duas mãozitas finas da garota acenavam no ar como duas pombas ansiosas por desferir voo.

O Dódinho, que brincava na areia junto da sua amiguinha, suspendeu a difícil tarefa em que se ocupava, deixando o seu minúsculo balde meio cheio de areia húmida e levantou o narisito, intrigado com os gritos da Carlotinha. Todo o grupo se voltou surpreendido.

«Onde, Lótinha?» preguntou a Maria Octavia, não descobrindo o vulto da anunciada amiga.

«Ali, com a D. Clorinda» insistia a pequenita, indicando um ponto afastado onde, finalmente, a silhueta grácil de Maria Luisa foi por todas avistada.

E foi um agitar de sombrinhas multicôres para orientação da recem-chegada que as notara tambem e lhes dizia adeus de longe, ao aproximar-se, sorrindo-lhes.

A pequena Carlota correu ao seu encontro, afundando os pésinhos na areia branda e movediça, e regressou com um braço passado em redor da cintura da sua amiga a quem beijou efusivamente, pendurada ao seu pescoço.

«Estou tão contente por teres vindo, Milí» ia-lhe dizendo a interessante pequenita que fizera um acolhimento entusiástico a D. Clorinda, garridamente envolta no seu bonito vestido de praia.

«Estás uma preta, Lótinha» disse-lhe Maria Luisa, caminhando para o grupo amigo que a aguardava.

«Não faz mal. Tenho-me divertido tanto! E' tão bom o verão!» respondia a pequena, muito feliz, carinhosamente abraçada á cintura da recem-vinda.

«Ora viva quem é um amor!» cumprimentou a

Maria Octavia, beijando-a afectuosamente com muitos ósculos pequeninos e repenicados.

Houve uma troca de beijos entre todas as presentes com efusivos apertos de mão numa alegria comunicativa e sincera.

Faziam parte do rancho da Maria Octavia a Candinha e sua irmã — a Lótinha — a Odette e seu irmãosito — o Dódinho, — a Maria do Ceu e a Antonieta que era a única que não estava presente e que Maria Luisa não conhecia já. A Octavia explicou á recem-chegada, com um piscar de olhos significativo, que a Antonieta tinha ficado retida no hotel com uma «dor de cabeça».

«Depois vos apresento» concluiu. «Hão de ser amigas porque ela é uma excelente rapariga...»

«Não desfazendo, é costume dizer-se...» atalhou Maria do Ceu.

«Mas tu estás ótima, Milí» continuou a Octavia, mirando-a a dois passos de distância. «Estás um apetite, como diz o outro sexo...»

«Fez-lhe muito bem a estada na Curía» informou D. Clorinda, mirando a filha com enlevo. «Traz melhor côr... mas vem, talvez, um pouco mais abatida...»

As raparigas protestaram. Que estava muito bem assim. Nem devia engordar mais para não perder aquela adorável linha, sentenciava a Maria Octavia examinando a amiga cuja aparição no «Monte» lhe causava uma visivel satisfação que as restantes do grupo egualmente patenteavam.

«Estava a cem leguas de supor que te contariamos entre as nossas, minha querida Milí» seguia di-

zendo a Octavia. «Estou encantada com a surpresa.»

Na agua começavam a entrar os primeiros banhistas que incitavam os outros a imital-os. E mergulhavam, nadavam, espadanavam, com sonoros assopros.

O exemplo frutificou e, dentro em pouco, havia uma multidão de cabeças agitando-se dentro de agua nos dez metros em profundidade mais proximos da praia. Em terra firme, assistiam ao banho os que, por motivos diversos, preferiam, a tomar parte nele, contemplar o espectaculo saüdavel daquela comunhão de corpos, sol e espuma, por simples divertimento ou recomendada necessidade.

Crescia a animação com novos banhistas a caminho da agua e novos mirones atraidos pelo aperitivo das pernas nuas até ás nádegas.

Havia algumas banhistas cujo *maillot* era suficientemente decotado para deixar a descoberto metade dos seios, que os homens devoravam com olhares de cobiçosa concupiscência, quer tivessem ao lado as esposas quer, isoladamente ou em grupos, se entretivessem comentando a plástica saborosa e prometedora das damas, exposta indiferentemente ás malicias do sexo forte sempre atrevido nas suas apreciações e sempre incorrecto nos seus comentários.

Aquela exposição de carne fresca era, na verdade, um excitante absinto que eles não dispensavam antes do almoço. Elas sabiam-no mas fingiam ignoral-o. Mas nas suas conversas íntimas não deixavam de crivar os machos de invectivas

ásperas por não saberem ver e calar. Falta de mundo e de polimento.

Porventura se importava Mrs. Bessie, ou seu marido, que aqueles «pasmados» assestassem os monóculos para as formas perfeitas do seu airoso corpo? Eles lá andavam, ora abraçados pela praia, falando animadamente, ora sentados, frente ao mar, rindo com gosto na maior harmonia e mais soberana paz. E, comtudo, o trajo de banho da esbelta inglesa era exactamence o de um homem, moldando-lhe atrevidamente todos os relevos e vincando-se bem, quer no sulco do arredondado e carnudo assento, quer na elevação do baixo ventre junto ás coxas.

Quando ambos saiam da agua, depois de terem nadado com vigor por espaço de dois ou tres quartos de hora, mais o formoso corpo da loira inglesa se desenhava sob a malha colada á pele. Viam-se distintamente a curva do seio, o sulco anal, os mamilos erectos, a depressão umbilical e o triângulo da sínfise púbica.

E ninguem tomava aquela exibição naturalissima como um sinal evidente de descaramento ou impudor, limitando-se a atribuir o *aplomb* da britânica senhora a... excentricidade de estrangeira!

A forma sorridente por que ela encarava o montão de mirones, curiosos como provincianos, parecia dizer:

«Podem ver á vontade. Tudo isto é pertença deste sujeito que vem aqui ao lado...»

E ele sorria tambem, como a confirmar:

«Esta joia de femea pertence cá ao rapaz. Exa-

minem á vontade que não lhe tiram nenhum bocado...»

E talvez dissesse para consigo, depreciativo e enojado:

«Que pasmaceira! Fortes idiotas!»

Quem o dizia, de certeza, eram as raparigas, ansiosas por se mostrarem a quem as cobiçava ou a ver se encontravam quem as distinguisse com a preferência, satisfeito por ter encontrado o «seu tipo» naquela bem sortida feira de amostras. E, com rasão, arreliavam-se de que a educação nacional fosse tão pobresinha, benza-a Deus...

Pois não exibiam elas o mesmo ou quasi tanto quando bailavam no Internacional em trajo de noite?

A Maria do Ceu já tinha emitido a opinião, que as do seu grupo sancionavam, de que o banho devia ser ao natural: ausência total de fato, como em casa. E acrescentava:

«E' tudo uma questão de hábito. Não me venham para cá com a moral ofendida! A moral... pf!»

Mais duas mamãs tinham vindo aumentar o grupo formado pelas amigas de Maria Luisa: a mãe da Maria do Ceu e a da Odette. Saudações, muitos beijos e a conversa animou.

O Dódinho e a Lótinha estavam na agua, mergulhando esta sob a vigilância do José, o banheiro, que a segurava pela mãosita emquanto conservava o petis ao colo para lhe fazer perder o medo.

«Vês que não faz mal? E' bom!» dizia a Lótinha ao pequenito, muito admirado de ver a sua amiginha a banhar-se sem susto.

«Agora tu», disse ela ao seu amiguinho.

O banheiro fel-o dar um mergulho ao mesmo tempo que a Carlota dizia, risonha:

«Ai que bom!...»

Qual bom?! O petis desatou num berreiro enorme ao sentir a agua salgada na boca e não houve meio de o acalmar senão trasendo-o para terra. A Carlota fazia-lhe meiguices e dava-lhe beijinhos. Mas os beijos da amiguinha, que ordinariamente o aquietavam, não tiveram esse condão daquela vez, por uma rasão simples: sabiam a sal.

Acorreu a irmã que á força de afagos e mimos o fez calar e lá foi com a Lótinha, a caminho da barraca, para os enxugar e vestir.

O sol ia aquecendo e as sombrinhas abriam-se pondo na movimentação da praia uma nota palpitante da côr e exotismo.

Maria Octavia tomou Maria Luisa de parte e encetaram um lento passeio pela areia húmida onde os passos eram mais firmes. Passaram os braços livres pela cintura uma da outra e entraram em mutúas confidências.

Eram da mesma estatura mas de tipos diferentes totalmente. O que em Maria Luisa havia de excitante, havia em Maria Octavia de espiritual; bonita como aquela, a sua belesa era mais discreta, menos berrante. Maria Luisa com a sua carnação cheia que, no entanto, a não tornava pesada, nunca deixava de fazer vibrar as cordas da sensualidade ao passo que a visinhança da sua amiga não era uma chicotada violenta nos sentidos, mas um convite mais suave a um devaneio amoroso, com passagem pelo

platonismo idealista, antes de chegar á fase final que traz consigo a lembrança da posse. Então tornava-se perigosamente desejavel, sem o que ficaria na alma dos seus adoradores um vácuo doloroso, uma brusca solução daquela continuidade a que se havia habituado o espirito, em brandas vibrações afectivas, até ceder á materia a porção de deleite que lhe compete, como sua associada, adentro da individualidade humana.

Tinha mais dois anos do que Maria Luisa e era ainda solteira, não por falta de pretendentes mas porque a leitura, o estudo e a reflexão lhe tinham ensinado a olhar o outro sexo e o amor duma forma particular, mais como um incidente da vida do que como finalidade na nossa passagem forçada pela face da Terra.

A comunhão dos sexos com as suas delicias transitórias eram para ela uma distração agradavel, sim, mas que de ahi não passava. Duvidava de que pudesse aparecer um homem na sua vida que a fizesse vibrar em chamas abrasadoras de paixão Ela sim, tinha sido adorada e ardentemente desejada com êxito por uns, com desespero e revolta por outros.

Não desconhecia nenhum dos misterios que tanto perturbam a imaginação das raparigas púberes quando a naturesa, amadurecendo-as, as espicaça, como a todas as femeas do vasto reino animal, para que acolham nos seus flancos a linfa prolífica do macho.

Rica desde muito nova, por herança paterna, tinha-se entregado ao goso da Vida no que ela tem

de mais seductor: o cultivo das Belas Artes e, por passatempo, o *flirt* com acidentaes estremecimentos da carne.

Afeiçoara-se a Maria Luisa com sincera amisade desde que o acaso duma apresentação as poz em contacto. Já lhe tinha pedido para lhe servir de modelo em um quadro com que tencionava enriquecer a sua galeria de obras de arte, composta por telas suas e trabalhos alheios, manchas de belesa que adornavam a sua casa modernista na Avenida Miguel Bombarda. Não se proporcionara ainda ocasião para iniciar as sessões de *pose*, mas não deixaria perder a oportunidade antes que o roce masculino operasse o habitual e irremediavel desgaste na esplendorosa escultura que era Maria Luisa, conforme tivera ocasião de admirar na casa da rua Felipe Folque numa tarde em que lá fôra tomar chá.

As duas amigas caminhavam lentamente, com pequenas paragens, conversando em voz baixa. A presença da formosa Maria Luisa, que pela primeira vez era vista, com «ar» de quem vem para ficar, excitava comentarios nos varios grupos formados na praia, ao acaso das relações de amisade.

As senhoras e as raparigas admiravam-lhe ou criticavam-lhe a esbeltesa e o donaire atravez dos seus *lorgnons* com leves sinaes de cabeca ou rápidas palavras ditas para um lado e para outro.

Os homens, pela maior parte, só encontravam no vocabulário réles e grosseiro os precisos termos com que classificar a preciosa rapariga, que acendia chispas de sensual cobiça nos olhos de muitos,

absortos na contemplação dos seus seios trémulos e arrogantes, do ondular ritmado dos seus relevos posteriores, da modelação perfeita das suas pernas que a transparência da saia mal velava até ao joelho.

E as duas jovens proseguiam o seu caminho, indiferentes ao murmurio de apreciações que Maria Luisa fizera levantar.

«Que excelente ideia tu tiveste, Milí, em escolher este ano o Estoril! Proporcionas-me um muito grande prazer e vaes tornar possivel o nosso projecto do quadro», dizia-lhe Maria Octavia, radiante da sincera satisfação e apertando a si o busto forte da amiga.

«E tens pachorra, agora no verão?» interrogava a outra. «Eu estou ás tuas ordens logo que queiras.»

«Vou a Lisboa um dia destes buscar os pinceis, as tintas e tudo o mais que é preciso e alugo nas aguas furtadas do hotel um quarto que armo em *studio* para as nosas sessões. Vou passar bons bocados...»

«Sempre artista, minha querida», comentava Maria Luisa.

«E' verdade. Fora das satisfações do amor, de quando em quando, só a Arte me faz vibrar...»

Contou-lhe que o seu actual senhor era um tenente de marinha por quem se tinha «quasi apaixonado» naquele verão quando das regatas do mês anterior em Cascaes. Vinha ao Monte uns dias por outros, sempre que alguma folga obtinha em Vale de Zebro.

«Um rapaz que me interessa. O nosso tipo, Maria Luisa: moreno, de olhos negros, elegante

sem afectação e másculo em todo o sentido sobre ser inteligente...»

«Então desta vez é que te prendes, Maria Octavia...» afirmava, hesitante, Maria Luisa.

«Não sei ainda. Depende. E Deus permita que não. A convivência mata o amor, minha querida... E' preferível vivermos separados para que a chama sagrada não se extinga. De contrario vem a saciedade e adeus minhas encomendas!»

«E' isso, ou, antes, deve ser porque eu não posso falar como tu, com experiência... A principio muita ternura, muito amor, mas oito dias depois de apanharem o que ambicionam já somos eguaes ás outras...»

Saía da agua o casal de inglêses. Como de costume, a linda senhora «vinha nua» no dizer das matronas que se lembravam dos «bons tempos» em que uma mulher «decente» só se banhava de «sobrecasaca» porque assim o ordenavam as conveniências «por causa dos indecentes dos homens.»

«E' bem feita,» comentou Maria Luisa.

«Os seios um pouco descaidos e as ancas sem a linha que deveriam ter. Além disso o ventre é mais curvo do que convem e o joelho esquerdo é mal modelado,» rectificou Maria Octavia a cujo olhar de estéta nada escapava. E concluiu, sem lisonja:

«Tu vales cem vezes mais. E' verdade que és uma rapariga e ela tem bem mais uns cinco ou seis anos do que tu. Além disso é casada e o contacto do homem dá cabo da «linha» á mulher...»

Outras senhoras saiam correndo para as barra-

cas e toldos, a escorrer agua, seguidas pelos olhares devoradores dos circunstantes, gulosos de tais exibições.

«Olha para esses parvos» disse Maria Octavia, «assestando os monóculos para as mulheres porque um esboço de nudês lhes descobre mais uns centimetros de pele do que é costume exibirem. Súcia de palermas! Parece que nunca viram uma mulher nua!»

«Não sabem ver sem fazer espectáculo» assentiu Maria Luisa. «Lá fora, segundo tenho lido e ouvido dizer, ninguem repara como aqui, em Portugal com esta fixidês e de olhos arregalados que os deprime a eles e nos aborrece a nós...»

«Ha de ir com o tempo. Já muito caminhámos. Este povo, atrazado e caróla, leva tempo a civilisar...»

E, mudando de assunto, interrogou:

«Dize-me cá, tu continuas a mesma virgem, pura e imaculada?»

Que sim. Mas sabia lá a sua amiga o que lhe custava isso! E referiu-lhe as suas noites tormentosas com aquela insistente aparição dum vago homem moreno que quasi a brutalisava num abraço vigoroso, deixando-a exausta. Com a ida para a Curia tinham-lhe passado esses pesadelos amorosos e só temia que o ar iodado do mar fizesse regressar, com o seu particular efeito excitante, essas crises eróticas que a indispunham por horas ou por dias consoante a sua violência.

Confiou-lhe que a escolha que fizera do Estoril residia num indeciso pressentimento de que ali

encontraria, naquele agosto risonho, o homem por que chamava a sua carne, vibrante de desejos ainda insatisfeitos.

«Só se ainda está por chegar. Não vejo por cá quem corresponda ao teu tipo que é semelhante ao meu, minha prenda...»

«Ainda a estação está no seu começo, pode dizer-se... Temos tempo» afirmou Maria Luisa, convicta.

Maria Octavia recolheu-se um pouco, a pensar, e confirmou:

«Não, não vejo. Por cà, na nossa roda, só há machos acasalados e uns meninos ambíguos, muito irritantes, que eu chamaria insexùados... Muito janotas, muito boas maneiras e falinhas doces, mas que não podem, de forma alguma, satisfazer a mulher que tu és...»

«Noivos para meninas cloróticas de quinto andar...» sentenciou Maria Luisa.

«*Voilà*» confirmou a outra. «Mas se tens essa fé, Deus te ajudará. E nós, tuas amigas, te facilitaremos a tarefa, se tanto fôr mister...»

«Desde os 18 anos, minha Octavia, que venho sofrendo os ataques desta... como direi?» inquiriu a «doente».

«Exuberância... maturidade...» auxiliou Maria Octavia.

«*Voilà*» continuou Maria Luisa «desta exuberância que me deixa arrazada e acabará por me dar conta da saüde. Não posso continuar assim...»

«Pois desconfio que não vaes de cá inteira, como vieste,» disse com um sorriso irónico a tra-

vessa Octavia. «Mas, á falta de outro, não me roubas o meu marinheiro, hein?»

«Gracejas, por certo. Era mais fácil entregar-me ao primeiro que me desejasse do que roubar o adorador de uma cara amiga como tu...»

«Sim, eu sei que és boa rapariga. Eu tambem não aprecio os homens ou os pretendentes das outras. Acho deprimente e réles... A uma mulher que se quer dar nunca faltam homens que a queiram...»

Começavam retirando da praia, a caminho dos hoteis e moradias, os que já se tinham banhado, seus parentes e amigos. O calor começava a incomodar.

A Odette veiu juntar-se ás duas amigas rebocando dois rapazes que pretendiam ser apresentados a Maria Luisa, dizendo arder em desejos de a conhecer pessoalmente.

Satisfeito o pedido, ficou assente que nessa noite dansariam com ela no Internacional. Eram dois dos zangãos que zumbiam em torno do rancho da Maria Octavia, conhecido pelo grupo das *sans-culottes* porque, arrostando com as repreensões das mamãs e os olhares cúpidos dos homens, teimavam em banhar-se como Mrs. Bessie, sem temor á exposição momentânea das suas particularidades intimas ao sairem da agua com a malha colada á pele.

Um deles, o Vasco, «engatava» com a Odette; o outro, o Alcino, com a Candinha e com elas mantinham um *flirt* atrevido não cessando as respectivas mamâs de recomendar cuidado ás loucas

raparigas, á solta das conveniências naqueles três ou quatro mêses de vida ao ar livre.

«Tu, Maria Luisa, ficas no nosso grupo. Ofendias-me se aceitasses pertencer a outro,» intimou Maria Octavia.

«Tinha graça, Maria Luisa, se nos fizesses essa desfeita!...» corroborou Odette, pondo-se séria.

«Em que outro grupo estaria eu mais á vontade do que entre vocês, meus amores?» preguntou a formosa rapariga, sorrindo meigamente ás duas.

«Nós somos as *sans-culottes*, sabes? O teu *maillot* deve ser colante como o dos homens que não teem mais direitos do que nós. Achamos deprimente vestir outro porque é ofensivo do bom senso...» informou Maria Octavia.

«E do bom gosto...» completou Odette, num riso aberto e musical.

VII

Uma rapariga original

Maria Octavia olhou o seu relogio de pulso e pouzou os pinceis.

«Por hoje basta, Milí,» disse com um sorriso para Maria Luisa que já por duas vezes descançara desde o inicio da sessão daquele dia devido á fadiga da posição.

Maria Luisa moveu-se para readquirir a elasticidade muscular fazendo algumas distensões. A sua artística amiga afastou-se um pouco para melhor admirar o efeito da sua obra, segurando ainda na mão esquerda a palêta onde varias manchas de verniz e cor se ofereciam ao pincel dextro da pintora para a confecção das tonalidades requeridas.

Maria Luisa cobriu a sua nudez com um *peignoir* e veio colocar-se ao lado da sua amiga observando com admiração incontida a fiel reprodução do seu corpo.

Era uma tela que a fixava numa afrodisíaca atitude destinada a deliciar os olhos maravilhados do eventual espectador, como expressão maxima da

feminina beleza, despida de todos os artificios com que o mau senso, eivado de convencionalismos e tola pudicícia, entendeu dever falsear as reproduções artísticas do corpo da mulher.

«Verdade» se intitulava o quadro e, como tal, devia reproduzir o que as mãos habeis do Creador tinham moldado em palpitante e humana carne.

«Não está mal...» afirmou Maria Octavia, passeando o seu olhar penetrante por todos os detalhes da obra pictórica saida das suas mãos previlegiadas. E examinou cuidadosamente os contornos, o claro-escuro que traduzia fielmente os relevos, a coloração, a semelhança da fisionomia, todos os detalhes, enfim, em que puzera um particular cuidado.

«A semelhança é perfeita,» confirmava Maria Luisa encantada. «Parece que tem vida, Maria Octavia; tens uma habilidade rara...»

«Confesso que me satisfaz. Chego a supor que tenho talento...» disse a artista, modestamente, sem desfitar a pintura.

Estava na verdade magnífico aquele quadro que não deixaria de alcançar honroso prémio numa competição de arte.

Inspirado na primorosa alegoria da Rua do Alecrim e quasi em tamanho natural, representava uma mulher em toda a pujança duma estonteante formosura, como era Maria Luisa, de braços abertos e ligeiramente arqueados, os dedos desunidos, mostrando, a sorrir, de frente e sem o menor sintoma de pudorosa ou falsa vergonha, todos os mimos com que a Naturesa houve por bem cin-

zelar a carne feminina. Pisava um chão de folhas mortas dispersas pelo hálito do outono num qualquer recanto risonho a que um veio de agua azulada, ao fundo, dava uma graciosidade edénica com a sua vegetação marginal onde sorriam, a espaços, pequeninas flores campestres de cor discreta.

Belissimo como perspectiva e composição, nada lhe faltava para o classificar de primoroso e de indiscutivel «Verdade», pois nem sequer lhe faltava a mancha que aveludava a base do ventre da formosa Maria Luisa e que Maria Octavia nunca desistia de pintar nos seus quadros de nu feminino, opinando que tornar esse local desprovido da camada pilosa com que o dotou a Naturesa o mesmo seria que pintar uma cabeça de abundante cabeleira como se fosse calva!

Achava idiota e «pires» esse pudor ignóbil que obrigava, desde séculos, os artistas do pincel e do buril a velar com *gazes* inexplicaveis uma parte do corpo que um convencionalismo parvo classifica de «vergonhosa». E revoltava-se:

«Vergonhosa, porquê? Porque denuncia o local que a Naturesa destinou para Templo do prazer amoroso? Olhem a grande razão! Esse mesmo prazer, minha querida Maria Luisa, não é nenhuma prática «vergonhosa» de que devamos córar. E', muito simplesmente, a fase inicial, a origem da existência que Deus quiz que começasse por um extase fugaz para terminar, — quantas vezes! — numa angustiosa dor!»

Maria Luisa concordava plenamente com o donto de vista da Octavia:

«Decerto... Decerto...»

«Essa mesma fenda do corpo feminino» continuou a pintora «é a porta que se abre para franquear a Estrada da Vida a cada novo ente que os misterios insondaveis da Providência ageitam na profundeza dos flancos da mulher. Basta essa função sublime para tornar essa abertura respeitável e venerada!»

E, sempre acalorada, incapaz de dozear a sua indignação:

«Mais «vergonhosa» é a região adjacente para o lado de traz, que nada tem a embelezal-a na imaginação e por onde são expelidos os nauseabundos restos digestivos! E, contudo, quando os artistas reproduzem uma nudez vista de costas, não ocultam com veus as protuberancias carnudas desse local que serve tambem á nossa comodidade quando nos sentamos. Então para que velar a outra parte, se a divina finalidade para que foi creada a enaltece e nimba de idealismo e poderoso encanto?»

Estava vermelha, apoz a sua tirada. Maria Luisa interpoz:

«E' um contrasenso, mas que queres tu?»

«E' um contrasenso, se não lhe quizeres chamar parvoïce. Contrasenso, como tantos outros, que não quer compreender a estultícia das gentes a quem uma religião falseada orienta pelas veredas da hipocrisia, em vez de os ensinar a amar devotadamente o «Belo» e a «Verdade».»

Maria Luisa acrescentou em plena comunhão de ideias:

«A imoralidade só existe, no fim de contas, na

mente obscura e carola dos pacóvios e pobres de espirito, mas nunca na das pessoas de raciocinio saüdavel e normal...»

«E' isso, justamente, querida. Faz-me zanga tanto absurdo» continuou Maria Octavia. «Não se privam os artistas de pintar ou esculpir o apêndice viril do homem, mas privam-no do revestimento com que a Naturesa o cobriu. Porquê? O mesmo fazem ao corpo da mulher. Isso não passa duma mutilação para que não encontro outra designação senão esta: imbecilidade.»

E, apontando o quadro, disse ainda:

«Os idiotas vão achar «escandalosa» aquela mancha. Pois que achem o que quizerem. Eu reproduzo, não mutilo. O meu pincel não é depilatório!»

Calou-se por um momento e continuou:

«Na Grecia antiga as mulheres depilavam-se por completo, excepto na cabeça, por quererem assemelhar-se ás estatuas das Deusas. Compreendia-se, portanto, a auzência de manchas representativas de pelos nas obras de arte onde os não havia no original. Hoje não. Esse narcizismo das mulheres helênicas já quasi inteiramente se perdeu...»

Maria Luisa tinha-se vestido emquanto a Octavia despia a bata e arrumava os pinceis e ambas se sentaram a tomar a costumada chávena de chocolate. A luz difusa do compartimento cedeu o logar a uma claridade mais viva ao abrirem a janela, ao mesmo tempo que uma lufada de ar iodado penetrou nos pulmões das duas amigas.

Em baixo, na estrada, passavam numa vertigem, como meteóros, os taxis e os *cabriolets*, a caminho

de Cascaes ou de Lisboa, businando os seus *klaxons* roucos para aviso dos peões.

A tarde estava amena e convidava a um pequeno passeio como aperitivo ao jantar. Formigavam nos arruamentos, na estrada e na praia os banhistas e os adventícios vindos de Lisboa a dar uma «vista de olhos» por aqueles sitios da baía desde Oeiras á cidadela.

Eram já decorridos oito dias desde que Maria Luisa se filiara no rancho da Maria Octavia com o seu *maillot* cor de carne que tanto lhe realçava os encantos. A curta distancia dava a impressão de que se banhava totalmente nua e tornava-se o fulcro das atenções geraes com grande desespero das meninas anémicas e esbrugadas que proibiam terminantemente aos respectivos pretendentes que dansassem com aquela rival terrivel — mulher de pecado na classificação delas — e pela qual se haviam já roçado com intimos estremecimentos, no turbilhão dansante, todos aqueles que a chefe do grupo acolhia com benevolência e simpatia.

O seu êxito fôra completo: na praia com a promessa dos seus primores corpóreos; no Casino com a ilusão da posse no enlaçamento de alguns minutos.

O hoteleiro, galante como todos e tonto também com o ascendente que a linda jóvem sôbre todos exercia, presenteava os seus hóspedes com um novo dôce a que puzera o nome da formosa rapariga que êle tinha a honra de albergar sob os seus tetos.

Até mesmo aqueles que ordinàriamente não co-

miam dôce, passaram a não dispensar êsse apetitoso pitéu em que se esmerava o Julião — o cosinheiro — saboreando a iguaria com dentadas pequeninas e gulosas como se tivessem a dita de mordiscar a carne ansiada de Maria Luisa que se tornaria propriedade de algum deles. Mas qual?

Qual deles seria o feliz mortal que acabaria por dispor a seu bel-prazer daquela «sorte grande»?

Já alguns tinham rondado a Maria Octávia que devia, necessàriamente, estar no segrêdo das preferências e secretas ambições da sua preciosa amiga. E tinham ficado desapontados quando a ladina artista os desiludira, fazendo-lher saber que Maria Luisa detestava, justamente, o defeito mais visível que êles evidenciavam.

Dissera a um, em ar de troça:

«Ela não pode tragar homens loiros. Tal qual como eu... São sempre horríveis.. »

E deixara-o a pensar no recurso às tinturas. A outro destruira-lhe as esperanças, afirmando:

«Nada feito. Você é fraquito e ela só se apaixonará por um homem atlético...»

No dia seguinte êste pretendente tinha instalado no seu quarto um verdadeiro ginásio. Ainda outro sentira como que um balde de água fria na espinha ao ouvir Maria Octávia assegurar-lhe:

«Outro ofício, meu velho. Ela só aprecia homens cultos, que falem linguas e que tenham préstimo para alguma coisa. Ora você não passa dum vàdio de praias...»

Dentro em pouco, est'outro acompanhava com freqüência *miss* Temple quando dava lição à Carlo-

tinha. E balbuciava, a medo, ante o sorriso da ruiva inglesa, apontando:

«*The sea... the beach... the summer-place... the railway.*»

E ela, sempre a sorrir e mandando mentalmente ao diabo aquele maçador, respondia invariàvelmente:

«*Yes... yes...*»

A' janela do *studio* continuavam as duas amigas olhando o mar, até à curva nítida do horisonte, o perpassar do povo na estrada e os dois formigueiros de gente na ponte que vai dar à praia, movimentada também àquela hora.

Do «Internacional» chegavam, diluidos pela distância, os acordes da melodia acariciadora dum tango em moda que Maria Luisa secundava, batendo o compasso e tamborilando o peitoril da janela. E a tarde descia, suave e tépida.

«Com mais duas ou três sessões teremos a nossa obra terminada. Depois faremos outra se for do teu agrado...» disse Maria Octávia ao mesmo tempo que, com um aceno de cabeça, lhe apontava a Antonieta conversando com um sujeito de idade madura que caminhava a seu lado pela estrada.

«Aquilo será para durar? preguntou Maria Luiza, olhando o par curiosamente.

«Parece. Quando um homem daquela idade se enamora o caso é sério, quási sempre...» respondeu a Octávia.

«Ele é idoso mas bem parecido. E' brazileiro, não é?» voltou a inquirir Maria Luiza.

«E'. E parece que dispõe no Pará de grossos

cabedais. Tenciona levá-la quando regresse. Oxalá que ela seja feiiz, que o merece...»

Era êle o causador da tal «dôr de cabeça» de que, no dizer de Maria Octávia, padecia Antonieta na manhã da chegada de Maria Luiza á Costa do Sol. Era natural que assim acontecesse e que lhe doesse mais alguma coisa, visto que a noite anterior não a esqueceria mais a galante rapariga! Sabiam todas as do rancho que o senhor brazileiro tivera a boa sorte de colher as primícias da jovem que havia cedido à cativante liberalidade de que êle dera provas e à sua promessa de a levar para o Brazil onde, se ela se portasse com juizo, acabaria por desposá-la.

Passaram tambem a Candida e a Maria do Ceu com os respectivos *flirts* escoltados pelas mamãs.

E a conversa das duas amigas derivou para o matrimónio.

«Nunca pensaste em casar, Maria Octávia?» preguntou Maria Luisa, num tom de indiferente curiosidade.

«Não me dá cuidado o casamento», respondeu a interrogada. «Como tenho a boa sorte de ser independente sob o ponto de vista material e com as ideias que nutro a respeito do Homem e do Amor não perco um minuto a pensar em semelhante eventualidade. Sou muito senhora da minha vontade. Creio que não me daria bem...»

«E' sempre uma sujeição a uma vontade estranha, quási sempre em oposição à nossa, isso é verdade...» confirmou Maria Luiza, sonhadora.

Que não tivesse dúvidas a respeito disso, se-

guiu dizendo Maria Octávia. Uma vez embirravam os maridos com o comprimento da saia, outra vez com o corte do cabelc, outra vez ainda com o decote: um nunca acabar de imposições tirânicas que tornavam a vida conjugal numa escravidão.

Ela queria ser livre para se enfeitar como muito bem entendesse, segundo a sua fantasia e capricho. Sentia-se feliz com as compensações que da vida tirava não a achando enfadonha, por emquanto. Sem que chegasse o tédio, ou sem que lhe viesse o desejo ardente de crear um filho não aceitaria oferecer o lindo pescoço ao jugo matrimonial.

Assim, solteira, era mais desejável, fazia melhor a felicidade do homem que a gozava e sentia-se mais ditosa.

«E já houve «consequências»?» preguntou Maria Luisa com intenção.

«Já. Duma vez tive um verdadeiro desejo de dar à luz e criar o filho que se agitava no meu ventre. Mas, casualmente, aquele que me fizera gerar o «crianço» revelou disposição para tirano, o que eu não tolero no que, porventura, se tornar meu marido.»

«Os homens assim tornam-se detestáveis, com efeito,» corroborou Maria Luiza. «Entendem que a mulher com quem casam perde todos os direitos a conservar a sua individualidade própria no casal e pretendem transformá-la numa coisa inerte que só eles poderão manejar...»

«Comigo perdem o seu tempo, minha boa Luisa. Aquele respeito que eles exigem, eu o guardo, mesmo na forma como actualmente vivo.

Eu nunca fui mulher para dois ao mesmo tempo. Outro tanto já não podem dizer essas matronas pudibundas que aparentam escandalisar-se com o nosso rancho porque fumamos, porque mostramos ousadamente as formas, porque convivemos com os rapazes numa atmosfera de fraternidade e de *camaraderie* que as horrorisa. Essas, com o seu pudor de encomenda e «para inglês ver», fazem-na pela calada o que, sem dúvida, é bem mais indecoroso!»

«Com a agravante de algumas delas serem casadas...» confirmou a amiga.

«Não vamos mais longe. Aquela que ali vae...» — disse, apontando uma senhora elegante e forte de carnes que, pelo braço de uma amiga, se encaminhava para a praia. E fulminou-a:

«Emquanto o marido está por Lisboa no emprego, permite essa «honrada senhora» que o amante lhe saboreie os maduros encantos no quarto do hotel. Tudo se sabe, por mais que o disfarcem...»

«E' a tal que meteu a criada no segredo? interrogou Maria Luisa que soltou uma risada, ao lembrar-se da aventura da irmã, na Curía, dois anos antes.

«E'. A criada contou ao namorado e este, por sua vez, contou a quem quer que foi. E assim se chegou a saber.»

«São essas as verdadeiras sem vergonha. E falam das outras! Ao menos nós, as raparigas, não devemos satisfações a ninguem pelo que fazemos. Dispomos do que é só nosso...» continuou, revoltada, Maria Luisa.

«E' para que vejas. Mas, voltando ao assunto: aquele que quizer despozar-me deverá ser desempoeirado e moderno de ideias, o meu verdadeiro *pendant*. Emquanto não aparecer não faz cá falta. E talvez nem apareça...»

«E's dificil de contentar, como eu. E esse rapaz de marinha que é agora o teu amado?»

«Desse, gosto a valer. Mas nunca abordámos a questão dum possivel casamento. De resto, não sei se esta paixoneta durará. Por vezes tenho acessos românticos; mas passam depressa, com grande mágua da boa tia Isabel, coitadita...» acrescentou, com um sorriso de bondade, a meiga rapariga.

E contou a Maria Luisa o assombro, o terror da tia Isabel quando descobriu, por uma carta extraviada, que a sobrinha tinha perdido a flor virginal colhida num daqueles ataques sentimentaes a que Maria Octavia chamava, troçando de si mesma, crises de estupidês.

A pobre senhora não podia conformar-se. Falava de se queixar á policia, punha as mãos na cabeça, choramigando:

«Ai a minha pobresita que está perdida! Ai a minha prenda que está desonrada!»

E Maria Octavia riu, aquietou a sua escrupulosa tia a quem adorava deste muito pequenita e tentou fazer-lhe compreender que não devia assustar-se porque «aquilo» era um incidente banal da existência. Queria ser independente como os homens, gosar a vida sem peias e sem admitir a brutalidade disso que se chama um marido; assegurou-lhe que se entregara de plena vontade sem

que o seu possuidor a tivesse seduzido com palavras enganadoras.

Sabia muito bem o passo que dera e dera-o com satisfação dupla: por curiosidade e para fazer a felicidade do homem a quem amava, segundo lhe parecia.

O casamento, no seu entender, não era a meta a que deve pretender chegar a mulher, neste mundo; era, apenas, um episodio social que as conveniências impunham ás que queriam viver no circulo, apertado como tenaz, da sua tirania. Mas ela burlava-se das conveniências e era feliz assim.

A boa senhora, ameigando muito a sua menina a quem amava como se sua filha fosse, não se dava por convencida. Aquelas ideias modernas não as podia conceber o seu cérebro, moldado por outra fôrma, receoso do Inferno e temeroso de ofender o Altíssimo.

«Qual Altíssimo?» preguntava a sobrinha. «Em que se ofende o Altíssimo porque uma femea vibrou em plena comunhão com o macho da sua escolha?»

E, sem notar o que havia de infame dentro das suas acanhadas teorias de seriedade e decência, tinha alvitrado a tia Isabel que talvez houvesse forma de ocultar a «falta» com um certo geito... Talvez o futuro marido de Maria Octavia «não desse por isso»...

Mas a rapariga tinha-se posto séria e, fitando-a de frente, dissera-lhe:

«Isso nunca. Não sou de qualidade para enganar seja quem for. Quem me quizer, ha de ser

como eu estiver e não terei dúvida alguma em lh'o fazer saber. Ou é parvo e não aceita e então: Boa viagem!; ou é rasoavel, sem teias de aranha nos miolos, e então: Estou por aqui...»

A conversa seguiu por alguns minutos até que Maria Octavia aludiu á relativa conformidade em que se fechara a tia Isabel, ao verificar que o que não tem remedio remediado está.

E sentenciou, de seguida:

«Para um homem sensato, a existência ou ausência duma ténue película na mulher apetecida não tem a minima importância...»

«Mas eles são tão egoistas que entendem dever saborear a femea á vontade antes de se ligarem a uma pelo casamento, mas não admitem que ela tenha o direito de fazer o mesmo!...» interpoz Maria Luisa, com raiva.

«Fortes parvos! Faz nojo tanta incoerência!...» acrescentou a Octavia com um encolher de hombros, expelindo uma baforada da cigarrilha que acabava de acender.

Bateram á porta do aposento. Era a Odette, que subira para um pouco de má lingua.

«Trago noticias frescas,» disse, tomando logar á janela entre as suas duas amigas.

«Que há?» preguntou Maria Octavia. Algum escândalosito?

«Dois,» informou a recemvinda. «Um de Cascaes, outro de cá.»

Contou que de Cascaes fôra raptada naquela tarde uma menina pelo namorado a quem os paes da jovem não queriam consentir que lhe falasse.

Tinham ido, ao que constava, para Sintra em veloz automovel.

«A clássica viagem de núpcias antecipadas...» comentou Maria Luisa.

«Agora assobiem-lhe ás botas... A estas horas «já voaram»...» rematou Odette. E riu, zombeteira.

Riram todas, figurando na sua imaginação o possivel enleio da menina, num quarto banal de hotel de passagem, a sós com o namorado que, febril e ansioso, a despia para se assegurar a propriedade dela antes que a autoridade viesse, trazida pela denúncia paterna. Já seria tarde, então.

«Sintra é tão perto que não teriam ido para lá... Talvez Azenhas do Mar ou Santa Cruz que são locaes menos vigiados...» disse Maria Octavia.

«Ou Caldas da Rainha... talvez Figueira da Foz... Eu, no caso dela, queria um sitio afastado...» acrescentou Odette.

«Efectivamente, Sintra é muito poético para esse efeito... Mas, á força de ser escolhido por toda a gente, já se tornou banal...» afirmou Maria Luisa.

«A minha primeira escaramuça foi travada na Figueira...» informou Odette. E, para Maria Luisa:

«E tu, onde te rendeste?»

«Ainda não fui atacada a fundo, minha querida...» respondeu com um sorriso a interpelada.

Odette abriu desmedidamente os olhos como quem ouve afirmação que não é crivel e olhou para Maria Octavia que confirmou:

«A nossa querida Maria Luisa aguarda ainda a chegada do seu Romeu...»

«E' boa! Não o acreditaria se outrem o dissesse. Mas como são vocês...»

E, olhando para Maria Luisa, disse-lhe, compassiva:

«Pobresita! Lamento-te...»

Uma gargalhada das outras duas acolheu a amistosa lamentação.

«Agora a outra novidade: o *D. Maria* foi apanhado em flagrante com um criado do hotel...» disse, gosando o efeito da sua informação.

«Brrr...» fez Maria Octavia, enojada. «Trinta mil raios o partam!...»

«Que asco!» completou Maria Luisa com uma careta.

A Odette informou Maria Luisa que se tratava dum efebo muito janota, muito fino, muito bonito, que usava monóculo, tinha fortuna e gostos contra a Natureza. Tinha nascido homem por engano porque toda a sua tendência era para imitar as mulheres: no modo de falar, na gesticulação, no menear dos quadris, em tudo quanto tendesse a efeminal-o.

Usava cremes de belesa, tinha a sua borla de pó de arroz, depilava-se cuidadosamente e vestia roupas interiores de senhora: camisa e combinação com alças e calcinhas arrendadas...

«Parece impossivel!» comentava Maria Luisa.

«E mais», continuou a Odette «tinha seios postiços, de borracha, muito bem feitos segundo me informaram, para dar melhor a ilusão...»

«Ascoroso bicho! Safa!» voltou a dizer Maria Octavia, com náuseas.

E a Odette interrogou a Octavia:

«Lembras-te daquele rapagão forte que andava muito com ele, a principio, quando nós suspeitavamos de que ele fosse maricas? Sabe-se agora, de certeza, que era o «amante». Era um marujo que ele mantinha, vestia e calçava e que lhe apanhou um par de contos, ao que se diz... Depois «apaixonou-se» pelo criado que, em boa verdade, era um belo tipo...»

«Mas quem os surpreendeu?» perguntou interessada, Maria Luisa.

«Foi a Justina, a creada do meu hotel, que tinha um fraco pelo companheiro e andava despeitada por êle não lhe ligar nenhuma... Depois viu-o muito em volta do maricas, desconfiou e poz-se á coca. E quando os viu entrar para o quarto do hóspede espreitou e foi chamar o patrão...»

«E então?» interrogou Maria Octavia.

«Ele posto na rua imediatamente. O hóspede convidado a retirar-se...»

Apoz breve pausa, disse ainda:

«Eu, por curiosidade, gostava de estar num cantinho a observar... Devia ser interessante!...»

«Pois eu não, que havia de sentir ganas de lhe cuspir na cara...» vociferou Maria Octavia.

E Maria Luisa opinou:

«O que eu admiro ainda mais é a coragem de certos homens em praticar esse acto com outros homens!... E' impossivel que a ilusão seja perfeita! Com tanta mulher que há por ahi!...»

A Odette interveio para declarar:

«Deve ser o mesmo que uma mulher com outra mulher...»

Maria Octavia deitou fora a cigarrilha quasi consumida e protestou, com a sua autoridade de pessoa experiente:

«Não é tal!»

Maria Luisa confirmou, hesitante:

«Tambem me parece que não deve ser a mesma coisa...»

E Maria Octávia continuou:

«A uma mulher tôdas as fantasias são permitidas porque o seu papel, nesse comercio de excitação, é passivo, por natureza; ao passo que o homem, devendo ser activo por índole, achincalha-se, degrada-se, ao inverter a ordem natural das coisas. Procedendo assim, são como cães viciosos, são abjectos e porcalhões...»

Maria Luisa riu alto ao ouvir a ultima palavra. E, como Maria Octávia olhasse para ela, surpreendida, esplicou que aquele vocábulo lhe trouxera à mente uma sua amiguinha que o usava com insistente freqüencia ao referir-se ao sexo masculino em geral. Tinha-se lembrado da Irene.

A Odette, já convencida, replicava meigamente á Maria Octavia:

«Com efeito, estás vendo bem o caso. Tens rasão, como sempre...»

«E, comtudo, eu sou insuspeita em falar assim... Não cultivo o género...» rematou Maria Octávia, serenando.

Não tolerava o homem que não fosse «homem»

em todo o sentido. Quando topava com algum que tivesse ademanes mais adocicados, mesmo por galantaria para com as damas, torcia o naris e mandava-o mentalmente ao diabo. Falinhas meigas, gestos arredondados, monóculos petulantes e passinhos de pisa-flores eram detalhes que lhe punham os nervos em tensão.

Pelo contrário, acolhia com simpatia benevolente todo aquêle que tratasse as mulheres — inclusívè ela própria — com discreta sobranceria polvilhada de urbanidade.

Bateram novamente à porta do *atelier*. Era a criada.

«Uma carta, menina Maria Octavia...»

«Querem ver que, também hoje, não pode vir?» disse, com uma ponta de mau humor. «Malditas prevenções que o retêm quando eu o quero ao pé de mim!...»

Foi abrir e verificou que eram duas cartas e não uma.

«Então tu dizes que é uma carta e são duas?» preguntou à criada.

«Uma maneira de dizer, menina. Tanto faz...»

E a criada foi-se, sorrindo estupidamente.

Maria Octavia leu rapidamente a carta do amado que lhe anunciava a vinda naquela noite. A prevenção terminara e Maria Octavia sorria, encantada com a prespectiva duma noite em cheio.

«Sempre vem...» informou.

«Temos *soirée* de gala...» disse a Odette, envolvendo-a num olhar de carinhosa amisade.

«Se Deus Nosso Senhor quizer...» confirmou a pintora.

Abriu a outra carta e leu a assinatura: era da tia Joana.

Percorreu-a com a vista rapidamente e, quasi no fim, exclamou, com visível e surpreendida satisfação:

«Ah!»

Olhou depois para as suas amigas com uns olhos em que fulgia uma alegre espectativa.

«O que é?» inquiriu, curiosa, Maria Luiza a quem se transmitira a satisfação da amiga querida.

Maria Octavia comunicou-lhes a novidade:

«Meu primo Eduardo veiu passar as férias em Portugal. Ha oito anos que não o vejo. Diz a tia Joana que virá visitar-me e passar uma temporada aqui comigo, que o mesmo é que dizer comnosco.»

«Ótimo. E donde vem êle?» preguntou a Odette.

«De Inglaterra,» informou Maria Octavia. «Este é o ano das boas surpresas para mim: primeiro a Maria Luiza; agora o Eduardo que deve estar um magnífico rapaz...».

«Pela minha parte fico ansiosa por conhece-lo» afirmou Maria Luisa. «E' da tua edade?»

«Não, é mais velho. Ahi uns trinta anos. Mas que linda ideia êle teve!...»

«O que faz êle em Inglaterra?» preguntou a Odette.

«E' engenheiro duma empreza industrial. Creio que interessado nos negócios da firma».

E, radiante com a noticia, abraçou-as, concluindo:

«Vamos ter um agradavel fim de temporada, minhas queridas...»

«*Amen*», disse a Odette.

«Que venha quanto antes,» acrescentou Maria Luisa. «Será bemvindo ao cenáculo das *sans-culottes*...»

E desceram a gosar o fresco daquela suave tarde crepuscular.

VIII

Um incidente na estrada

A manhã estava encoberta o que era uma vantagem contra o sol faiscante e, por vezes, intoleravel dos ultimos dias.

Mesmo assim, á cautela, quasi todas as banhistas tinham levado as suas sombrinhas, não fosse o radiante astro abrir caminho por entre as nuvens e fritar os miolos a cada uma.

Na mancha azul da baia apenas dois ou trez barcos de recreio cortavam as aguas, muito perto da praia, no meio da alegria da petisada que levavam a bordo.

O «Tejo», um grande e formoso cão-lobo, nadava na esteira de um deles que conduziu o seu minúsculo dono, um garotito de dez anos que se divertia atirando a distancia uma varita que o animal lhe trasia na boca para êle a atirar de novo.

Trez ou quatro pequenitos brincavam com grande alarido, na orla da agua, com uma grande bola colorida por sectores e, sob os toldos, inuteis naquele momento, costuravam ou liam as mamãs

emquanto os que se preparavam para o banho passeavam ou esperavam, deitados sobre a areia, que a animação crescesse.

Estava proxima a hora do meio-dia em que é grande a afluência á praia. No local costumado em que as *sans-culottes* se exibiam com o á-vontade que era nelas uma regra, estavam apenas trez: a Odette, a Candida e a Maria do Ceu, todas hóspedas do «Italia» e que ordinariamente vinham juntas aguardando a chegada das trez amigas hospedadas no «Miramar» se elas as não precediam.

Estavam também os inseparaveis *flirts* da Odette e da Candida: o Vasco e o Alcino, sentados na areia junto das duas apetitosas jovens que lhes sorriam conversando sobre banalidades.

O rosto da Maria do Ceu iluminou-se quando viu o Horta, que lhe fazia uma côrte desesperada, descer a escada que dá acesso á praia. O pobresito andava quasi em brasas, mas o diabo da rapariga ainda não achava horas de acalmar aquele incendio devorador...

O Horta invejava secretamente os outros dois que, ao que parecia, estavam mais proximos da chegada... Desconfiava disso pela tranqüila serenidade sorridente que eles aparentavam e que não afinava com a sua propria inquietação nervosa e depreendia de ahi que o Alcino e o Vasco tinham sido mais felizes na escolha.

Dissera-o já a Maria do Ceu que apenas lhe consentira um beijo longo, interminavel, e que não tinha tido «bis» como ele queria:

«Você desmente o seu nome. Não é do Ceu,

é do Inferno porque me traz neste desespero enorme. Aquêles—e apontava os outros dois—são com certeza mais felises a estas horas...»

«Você está doido!» replicava a travessa rapariga. «Devem estar na mesma altura em que você está... O que são é mais pacientes... e menos apressados do que você, seu traste...»

E sorria-lhe, a desmentir o epíteto. O Horta meneava a cabeça, como quem não acredita e voltava a tentar convencel-a da grandesa infinita daquele amor em que êle, havia mais dum mês, se consumia por ela.

Demais sabia a Maria do Ceu que as «alturas» em que iam os três adoradores eram diversas: sabia que a Odette já se tinha resolvido a fazer a felicidade do Vasco, abrindo-lhe os roliços braços acolhedores, e que a Candida caminhava a passos largos para a mesma caritativa atitude para com o Alcino, sempre suplicante, disendo-lhe ao ouvido palavras inflamadas que punham vibrações intensas nos nervos da sua pretendida.

Ela, Maria do Ceu, divertia-se a enfeitiçar o seu apaixonado que talvez se resolvesse a morder a isca do matrimonio se visse que, de outra forma, lhe seria impossivel alcançar o que tanto dizia desejar. Era um bom partido. Convinha ver o que aquilo dava.

As mútuas confidências das seis raparigas punham-nas em contacto directo com a evolução dos seus respectivos amores sem necessidade de bisbilhotices ou indiscreções entre elas. Eles, cavalheirescamente, nada diziam uns aos outros ao que,

de resto, se haviam comprometido com elas sob palavra de honra.

Os «mirones» lá andavam fazendo o seu quarto de sentinela no extenso areal que vae até S. João à espera que abrisse a «exposição» de todos os dias, á mesma hora. Vinham de Cascaes, das outras praias da linha e até de Lisboa, atraídos pelo isco da semi-nudês que se dizia exibir-se na Costa do Sol, como «lá fora»...

Era um espectaculo que divertia as banhistas, no agarotado e picante desejo de ver luzir a pupila dos homens e senti-los sorver o ar pelo nariz, — sinal revelador da masculina emoção! — no momento em que elas se decidiam a despir as *robes* que as criadas recolhiam, para lh'as colocar pelos hombros á saida da agua quando elas, como que diziam, num sorriso trocista:

«Pronto, acabou-se... Por hoje não ha mais...»

E gargalhavam entre elas sentindo, como setas penetrantes, os olhares convulsionados dos «expectadores» cravados nas suas pessoas, pelas costas, emquanto se dirigiam para debaixo dos toldos.

Advinhavam que «eles» as despiam na imaginação e faziam ideia do que diriam esses tratantes, apreciando, comentando, comparando...

Que importava? Que fossem para o diabo mais a sua má-lingua, inconveniente e suja!...

Maria Luisa desceu com a Antonieta tencionando trazer a Maria Octavia. Mas a criada tinha informado que a menina ainda não havia tocado a campainha o que era sinal de que demorava. Lá iria ter, por certo.

E as duas *sans-culottes* desceram a escadaria que vae dar á Avenida Saboia.

A Antonieta ia dizendo:

«E' que está lá o tenente... Ela tem bom gôsto... Ele é um perfeito rapaz...»

Maria Luisa interrogou:

«E tu como vaes com o teu brasileiro?»

«De vento em pôpa... E' doido por mim... Tenho a certeza de que ha de fazer-me todas as vontades...»

«E' justo» acrescentou Maria Luisa «já que apanhou o melhor, dê a recompensa...»

«Quer levar-me para o Brasil... Mais tarde, diz ele, é possivel que case comigo. Isso importa-me pouco, na verdade... A mamã é que diz ser mais bonito...»

«Mas gostas realmente dêle?» inquiriu a outra.

«Preferia que tivesse menos uns dez anos... Mas que se ha de fazer senão aceitar o que aparece? A nossa situação estava-se tornando um tanto difícil... Por isso sou-lhe grata...»

E foi então Antonieta quem interrogou:

«E tu? Não te resolves a aceitar algum dos muitos que te fazem a côrte?»

Maria Luisa encolheu os hombros:

«Entre esses todos não vejo um só que se aproveite... Sou um pouco exigente, sobretudo tratando-se do primeiro... Não estou resolvida a entregar-me a qualquer bonifrate...»

«Eles bem suspiram á tua volta, coitados... e com razão porque és uma linda mulher...»

«Obrigada», agradeceu Maria Luisa. «Tenho

fé que êle ha-de aparecer. Naturalmente faz-se esperar para ser mais apetecido...»

«Talvez. Aludes ao teu sonho, não? Tinha graça se as coisas se passsassem como o teu presentimento as ditou...»

«Vamos a ver. E já tarda, que eu começo a sentir-me nervosa... Receio que voltem os taes horriveis sonhos...»

«A Maria Octavia já me contou... Lamento-te, que isso deve ser arreliento...»

Sem darem por isso tinham parado na base da escadaria. Mas como Maria Octavia não desse sinal de si, continuaram a caminhar. Iam em trajo de banho, colante como sempre, e que tanto fazia realçar os admiraveis contornos de Maria Luisa como das restantes.

Sobre a malha tinham envergado as *robes* e conduziam na mão os sapatos de banho e a touca impermeavel.

Retomaram o fio da conversa atravessando a passagem que liga a Avenida Saboia com a estrada paralela à via férrea.

«Felizmente o mais grave já passou, aqueles terríveis ataques nervosos que me arrazavam...» continuou Maria Luiza.

«Eu nunca tive disso, por felicidade. O meu temperamento é calmo... mas conheci uma pequena que ia ficando doida com essa brincadeira» informou Antonieta. E, boa rapariga:

«Deus permita que encontres o homem que desejas e com quem sonhas... De todo o coração te auguro venturas...»

«Obrigada, Anto ie...»

Não acabou a frase que foi cortada por um «ah!» de susto que a obrigou a dar nm salto involuntário. Ia quási tombando a Antonieta que caminhava à sua direita, enlaçando-a pela cintura com a mão esquerda.

Na distracção da conversa não tinham dado por dois cavaleiros que vinham do lado do Estoril e passavam nesse momento em frente do «Miramar» no preciso local em que a estrada liga com o caminho que vai dar ao hotel.

Uma lindissima egua branca fôra a causa do susto que arrancou o grito de Maria Luiza. Logo o cavaleiro susteve o formoso animal que se havia empinado, acariciando-lhe o pescoço longo e nervoso.

«*Quiet, Dinorah... don't be frightened...*» impoz o cavaleiro ao animal já socegado.

«Ai, que grande susto!» disse Maria Luiza com a mão sobre o arredondado seio esquerdo, sob o qual sentia ainda bater o coração com fortes palpitações marteladas. E acabou por sorrir á sua amiga e ao cavaleiro que nela fitou um olhar cativado.

Pela abertura da *robe* entreviu êle as bem modeladas pernas nuas da banhista e as proeminências hemisféricas do seu formoso busto encoberto pelo *maillot* azul celeste, listado de oiro.

«*I expect she's unharmed...*» pronunciou uma voz meiga e musical. Era a voz da companheira do elegante cavaleiro, aparentemente estrangeiro.

«*I hope she's not...*» respondeu êle. E preguntou a Maria Luisa:

«Não se maguou, não é verdade?»

O timbre daquela voz era tão doce e tão másculo, ao mesmo tempo, que Maria Luiza palpitou ao ouvil-o.

Que não, fôra só o susto. O animal não lhe tinha tocado.

Ele informou, a justificar:

«Esta egua é muito nervosa... assusta-se facilmente... Embora eu a domine bem, chego a ter receio dos automoveis...»

A sua acentuação tinha um não sei quê que denotava ou um estrangeiro falando muito bem o português ou um português a quem uma prolongada falta de hábito de falar a sua lingua, tivesse viciado a pronúncia nativa.

E novamente Maria Luisa sentiu um estremecimento íntimo ao ouvil-o falar.

Era extremamente simpatico, duma natural elegancia, distinto no seu trajo de montar e falando sem o alambicado entono que ela estava habituada a ouvir aos «rapazes finos.»

A graça, correcta e viríl, com que ele tirou a sua *casquette* a saüdal-a, logo após o incidente, tinha-a positivamente encantado. A ansiosa inquietação com que lhe preguntou se se tinha maguado tinha-a convulsionado interiormente. Mas não o deu a perceber e, secretamente, quasi odiou aquela rapariga, inglesa ao que parecia, que tinha a sorte de dispor dum homem tão cativante, como namorado, noivo ou marido.

E reparou que, para cúmulo, o donairoso cavaleiro era... moreno!

Devorava-o com o olhar embora sentisse o vago temor de que tal persistência não fôsse correcta e pudesse aborrecer aquela feliz estrangeira.

E, com mágua, dispunha-se a prosseguir o seu caminho com a Antonieta quando o cavaleiro, que dissera à sua jovem companheira qualquer frase que Maria Luisa não entendeu, se adiantou e lhe disse, a sorrir, com uma meiguice e gentileza que a fez empalidecer:

«Gentil senhora, a minha égua quer pedir-lhe perdão. . .

E falando ao inteligente animal, ordenou:

«*Dinorah, kneel down. . .*»

A égua fitou as orelhas e mostrou indecisão. Não estava habituada àquela voz. Mas quando a inglesinha repetiu a frase percebeu o que lhe era ordenado e as duas raparigas viram, surpreendidas, o interessante animal juntar as mãos e dobral-as pelo joelho quasi a tocar o chão.

Seguidamente a amazona intimou brandamente:

«*Beg the lady her pardon. . .*»

A egua branca curvou a cabeça e aproximou o focinho negro e luzidio dos dois joelhos juntos.

Maria Luiza ficou encantada:

«Coitadinha! Que amor!»

E acariciou repetidamente o animal chegando a encostar a sua face perfumada á faceira da égua branca que relinchou de visivel prazer.

«E o cavaleiro sente-se confuso pelo incidente mas, ao mesmo tempo, feliz pelo acaso deste dramático encontro. . .» voltou a dizer o companheiro da amazona.

«*She is lovely the young lady*...» disse ainda a voz terna da loira *miss*.

«*Oh yes, extremely*...» confirmou o cavaleiro moreno.

Maria Luisa, ignorando o inglês de que apenas possuia as vagas noções aprendidas no liceu, supoz que a *miss* estava já impaciente por seguir o seu caminho e deu a entender que não queria importunal-os maís:

«Vamos, Antonieta?» disse para a sua amiga. E para o garboso cavaleiro:

«Agradeço a amabilidade que acaba de ter para comigo. E' extremamente gentíl...»

E pensou, para si, ao mesmo tempo que lhe fazia um leve cumprimento de cabeça:

«E encantador, principalmente...»

Ele fez-lhe uma venia graciosa que a *miss* secundou com um sorriso e ambos puzeram os cavalos a passo em direcção a Cascaes.

Um pouco mais adiante êle voltou-se na sela para cumprimentar de novo. Maria Luisa correspondeu, bem como Antonieta, enviando-lhe outro desses olhares intencionaes, impregnados daquêle flúido especial que só conseguem captar outros olhos quando sincronisados com os emissores como delicado receptor de T. S. F. que deixa passar as ondas errantes para só deter certas e bem determinadas vibrações do éter.

«E' um galante rapaz... um amor de homem...» disse Antonieta para Maria Luisa, logo que a silhueta desaparecida do cavaleiro tornou possivel a

esta ultima dar-lhe atenção, perdida como estava naquela contemplação absorvente.

«Não é verdade?» confirmou Maria Luisa, feliz por encontrar alguem que tivesse opinião concorde com a sua.

«Que pena que ele pertença àquela rapariga inglesa!... Deve ser o marido ou coisa que o valha... não te parece?»

«E' possivel... e pode não lhe ser nada... apenas um amigo que a acompanha a passeio...» disse Maria Luisa, aferrando-se á ideia de que o cavaleiro moreno pudesse ser livre, não deixando de procurar encontrar-se de novo com ela.

Aquela troca de olhares fôra eloqüente em demasia e não admitia dúvidas quanto á intenção.

Aquêle, sim, era um homem que correspondia ao padrão aparecido nos seus sonhos e de acordo com as suas preferências. Era cortês, elegante, culto; via-se que tinha mundo, sabia cortejar uma senhora sem se tornar enfadonho e arreliento como tantos que, atraídos pelas suas graças, tinham rodopiado em sua volta sem conseguirem arrancar-lhe mais do que disfarçados bocejos ou enganadores sorrisos que só a cortesia impunha.

E sentiu um principio de mal-estar ao ocorrer-lhe a ideia de que não voltassem a ver-se. Mas o seu íntimo segredava-lhe que não seria assim. Ele bem tinha visto que ela era banhista do Monte; talvez tivesse notado que ela vinha do «Miramar» e facilmente voltaria a encontral-a na praia, no hotel ou no Casino.

Era impossivel que aquêle seu olhar, tão suave

e tão caricioso, que a tinha trespassado até ao fundo da alma, tivesse um significado de mera curiosidade.

Sem dúvida alguma notara a formosura do seu rosto, talvez a perfeição das suas formas atravez da abertura indiscreta da *robe*...

«E' impossivel... é impossivel...» disse, falando consigo mesma, mas suficientemente alto para que Antonieta ouvisse e lhe preguntassse, curiosa:

«Impossivel o quê?»

«Estava falando com o meu coração... Dizia eu que é impossivel que êle não volte... Sinto que levou consigo um pouco de mim mesma...»

«Estou convicta de que voltará... Surpreendi-lhe um olhar daqueles que não iludem...» afirmou Antonieta.

«Pareceu-me isso também... mas quem está de fora vê melhor...» acrescentou Maria Luisa com o coração a bater tumultuosamente, a compasso com a sua ansiedade.

«Belo *flirt* para ti...» continuou Antonieta.

«E reparaste?» interrogou Maria Luisa «E' moreno...»

«Mas parece estrangeiro... A pronúncia portuguesa tem um ligeiro sotaque... muito ligeiro, mas nota-se...»

«Isso importa pouco... Se fosse êle, aquêle por quem eu suspiro nas minhas noites inquietas!? Oh! Antonieta, então sim, eu seria feliz, como vocês todas... Já não teriam fundamento as vossas lamentações irónicas...»

«Deus o queira, meu amor...»

Atravessaram a ponte. A praia animava, como de costume a essa hora.

«Lá vem ela...» segredaram alguns dos «mirones» vindos expressamente para a ver e rebocando amigos seus atraidos por aquêle acepipe.

Tinha-se levantado um pouco de vento que fazia esvoaçar as *robe*s sem prisão que as sugeitasse.

Maria Luisa aproximou-se com Antonieta do seu rancho onde só faltava Maria Octavia. Sob o largo chapeu de sol de trez metros de raio que era propriedade do grupo seguiam conversando em coisas fúteis, por causa da presença das mamãs, os trez conquistadores e as trez conquistadas quando Maria Luisa e Antonieta fizeram a sua aparição.

A Odette e a Candida, deitadas de bruços, balouçavam no ar as pernas nuas e um pouco tisnadas onde alvejavam, junto às nádegas, dois circulos brancos que o sol não queimara ainda. Brincavam com a âreia, entretendo-se a fazer túneis, emquanto os respectivos *flirts* conversavam de *foot-ball* fazendo previsões sobre a época futura. As mamãs costuravam e Maria do Ceu, um pouco afastada com o Horta, fazia acenos negativos de cabeça falando em voz baixa.

O desapontamento do infeliz conquistador denunciava a natureza da conversa e a razão das negativas da linda rapariga...

E em volta, circulando entre os toldos que se agitavam levemente nas estacas, passavam e repassavam os «visitantes» ansiosos por descobrirem a

vas redondezas de carne pela abertura dos decotes ou sulcos vincados sob a malha apertada moldando os corpos das banhistas.

Chegou por fim a Maria Octavia. Vinha um pouco pálida e com olheiras fundas.

«Não estás bem?» preguntaram-lhe, carinhosamente.

«Um pouco de fadiga... Isto não é nada...»

Ouviu-se o choro de uma creança que Odette reconheceu. Era o seu irmãosito. Num pronto se ergueu para ir ver de que se tratava. A' sua passagem por entre os pequenos grupos espécados na praia sentiu-se um leve murmúrio em que havia de tudo: desejo, ironia e estupidês.

O Vasco foi tambem. A tragedia que tanto afligia a creança era nada menos do que um naufrágio: o barquito de cortiça com sua vela, que o bom do Vasco tinha talhado a canivete para recreio do petiz, fôra levado pelas ondas. Já tinha sossobrado dezenas de vezes voltando sempre á superficie, por graça do patrono dos navegantes; mas naquele momento uma onda mais forte quebrara a amarra — um cordel seguro ao dedo do Dódinho — e o barquito seguiu á deriva, mar fora, levado pelo vento. Uma pavorosa catástrofe.

A Carlotinha não lhe pudera acudir porque, sem ir segura pelo banheiro, não se aventurava a entrar na agua.

Mas o choro convulsivo da criança depressa serenou quando o seu amiguinho lhe trouxe novamente o apetecido brinquedo com que se entretinha, á beira do mar, tempos infinitos.

A Odette, sempre travessa, saltou sobre as costas do Vasco que carregou com ela «ás cavalitas», como diz o vulgo.

A malha, retesada, subiu um pouco de cada lado deixando a descoberto um pouco da polpa rosada das nádegas a destacar da negrura do tecido e do queimado das pernas. Logo surgiram, nos vários grupos, certos comentários que é preferivel não reproduzir.

A agua estava «muito boa», segundo informava a Odette, e o rancho preparava-se para o banho quando um alarido para os lados do Estoril anunciou que algo de anormal acontecera.

Os banheiros corriam, corriam homens, afligiam-se as senhoras, choravam as crianças.

«O que foi?» preguntava-se de todos os lados.

«Alguem que se afogou, provavelmente,» disse Odette com um arrepio.

«Que horror!» repetiram as restantes, condoïdas, olhando sem compreender.

O Vasco, o Alcino e o Horta sairam a inquirir do que se passava para poderem informar o seu rancho que, de pé, assistia de longe á confusão que se estabelecera a meio caminho do Estoril.

Os banheiros traziam para terra, em braços, um corpo inanimado. Maria Octavia e Maria Luisa, impacientes, aproximaram-se. Tinha sido um rapazito de uns treze anos que se tinha aventurado mais do que convinha e que, perdendo o pé, estivera prestes a afogar-se.

Pessoas experientes aconselharam a respiração

artificial conforme as instruções afixadas na praia pela autoridade marítima. E assim se fez.

Um cavalheiro de meia edade e de aspecto grave que se declarou médico dirigiu os trabalhos; veio juntar-se-lhe, de ahi a pouco, um delegado dos Socorros a Náufragos e não tardou que o rapazito recobrasse os sentidos perdidos e a consciência da perigosa aventura que correra.

Maria Luisa interessava-se a ver a ginástica especial a que submetiam o rapaz em volta do qual se faziam comentários e se recordavam casos idênticos e de peores conseqüências nas varias praias de banhos do paiz. Mas uma vez afastado o perigo de vida, já não oferecia aquele espectáculo qualquer interesse que retivesse os espectadores da scena; apenas o pae do rapazito e um grupo restrito permaneceram em volta do médico e do sinistrado que ainda se conservava meio entontecido.

Os banhistas dispersaram e Maria Luisa aproveitou o ensejo, para segredar á sua dilecta amiga:

«Sabes? Tive uma grande emoção ha pouco...»

«Tambem eu, coitadito do pequeno...»

«Não se trata do rapazito...»

«Então?»

«Imagina que eu vinha para a praia com a Antonieta...»

E referiu-lhe o curioso e inesperado encontro, com o cavaleiro moreno, em cima, na estrada. Contou-lhe a troca de olhares, aquela telegrafia amorosa e de instantes que a tinha impressionado profundamente. E confessou:

«Fiquei tão perturbada como quando fumo uma

cigarrilha com ópio... Se o visses! Não é bonito, mas é um tipo muito interessante...»

«Eu, por mim, tenho em fraco apreço os chamados homens bonitos! Em geral são detestaveis. Não os tolero, nem a distância...» afirmou com um tregeito depreciativo a sensata Octavia.

«Fiquei pezarosa de o ver afastar-se... Deume a impressão de que me fugia, depois de ter levado um pedaço da minha alma...» acrescentou Maria Luisa.

«Estás apaixonada! Bonito serviço!...» troçou Maria Octavia.

«Desconfio bem que sim... Estou inquieta por que êle volte... Que te parece? Voltará?»

«E' naturalissimo. Como é ele?»

Contou-lhe Maria Luisa que era o exacto modelo da sua predilecção sobretudo no aspecto exterior porque, quanto ao resto, nada podia dizer ainda. Fez-lhe a descrição, tão fiel quanto possivel, sem omitir o detalhe de curiosa coincidência: o ser moreno.

«Tinha imensa graça se fosse êle, o tal dos teus sonhos... E não seria a primeira vez que se via um caso assim... Eu acredito na telepatia...» disse-lhe, a encorajal-a, a boa Octavia.

Pela praia, salpicada de *maillots* de tons vivos, continuavam pulando as crianças com grande chapeirões de palha grosseira nas cabecitas de anelados cabelos. Dentro de agua mergulhavam dezenas de banhistas dos dois sexos destacando-se as damas, pelos seus gorros coloridos, por entre as ondas de pequeno relevo.

O Dódinho ia perdendo, a pouco e pouco, o medo á agua desde que começara brincando com o barquito que lhe oferecera o Vasco, tornado industrioso com as satisfações que lhe proporcionava Odette. Já não chorava tanto o pequenito quando o banheiro lhe fazia dar um mergulho limitando-se a soprar desesperadamente a agua que lhe molhava a boquita e lhe sabia mal.

A Carlotinha, cada vez mais queimada pelo sol, insistia agora com *miss* Temple para que fosse também tomar banho ao que ela acedeu dando-lhe as primeiras lições de natação. Estava radiante a garota, uma futura linda mulher como tinha sentenciado a Octavia notando-lhe as incipientes formas a desabrochar.

E o rancho das *sans-culottes* entrou na agua com a costumada vivacidade e alegria que, só por si, enchia a praia de animação e de vida. Os três namorados foram-lhes no encalço e, dentro em pouco, o Vasco, o Alcino, a Odette e a Maria do Ceu iam longe, caminho do Estoril, numa corrida de natação em que os dois homens nem sempre levavam a melhor.

O Horta desesperava-se por não saber nadar para acompanhar a sua esquiva e pouco «celeste» amiguinha. Ficou, como juiz de chegada.

As restantes quatro do grupo, embora a Maria Octavia nadasse, preferiram «pairar» em frente do Monte, beliscando-se debaixo de agua com risadas nervosas.

Rebocada por *míss* Temple chegou a Carlotinha com um «Olá! Passaram bem?» entusiàstica-

mente correspondido. A Octavia pegou na pequenita pelas espáduas, Maria Luisa fez-lhe o mesmo pelos pés; as duas restantes pelas ilhargas e, elevando-a sobre as suas cabeças com os braços retesados, encetaram uma procissão com agua até ao peito entoando em coro, pausadamente, em estilo de ladaïnha:

«*Sancta Maria, ora pro nobis...*»

Na praia toda a gente ria. A Carlotinha soltava gritinhos de medo, naquela posição em que a levavam, de barriga para o ar e com os braços pendentes, procurando agarrar solidamente os hombros da Maria Octavia. Na esteira da «procissão» seguia *miss* Temple nadando, ora de bruços ora de costas. O Horta, isolado, aborrecia-se com a falta de companhia e, em terra, as criadas da Odette e da Cândida conversavam, muito derretidas, com dois cabos de Artilharia de Costa, de Caxias, dando-lhes amorosas cotoveladas como resposta, por certo, a qualquer proposta atrevida dos defensores da Pátria...

«São levadas do diabo, as raparigas...» dizia um sugeito idoso, olhando aquele simulacro de festa dentro de agua.

«Teem vida e teem piada...» confirmava outro.

E, num grupo de «botas de elástico» formado por quatro raparigas com calções até aos joelhos, cobertos por saiotes ainda mais compridos e ainda por cima envoltas em amplos lençoes turcos, dizia uma, com pesar:

«Chamam-lhes atrevidas e desvergonhadas, mas

o que é verdade é que elas se divertem... ao passo que nós...»

As outras assentiam e era evidente o seu desgosto por não lhes permitirem imitar as «atrevidas», obrigando-as àquela imobilidade e compostura até que as mamãs dissessem:

«Vamos, meninas. São horas de irem ao banho. Mas não tirem o lençol antes de entrarem na agua...»

Porque era assim que, no seu tempo, procedia uma «menina honesta»... Aquelas novidades de *maillots* como os dos homens, que mostravam «tudo» era uma indecência só propria daquelas descaradonas que lá andavam na agua ofendendo Deus com o seu impudor e até com aquela procissão que era mesmo um pecado...

A seriedade, o pudor, as conveniências, eram temas favoritos das matronas que costuravam á hora do banho enquanto as *sans-culottes* as escandalisavam com a exibição dos seus corpos quasi nus e com a alegria exuberante com que animavam a praia.

Pediam reforço de opinião umas às outras para que as filhas, sentadas em volta, ouvissem o que eram os sãos preceitos da boa moral e se compenetrassem da necessidade de esconder, aos olhos dos homens, a tentação pecaminosa materialisada na sua orografia feminina:

«Não é verdade, D. Brígida? Isto é escandaloso!...»

«Tem razão, D. Engrácia... Parece impossivel! Aquelas mães!...»

E a D. Brígida, sacerdotisa da seriedade, inspeccionava demoradamente a praia, para a direita e para a esquerda, como numa curiosidade natural em quem nada mais tem que fazer.

Mas se adregava enxergar certo vulto muito seu conhecido, sorria-lhe com um sorriso já murcho e deslavado, emquanto êle, disfarçadamente, a cumprimentava de longe.

Era o já caduco amante que a-miudo a vinha ver, saüdoso dos seus flácidos peitos e gotosas pernas, deformadas pela edade e pelo acido úrico. A viagem era curta e barata, bastando, para aparecer, que recebesse dela uma perfumada carta com este *post-scriptum*: «Podes vir ámanhã que êle fica em Lisboa...»

«Ele» era o marido...

IX

O «homem moreno»

Ao descer a escada da ponte não poude Eduardo reprimir uma gargalhada que estalou espontanea, atraindo a atenção de um grupo de raparigas que passavam.

As jovens olharam na direcção da praia, intrigadas com a hilaridade do cavalheiro e cochicharam entre si com eguaes sorrisos do mofa. Tinham percebido qual a causa do bom humor daquele esbelto senhor, elegantemente vestido com o seu trajo meio *sport* meio praia e que deixava adivinhar um torso de atleta sobre umas pernaças de lutador.

«Tudo na mesma!...» monologou Eduardo, meneando a cabeça. «Tudo como dantes, quartel em Abrantes!»

E ficou, por mais alguns minutos, a fixar uma dama de avantajadas formas que passeava na areia em companhia de mais duas, estas ultimas em trajo de passeio. A dama em questão envergava um *maillot* azul escuro sobre o qual alvejava um lençol

preso em volta da sua cintnra grossa e cobrindo-lhe as pernas até aos tornozelos.

Já desabituado, havia alguns anos, de semelhante visão em praias de banhos, não poude Eduardo deixar de pensar, de si para si:

«Que estará ela a tapar? Algum aleijão repugnante? Ou será por pudor que não mostra a pele «setinosa»?»

A dama entrou na agua entregando o lençol a uma das amigas e só então Eduardo julgou compreender porque razão ela velava a parte baixa do corpo com o lençol, quando verificou a grandesa descomunal do traseiro da referida senhora rematando duas pernas grossas como troncos de arvore.

«Compreende-se que tape tanta deformidade... a menos que seja por pudor, como ha dez anos...» pensou êle dispondo-se a continuar o seu caminho.

O *Bob*, um canzarrão sarapintado que era o seu companheiro de excursões e o seu melhor amigo, abanou a cauda com manifesto prazer, já farto de farejar a ponte em todos os recantos, quando notou que o seu dono dava por finda aquela contemplação cujo móbil o pobre bicho não podia compreender. E seguiu, escada abaixo, veloz e contente porque tinha avistado ao longe um companheiro. Era o «Tejo» a quem o *Bob* fez o cumprimento do estilo, cheirando-lhe demoradamente o focinho e a cauda e desafiando-o tacitamente para uma corrida em velocidade, de ponta a ponta da praia, ao que o outro logo acedeu, partindo ambos como setas.

«Lá está o grande chapeu... e a bandeirinha

vermelha a tremular... E' ali...» disse Eduardo para consigo, do alto da escadaria. E desceu apressado, encaminhando-se para o local referido, quasi deserto de banhistas e rodeado por toldos brancos semelhando um acampamento.

Compreendeu que o rancho estaria para o banho, onde, efectivamente, o alegre grupo fazia mil travessuras a coberto da agua. E não tardou que a garrulice delas o orientasse, encaminhando-se para a orla da baía e sorrindo-lhes de longe, numa comunhão de mocidade petulante.

As estouvadas raparigas — o escândalo dos Estoris, no dizer das pesadas mamãs — estavam prestes a findar o banho. Avisinhava-se a hora do almoço pois o sol já havia quasi uma hora que tinha marcado o zenite.

Em volta de Eduardo, muito interessado com a vivacidade ruidosa das jovens «escandalosas», agrupava-se grande numero de banhistas e mirones, com o sexo feio fartamente representado, desejosos, como sempre, de assistir ao apetecido espectaculo de todos os dias.

O *Bob*, cansado de correr a tomar conhecimento com todos os cantos da praia, tinha vindo sentar-se gravemente ao lado do seu dono. Arquejava de fadiga e olhava a vastidão azul do mar fitando, com marcado interesse, uma grande bola com vivos de cor que o estava mesmo a provocar...

Eduardo apurou o ouvido aos comentarios que se faziam em sua volta. Quiz ajuizar da mentalidade desta gente portuguesa com quem tinha per-

dido o contacto em oito anos seguidos de ausência em que novos horisontes se tinham aberto ante os seus olhos apurando a sua visão das coisas Olhava com curiosidade para os comentadores tentando concluir, por qualquer visivel estigma impresso pela ancestralidade no *facies* de cada um, a determinante das suas opiniões. E regalou-se com os pareceres opostos que ouviu:

«Acho delicioso ver uma rapariga assim...» dizia um.

«Mas, vendo bem, é indecente..»

«Não diga heresias, meu amigo. Você frequenta museus e exposições, contempla quadros e esculturas de mulheres nuas e acha encantador... e aqui, ao vivo, ao natural, acha escandaloso! Porquê?»

E um terceiro acrescentava:

«E é preciso levar em conta que nos quadros e esculturas estão totalmente nuas, ao passo que, na praia, aparecem semi-vestidas...»

«Em todo o caso, filha minha não consentia eu que se mostrasse assim...» voltava a dizer o defensor da moral ofendida.

«Cantigas. Essa noção da decência é antiquada e bolorenta... o Belo nunca é indecente senão quando queremos que seja...» protestava o primeiro.

E, já meio convencido, o moralista opinava:

«Nesse ponto tem razão. Nós é que pomos a maldade em tudo...»

Entretanto saiam da agua as raparigas e os seus másculos satélites. Eduardo voltou-se ao ouvir uma voz irritada atraz de si:

«Já te disse. «Vamos» embora... Não estás farta de ver vergonhas?»

Era uma dama obesa e feia que falava dirigindo-se a uma jovem, provavelmente sua filha; alguma que pertencia, por certo, ao *Cenáculo da Virtude* que, todas as manhãs, dissertava sobre moral sob os toldos, ao mover das agulhas de *crochet*.

Eduardo encolheu os hombros concluindo, de si para si, que o modo de ser português não tinha mudado desde que, oito anos antes, abalara para Inglaterra. Persistiam as mesmas velhas teorias, as mesmas ideias falsas, a mesma hipocrisia, a mesma barreira oposta pela testarudez nacional ao influxo renovador vindo de além-fronteiras...

A massa de espectadores foi rodando nos calcanhares, seguindo com olhares convulsionados as formosas raparigas, e acercou-se do grande chapeu de sol no cimo do qual se agitava, brandamente, a rubra flâmula revolucionária.

Eduardo observou num relance, os perfis graciosos das buliçosas raparigas. Três delas, via-se claramente, levavam companhia masculina que êle supoz serem seus maridos ou parentes; as restantes seguiam enlaçadas pelas cinturas numa algazarra cortada de risos juvenis denunciadores de sangue vivo e forte.

Aproximou-se o mocetão de um outro grupo e poz-se a escutar, disfarçadamente, fingindo-se embasbacado com a beleza das raparigas que, visivelmente aborrecidas com aquela pasmaceira, tomavam um banho de sol na areia dourada de luz.

Desta vez, porém, as apreciações excederam os limites entrando pelo terreno da mais abjecta linguagem. Eduardo ouviu, com revolta, um dos comentadores proferir termos só proprios de frequentadores de prostíbulos ou de arrieiros lidando com alimárias.

E o moço atleta sentiu tentações de aplicar um *swing* naquela boca que emporcalhava com indecências de lupanar, uma exibição de beleza plástica plena de juventude e de encanto.

Olhou o atrevido que sorria alvarmente, e cerrou, quasi involuntariamente, o robusto punho esquerdo avigorado pelo remo nas regatas do Tamisa. Mas conteve-se, pensando que não valia a pena provocar um conflito. Castigar a grosseria daquele desbocado não mudaria a face das coisas. Aquele homem soez não era um caso esporádico de irreverência: era um símbolo. Símbolo de uma raça viciadamente educada, padrão corrente dum povo que tudo aprende nas escolas: as matemáticas, a filosofia, a lingüística, mas a quem se esquecem, lamentavelmente, de ensinar a urbanidade, a cortezia, a compostura, em duas palavras: a educação civica!

Assim pensando, Eduardo afastou-se, mais enojado do que indignado, para não ceder á ansia que o devorava de tapar a fossa pestilenta que tinha vomitado a obscenidade.

Começava a despovoar-se a praia seguindo uns a caminho dos hoteis e «vilas» outros — os mirones — a tomar o comboio para Lisboa, já satisfeita a curiosidade aguçada pelas crónicas da imprensa nas suas resenhas da vida nas praias.

O *Bob* foi farejar atrevidamente as pernas das raparigas que o receberam com carícias e exclamações admirativas:

«Que lindo cão!»

«Todo sarapintado! Que interessante!»

«E que forte! Que patas!»

«E' daquele senhor...»

Eduardo aproximou-se. Cumprimentou com fina galantaria e disse:

«O *Bob* parece uma fera mas é manso com as damas. Vae ser, a partir de hoje, muito vosso amigo...»

O inteligente animal, como se compreendesse a alocução do seu dono, agitou a cauda com energia e rebolou-se na areia por entre as gentis senhoras que o ameigavam.

«E, muito especialmente, vai afeiçoar-se à Maria Octavia...» continuou Eduardo, sorrindo e apontando a esbelta chefe do rancho, de joelhos sobre a areia, nesse momento entretida a desatar a touca.

Maria Octavia poz-se de pé, fitando intrigada aquele rapagão que falava dela com tanta familiaridade.

«Conhecem-se?» preguntou a Odette.

«*How do you do, sweet?*» interrogou Eduardo, acentuando o sorriso que lhe alegrava a face morena e abrindo os braços acolhedores.

Maria Octavia sentiu um baque no coração e disse, receosa de se equivocar:

«Eduardo...»

«*Yes, dear.*»

Uniram-se os dois num longo abraço perante a surpreza dos restantes.

«Pois és tu? Mas estás um rapagão famoso! Levou tempo a reconhecer-te, tão mudado estás!»

E, vendo o seu fato sujo de areia húmida:

«Vês? Que desastrada sou!»

«Não importa. O sol o secará. Agora apresenta-me aos teus amigos...»

Maria Octavia familiarisou-os imediatamente, indicando os nomes de todos. Só então a Antonieta reconheceu nele o cavaleiro da *Dinorah*. Não tinha os olhos de Maria Luisa. Se assim fosse, mesmo a uma légua tel-o-ia reconhecido!

Eduardo, pelo seu lado, não conseguira fixar as feições dela nos momentos do encontro poucos dias antes; e como ela verificasse que êle não ligava a sua pessoa áquele incidente da estrada, nada disse mas toda se alegrou interiormente de que a sua amiga Maria Luisa visse satisfeito o seu secreto desígnio de voltar a ver o homem cuja figura insinuante a tinha seduzido.

«Que boa surpreza para ela!» disse para consigo, resolvendo comunicar-lhe a grata noticia apoz o almoço.

«Esperava-te com impaciência desde que recebi a carta da tia Joana...» Voltou a dizer a Octavia, radiante de satisfação.

A Odette notou que faltavam ainda trez apresentações: os dois pequenos e *miss* Temple que passeavam a distancia. E gritou para Carlota:

«*Charlotte*!»

A pequenita voltou-se, a uns cem metros de distância, para lhe retorquir:

«*Yes.*»

E ela anunciou:

«*Come along, dear, there is a dog for you to play with.*»

A Carlotinha veio correndo, espicaçada pela agradavel noticia, seguida por *miss* Temple e as duas criadas, com o Dódinho.

«*Bob, here are two playmates for you*...» disse Eduardo ao canzarrão que já pulava em volta das duas creanças, recebendo deliciado as cócegas que elas lhe faziam no focinho e nas orelhas pendentes.

«Mais um elemento para o nosso rancho, minhas amigas e meus amigos. Só falta apresentar-lhe a Maria Luisa que...—e virou-se para Eduardo, com um sorriso gaiato — «...que não poude hoje vir ao banho por motivos particulares...»

«E as mamãs e o coronel... Ainda falta muita gente para que o sr. teu primo conheça a tropa toda...» disse a Odette.

«Protesto contra o «senhor»...» interpoz a Octavia. «Entre nós não ha essas ceremónias. O tratamento é de «você» quando não possa ser de «tu»

«Efectivamente,» disse Eduardo «um dos grandes ridículos que eu conheço em Portugal é o tal enjoativo «Vossa Excelencia» a que eu já não posso habituar-me. Em Inglaterra, como sabem, é sempre *you* para toda a gente, excepção feita das grandes personalidades. Aqui qualquer borra-botas se lambe com uma «excelencia» que rebenta de vaidade...»

«Oh filho! Quanto a ridículos ha por cá muitos, não te admires, portanto...» acrescentou Maria Octavia.

Sentaram-se todos na areia. Emquanto o sol acabava de secal-os a conversa prolongou-se entre os dois primos, encantados com aquêle encontro.

Disse-lhe Eduardo que, sem desprimor para as suas amigas, estava uma lindissima mulher. Que a reconhecera pelo sinal particular junto á orelha di. reita, de contrario teriam que indical-a porque, em oito anos, a antiga rapariginha que êle conhecera e com a qual tanto brincara em garoto, desabrochara numa formosa senhora que era, sem lisonja, adoravel.

Tinha chegado ao Monte proximo do meio dia e fora ao «Miramar» preguntar por ela colhendo a informação de que estava para a praia com as outras meninas do rancho. Mas era facil dar com elas —tinha dito a criada—porque se via bem, de longe, o enorme chapeu de sol com uma bandeirinha vermelha a flutuar na sua adriça sobre a ponteira.

Eduardo achou graça áquela ideia e inquiriu do significado daquela original tenda de campanha que a ninguem passava despercebida.

Riram as pequenas da pregunta do primo de sua amiga que lhe contestou com outra pregunta:

«Como achas isto por cá?»

«Atrazadote, minha querida Maria Octavia, muito *old fashion*...»

«E é, não é? Até causa enjôo! Viste ha pouco, ali na praia, aquela pasmaceira por nossa causa?»

Que tinha visto. E que, por pouco, teria apli-

cado um valente murro na boca dum «sujeito» que ousara vomitar uma indecência de bordel sobre o espectaculo de beleza plástica por elas exibido.

«E' para que vejas o estado em que «isto» ainda está!... Provincia que tresanda! Lisboa, meu velho, é hoje, como ha dez anos, e como será de hoje a vinte anos mais, uma aldeia com muitas casas e mais não disse, apesar do seu caricato arremedo de cidade capital... Mas que lhe havemos de fazer?» disse Octavia, com desalento.

Generalisou-se a conversa. Cada um fazia uma pregunta ou dava uma resposta a propósito. Entretanto o Dódinho montava sobre o *Bob*, como se o lindo cão fosse um garrano, seguro pela Carlotinha receosa de que ele caísse. E o animal seguia a passo, compreendendo que não devia apressar o andamento, devido á fragil carga que levava ao dorso, e não ligava importancia alguma aos pequeninos calcanhares do *cavaleiro* que lhe martelava brandamente os flancos emquanto a sua vozita infantil ia repetindo:

«Ah cavalo... ah cavalo...»

Todos olharam o gracioso quadro formado pelo cão e as duas creanças.

«São já amigos velhos...» disse Eduardo a sorrir na direcção do grupo. «E' adoravel o garoto...»

Nisto o Vasco fez uma pregunta muito bem cabida:

«Então hoje não se almoça?»

Todos se lembraram, de repente, de que estavam com uma fome devoradora.

«E' verdade, ia esquecendo...»

«E é que são quasi duas horas,» informou Eduardo tirando o relogio do cinto de couro.

Pentearam-se á pressa, as raparigas enfiaram as *robes* e os sapatos de passeio e puzeram-se todos a caminho precedidos pelo *Bob* como guarda avançada.

«Você fica comnosco até quando, Eduardo?» preguntou Maria do Ceu.

«Até ao fim da estação,» informou o interpelado.

«Que bom!» interpoz a Maria Octavia.

«E conto ter uma bela temporada na vossa gentil companhia,» disse ainda o mocetão sobre quem se concentravam todas as atenções. E, voltando-se para os trez homens:

«Vocês nadam? Fazem *sport?*

O Alcino e o Vasco que nadavam. O Horta confessou, um pouco envergonhado, que só «de prego». Outro *sport* propriamente dito não faziam.

«Pois é preciso, é útil,» aconselhou o engenheiro.

«A forma como está organisada a vida em Portugal não deixa tempo para esses exercicios,» desculpou-se o Horta.

«Ha, com certeza, *clubs* desportivos...?» inquiriu Eduardo.

Que havia. No fim de contas era mais falta de hábito do que de tempo.

Tinham chegado á estrada onde se despediram. Maria Octavia tomou um dos braços do primo fazendo a Antonieta o mesmo e encaminharam-se

para o «Miramar» onde a tia Isabel esperava a sobrinha, já em cuidado porque nunca tinha vindo tão tarde e o mar é traiçoeiro.

Mas quem era aquele rapaz desempenado que vinha com ela e com a Antonieta?

A boa senhora ageitou os óculos e toda se transfigurou num sorriso de alegria ao reconhecer Eduardo que a beijou efusivamente, quasi a afogando num dilúvio de carícias.

«O meu Eduardinho, o meu menino!» dizia a velhota, quasi a pular de contente. «Mas como êle está um homenzarrão! Ih, que forte!»

E apalpava-lhe os músculos, rijos como aço, que lhe encordoavam os braços.

«Que grande ventura ter-te comigo por uma ou duas semanas!...»

«Por uns meses, tia...» rectificou Eduardo, feliz tambem por proporcionar á irmã de sua mãe aquela satisfação.

As duas raparigas tinham subido aos seus quartos a vestir-se para o almoço. Entretanto a tia Isabel crivava o «seu menino» de preguntas sobre preguntas quasi não o deixando respirar.

Tudo quiz saber da sua vida, lá tão longe, entre aquelas gentes que falavam uma lingua de trapos de que ela não entendia patavina.

E, como uma garota pequena, preguntou-lhe:

«*You speak english?*»

Era só o que sabia — e mesmo assim mal — da lingua de Byron.

Riram e conversaram fartamente até que Maria

Octavia reapareceu, muito linda no seu vestido de *crêpe* tão simples como original.

Foi muito alegre o almoço. Ao fundo, a Antonieta com a mãe e o senhor brasileiro atacavam com apetite o *menu* servido gravemente pelo criado; mais perto, D. Clorinda almoçava só, devido á indisposição da filha que ficara no quarto, sem apetite. Em torno e no centro da sala, em pequenas mesas armadas com gosto, mandibulava gente conhecida que com Maria Octavia trocavam cortezes saüdações de cabeça ou um mais amigavel aceno de mão.

Pairava no vasto aposento um murmurio vago, produto de varias conversas que se confundiam num som indistinto, de mistura com o tilintar dos copos, o ruido metálico dos talheres, o desrolhar das garrafas e o gorgolejar do vinho.

A tia Isabel não tinha olhos que chegassem para contemplar o sobrinho. Só lamentava que a irmã, a Joana, não tivesse querido vir ao Estoril que mais não fosse para almoçar. Mas, coitada, o ar salino indispunha-a por quinze dias irritando-lhe a bronquite que a não deixava socegar de noite.

Ela propria tambem gostava mais da quietação do campo. Mas aquêle diabrete da Maria Octavia insistira em vir para o Estoril e ela não sabia negar fosse o que fosse áquela menina que era a luz dos seus olhos. Nunca descia á praia porque tambem não gostava do mar. Preferia ficar no seu quarto a costurar ou a reler a *Toutinegra do Moinho* e outros romances antigos que sempre tinham conservado para ela a mesma novidade e encanto.

Agora estava menos só. Era verdade que, ás vezes, vinham fazer-lhe companhia outras senhoras de edade, como ela, conversando sobre a mocidade distante e recordando, saüdosas, episodios de amores passados e já mortos, sob a lousa fria que não no pensamento, e relembrando o que fôra aquilo — os Estoris — no seu tempo, em comparação com o que era agora. Muito se tinha caminhado! Como o tempo tudo modifica!

Agora aparecia-lhe aquela lindeza de rapagão, forte como um toiro — salvo seja — para lhe alegrar um pouco a soledade. Depois pensava melhor:

«Mas eu sou doida! Então ele vem para se divertir com as raparigas ou para fazer companhia a a uma velha tinoca?»

Enfim, fosse como fosse, o que era um facto inegavel era que «êle» estava ali, que almoçaria e jantaria muitas vezes com ela; haviam de conversar muito e êle havia de lhe contar coisas estupendas sobre o que se passa *lá fora*, nessas misteriosas terras muito civilisadas, onde decorria o seu viver de agora, cheias de loucura, de trabalho, de dinheiro e de progresso.

«Estava rico?»

Que não; não se enriquece assim, em tão pouco tempo. Havia apenas dois anos que acabara o seu curso de engenheiro e era já interessado na poderosa firma que lhe utilisava o talento e o esforço. Dentro de alguns anos teria a independência e, no futuro, porventura a riqueza.

Por agora o que lhe podia dizer era que ga-

nhava largamente a sua vida chegando-lhes os pro ventos auferidos para as suas necessidades normaes e para *certos e determinados extraordinarios* que figuram todas as semanas no orçamento das despesas...

Maria Octavia, sempre maliciosa, percebeu a intenção da frase e soltou uma gargalhada sonora.

«O que foi? O que foi que ele disse de engraçado? Estava distraida, não ouvi...» preguntava, com os olhos brilhantes, a boa da tia Isabel.

«Nada, tia. Eu é que achei graça...» retorquia a espertalhona.

E, para Eduardo, curiosa:

«A respeito de amores?»

«Faz-se o que se pode, minha amiga. Não falta por onde escolher...» replicou o primo.

«E é para sério? Tencionas casar?» voltou a preguntar a tia.

«Nem em sonhos penso em tal ..» informou o mocetão. «Ainda estou verde...»

«Já é mania! A mocidade de hoje é assim. Tudo celibatário!»

«Dá menos preocupações...» disse a Octavia, sorrindo.

«Não tenhas dúvidas...» confirmou Eduardo.

Inquieto por se informar, Eduardo mudou de assunto:

«Ouve, Octavia, vou fazer-te uma pregunta a que, com certesa, saberás responder...»

«Vejamos», disse simplesmente a prima, com uma certa curiosidade a brincar-lhe nos labios e nos olhos.

«Deves estar relacionada com toda a gente de cá e portanto suponho que conheces uma rapariga bonita, enformada, que está neste hotel, presumivelmente...»

E fez-lhe a descrição, tão exacta quanto lhe foi possivel, da cativante Maria Luisa, cuja imagem não lhe saira do pensamento desde o «dramático encontro» como ele dissera, dias antes, na estrada.

«Deve ser quem eu penso. Mas como conheces tu essa rapariga?» preguntou intrigada a prima, a cem luguas de supor a verdade.

Eduardo contou-lhe o episodio em que tinham sido protagonistas êle, a sua bela desconhecida e a égua Dinorah.

«Sem desprimor para ti que és tambem uma beldade, mas noutro género, posso afirmar que essa rapariga é uma peregrina foimosura e, palavra de honra, cativou-me. Estou morto por tornar a vel-a...»

Maria Octavia gargalhou novamente fazendo voltarem-se para ela varias cabeças e comunicando e seu riso contagioso a outras pessoas.

«Pois eras tu? Oh meu grande mariola que és o homem com mais sorte que a roda do sol cobre!»

«Ela contou-te a scena?» preguntou êle com ansiedade. «São amigas?»

E Eduardo ficou positivamente suspenso dos labios da sua formosa prima.

A tia Isabel seguia o diálogo com interesse. A's senhoras de edade as historias de amor interessam sempre, avivando-lhes no fundo dos seus corações, já cansados, écos de antigas palpitações e refazendo nas suas imaginações, já turvas, imagens de varo-

nis mancebos de outras épocas cujo garbo algum dia as enfeitiçou.

E Maria Octavia respondeu, alegremente:

«Somos íntimas. E' a tal Maria Luisa, do meu rancho, que uma certa *indisposição* — e piscou-lhe o olho — privou de se banhar nestes oito dias mais proximos...»

A tia Isabel córou. Aquela Octavia tinha uma forma tão livre de dizer as coisas! Não se coibia deante de ninguem nem mesmo do primo, um homem! Que rapariga mais endiabrada!

E, para disfarçar o seu enleio, poz-se a cortar a fatia de carne tão atabalhoadamente que nem reparou que tinha pegado na faca ao contrario.

«Tua íntima amiga!» disse Eduardo, como num éco, antevendo a facilidade da conquista.

Maria Octavia deu-lhe uma joelhada por debaixo da mesa, dizendo-lhe com malicia:

«Tens mais sorte que o Diogo Alves, grande patife!»

E sorria-lhe, tomada de fraterna simpatia.

«E' muito boa rapariga. Tão boa como bonita. Eu gosto muito dela...» conseguiu dizer a tia Isabel depois de dominar a sua perturbação.

«Deve ser, deve...» afirmava, quasi sem saber o que dizia, o enlouquecido rapaz.

Reviu em toda a sua nitidez a scena da estrada. Foi como um relâmpago que lhe atravesou o cérebro e sentiu pezar ao preguntar a si proprio se ela já teria esquecido o encontro casual de dias antes. Talvez. No meio de todos aqueles festejos em que ela, certamente, seria rainha — uma das rainhas,

pelo menos — o seu pequenino cérebro da rapariga formosa e incensada por todos já não conservaria, porventura, um único detalhe do que se tinha passado, ali perto.

Alguns olhares trocados entre ambos, tão cheios de ansiosas interrogações por parte dêle e de dulçorosas promessas por parte dela, teriam sido um incidente de momento depressa olvidado no turbilhão ruidoso do *jazz*, ali, no Casino, ou afogado nas ondas da enseada quando entregava ao seu brando afago a entonteante joia de carne que êle entrevira pela abertura da *robe*.

E, quem sabe? Talvez não fosse assim, exactamente. Talvez conservasse ainda um ténue fio de recordação e bastasse a presença dêle para que, á sua memoria, voltasse novamente com suficiente precisão de pormenores a visão da sua máscula figura, inclinada sobre o pescoço da Dinorah, a inquirir se se tinha maguado, a certifical-a de que o tinha deliciado aquele encontro que Deus preparara por entender, talvez, que afeiçoara aquelas duas metades para as juntar no minuto em que o seu Alto Entendimento julgasse oportuno fazel-o.

Não era Eduardo presumido a ponto de julgar que a linda jovem tivesse ficado enamorada dêle e com êle sonhasse uns sonhos arrebatadores e deliciosos. Mas tinha a esperança de que nem tudo estaria ainda perdido apesar de lhe ter sido inteiramente impossivel voltar ao Monte naquêle mesmo dia ou no seguinte.

Contratempos do inferno que o tinham enervado e aborrecido.

Mas aparecia agora aquêle amor de prima a afirmar-lhe, maliciosa, que tinha uma sorte invejavel. Que queria dizer na sua? Que ela lhe falava nêle, ou, mais plausivelmente, que podia contar com a ajuda inestimavel dela, Octavia, para levar a bom termo aquela amorosa empresa que tanto o seduzia e perturbava?

Dentro de um ou dois dias, que passariam lentos como séculos, êle teria a ventura de lhe ser apresentado, de lhe tocar, de lhe falar sem a ceremonia usada no caminho quando a vira pela primeira vez.

Ela lhe responderia e pelo tom da sua voz, talvez pela sua perturbação, êle concluiria se devia considerar-se feliz, como Octavia lhe assegurava, ou verificar com desprazer que outra figura de homem o havia já suplantado no coração da formosa rapariga.

Maria Octavia arrancou-o á sua meditação para lhe preguntar, sempre irónica:

«Dize-me cá: quem era aquela rapariga inglesa que te acompanhava? Alguma terna amiga trazida de Inglaterra?»

«Nada que se pareça» respondeu. «E', simplesmente, um antigo conhecimento de Londres, uma deliciosa camarada de *garden-parties*, bailes e *tennis*. Reside agora em Carcavelos, e está noiva de um compatriota...»

«Ah!» fez Maria Octavia, simplesmente.

«Trouxe-lhe um recado da familia. Recebeu-me muitissimo bem, como aliás era natural suceder, e logo se combinou um passeio, a cavalo, em que o noivo não poude acompanhar-nos...»

«Ora veja lá, tia, oiça isto: uma rapariga de...»

E preguntou a Eduardo:

«Quantos anos tem ela?»

«Uns desoito, quando muito ..»

Maria Octavia continuou:

«...de dezoito anos, que está para casar e que vae passear, a sós, com um amigo da familia, a cavalo, a alguns quilometros de distância...»

«Não era eu!...» comentou a tia Isabel.

«Quando é que, entre gente portuguesa, se veria semelhante coisa? O que diriam as más linguas? Credo.»

E teve um gesto cómico de espanto, erguendo as mãos e arqueando as finas sobrancelhas.

«Em Inglaterra é tudo quanto ha de mais natural...» afirmou Eduardo.

«Eu sei,» disse Maria Octavia, «mas vão lá dizer dessas a estas «piruças» de Portugal!»

«E nunca ha... como hei-de dizer?... nunca ha... desastre?» preguntou muito córada, a tia Isabel.

«Não, tia, pelo menos de graves conseqüências. Ha respeito e cortezia que é o que falta em Portugal. A's vezes não deixa de haver «incidente», claro está, mas então é porque estão de acordo os «delinqüentes»... E tudo se resolve na melhor paz e concórdia... As raparigas são, naquêle paiz, uns rapazes de saias, com as mesmas liberdades e responsabilidades dos que vestem calças...»

«Rapazes de saias como a Octavia?» preguntou, confusa.

«Mais completos, muito mais. Ignora-se, lá, a

noção do pudor e das conveniências tal como existe por cá, e de que vi uma bem pouco edificante amostra, lá em baixo, na praia...»

«Tudo isso me faz uma confusão á cabeça! Será possivel?» dizia, intrigada, a tia Isabel.

«Um dia meto-a num paquete e terá ocasião de lá ir ver tudo isso que hoje a espanta... e mudará de opinião...» propoz Eduardo.

«E' o mudas!» interveiu a Octavia, «A tia já está velha para mudar de ideias. Vinha de lá com as mãos na cabeça, a gritar: «Ai que pouca vergonha! Aquilo é uma terra de pecadores! Que escândalo!»

Riram com a facécia da Octavia e estava terminada a refeição.

Maria Octavia subiu ligeiramente ao seu quarto a lavar os dentes e foi de seguida ao quarto da Maria Luisa inquirir como estava. E, misteriosa, comunicou-lhe:

«Tenho uma excelente novidade a dar-te. Adivinha de que se trata...»

«E eu hoje que tenho cabeça para adivinhas...» disse Maria Luisa com evidentes sinais de indisposição. Doiam-lhe muito os seios e os rins, informou depois. E tambem a cabeça. E suplicou:

«Não sejas má, dize o que é... não me rales!»

Maria Octavia sorriu, deu-lhe um beijo, e disse-lhe ao ouvido:

«Ele» está cá...»

Maria Luisa levou uma das mãos ao peito como a conter o coração, receosa de que êle saltasse fora. A palidez do seu rosto tornou-se mais intensa por

momentos, mas não tardou que uma deliciosa côr rosea o tornasse mais lindo do que nunca.

Maria Octavia tomou-lhe as faces nas duas mãos e voltou a segredar:

«E sabes? E' meu primo direito! Até parece combinado!»

«Caprichos do Acaso, Octavia...» disse Maria Luisa, já refeita da sua comoção e sorrindo, enlevada e feliz.

«Dize antes obra do Destino, ou, se quizeres, Altos Designios da Providência que quer tornar-te ditosa, meu amor!»

Bateram á porta, discretamente.

«Pode entrar,» disse Maria Luisa.

Era a Antonieta que, logo do limiar, percebeu que a sua amiga era já sciente do que se passava.

«Já sabes?» preguntou com um sorriso delicioso.

«Já. Estou radiante!»

«E' natural.»

E as trez amigas abraçaram-se num amplexo que traduzia uma viva amisade, sincera e franca.

X

Encantamento

Eram passados três dias depois que a Octavia os tinha apresentado segundo a sua habitual forma faceta.

Eduardo tinha sabido, como sempre, encontrar os precisos termos que cativam as mulheres e as conquistam num momento, irremediavelmente. E Maria Luisa, córando e empalidecendo alternadamente, tinha-lhe estendido a mão sedosa que tremia, mau grado seu, a despeito dos esforços que ela fazia para aparentar serenidade.

Não queria que aquele homem, logo ao primeiro contacto, pudesse perceber até que ponto lhe interessava e constatasse que a sua varonil figura, a sua voz quente, o seu olhar perturbador, eram para ela um delicioso veneno que lhe corrompia o sangue, a alma, o entendimento, e a tornava uma creatura inerte para tudo o mais e só capaz de vibrar — e que vibrações! — dentro da atmosfera de fascinação que dele irradiava.

Ah! que se não fosse esse pudor injustificavel

que força a mulher a refrear os impulsos do seu coração apaixonado, como ela teria saltado ao seu pescoço, num arrebatamento, e lhe teria gritado num frenesí de volutuosa loucura:

«És tu aquele a quem amo perdidamente, insensatamente... É por ti que eu tenho esperado numa excitação cruciante... Toma-me na torquez dos teus braços.... Suga-me a vida num beijo que não acabe mais! Morde-me!... Martirisa-me! .. Fecunda-me!...»

Mas, não podendo assim expandir-se, contentara-se em adoral-o em segredo, em viver, como num êxtase, muito perto dele, sentindo que tudo o que dele viesse, o seu próprio alento, era uma subtil e embriagadora peçonha que pelas suas veias alastrava como uma morfina abençoada e pérfida!

Ia a tarde em meio. Na *terrasse* do «Miramar» conversavam a um canto Maria Octavia, Maria Luisa e Eduardo fumando, todos trez, saborosas cigarrilhas que êle tinha trazido de Inglaterra e aspirando o ar embalsamado do pequenino parque que, em frente do hotel, cerrava a perspectiva da enseada.

Perto, a Carlotinha mudava as agulhas e os discos de uma grafonola que enchia o ambiente sereno daquela tarde de melopeias e toadas em voga.

O Dódinho folheava um livro de estampas, ás vezes de pernas ao ar, que para êle tanto servia de uma forma ou outra. E em frente da grafonola o *Bob*, que trepara para uma cadeira, escutava com singular atenção aquelas melodias que êle não havia meio de perceber quem cantava, mirando ató-

nito aquele disco a girar, a girar, em cima da caixa rectangular em que a sua companheira de folguedos mexia, de tempos a tempos, sem que êle soubesse bem para quê...

«*His Master's Voice,*» disse Maria Octavia, apontando o cão e aludindo á conhecida marca de discos.

«Já tinha saudades desta nossa canção choramingona, o fado... Hei-de levar umas duzias deles para Inglaterra,» acrescentou Eduardo.

«Ha alguns do Menano, do Paradela e outros que são realmente bonitos,» informou Maria Luisa.

«Pois, se quizer ser amavel, ha-de indicar-me os que forem da sua predilecção,» disse com galanteria o engenheiro que Maria Luisa devorava com olhos de amoroso enlevo.

Em volta da grafonola meia duzia de pequenitos ouviam, com recolhida gravidade, a voz lamentosa de Adelina Fernandes gemendo um canto doloroso e outros pequenitos circulavam nas suas *trotinettes* em zig-zags constantes por entre as cadeiras de verga onde se sentavam, lendo ou conversando, os hóspedes do gracioso hotel.

Mais além, a tia Isabel jogava as damas com D. Clorinda, emquanto o coronel Silvares lançava baforadas de fumo do seu aromático charuto tendo aberta, sobre os joelhos, uma Revista de assuntos militares.

Sempre que podia ausentar-se por alguns dias da sua Repartição, no Ministerio, acorria para junto da sua adoravel amiga que ansiosamente o aguardava sempre. Mas andava taciturno ultima-

mente. Um sulco vincado na fronte alta indicava claramente alguma preocupação insistente.

O coronel meditava. Avaliava as probabilidades de se ver livre da carraça beata a quem estava ligado matrimonialmente e que, cada vez mais, se afundava nas brumas da mística devoção. Aconselhavam-lhe os amigos diletos que a encerrasse numa casa de loucas mas o bom do Silvares era escrupuloso e entendia que esse passo poderia acarretar-lhe um dissabor: o de julgarem os maldizentes que o fazia para se apoderar da fortuna da mulher e gastal-a a seu bel-prazer com a amante.

Não. Era preferivel aguardar que Deus misericordioso houvesse por bem leval-a para a escolhida residencia dos Bemaventurados onde ela supunha ter conquistado um logar e, então, liberto pelo Destino daquêle pesadelo, se uniria á sua Clorinda pelos laços chamados sagrados do himeneu, se ela assim o preferisse.

Dois dos filhos dela estavam arrumados, melhor ou peor; a filha que lhe restava levava geitos de se «colocar» tambem, atraida visivelmente por aquêle galante rapaz com quem êle e toda a gente simpatisava, tal era a atmosfera de sedução que dêle emanava pelo seu prestígio pessoal em que concorriam o aspecto físico, o fino trato, a cultura e aquêle não sei quê indefinivel que existe em toda a gente que tem »mundo».

E ao lançar o Silvares uma olhadela para o grupo dos trez jovens notou o delicioso sorriso com que Maria Luisa inundava o engenheiro que vivia no antegoso duma aventura encontrada por

mero acaso. Quem sabe? Talvez não fosse o acaso, simplesmente, que aproximou aquelas duas almas vibrando a unisono; talvez fosse antes essa força misteriosa e irresistivel a que chamamos Destino á falta de melhor termo, e que dispõe de nós como se fossemos *marionettes* em barraca de feira.

Maria Luisa deixava-se levar como vae o náufrago, á mercê da corrente, sem força para pensar ou reagir. Naquela embriaguês que lhe adormentava o cérebro, só os nervos vibravam e toda a sua pessoa, num estremecimento, parecia querer acolher-se ao amparo daqueles braços rijos que, um dia ou outro, fatalmente a estreitariam ao arcaboiço vasto, ao mesmo tempo que as suas bocas frescas se uniriam num beijo prolongado, infiltrando-lhe nas veias um doce vírus que a entregaria, sem resistência, á completa discrição do afortunado mancebo.

Sentia que era já propriedade absoluta de Eduardo. A sua personalidade própria fôra abolida naquela onda de felicidade que a afogava. Só tinha olhos para o fitar demoradamente como a certificar-se de que não fôra enganador o seu presentimento nem mesmo aquela insistência com que lhe aparecia, em sonhos, o tal «homem moreno,» que tanto lhe perturbava as noites em Lisboa.

Era realmente «êle». Ali estava na sua frente, fazendo-lhe uma corte respeitosa e delicada mas firme, o homem trigueiro por quem ansiava a sua carne de virgem insatisfeita. E tudo nêle se conjugava para o tornar o modelo apetecido. Até a darte menos poética se resolvia satisfatoriamente

porque, se não era Eduardo um homem abastado, era-o quasi pelo seu labor, bastante produtivo para satisfazer os desejos fúteis e elegantes duma mulher adorada e formosa.

Além disso a tia Joana estava já velha. Por sua morte, que não devia estar muito longe, segundo a ordem natural das coisas, a sua bonita fortuna seria dividida pelos dois sobrinhos, unicos rebentos dos amores de irmãs suas com que ha muito os feios vermes se haviam refastelado. Ainda mesmo que essas esperadas centenas de contos fossem divididas egualmente, o que caberia a cada um não deixaria de ser uma soma apreciavel; mas o Eduardo era o «menino» da tia Joana e Maria Octavia era já rica por parte do falecido pae, o que fazia admitir como provavel que a maior parte coubesse ao seu adorador, por tanto tempo esperado e que finalmente tinha chegado.

E que assim não fosse? Em qualquer dos casos seria feliz. Não teria palácios para habitar com creadagem numerosa e servil, nem manejaria dinheiros aos montões numa ansia perdulária de dissipação insensata. Mas que importava, afinal? A sua ambição de vida faustuosa tinha sofrido, ao influxo da amorosa inclinação que a turvava, uma modificação estructural que não a deixava despeitada ou pezarosa.

Tinha fantasiado, é certo, uma ligação rendosa, daquelas em que um qualquer argentario capricha em não olhar a despezas para alimentar a encantadora frivolidade do ídolo que amorna a sua senectude ou acaricia a sua vaidade e se torna o alvo

das miradas invejosas dos amigos e dos despeitos venenosos das preteridas.

Era, literalmente, um contrato de venda do seu radioso corpo, scintilante de belesa e juventude, manancial de gôso que só a peso de ouro se paga condignamente!

Mas não tinha o Destino sancionado aquele projecto ousado e louco e, em vez das liberalidades de um vago milionário caduco e mais ou menos ascoroso, tinha-a presenteado com a forte mocidade daquele rapaz garboso que era a magnifica corporisação dos seus anseios virginais e pelo qual vibravam com egual intensidade o seu coração em apressadas palpitações e a sua carne em gulosos estremecimentos.

E todo o sonho, arquitetado pela sua imaginação rica e colorida, se havia transformado, num momento, como mutação á vista no tablado de um teatro. Em vez de um palácio de colunatas de pórfiro teria o seu elegante *flat* na Londres imensa, cosmopolita e brumosa; em vez de uma «vila» risonha, algures, teria o seu *cottage* mimosamente anichado entre frondosidades de floresta ou verduras de pradaria, possivelmente na margem do Tamisa sobre o qual o Eduardo remaria vigorosamente num barco ligeiro que daria á enamorada rapariga a romântica impressão de uma gôndola venesiana. E que deliciosos *week-ends* lá passariam os dois, enlaçados, peito a peito, boca a boca, naqueles dias de habitual descanso!

Não seria a mundana estrepitosa e cobiçada, deixando atraz de si um murmúrio confuso de

desejos, disputada pelos reis da finança, talvez pelas testas coroadas viajando incógnitas, mas seria a doce companheira daquele rapagão interessante que todo se orgulharia, por certo, de ver a sua formosura trigueira de meridional ofuscar, porventura, a beleza das alvas *misses* nórdicas na excitação elegante da *season* londrina.

E, com a chegada da bela estação, iriam deliciar os olhos vendo curiosos costumes em paizes ignorados, numa anual renovação da sua lua de mel; tomariam contacto com a verve francesa, com a laboriosidade alemã, com a imensidade moscovita, com a singeleza suissa e até, se Deus o permitisse, com a fantasmagoria pictórica do Japão. E que bom, se aquela estremecida Octavia os pudesse acompanhar algumas vezes!

Maria Luisa tinha a impressão de que vivia, naquele esplendente mês de Agosto, embalada por um conto maravilhoso de fadas bemfazejas!

Mas se o aparecimento de Eduardo naquele scenario do «Monte» foi para ela motivo de êxtase e sonho, foi tambem uma *douche* de agua fria, nas esperanças de alguns que vinham roçar-se por Maria Luisa na promiscuidade do Casino, à noite, nos jantares à americana, ou durante os chás-dansantes, á tarde, quando o sol purpureava os ponteagudos minaretes das vivendas a despedir-se até á bacanal de luz do dia seguinte.

A tontura produzida neles pela fragrancia exalada pela adoravel rapariga foi-se dissipando, a pouco e pouco, por força das circunstâncias. Outras narinas tinham agora o direito, ao que parecia ex-

clusivo, de aspirar esse estonteante incenso. Como se o seu prestígio pessoal fosse pequeno factor, Eduardo era primo da Octavia que, por sua vez, era amiga dilecta daquele cobiçado fruto em plena maturação. Estava tudo perdido!

O safado do engenheiro tinha uma tal sorte que até dava vontade de o matar! Que maldita ideia tivera êle em vir do estrangeiro, onde ha praias tão elegantes e distintas, até aquele rincão escondido do Estoril! Só pelo diabo!

A triunfante Maria Luisa, que reinava naquela côrte restrita por direito de formosura e elegância, deixou de ser o eixo em volta do qual gravitavam tantos satélites frementes e esperançosos de uma aragem favoravel que, afinal, não chegava.

A todos a amiga da Octavia tinha dispensado o mesmo acolhimento discreto e cortês mas não tinha distinguido nenhum deles com particular preferência.

Agora era diferente. Tinha chegado o homem dos seus sonhos amorosos, o famoso cavaleiro moreno que tanto a tinha perturbado na estrada de Cascaes naquele dia em que a *Dinorah* lhe pediu perdão com tanta graciosidade que nunca mais esqueceria a scena!

E, ao lembrar-se novamente desse episódio, voltou a enfeitiçar o jovem com um sorriso tão meigo, tão fascinador, que Eduardo estremeceu fazendo-se um pouco pálido.

O Silvares, que os não perdia de vista, comentou:

«Estás pronto!»

E novamente se entregou ás delícias do havano.

O *Bob*, já farto de cantorias, tinha ido meter o focinho nas capoeiras, nas traseiras do hotel, e corria agora atraz de de dois pequenitos pelas ruasinhas arenosas do parque minúsculo, subia e descia as escadas com impaciência e ladrava a chamar a atenção da Carlotinha, como a dizer-lhe:

«Que diabo fazes tu ahi ás voltas com essa caixa enfadonha? Não será melhor arejar as pernas a correr por entre as arvores?»

A pequenita percebeu-lhe a intenção e gritou-lhe:

«*Silent, Bob. I come directly.*»

O Dódinho, enjoado tambem com as estampas, que já vira um rôr de vezes, dava seguros indícios de querer mexer-se tambem. E a Carlota não teve remedio senão fazer a vontade aos seus dois amigos.

Miss Temple substituiu-a junto à grafonola e o aparelho atacou a «Ramona».

A Antonieta voltava, entretanto, do seu passeio com a mãe e o senhor brasileiro. O bonito auto passou em baixo e emquanto as duas senhoras subiam as escadas, precedidas pelo *Bob*, o brasileiro seguiu com o carro para a *remise* sob a *terrasse* e apareceu pouco depois fazendo Antonieta a sua apresentação ao primo da sua amiga.

E, pouco depois, pretextando umas cartas a escrever no seu quarto, despediu-se e desapareceu no vestíbulo.

Maria Octavia informou:

«E' o senhor da Antonieta, arranjado cá. Parece boa pessoa e...»

«E muito amigo dela...» acrescentou Maria Luisa. «Creio que a leva para o Brasil no fim da temporada...»

«Teve bom gosto, o melro...» comentou Eduardo «Ela é linda...»

E sorriu para ambas, olhando com particular intenção para Maria Luisa como a dizer-lhe:

«Mas tu és mais formosa do que nenhuma...»

Ela como que lhe compreendeu o sentido, devolvendo-lhe a gentilesa com outro sorriso em que êle leu:

«E toda esta belesa será tua quando a queiras...»

A amorosa telegrafia sugeriu a Eduardo uma pregunta:

«E tu?» disse êle a Maria Octavia. «A respeito de amores?»

«Por agora» informou ela, «alistei-me na briosa marinha de guerra... Fui colocada como «impedida», ao serviço dum senhor tenente...»

Riram da forma picaresca como ela se expressou.

«Has-de conhecel-o, um dia destes, e verás que ficarão amigos.. E' uma joia de rapaz... Tem o teu tipo, ainda que menos atlético... bom nadador...»

«Estimarei conhecel-o...» E, para Maria Luisa. «Você sabe nadar?»

Que não sabia, mas gostava de aprender. Eduardo ofereceu-se para lhe ensinar, oferta que foi galantemente acolhida. Começariam de ahi a trez dias quando a indisposição de Maria Luisa tivesse

passado e já não oferecesse perigo meter-se dentro de agua.

«E' difícil?» preguntou ela.

«Nada mais fácil. Basta perder o medo á agua e aprender a conjugar os movimentos dos braços com os das pernas. Verá que é fácil...»

«Aproveita a ocasião para seres o instrutor de mais tres alunos: o Horta, a Candinha e a Antonieta, que tambem estimarão aprender. Eu não tenho paciência nem geito para ensinar... de contrario já lhes teria dado lições...»

Era preciso movimentar a praia que Eduardo achava parada. Lá fora era outra coisa: no mesmo dia se inventavam tantos divertimentos que não sabia uma pessoa para onde se havia de voltar. Aqui passavam-se semanas que nada havia que saisse do vulgar ramerrão de sempre.

«Que queres tu, se isto é a parvalheira de sempre?!»

«E' imutavel, pelo que vejo! O tempo passa por cá sem deixar vestígio...» comentou Eduardo.

«E é mesmo assim. Como queres que seja diferente num país onde raros são os que viajam e que leem? Começa porque esta gente não sabe ler outra coisa que não seja os folhetins dos jornaes e um ou outro romance sentimental e mais ou menos idiota!...» continuou Octavia.

«A persentagem de analfabetos é tão grande que faz pena!» acrescentou Maria Luisa.

«É deprimente, com efeito!» confirmou Eduardo.

E Maria Octavia, embalando-se na conversação, proseguiu:

«A's vezes causa-me tédio viver aqui. Com o que eles lhe dão é com as belesas naturaes como se isso fosse tudo e o resto não interessasse! Depois uma visão das coisas que é mesmo uma lástima! E em todos os campos, sob todos os aspectos...»

«Já assim era, quando mamávamos, e assim será quando baixarmos á sepultura...» interrompeu, com um encolher de hombros, Maria Luisa.

«Mas o que é para estranhar,» interpoz Eduardo é que, estando Portugal tão perto do centro da Europa, seja tão rebelde a andar para a frente...»

«Sabes lá! Esta gente é duma casmurrice de campónio e duma resistência, tão grande como a sua testarudêz, a todas as inovações. Quer nas letras quer nas artes, na indumentária ou no teatro, em todos os terrenos onde é preciso melhorar, modificar, crear, acolhe sempre o «Novo» com o mesmo sorriso parvo e o mesmo encolher de hombros idiota. O comentário é sempre o mesmo: isso são esquisitices estrangeiras! Para cá não pega! Mas, com seiscentos diabos, porque não ha de pegar? Eis uma pregunta que eu faço muitas vezes a mim propria sem atinar com a resposta!...»

«E só sabemos imitar e, ainda assim, bastante mal. A copia resulta sempre tosca, desgraciosa, *gauche*...» disse Maria Luisa.

«Isso. Quanto a originalidade, por cá não passou. Todos se encolhem, se escondem, se apagam, com medo da troça dos visinhos...»

E, tomando calor, foi vergastando:

«E como não ha de ser assim se o cérebro

desta gentinha foi moldado na fôrma da pacovice e afeiçoado pelo martelo da ignorância, dando um produto informe, um aborto, como não podia deixar de ser com taes elementos de formação! Tu, Eduardo, tiveste ocasião de ver e ouvir, logo de entrada. Deixa que o recorde: Saíamos nós do banho; o espectáculo que oferece um grupo de raparigas bem conformadas — passe a imodestia — exibindo a sua plástica, em *maillot* de banho, está longe de ser o que se convencionou chamar uma imoralidade. E' pelo contrário, uma visão de beleza que devia excitar um comentário são e cortês e não grosserias de alcouce. Com efeito, além de ser coisa que se vê em todo o mundo civilisado, um rancho de senhoras assim apresentadas nada ostenta que possa chocar aquela decência convencional que manda ocultar determinadas regiões do corpo. Pois bem: alguem houve a quem, por pouco, aplicavas um correctivo bem merecido por qualquer incivilidade que te chocou. Pregunto eu: Quem é imoral? A mulher que entende banhar-se com o mesmo á-vontade do seu semelhante do outro sexo, ou o brutinho que vomita uma grosseria na imagem graciosa dessa mulher na satisfação dum direito que ninguem lhe pode negar?»

«Claro está,» concordou Eduardo.

«Nem pode haver duas opiniões» acentuou Maria Luisa.

E Maria Octavia continuou:

«Nós sabemos que esses papalvos de cá e outros pontos, que se juntam na praia para nos ver, não o fazem para contemplar um espectáculo a qeu

encontrem algum encanto, mas para trocarem entre si impressões grosseiras a respeito da redondesa dos nossos seios, da proeminência dos nossos assentos, da curvatura dos nossos quadris e de outros detalhes mais, tudo apimentado com palavrões próprios de marítimos e de carroceiros. E ainda se toleravam essas expressões a indivíduos de baixa extracção, mas não pode perdoar-se semelhante fraseado a quem pretende assemelhar-se, pelo trajar, ás pessoas de condição. Muitos desses «cavalheiros» são tratados por «Vossa Excelencia» porque usam colarinho e gravata. Não está má a «excelencia» de tão abjectas creaturas!...»

Deteve-se por instantes, acendeu outra cigarrilha e continuou:

«Essa flâmula rubra que viste flutuar por cima da nossa tenda é o sinal de guerra contra a parvidade, a estultícia, os convencionalismos que pretendem sugeitar-nos a moldes e imposições com que não me conformo nem as pequenas do meu grupo.»

«Tem realmente um significado guerreiro que não escapa a quem seja observador...» confirmou Eduardo.

«Tem, conforme a intenção que nos fez agir. Eu não admito que um homem possa tomar banho quasi nú, e nós, as mulheres, tenhamos que nos tapar até aos pés para colhermos os beneficios desse salutar exercício marítimo. Se encararmos o caso pelos dois aspectos que ele tem — decência e estética—a rasão está do nosso lado. Se não, vejamos: haverá alguma coisa mais indecente do que

um homem em trajo de banho? Nota, Eduardo, que quando eu digo, «indecente» me reporto apenas ao ponto de vista do tal famoso decôro que nos querem impingir as «conveniências» como um preceito indestructivel. O que vemos nós, se quizermos ter a curiosidade de olhar? Vemos, mal dissimulado, antes bem em evidência, o seu apêndice viril e partes adjacentes no local que a naturesa lhes destinou. Se acontece estarem excitados por algum pensamento lúbrico, o caso então toma maiores proporções de visibilidade! Mais ainda: não se coíbem, apesar da presença das senhoras, de se coçarem nesse sitio ou em melhor ageitarem o dito apêndice se, porventura, a pressão da malha os incomoda. Isto é decente? Não seria por aqui que deviam começar os moralistas de pataco a duzia? E, contudo, é contra as mulheres que eles dirigem as suas catalinárias e diatribes. Porquê? Porque algumas, mais corajosas e indiferentes ante a maledicência do outro sexo, «ousam» exibir não qualquer vergonhosa dependência do seu corpo, mas a curva graciosa do seio e dos quadris e as pernas melhor ou peor modeladas. Porque é que neles é natural a exibição que em nós é imoral? Que superioridade, até nisso, se arroga o sexo masculino sobre nós? E' isso que me revolta e me torna verde de indignação...»

Maria Octavia não estava verde, estava vermelha. A excitação tingira-lhe o rosto correctissimo dum delicioso tom de rosa que a tornava encantadora.

«Descança, filha, acabas por te secar...» disse

carinhosamente Maria Luisa, ameigando-a, «Tens rasão e não vale a pena fatigares-te com ninharias...»

«Deixa, meu amor. Já agora vou até ao fim para que o Eduardo conheça bem as minhas ideias. Quanto a ti, és do meu parecer...»

«Inteiramente!» confirmou a deusa do enfeitiçado Eduardo.

Passava uma creada a quem Maria Octavia mandou que lhe preparasse limonadas. E continuou, tomando fôlego:

«E se da decência passarmos a estética, adeus minhas encomendas! Não resiste ao confronto o corpo do homem, escorrido e anguloso, com o da mulher, torneado e roliço. Um corpo masculino só é coisa que se exiba quando foi devidamente trabalhado como tu trabalhaste o teu, Eduardo. Só á força de musculatura encordoada o vosso «cadaver» se torna toleravel á vista. E nas nossas praias não é vulgar a presença de atletas que são raros, porque a cultura física, nesta terra, ainda não entrou nos hábitos dos rapazes. Só o *foot-ball* lhes interessa. O que se vê, geralmente, dentro dos *maillots*, são uns corpos desgraciosos e peludos que os assemelham a antropoides, dando a impressão de que um carregamento de macacos deu á costa e por cá ficou...»

Maria Luisa deu uma gargalhada que contagiou o seu adorador e a propria oradora.

«Mas não é verdade?» inquiriu. «São pêlos nos braços, no peito, nas pernas, uma floresta de pêlos que os torna nojentos, mais parecendo bichos do que homens...»

«Tinha rasão mestre Darwin...» interrompeu a rir Maria Luisa.

«E tinha, sim. Ao passo que na mulher nada mais se vê — no geral, entende-se — do que uma ténue penugem loura que lhe dá a maciesa cariciosa do damasco. Aqui temos o caso visto pelo lado estético. Pois, não obstante, os taes moralistas de meia tijela, a que já aludi, exclamam que as praias, no verão, são um espectáculo edificante e lançam o grito de alarme contra a invasão do «Nú» que os trás assustados... Pobresitos! O que irá ser da Humanidade quando toda a gente cultivar o «Nú» com amor, carinho, gosto, elevação, e conseguir abstrair da animalidade grosseira!? Pobres idiotas que são esses moralistas! No dia seguinte a terem enodoado o papel com taes dislates são capazes de descrever, com grande abundancia de sinónimos do Belo, um quadro ou uma escultura representando uma mulher *nua*. E estamos caidos numa contradição: o que é formoso em tela rude ou em pedra fria deixa de o ser em carne, viva e palpitante!»

«E com a agravante de o «Nú» ser muito mais completo na chamada «obra de arte» e mais picante porque, geralmente, se escolhem posições afrodisíacas...» atalhou Eduardo.

«Nem mais!» triunfou a Octavia, bebendo a limonada que acabara de lhe trazer a serva do hotel.

Eduardo e Maria Luisa imitaram-na e decidiram dar um passeio a fazer horas para o jantar.

«Vamos até Cascaes,» propoz Eduardo.

«Pois vamos» concordaram as duas amigas.

Maria Octavia subiu a buscar dois abafos ligeiros para o pescoço porque a tarde esfriava, soprando um pouco de vento um tanto penetrante.

Eduardo julgou oportuno o momento para romper hostilidades. Um simples contacto de vedetas, para começar. Fixou Maria Luisa. sorriu-lhe, e, com naturalidade, disparou o primeiro tiro:

«Não sei como dizer-lhe, Maria Luisa, sem cair na banalidade vulgar que de certo a enjôa por muito repetida já, que você é encantadora, mas muito acima do que é normal em mulheres formosas...»

Maria Luisa, que tivera o pressentimento duma declaração, sentiu que lhe inundava o peito um indefinivel flúido que a deixou extasiada por momentos até que encontrou força bastante para replicar brandamente:

«E' sempre grato a uma mulher que sabe que não é feia ouvir semelhante frase na boca dum homem superior...»

Eduardo atalhou, cortando a frase:

«Não me envaideça, Maria Luisa, e perdoe tel-a interrompido. Mas devo dizer-lhe que, sem falsa modestia, me considero longe dessa superioridade que me atribui...»

Coube a vez á enamorada rapariga de o interromper:

«Disse *superior* e repito-o... e não é meu inintento envaidecel-o, Eduardo. Significa este vocábulo que o acho diferente, com vantagem sua, da massa de adoradores — permita-me a vaidade —

que teem zumbido, como moscardos, em volta de mim desde que a Naturesa me amadureceu para os embates do Amor com todos os seus perigos...»

«E encantos...» completou Eduardo.

«Sim, por vezes, mas raramente... Ia eu dizendo que a gentileza que me dirigiu me sensibilisou por vir da sua boca, apesar de as palavras serem as mesmas que, efectivamente, estou saturada de ouvir... Mas não sei se é a pessoa que as diz, o metal de voz em que são ditas, ou qualquer outra característica... — como direi? — imponderavel — julgo que está bem definido — que torna essas palavras diferentes de sentido, de paladar e de efeito. Mas quantas vezes terá o Eduardo dito a mesma coisa a outras raparigas com mais beleza do que aquela com que a sua fantasia me brinda!...»

«Para ser sincero e é a todo o ponto conveniente sel-o com você, Maria Luisa, — confesso que não me posso gabar de originalidade na frase em si. Quantas vezes a terei pronunciado não saberei dizer-lhe; mas posso afiançar-lhe que nem sempre essa ou outra frase semelhante sae da boca de um homem animada com a mesma espiritual imponderabilidade a que já se referiu. O reportório do Amor é restrito e pobre de expressões que se repetem ao infinito! Para que duas almas se compreendam e se procurem e se fundam é mister que afinem pelo mesmo diapasão, que vibrem sincronisadas pela mesma radiação afectiva e que emprestem aos sentidos externos, que para elas

canalisam as sensações do ambiente, um poder especial, uma acuidade de percepção finissima, que só então existe, e que permite distinguir entre mil olhares, por exemplo, aquele pelo qual ansiamos; entre mil frases aquela por que suspiramos; entre mil pessoas aquela dentro de cujo bojo corpóreo habita, isolada e prisioneira, a essência-espirito que, por designio do ceu, virá preencher o vasio que sentimos dentro de nós...»

«E quer o Eduardo dizer que, entre tantas mulheres com quem tem partilhado a sua juventude, em espirito ou em materia, acabou por descobrir uma que...»

«... que encontro superior ás restantes, não sei bem dizer por que motivo...» interrompeu com vivacidade o enamorado moço.

Maria Luisa sentiu sumir-se-lhe a voz na garganta e fugir-lhe a vista; teve a impressão de que se fazia noite ràpidamente e quiz retorquir sem o poder fazer. Mas passado o delíquio conseguiu articular:

«Como poderei eu acreditai-o, Eduardo? Conhece-me há três dias apenas...»

Eduardo fez um gesto para a interromper de novo; mas Maria Luisa, com outro egual, pediu que a deixasse falar. E continuou:

«Se eu fosse uma donzelinha ingénua, é natural que sentisse dentro de mim uma esquisita alvorada ecoando na alma em festa, tendo por sino grande o coração a martelar o peito, como nas festividades singelas de alguma aldeia branca, pequenina, saüdavel de crença e socego. Mas sou uma mulher

a quem o instincto já acordou e com êle o conhecimento da vida e dos homens, mulher a quem só faltam as materialidades do amor para de tudo ser conhecedora...»

Maria Luisa, com a sua finura de mulher, mentia descaradamente quando afirmava que não o acreditava e que, por não ser uma donzelinha ingénua, não sentia repiques festivos dentro do peito. Pudesse ele abril-o, como se abre a porta dum sacrário e veria a sua alma apaixonada toda feita luz! Pudesse ele colocar o ouvido sobre o seio de Maria Luisa e sentiria como badalava forte o «sino grande» do seu coração!

Mas convinha-lhe arrancar a confissão completa daquele amor nascente para ficar louca de contentamento. E, muito discretamente, foi-lhe dizendo, sem necessidade de que êle lh'o preguntasse, que no belo busto que arfava sob os olhos dele, congestionados e fixos, não pouzara ainda a cabeça escandecida de desejos, satisfeitos ou não, de qualquer individuo de contrario sexo. Oh! argúcia feminina!

Essa novidade, porém, não o impressionou de forma notavel. Eduardo já se habituara, pela influência do meio em que vivia, a ver na mulher não a virgem mas, muito simplesmente, a femea do homem. A virgindade do corpo feminino, que,— tantas vezes!— não acompanha a do espirito nem a conveniente sanidade da alma, era a seus olhos um incidente de magra importancia que só podia satisfazer o seu egoismo, numa questão de primazia na posse, mas, de forma alguma, tornar orgulhosa

a sua alma equilibrada e forte. Pensava, afinal, como Maria Luisa nesse particular. Mas a formosa «Deusa do Estoril», como lhe chamavam, ainda não conhecia a fundo as opiniões do «cavaleiro moreno» chegado, para ventura sua, havia apenas umas dezenas de horas.

Maria Octavia apareceu com os abafos para si e para Maria Luisa. E a conversa teve uma suspensão forçada a despeito da grande amisade que ligava os trez jovens. O amor carece de isolamento para se expandir livremente; só na soledade, no *tête-à-tête*, encontra encorajamento e liberdade de acção.

Nada ocultaria á sua dilecta amiga a filha de Clorinda; de todos os detalhes daquele torneio amoroso Maria Octavia seria sciente por direito de amisade e de sangue. Mas a boa rapariga era discreta, e tanto que se demorara mais do que seria necessario a fim de os deixar a sós para as escaramuças preliminares...

Um ligeiro aceno aos respectivos parentes e desceram a escada do hotel. O *Bob* veiu tambem, não tendo já com quem se entreter: o Dódinho adormecera nos braços da creada e a Carlotinha dava lição com *miss* Temple que lhe rectificava a pronúncia e inspeccionava o ditado. Tinha estado para ali, muito aborrecido, agachado, com o focinho sobre as mãos estendidas. E' verdade que tinham vindo uns rapazitos provocal-o á brincadeira. A esses fedelhos não se dignara êle ligar-lhes importancia, como cão fino que sabe que não devemos distinguir com a nossa amizade o primeior

adventício. Mas, quando viu que Eduardo e as senhoras se levantavam, poz-se de pé e ficou álerta. Iam sair? Que bela ideia!

E lá foi fazendo negaças deante das senhoras que o afagavam de fugida.

Atravessaram a Avenida e passaram à estrada por onde fugiam, como setas velozes, alguns autos trepidantes.

No Casino dansava-se. Pela estrada, nos dois sentidos, passava gente conhecida com quem as raparigas trocavam beijos ou acenos amigaveis.

Iam sem meias, conforme a última moda ainda não geralmente aceita e muito graciosas nos seus vestidos vaporosos. Nas cabeças bem penteadas brincavam, ao sopro da viração, mechas de cabelo ondulado, cocegando nas fontes e nas faces.

E seguiram, na direcção de Cascaes, emquanto o Julião se atarefava, na cosinha do hotel, a preparar o jantar. Tinham tempo de sobra.

A meio caminho vinham em sentido inverso uma mulher do povo e uma rapariga de uns dezeseis anos raquíticos, possivelmente sua filha, ajoujadas sob o peso das trouxas de roupa á cabeça. Ao passarem pela elegante trindade, a mulher e a rapariga detiveram-se a contemplal-os. Havia no olhar mortiço da pequena uma admiração visível por aquelas meninas ricas a quem a vida sorria por entre festas e prazeres continuos. Mas na testa encortiçada da outra, um sulco profundo denunciava aquela permanente hostilidade da mulher da classe baixa, escrava do trabalho, para com a senhora da alta roda cujas mãos, macias e sedo-

sas, nunca travaram conhecimento com os utensilios do labor rude que as outras embrutece.

Nisto, um golpe de vento ergueu as saias das duas jovens com uma momentanea exibição das suas lindas pernas até acima, á curva das nádegas, onde alvejou a renda das calças.

A mulher rosnou:

«Grandes safadas! Deviam dar o «inzemplo» e são as peores! D'aqui a pouco andam com «tudo» á véla!»

E berrou para a rapariga:

«Anda embora, Maria...»

Dois passos andados voltou-se ainda, com o olhar endurecido, para mastigar numa invectiva odienta:

«Coirões! Corja de..........!»

XI

Oh! aquelas noites!

«Vá lá uma pequenina traição á Maria Luisa...» disse alegremente Maria Octavia, ouvindo o pedido que lhe fazia o primo.

«...que é desculpavel e ela perdoará...» completou Eduardo.

«Egual pedido me têm feito os outros do rancho e sempre tenho recusado satisfazer-lhes a vontade. Só ás raparigas o tenho consentido... Mas, tratando-se de ti que tens... «direitos especiaes» o caso é diferente...» continuou ela com um sorriso pícaro.»

«E' um pequenino delito que a solidariedade do sangue autorisa e desculpa...» afirmou Eduardo, a rir.

Subiram ambos ao *atelier* da artista em vilegiatura. A Octavia, espiando-lhe a impressão produzida descobriu o magnifico quadro em que Maria Luisa patenteava toda a sua exuberante belesa plástica na atitude de quem se oferece á adoração ou, mais prosaicamente, á embriaguês da posse.

Eduardo recolheu-se em embevecida contemplação durante longos minutos como se o assombrasse qualquer visão nunca entrevista ou imaginada; depois exprimiu as suas impressões, com a voz um pouco alterada:

«E', talvez, ser pouco galante contigo dizer-te que é divinamente linda a tua amiga, Maria Octavia... Perdoa á minha perturbação e aos meus sentidos extasiados o que puder haver de melindroso para ti, como mulher, na frase com que a classifiquei...» começou Eduardo que não tirava os olhos do quadro.

Maria Octavia, de bom humor, replicou:

«Podes dizel-o sem escrúpulo ou receio de qualquer melindre para mim... Em primeiro logar porque é verdade, em segundo porque sou muito amiga dela, em terceiro porque não está nos meus hábitos ser ciumenta da formosura das outras mulheres...»

«Seria caricato e de mau gosto...» sentenciou êle.

«Seria humano e proprio da nossa condição de *bibelots* de carne... Mas entre mim e a Milí, não ha uma peleja de *coquetterie* para a disputa da tua pessoa... o que é uma felicidade para ambas... Nem poderia haver... Perdi-te de vista quando eu era ainda uma femea, pode dizer-se, embrionaria a quem não turvavam o pensamento os desejos que o amor em nós acende... Volto a encontrar-te, já homem feito — e um belo exemplar de homem, palavra de honra! — mas quando eu pertenço de corpo e alma a um outro que soube

tornar-se interessante e cativar-me... A nesga de belesa que êle me encontra chega bem para o fartar, que para outro fim dela não preciso... Já vês!...»

Eduardo ouvia a prima discorrer e aprovava com movimentos de cabeça mas introduziu um protesto na conversa:

«Nesga de belesa acho modestia exagerada... Tu, Octavia, és uma linda mulher, que nenhum homem de gosto apurado desdenhará possuir. E, quando digo «possuir» não me refiro ao acto carnal em si, mas a ter-te como coisa sua, com exclusão de todos os outros homens. Não me surpreende que o teu apaixonado se julgue feliz com a porção de ventura que êle teve talento bastante para descobrir, porque seria um bípede bem pouco interessante se não fosse louco por ti como mereces a todos os respeitos. Em ti não encontro só a harmonia do corpo, mas a vivacidade e graça do espirito...»

«Com essas e outras que taes é que vocês nos levam «no bote»... disse-lhe a Octavia, bem disposta, dando-lhe uma amigavel e pequenina bofetada.

Eduardo sorriu do comentário e afirmou com solenidade:

«Falo sério. Não estou fazendo literatura nem pretendo lisongear-te com essa amabilidade de encomenda que se usa nas salas... Entre nós, tal intuito seria ridiculo!

Mas Maria Octavia acrescentou:

«De resto, há ainda outro motivo poderoso que impediria um romance entre nós... E' que eu sem-

pre vi qualquer coisa de incestuoso na ligação, sacramental ou não, de tios com sobrinhas e de primos com primas... Repugna-me, queres crêr?...

«Acredito. Nem devia ser tolerado. Por via de regra a descendência é enfermiça, degenerada, vindo à supuração as taras de família em moléstias e anormalidades...»

Eduardo lançou ainda um demorado olhar à pintura como se quizesse fixar na retina, como em chapa fotográfica, aquela brilhante afirmação de insolente formosura. E cumprimentou a prima, sinceramente:

«Tens um belo talento artístico, Octavia, que te torna uma mulher invulgar, aliado, como está, a todos os outros predicados que em ti concorrem...

«E's amável, Eduardo, muito amável. Soam-me bem essas palavras na tua boca. São um elogio saboroso e quero acreditar na sinceridade com que as dizes...»

Desceram. Eduardo renovou a conversação, sem poder afastar da mente o que os seus ditosos olhos tinham contemplado:

«Agradeço-te a boa surpresa que me proporcionaste, Octavia... e faço idea da cara de espanto que fará o júri de qualquer certame se te resolveres a enviar a tua obra a concurso!...»

«Não o farei porque seria recusada *in limine*... O famoso decoro não transige com a *Verdade* que serve de tema ao meu quadro... Eles querem a *Verdade* mutilada, eu quero-a íntegra... Não podemos entender-nos...»

E dissertou sôbre o ponto de vista que já comunicára a Maria Luisa quando ela «pousava». Eduardo concordava em absoluto e encolhia os ombros deante dos argumentos sólidos e indiscutíveis da prima.

«Estava longe de supor, quando resolvi vir matar saüdades a Portugal, que vinha encontrar uma prima revolucionária, a mesma que eu conheci, tímida e pudorosa, noutro tempo...» disse, com uma pequena risada.

«Meu velho», respondeu ela, «o estudo, a curiosidade, a meditação, viraram-me do avesso! A partir de certa altura da minha vida deixei de poder admitir determinados absurdos que há na existência... Com que direito, por exemplo, o homem chega ao himeneu já saciado de mulheres e se espanta e faz cara — quando não faz escândalo — se a mulher também entendeu dever saborear os homens? Não compreendo nem admito que o que neles é motivo de orgulho seja para nós causa de opróbrio! E' inútil tentar alguem convencer-me com argumentação especiosa, falha de senso e substância. Foi assim, de *étape* em *étape*, na evolução do meu «eu», que conheci o meu primeiro amante que não foi o último porque... porque era um «traste» capaz de seduzir uma rapariga ainda inexperiente, o que era fácil, mas não de satisfazer a alma da mulher em que depois me tornei, o que era bem mais difícil...»

«Lutas pela egualdade de sexos?» inquiriu Eduardo.

«Perante o amor e outros incidentes da vida

mas não como as sufragistas do teu paiz de adopção que pretendem coisas que eu entendo deslocadas por inadaptáveis ao meu sexo... Sou uma revoltada, mas não extremista... Encontro-me filiada na «direita» da vanguarda...»

Soltaram ambos uma risada fresca e subiram para o *cabriolet* da Octávia onde ela se sentou ao volante, fazendo funcionar o *starter* que logo comunicou ao motor uma suave trepidação.

Logo a seguir, com um ronquido do *klaxon*, rolou o auto a cortar a Avenida Saboia e virou à direita metendo à estrada de Cascaes. Iam jogar o *tennis* ao Sporting Club onde o rancho se familiarisara já com a colónia balnear e desportiva por iniciativa de Eduardo.

«Julgo que não terás dúvida em me presentear com uma cópia pequenina do teu quadro...» disse Eduardo, pouco depois de passsado o Casino.

Maria Octavia olhou-o por segundos e voltou a vigiar a estrada atravez do *pare-brise*, receando algum atropelamento, e replicou:

«Para que o queres tu?...»

A inflexão de voz com que pronunciou aquelas palavras e o sorriso irónico com que a sublinhou tinham um sentido que completava a frase:

«... se pouco deve faltar para que tenhas o original!...»

O resto da curta viagem fizeram-na calados. Eduardo, todo entregue àquele devaneio que era o seu viver desde que chegara ao Estoril, teve uma idéa que lhe fez florir um sorriso nos lábios, vermelhos de sangue forte: concorreria ao «Salão

Fotográfico de Amadores» que se encerrava em fins de setembro, em Londres.

Tinha trazido a sua máquina, uma magnifica 4,5 Zeiss que lhe permitia obter estupendos negativos em formato 8×10,5. Ampliaria para 18×24, ou mais, consoante as qualidades fotográficas dos negativos e esperava alcançar um prémio interessante, talvez o Grande Prémio que não era para despresar: 10.000 libras!

No dia seguinte iria a Lisboa; escreveria para Londres a reclamar boletins de inscrição tratando ao mesmo tempo de adquirir uma boa ampliadora pois não confiaria a ninguem os clichés que lhe ia proporcionar — estava certo disso — a formosa estrela do rancho das *sans-culottes*.

E dava voltas à imaginação a compor mentalmente o *sujet* que deveria ser de molde a causar sensação.

«Aí estão,» disse a Maria do Ceu ao sentir parar o auto. Maria Luiza, com um pequenino Lúlú de mês e meio do colo, veiu à entrada do *court* a recebel-os. Já lá estavam todos os restantes seguindo interessados a partida entre a Odette e *miss* Hopkins que tinha já conseguido a «vantagem» depois de um 5 a 5 renhidíssimo e disputava agora, com alma, a 2.ª bola depois do *deuce* do 7. º jogo.

Eram ambas de egual força, ágeis como gazelas, de vista apurada e mão segura, desenvolvendo um vistoso tiroteio de *cuts* e *drives* que excitavam aplauso.

«Como está o jogo?» preguntou Eduardo, com interesse.

Mister Hopkins informou, em inglês, que estavam *games-all* com «vantagem» de sua filha e lutavam agora com denodo, a britânica para ganhar o *set*, a portuguêsa para destruir a «vantagem». Logo a seguir, com um *smash* estupendo, *miss* Hopkins fez cair a bola quasi a prumo, junto á rede, sem que Odette, que se lançou como um projéctil, lograsse devolvel-a.

«*Game!*» anunciou o Vasco, erguendo a *raquette*, emquanto uma ovação estrugia. Ganhava *miss* Hopkins por 7 a 5.

«*A masterly stroke!*» disse a Odette, vermelha como uma papoila sob o pó de arroz desfeito, a felicitar a sua antagonista.

«*Tanks,*» replicou modestamente a inglesa. «*You are hard to beat, to tell you the truth...*»

Maria Octávia tomou Maria Luisa de parte e confiou-lhe, ao ouvido:

«Fiz-te uma pequenina traição, Milí...»

Mas o seu sorriso de amisade e carinho desmentia a gravidade da confissão.

«Com o Eduardo?» preguntou, bem humorada, a outra.

«Sim, com o Eduardo...»

E ficou a olhál-a, gosando o efeito da revelação.

«Não te deitaste com êle, com certesa... Isso não poderia eu acreditar...»

«Adivinha o que foi que fizemos os dois...»

«Talvez um beijo?...»

«Frio, frio...»

Maria Luiza desistiu de quebrar a cabeça, a procurar o que teria sido:

«Não me rales... dize o que foi, se és minha amiga...»

Maria Octavia fez-lhe a vontade:

«Mostrei-lhe a pintura...»

«Oh! O que tu fizeste, Octavia! Deixo de ter novidade, assim!...»

Maria Octavia abanou a cabeça:

«Não digas heresias! Dei-lhe o aperitivo, o resto é contigo... E estou certa de que anseia o grande momento... o grande minuto em que te chamará sua... Pediu-me uma cópia reduzida do quadro, mas eu neguei... e disse-lhe que não precisava de cópias porque... tu bem me entendes...»

«Oh, Octavia, pois tu disseste isso? Parece mentira!...»

«Não completei a frase mas dei a entender... Em que altura vai isso?»

Maria Luisa virou para ela os seus grandes e luminosos olhos que scintilaram de trémula ventura. E confessou:

«Sinto-me tão feliz ao pé dêle, tão inebriada quando êle me fala e me segreda finezas que não tenho pressa de lhe pertencer... Será quando Deus quizer...»

«Estás poética como eu nunca te conheci...» comentou Octavia.

«E' verdade. Encontro uma doçura infinita em saber que sou dêle e, ao mesmo tempo, em retardar o momento de me entregar definitivamente... E é curioso que eu troçava da poesia no Amor que sempre julguei risível, mas vejo que depende

da naturesa desse Amor... porque ha varias espécies, não estás de acordo?

Octavia confirmou que havia.

«E êle, bem o sinto, encontra o mesmo encanto em me envolver numa atmosfera de adoração antes de me cingir pelos rins e me afogar em suspiros... Queres crer que ainda não trocámos um beijo?»

«Tu o afirmas, é bastante. Estão ambos em ponto de rebuçado... E' delicioso!»

No *court* seguia outra partida entre Maria Ceu e o Vasco. Depois Maria Luisa e a Candinha, as principiantes do grupo, se defrontariam. Ouviam-se vocábulos soltos em inglês, para a contagem e indicação dos incidentes do jogo. Em volta conversavam em pequenos grupos diversos rapazes e raparigas da colónia balnear e, mais afastados, Eduardo e *mister* Hopkins tinham encetado uma animada palestra.

Maria Luisa olhou o seu adorador com enlevada solicitude, emquanto a Octavia lhe contava um caso idêntico passado consigo antes de conhecer o tenente de marinha.

Mas a enamorada jovem mal a escutava, mergulhada em risonhos pensamentos, e fazendo festas ao cachorrinho que adormecera anichado no seu regaço.

Eduardo era de uma suprema delicadesa na conquista que empreendera. Tinham já começado as lições de natação em que lhe era forçoso amparar com as mãos o corpo da sua amada emquanto lhe indicava os movimentos dos braços e das pernas. Uma das suas mãos ficava espalmada junto á base

dos seios, a outra de encontro ao baixo ventre, na junção com as côxas. Mas nunca os seus dedos se tinham atrevido a explorações ousadas, nunca o grosseiro apalpão, de esperar noutro homem menos correcto, poude provocar nela um natural melindre de repugnância ou desgosto.

Era assim que êle tinha apreendido no trato com as senhoras inglesas. Ou o que é consentido, ou nada. Maria Luisa sentia que podia acompanhal-o até mesmo a um sitio deserto com plena segurança da sua integridade. Se lhe dissesse «não», seria «não». Que agradavel era conviver com um homem tão finamente educado!

Entretanto pensava: «Onde se encontraria ou, pelo menos, com que dificuldade se encontraria um outro português que, em circunstâncias eguaes, levasse o respeito por uma senhora confiada a ponto de não a ultrajar com um ataque brutal e selvagem? Desculpavam-se por cá com o temperamento... Cantigas! O mesmo temperamento possuia aquele seu admirador, pois que nascera sob este ceu que alguns pretendem que põe nas veias torrentes de lava irresistível! O facto de ter vivido uns ancs em Inglaterra não lhe tinha obliterado as taes «qualidades rácicas» nem arrefecido o famoso «sangue escaldante», mas tinha-lhe ensinado a ser respeitoso e deferente para com a mulher, mesmo com aquela — e principalmente com essa — que se deseja conquistar e cuja rendição se pretende!

Maria Luisa sentia-se embalada num sonho doce e perfumado e bemdiria sempre aquele ninho en-

cantado do Monte Estoril que em boa hora tinha escolhido para veraneio naquele estio, e que ficaria lembrado como a mais encantadora quadra da sua vida!

Desde que «êle» chegara áquele torrão pequenino da baía lambida de sol, tudo lhe parecia mais luminoso do que nunca em volta de si. Onde tinha ela os olhos nas outras vezes que ali estivera?

Independentemente desse facto, a vida de folguedos das suas amigas e a dela propria tinha sofrido novo impulso. Até então as distracções eram monótonas á força de repetidas: a praia e o Casino; nada mais.

Agora, quasi em cada dia havia uma novidade que nenhum dos outros homens do rancho tinha imaginado até meados de Agosto. Eram falhos de inventiva ou preguiçosos.

Mas aparecera o Eduardo e, dias depois, alargava-se o âmbito dos seus prazeres. Os que não sabiam nadar tinham aprendido sob a sua competente direcção e já iam menos mal; o casal de ingleses secundava-os quer nadando, quer conversando, quer jogando; alguns pequenitos se tinham aproximado da Carlotinha e do Dódinho atraídos pelo *Bob* e por um monstro de cavalo de borracha, exemplar curioso de desconhecida fauna, que não tinha pernas, nem cauda, nem orelhas...

E todos saboreavam aquela modificação para melhor.

Tinha sido um acontecimento a abertura das malas trazidas por Eduardo. Quando as duas creanças do grupo souberam que aquele cavalo era para

elas vogarem, boiando sobre a agua sem perigo de caír, a Carlotinha pulou de contente e tentou fazer compreender ao Dódinho que já podiam brincar no mar como as pessoas grandes. E fazia preguntas sobre preguntas inquirindo como êle andava, de que era feito e outras mais que foi forçoso explicar-lhe.

Além do cavalo havia uma canoa desmontavel e impermeavel, uma bola enorme que o *Bob* reconheceu muito bem, um estojo com varios jogos, uma grafonola e outras coisas para matar o tempo.

Fôra logo decidido encomendar rapidamente um cavalo egual para cada um dos componentes do grupo que imediatamente assentaram praça em cavalaria. Viriam os «solípedes» de Paris, pelo *Sud* e disso se encarregava o Vasco aproveitando uma indispensavel ida a Lisboa.

Todos tinham já experimentado como era bom cavalgar sobre as ondas e estavam anciosos porque chegassem os «animaes» para um combate que devia ficar célebre nos anaes guerreiros de Portugal... Se a encomenda não viesse rapidamente iria o Horta buscal-a a Paris para o que só necessitava de cinco dias, ida e volta. Mas não sem que jurasse á Maria do Ceu — intimara ela — de mão espalmada sobre a Cruz, que desdenharia toda e qualquer francesa que acaso topasse no seu caminho. Francesa ou de outra qualquer nação...

E o Horta jurou de bom grado porque até para o pobre rapaz, que tão nervoso tinha andado uns tempos, a vinda do Eduardo parecia ter sido a chegada do Mensageiro do Amor.

Quando o engenheiro soube por Maria Octavia que êle suspirava baldadamente pela formosa Maria do Ceu dissera-lhe na presença dela, perante o riso de todos, i cluindo a esquiva rapariga:

«Insista, nem amigo, insista sempre... e terá a devida recompensa... Ela acabará por ser misericordiosa e boa!...»

O Horta insistira, animado pelo incitamento recebido, e com tão bom êxito que, havia dois dias, mudara de opinião a respeito dela, reconhecendo que, afinal, era a mais celeste de quantas mulheres abriga o firmamento...

E o Alcino, tendo percebido que o Horta navegava em maré de rosas, não quiz ser menos do que êle e tão eloqüente se tornou junto da Candinha que ela não teve coragem de lhe dizer que não por mais tempo...

Viviam todos felizes, em última análise. A temporada, que se anunciara risonha, excedera a sua expectativa e tornava-se edénica. O «Monte» era, em boa verdade um delicioso cantinho do Paraiso... E tudo por obra daquele admiravel rapaz que conquistava um amigo em todos com quem lidava dez minutos.

Quantas distracções êle tinha já planeado! Quantos lindos passeios estavam já marcados!

Naquele dia, depois do *tennis*, iriam a Colares em autos. Que belo passeio deveria ser, feito na companhia «dêle»!

E Maria Luisa, sentada ao lado da sua querida Octavia, seguia pensando, sem dar atenção aos jogadores que se agitavam na sua frente sobre o ter-

reno duro, marcado a cal, onde a bola saltitava em vertiginosas trajectórias.

Oh! como ela adorava a meia tarde na *terrasse* do seu hotel em grupo com êle e a Octavia! A's vezes, sempre que o brasileiro a não levava a passeio, cioso da sua companhia, vinha juntar-se-lhes a Antonieta e jogavam o *bridge*, a manilha, o *whist*, o dominó ou a roleta. Outras vezes apareciam as outras pequenas com ou sem os seus *flirts* e conversava-se largamente sobre engenharia, modas, politica universal e variadissimos outros assuntos.

E, referindo-se áquele cantinho tão lindo, o engenheiro explicava, apoiando-se em *croquis*, o que lhe parecia mais conveniente fazer-se. O Alcino e o Horta, mais ilustrados de que o Vasco, discutiam números e alvitres com largos gestos demonstrativos; o Eduardo afirmava categoricamente que, com alguns milhares de contos, bom gosto, espírito utilitario e *savoir-faire*, poderia tornar-se a Costa do Sol rival da *Riviera*, sob determinados aspectos.

Mas onde estava esse dinheiro, esse *savoir-faire?* A Sociedade Estoril não dispunha de quanto era preciso para esssa obra grandiosa. Era preciso arrazar tudo quanto revelasse mau gosto e transigência das camaras municipaes com os interesses particulares de A. ou de B. Era preciso construir quasi tudo de novo sobre planos fornecidos pela Arte de mãos dadas com a Sciencia: a Arquitetura e a Engenharia. Então, sim! Fora disso, ao acaso do dia a dia, *chalet* aqui, *chalet* ali, o scenario que

poderia ser maravilhoso tornava-se pobre e mesquinho.

As duas amigas tomavam interesse, quando estavam sós com êle, em explicações scientificas que Eduardo aligeirava, quanto possivel, de tecnologia para elas incompreensivel. Tinha-lhes exposto, com claresa suficiente, como se produzia e utilisava a corrente electrica que fazia mover os comboios que businavam a poucos metros; como e porque se originavam as marés; como se tinha formado a lua; como se construia um caminho de ferro ou se abria um poço artesiano.

Maria Luisa ouvia-o embevecida, admirada de tanto saber. E êle aparecia a seus olhos cada vez mais digno do seu amor, porque era um homem útil, a muitas leguas de distância dos bonifrates de salão de que ela conhecia tantos exemplares.

E as noites na praia, prateada de luar romântico!? Iam todos os do grupo. Aparecia, vindo de Lisboa, o Amaral, antigo condiscipulo de Eduardo de quem êle se lembrou ao sentir saüdades da guitarra nostálgica que noutros tempos tambem «arranhara». Morava ainda o guitarrista na mesma casa, a Arroios, e lá o tinha ido o Eduardo surpreender numa tarde, a convidal-o, depois de, num abraço evocador, terem recordado os já distantes e risonhos tempos da cabulice no liceu do «Pad'Sá» [1] ao Sacramento.

[1] Quero acentuar que a referência a este *soubriquet* não envolve o menor desprimor para o Prof. Sá Oliveira, meu antigo reitor. Irreverências deste género são toleráveis nos verdes anos mas, apesar de inofensivas, perdem toda a justifica-

O Amaral, muito cortez e delicado, não se fazia rogar e deliciava as senhoras com o instrumento gemebundo que chorava sob os seus dedos experientes. A Antonieta e a Candida revezavam-se, cantando com a voz comovida e quebrada. E os restantes, deitados sobre a areia, escutavam a melopeia ingénua e sentida onde havia sempre um amor infeliz, uma traição, um soluço.

Os outros banhistas atordoavam-se com o *jazz*, no Casino; e na praia, geralmente, nem viv'alma além deles. Na escuridão do ceu, havia palpitações de luz como se um enxame de pirilampos adejasse por sobre as suas cabeças a grande altura; e o queixume do mar, a lamber a areia, secundava as lamentações da guitarra num «nocturno» dolorido que enternecia!

Maria Luisa sentava-se ao lado de Octavia, abraçadas e com as faces juntas, e o Eduardo deitava a cabeça sobre as côxas da sua amada numa contemplação extática. E, quando ela, com solicitude carinhosa, lhe dizia que podia resfriar-se na areia, êle tinha sempre uma linda frase para lhe retorquir:

«Não importa. Assim, para que a veja, tenho que olhar o ceu... e é lá que a minha imaginação a coloca.»

Ela, em recompensa, afagava-lhe a face escanhoada onde sentia asperesas de barba a despontar;

ção na hombridade. Neste local, porém, era indispensavel invocar a referida personalidade sob a alcunha com que o crismaram sucessivas gerações de estudantes. — Nota do Autor.

e êle captava-lhe a mão e depositava, religiosamente, nos seus dedos patrícios, pequeninos beijos de devoção e carinho.

Oh! aquelas noites! Noites veludíneas e cariciosas, noites de maravilha e de encanto idílico!

A sua mente cessou de vibrar. Ficou-se a olhar, sem ver, as manchas brancas que continuavam saltando no chão elástico do *court*. Maria Octavia, que a tinha já contemplado em silêncio sem se atrever a chamal-a á realidade, resolveu-se por fim a tocar-lhe com o cotovelo, ao de leve:

«Tu sonhas, Milí... E' tão bom sonhar!...»

«Sim,» respondeu ela, absorta, «estive sonhando. Porque tudo isto é um sonho de que só temo o despertar, meu amor!...»

A Octavia fitou nela os seus olhos aveludados, sorriu com meiguice e tranquilisou-a:

«Deus não ha de querer que assim seja...»

E sentiu que o braço da sua amiga a enlaçava, puxando-a, e que os lábios dela se pouzavam, de mansinho, sobre a sua face mimosa, murmurando ao seu ouvido uma palavra doce:

«Obrigada.»

De longe, uma voz conhecida gritou:

«Vamos, Milí... é a nossa vez...»

Era a Candinha que tinha já entrado no *court* onde Maria Luisa a seguiu, quasi maquinalmente. O seu jogo, nessa tarde, deixou mais a desejar do que em dias anteriores o que permitiu á Candinha ganhar por grande diferença.

E, pouco depois, os autos roncavam pela estrada de Almoçageme, em direcção a Colares. Iam to-

dos alegres, como de costume, com excepção de Eduardo e Maria Luisa que seguiam, lado a lado, um tanto abstractos. Sonhavam ambos.

A Octavia mirava-os de soslaio, com um irónico sorriso a encovar-lhe as comissuras dos lábios onde o *rouge* punha uma pincelada sanguinea. E, aproveitando um *rallenti* do motor, comentou, trocista:

«Digam coisas, seus diabos! Emudeceram de tal forma que até o *Bob* está pasmado!...»

Era verdade. O inteligente animal farejava qualquer coisa de insólito no mutismo de ambos: o seu instinto apurado tinha-o já advertido de que Maria Luisa era para Eduardo alguma coisa mais do que as outras meninas. Via nos olhos do seu dono, quando lhe falava, uma humidade terna que neles não transparecia quando se dirigia ás outras; via-o isolado com ela, um pouco á parte do grupo com segredos que êle não podia compreender, mas que adivinhava, quasi. E a sua inteligencia parecia tel-o feito compenetrar-se de que, mais dia menos dia, aquela senhora seria sua dona também. Por isso tinha para ela particulares demonstrações de amisade que ás outras não tributava; e uma tarde, não tendo outra forma mais eloquênte de se expressar, ousara lamber-lhe o rosto desfazendo-lhe o *maquillage* e só não sendo punido porque ela intercedeu, afagando-o.

A observação da Octavia tinha-os acordado, positivamente. Olharam o *Bob* que, com as mãos nos joelhos de Maria Luisa, olhava para ela, olhava para êle, com uma interrogação muda nos olhos meigos:

«Que havia de novo? Estavam zangados?»

Eduardo suspirou fundo e desculpou-se fitando a sua adorada:

«Estive fazendo acto de contrição. Uma voz íntima preguntava-me se me considero digno da ventura que me sorri... E, para ser justo comigo proprio, devo confessar que não...»

«Sempre galante, querido amigo...» agradeceu Maria Luisa, enternecida.

A Octavia aprovou:

«Isso agora já tem outro geito...»

E, apoderando-se da alavanca de mudança de velocidades, obrigou o auto a galgar a ladeira que lhe surgia em frente.

XII

No parque da Pena

Tres pancadinhas com os nós dos dedos, dados de forma especial, indicaram que era a Octavia quem batia.

«Entra, Octavia...» disse Maria Luisa, de dentro do quarto.

«Estás pronta?» preguntou a recemchegada, entrando.

Beijaram-se e Octavia, notando a palidez da amiga, inquiriu com meiguice:

«Estás doentinha?»

Maria Luisa sentou-se na borda da cama e comunicou-lhe que tinham voltado os seus sonhos maus com as «desastrosas» conseqüências de sempre:

«Doe-me um pouco a cabeça... Não sei se deva tomar banho...»

«Talvez te faça bem a frescura da agua... deve acalmar-te os nervos...» alvitrou a Octavia e, sentando-se ao lado dela, prodigalisou-lhe as carícias a que a habituara a sua grande amisade:

«Coitadita... é preciso apressar «isso»... Vou dizer-lhe duas palavritas...»

«Que dizes tu, rapariga? Estás doida? Olha que ideia!» replicou, atemorisada, a outra.

Maria Octavia soltou uma gargalhada e tranqüilisou-a:

«Cala a boquinha e deixa o caso por minha conta... não terás de que arrepender-te... Olha a ingrata, hein?!»

Maria Luisa confessou-lhe que, desta vez, a imagem dele se retratara com a maior fidelidade na sua visão nocturna: chegara, entretivera-se a admiral-a numa adoração muda, depois cingira-a e afagara-lhe a epiderme com doces beijos que lhe tinham parecido pontas de fogo! Conservava a nítida impressão daquele delirio amoroso que lhe arrancara estremecimentos sacudidos como se o seu leito fosse uma pilha galvânica. Lembrava-se perfeitamente das variadas carícias com que a brindara o homem adorado a quem os seus beijos tinham enlouquecido na penumbra do aposento e não sentia aquela lassidão dolorosa que lhe era habitual, em Lisboa, mas um entorpecimento leve, uma suave tontura que ela desejava que não tivesse fim!

«E' o que eu digo...» voltou a afirmar a Octavia. «Agora é que tem que ser!... Vocês são os únicos do grupo que ainda não estão acasalados... E' um escândalo! Chega a ser uma vergonha...»

Puzeram-se a rir as duas.

«Tenho cá um pressentimento de que o dia de

hoje vae por ponto final no vosso platonismo... Hein?» continuou a Octavia.

«Deus o sabe!» respondeu Maria Luisa. «Tem sido uma bebedeira de amor que me tornou imensamente venturosa... Mas reconheço que não pode ficar eternamente nesta fase...»

«A quem o dizes, querida! Isso é adoravel, maravilhoso, embriagador... Mas o que se lhe segue não o é menos...»

Voltaram a rir, bem humoradas.

E, emquanto Maria Octavia desceu, a sua amiga acabou de se aprontar para o banho.

Em baixo passeava Eduardo, concentrado, fumando cigarros sobre cigarros. Viu chegar a prima e sorriu-lhe ao dar-lhe os bons dias.

«Bom dia, seu cara sem vergonha! Que tal passou a noite?» preguntou ela.

«Nervoso, muito nervoso, a pensar nela... Doe-me um pouco a cabeça...» disse ele.

«O quê, tambem? Está bonito!».

E desatou a rir, com gaiatice. Depois, fitando-o intencionalmente, continuou:

«Aposto que sonhaste com ela... e com «desastrosas» conseqüências...»

Eduardo percebeu o alcance da frase e riu tambem, puchando-lhe uma orelha de mansinho:

«E's levada da breca!»

«Agora a sério,» repoz ela: «Amal-a deveras?

«Sim,» respondeu Eduardo «doidamente!... Tenho que lhe falar, sem romantismo, sem pieguice, sem laméchice... Adoro-a e quero-a para mim, se ela me quizer dar essa ventura...»

«Demais sabes tu que sim, meu cara estanhada! Então hoje temos declaração formal?» indagou ela.

«Espero poder encontrar boa oportunidade para o fazer...»

«E calha bem. Sintra presta-se admiravelmente para os diálogos do coração, para o *tête-à-tête* licoroso que tu procuras. Nós manobraremos de forma a deixal-os isolados todo o tempo que fôr preciso... O resto vae por si...» E encarou-o com o seu costumado sorriso que a tornava tão apetecivel e provocante.

Eduardo atraiu-a a si e disse-lhe com emoção:

«Maria Octavia, escuta-me. Tu tens sido a desvelada protectora deste amor que eu estava longe de sonhar quando me assaltaram as saüdades do torrão natal. Devo-te uma larga parte deste triunfo que me esmaga ao mesmo tempo que me enche de orgulhosa felicidade. Nunca eu te recompensarei suficientemente de tudo quanto me sinto devedor para contigo. O mesmo poderá ela dizer e dil-o-á, por certo. Não encontro, por agora, outra forma mais expressiva de te significar toda a minha gratidão do que um beijo. Queres recebel-o como prestação do teu crédito?»

Maria Octavia substituiu a ironia que brincava nos seus lábios por um outro sorriso caricioso e comovido:

«E' galante o que acabas de dizer, Eduardo. Sómente te devo fazer notar que a minha interferência em todo este romance é meramente casual...»

«O que não impede que ela seja valiosa e inestimavel...» interrompeu-êle.

Maria Octavia continuou:

«... A Milí apareceu-me aqui tão inesperadamente como tu... Tanto quanto pude fazer, afastei os vários pretendentes que cobiçavam o tesouro que ela é, indiscutivelmente, porque sabia que nenhum deles poderia ser aceito por ela, por carência de estofo para a merecer... Apareceste tu como caido do ceu... Deus os fez, Deus os juntou... O traço de união que eu represento em tudo isto, esfuma-se perante a inevitabilidade dos decretos da Providência, sempre sábia, sempre inatingivel nas suas sublimes resoluções... Mas este modesto arrasoado não significa que eu não receba com prazer o beijo que me ofereces... E dir-te-ei, muito á puridade: visto que se amam e estão de acordo, «avinça-me» com ela... mas com geitinho, com delicadesa...»

Tinha-lhe voltado, no fim do discurso, a habitual tinta de zombaria inocente que era um dos seus atrativos. E estendeu a face ao primo, reclamando:

«Venha de lá essa beijoca...»

Ele tomou-lhe a cabeça entre as mãos, imprimiu-lhe uma ligeira rotação e depòsitou um beijo delicado e suave, na sua fronte branca e veludínea onde tremia, inquieto, á brisa da manhã, um gracioso caracol de sedosos cabelos.

Um casal de velhos que na *terrasse* vigiava dois amores de pequenitos, velozes nas suas *trotinettes*, sorriu ante o quadro dos dois moços, supondo-os dois namorados em cariciosas expansões:

«E' adoravel a mocidade!» disse o velho, ao ouvido da companheira.

Ela assentiu com um aceno de cabeça e comentou:

«Como êle a beijou! Com que devoção e respeito! Devem ser noivos . . .»

E os dois velhos cairam em fundo meditar. Nos seus olhos já embaciados podia distinguir-se uma névoa de saüdade; estariam vendo desfilar, numa visão retrospectiva do passado, os mil episodios risonhos da sua florida e distante juventude, já desvanecida por uma vida longa de lucta e sofrimento. Que assim seria confirmava-o o desbotado sorriso dos seus lábios murchos e descoloridos qaando a anciã murmurou, como alheada:

«Que Nossa Senhora os proteja . . .»

«*Amen*,» concluiu o velho.

E nenhum deles poude admitir que aquele beijo não fosse de amor mas sim de gratidão, dois sentimentos que a alma humana é capaz de gerar, paredes meias, quando a sua essencia é suficientemente delicada para que nela brotem e possam vicejar tão mimosas flores!

Maria Luisa fez a sua aparição, vinda do vestibulo. Eduardo penalisou-se ao notal-a pálida e de tal forma patenteou a sua inquietação que a Octavia disse para consigo:

«Estás mesmo pelo beicinho, meu velho! Ainda bem . . .»

Maria Luisa tranquilisou-o afirmando-lhe que a sua palidês era de atribuir ás «insónias» que tivera naquela noite. . .

Eduardo aquietou-se e não poude deixar de preguntar á sua alma ansiosa se seria nêle que ela pensaria, incapaz de dormir, como êle pensara nela ao agitar-se na sua cama sem poder conciliar o sono.

E a travêssa da Octavia virou o rosto para o lado para que não a vissem rir, à sucapa, emquanto murmurava:

«Insónias!... sim, sim...»

E seguiram para o banho.

Depois do almoço, como tinha sido prèviamente combinado, Maria Luisa sentou-se ao piano na sala, deserta a essa hora. Em seguida iriam a Sintra onde se demorariam até ao jantar, para distrair o hóspede que ha tantos anos não pousava os olhos nos lindos cambiantes da nossa paisagem, vivendo entre enfadonhos e cinzentos nevoeiros. E assim reüniam o útil ao agradavel, condimentando a monotonia marítima com a exuberância verde da campina para variar a perspectiva.

«Que deseja o meu senhor que toque?» preguntou graciosamente Maria Luisa com um ligeiro sublinhar do «meu senhor». E apresentou-lhe o masso das partituras.

Eduardo preferiu Chopin. Queria música sentimental e decidiu-se pelos *Nocturnos*.

A Octavia ergueu as mãos e olhou para o tecto dizendo, a troçar:

«Oh! Chopin, padroeiro dos namorados! De quantos suspiros és tu o causador com a tua música embaladora! Quantas lesões de coração te devem ser atribuidas...»!

Maria Luisa, a rir, censurou-a:

«Assim não vale...»

Sentou-se ao piano, muito perturbada, e pousou os afilados dedos no teclado de onde arrancou harmonias que encheram a sala de uma vibração romântica.

Eduardo fechou os olhos e poz-se a escutar com embevecimento aquela música suavissima que o instrumento gemia sob os dedos leves da donzela, numa execução colorida, impregnada de uma suavidade elegíaca.

Foram duas horas de espiritualidade em que Maria Luisa poz todo o seu talento interpretativo para dar prazer ao «seu senhor». A Octavia, de pé junto dela, seguia com atenção concentrada as páginas da partitura, repletas desses sinaes que são a lingua especial com que o músico nos fala ao coração.

E de tal forma o mago da Polonia tinha falado ao coração de Maria Luisa que a Octavia sentiu cair-lhe no braço nu, ao virar uma das folhas, uma tépida gota que ficou presa na ténua penugem da sua epiderme. Maria Luisa chorava.

Era o seu um pranto doce e suave, um rosario de pérolas pequeninas que lhe borbulhavam por instantes nos olhos embaciados e rolavam, uma a uma, brandamente, pela sua face descomposta; não aquela aflictiva explosão em que se funde a alma, ao fogo cruento de uma amargura despedaçadora, mas o fio de gotas de orvalho em que o espírito se condensa quando o refrigério divino do enternecimento o comove e agita.

Maria Octavia notou mas fingiu não ter dado por tal e disse, de si para si:

«Deixal-a chorar que lhe faz bem. .«

Mas findava aquele trecho de dolorosos queixumes e, não devendo tardar os companheiros, a Octavia disse-lhe, ao ouvido:

«Vae secar os olhos... lava-os em agua fria e volta... eu te substituo ao piano...»

Maria Luisa saiu pé ante pé, para não despertar Eduardo da modorra em que permanecia, embalado por aquelas melodias sonhadoras. A Octavia mudou para Schubert e atacou, de cor, o «Lamento da Donzela» e, logo a seguir, a «Canção do Ausente» e a «Serenata». E o encantamento continuou.

Já Maria Luisa tinha voltado á sala de música, com os nervos recompostos, quando uma algarviada se ouviu do lado de fora. Eram as pequenas, com os seus inseparaveis, que os vinham buscar para o passeio. Irromperam pela sala com a alegria que sempre manifestavam:

«Então, vamos?»

Eduardo acordou, como se acorda de um sonho. Mas num momento percebeu onde estava e a que vinham aqueles seus companheiros de alegrias. E não tardou que os autos desfilassem pela estrada, branca de poeira, em direcção á vetusta vila, testemunha do nosso alvorecer como nação.

A música tinha feito bem aos dois namorados o que o *Bob* não deixou de notar, já não olhando para eles, como da outra vez, com olhos tristes querendo perceber porque iam tão calados. Agora

conversavam para dissipar a tensão nervosa de horas antes e de que ainda subsistiam os efeitos.

De caminho fez Eduardo um esforço de memoria para explicar a Maria Luisa determinados detalhes históricos vindos a propósito: a prisão disfarçada de D. Carlota Joaquina no Ramalhão, a importância estratégica de Sintra no tempo dos mouros; em que data D. Afonso Henriques se assenhorou da vila mourisca e outros mais.

Tudo Maria Luisa escutou como a discípula escuta a prelecção do mestre. E o auto seguia sempre com moderada velocidade afim de permitir recrear a vista com o surpreendente panorama que se disfruta nessa região encantadora.

«O efeito é estupendo», dizia Eduardo, maravilhado mais uma vez. Era como se fosse a primeira visita que fazia áquelas paragens de que apenas conservava dispersas recordações. E sofria o influxo daquela surpreendente decoração que tanto predispõe os apaixonados aos doces estremecimentos da paixão.

Tinham muitas horas á sua disposição para uma visita demorada e não houve recanto onde não penetrassem. Onde falhavam as reminiscências de Eduardo era o Horta chamado a terreiro para satisfazer a curiosidade geral.

E com vasta cópia de informações ficaram todos sabendo o que sempre tinham ignorado ácerca do Palacio Real — o das chaminés cónicas — do Palacio da Pena, do Parque e do castelo mourisco, a despeito de os terem visitado várias vezes.

Maria Octavia detinha-se mais particularmente

a observar o que lhe excitava a curiosidade de artista: os panos de Arras e os azulejos, o pagode de marfim que o imperador chinês ofereceu a D. Carlota Joaquina, as chaminés cónicas da cosinha, o fogão de mármore de Carrara, os cofres hispano-arabes, o prato com as efígies do Rei Sol, etc.

Os restantes, consoante a sua cultura ou estado de espírito, apreciavam o conjunto pelo prisma da curiosidade. Na casa de banho dos árabes alvitrou a Candinha:

«E se tomassemos um banho? Com o calor que faz!...»

Mais adeante, no aposento onde D. Afonso VI gastou os tejolos, a passear a sua clausura vexatória e triste, a Maria do Ceu tem uma lamentação pesarosa:

«Coitadinho!»

«E é que o era, mesmo...» confirmou maldosamente o Vasco.

O comentário excitou uma risada irreverente. E o Horta confirmou que D. Pedro II não só enclausurara o irmão como lhe roubara a mulher, D. Maria de Saboia.

«Boa prenda!» classificou a Odete.

Foram, de seguida, á Pena. A magnifica perspectiva desenrolou-se aos olhos ávidos de Eduardo que chamava a atenção de Maria Luisa para diversos detalhes dum efeito esplendoroso que ela via, abrindo muito os seus lindos olhos para bem fixar as preferências do seu amado e com elas se deliciar tambem.

O aspecto medievo do castelo, com a sua ponte

levadiça por entre penedos, deteve o grupo por alguns instantes; engolfaram-se depois no tunel curvo para sairem na esplanada onde funcionaram os binóculos em todas as direcções possiveis. Passaram á outra esplanada onde se detiveram examinando o vale em baixo e penetraram na capela.

Aqui novamente o espírito artístico de Maria Octavia teve com que se entreter: os azulejos, o rectábulo de jaspe e o quadro da «Paixão». Eduardo e Maria Luisa ouviam-na dissertar sobre o assunto com especial atenção e pediam detalhes, muito interessados.

Ao zimbório só a Odette, o Vasco e a Maria do Ceu quizeram subir para ver, com os binóculos, as Berlengas, o Cabo Espichel e o da Roca.

O castelo dos mouros recebeu depois a visita do grupo folgasão; o parque da Pena ficava para o fim, por proposta da Octavia que lá tinha as suas rasões para apresentar esse alvitre. Veriam ainda Seteaes, a Regaleira, a Penha Verde, Monserrate e os Capuchos. E uma a uma estas curiosidades foram atraindo a atenção dos excursionistas do Mont'Estoril. Em todas elas havia qualquer coisa de novidade ou que, como tal, aparecia aos olhos de todos: foi recordada a assinatura da Convenção de Sintra em Seteaes: foi mirada com interesse a colecção de preciosidades reünidas na Regaleira por uma grande fortuna ao serviço dum gosto apurado; foi evocada a exemplar modestia de D. João de Castro na Penha Verde; foi admirado o jardim *british style* de Monserrate tanto em desacordo com a silhueta oriental do palacio cujas

preciosidades de toda a ordem foram devidamente apreciadas e, finalmente, todo o grupo se encaminhou para o cenóbio franciscano que a maior parte daqueles banhistas nunca tinha visto e que excitou uma natural curiosidade com as suas 20 celas cavadas na rocha e revestidas de cortiça, tão acanhadas que lhes foi preciso curvarem-se para nelas poderem entrar. O Horta informou que, numa cova da cerca desse «Convento da Cortiça,» tinha vivido durante 30 anos um asceta de nome Honório que ali morrera em cheiro de santidade.

«Qual foi o rei que disse que os «Capuchos» eram a maior curiosidade do seu reino?» inquiriu o Alcino.

O Horta rectificou:

«Não foi bem assim. O rei foi Filipe II e o que êle disse foi que nos seus reinos — Portugal e Hespanha — havia duas curiosidades sem egual: o Escurial pela grandeza e os Capuchos pela pobresa . . .»

«E' isso, é...» confirmou o Alcino.

Maria Luisa estremeceu ao pensar no horror daquela vida de renúncia e penitência:

«Devia ser pavoroso viver assim!...»

Eduardo assentiu e disse, sonhador:

«São sacrificios que se impõe todo aquele que um grande amor ilumina... Esses amavam o Poderoso á sua maneira, com jejuns, abstinências, privações de toda a sorte, julgando assim alcançar a Bemaventurança mais depressa do que os outros mortaes... Todo aquele que ama sente sempre prazer em se sacrificar de algum modo...»

«E' exacto,» replicou Maria Luisa «assim deve ser. . .»

E concentrou-se, alheando-se da vivacidade com que as outras faziam comentários picarescos á vida rude daqueles lunáticos de hábito e corôa.

Voltaram ao parque da Pena. A combinação era que cada qual passeasse por onde lhe aprouvesse até que, a uma hora certa, se reünissem á Porta dos Lagos de onde regressariam ao Monte para jantar. Dessa forma se proporcionou aos quatro casaes o poderem confidenciar á vontade sem a visinhança incómoda ainda que discreta dos amigos.

Dispersaram pelas veredas e avenidas o Vasco com a Odette, o Alcino com a Candinha, o Horta com a Maria do Ceu e Eduardo com Maria Luisa. A Octavia ficou fazendo companhia à Antonieta conversando largamente as duas amigas sobre os amores do engenheiro com a Milí.

Desejavam ambas do íntimo d'alma que ela fosse feliz e tudo parecia augurar essa desejada ventura. Viram-nos passar numa volta por entre a vegetação e sumirem-se noutra curva um instante depois.

Emquanto a variedade botânica os interessou deteve-se o amoroso par na contemplação de tantas espécies curiosas pertencentes ás mais variadas regiões do globo. Maria Luisa maravilhou-se ante os bosques de camélias, de azaleas e rododendros; ante os filodendros e begónias; perante as colossaes sequoias da Califórnia, as trugas nipónicas, as faias e os abetos. E dizia, sinceramente encantada:

«Tudo isto é uma maravilha!...»

Eduardo concordou, galantemente, tornado romântico, sem dar por isso:

«Sobretudo quando é visto á luz celeste que a sua presença irradia Maria Luisa...»

Ela parou, fitou-o amorosamente e disse:

«Oh! Eduardo... Acaba por me envaidecer... E eu perderia, a seus olhos, se fosse presumida...»

Tinham chegado a um local onde a mais absoluta quietação se aliava á mais requintada poesia num scenário de paradisíaca invocação. Parecia um sítio indicado pela mão de Deus para as almas gémeas ali se fundirem numa comunhão afectuosa quando, perdidas no labirinto do mundo, acabam, finalmente, por se encontrar.

«Devia ser num recanto assim que Eva tentou Adão,» pensou Eduardo.

Tudo era tranqüilidade e paz, em volta. Chegava aos ouvidos de ambos um leve rumor, vindo da fonte dos Passarinhos, em que lhes pareceu distinguir a voz da Odette. Mas não se via viv'alma. Parecia que aquele pedaço da Terra não era pertença dos homens mas logradouro de habitantes celestes e das avesitas que saltitavam, de ramo em ramo, com um adejar rápido e uns cânticos mimosos.

Eduardo sentiu-se tocado por aquela serenidade augusta e decidiu abrir o seu coração àquela que dele se assenhoreara havia tantos dias.

Passou o braço direito em volta da sua cintura, tomou-lhe a mão esquerda que beijou devotamente e disse, muito comovido mas com firmesa, tratando-a com familiaridade:

«Escuta, Maria Luisa. Trago-te no pensamento e no coração desde que tive a ventura de te conhecer . . .»

Ela empalideceu e sentiu um estranho torpor a subir, a subir, até a tomar toda; e se não fôra o apoio do braço dêle, teria caido, porventura. Reclinou a linda cabeça no hombro de Eduardo e êle proseguiu:

«Amo-te como um devoto e desejo-te como um louco! Ardentemente, desesperadamente! Se é certo que o que ha de espiritual em mim vibra intensamente por ti, minha adorada, não é menos certo que o barro de que sou feito te reclama imperiosamente, numa ânsia de loucura que me ator menta . . . Sei que não te faço injúria, falando-te assim, porque já estou informado àcerca da tua forma de encarar o amor e a vida . . .»

Maria Luisa julgou morrer de ventura ali mesmo, ao saber-se assim tão estranhamente amada. Não era uma inteira novidade aquela declaração formal que, antes de ser pronunciada pelos lábios, já os olhos dêle, os seus silêncios, a sua muda mas eloquente adoração tinham traído havia muito.

Mas como era delicioso ouvir a confirmação do que o seu instinto lhe afirmava com tanta segurança! Adquiria aquela frase o sabor apetitoso de uma iguaria rara que, por fim, os seus lábios tocavam gulosamente!

Tinha cerrado os olhos e escutava, sem dizer palavra, embriagada e rendida. A sua mão esquerda cravava-se no ombro de Eduardo com uma tremu-

ra convulsiva. E êle continuou, apoz um momento de turvação:

«Não quero cair na banalidade de te afirmar que és a mais linda de tôdas as mulheres... Contento-me com dizer-te que és esplendorosamente formosa e que me cativaste com a graça do teu corpo, com o estranho encanto que de ti dimana... Tenho vivido como atordoado, junto de ti.. E' que a felicidade demasiada embriaga como um néctar capitoso... e o sabor dos teus beijos, Luiza, deve ser um estonteante licor, assim como a doçura das tuas carícias, será, por certo, um favor do ceu!...»

Calou-se por momentos, muito perturbado. Maria Luisa continuava na mesma atitude de abandono. Arfava-lhe o seio que Eduardo sentia latejar contra o seu peito musculoso; e êle cingiu-a ainda mais a si e aspirou sofregamente o perfume que o corpo dela exalava como esquisita, exótica flor de desconhecida flora, talvez daquela com que Deus alinda os canteiros das inacessíveis paragens onde habita!

«Sou tão feliz!» murmurou ela com uma voz melodiosa de estranha intonação. E pediu-lhe, quási num segredo, que continuasse; a voz dele era uma *berceuse* que a embalava numa sonolência de que desejaria não acordar mais...

«Dize, Maria Luiza,» continuou êle, logo que conseguiu dominar a sua perturbação, «queres ser a Deusa muito amada da minha vida? A estremecida companheira que irá suavisar os meus dias e dar-me coragem para a luta por esta miserável existência a que vivemos amarrados? Queres ser

o raio de sol doirado de Portugal que iluminará as brumas da minha nova pátria? A não ser assim como poderei eu afastar-me de ti, se te levo, como uma obsessão, no meu peito amargurado?...»

Maria Luiza estremeceu profundamente ante aquela ideia de separação que lhe apareceu como um absurdo inadmissível, como qualquer coisa de monstruoso e terrível. E foi numa quási agonia que afirmou, a custo:

«Eu não resistiria, Eduardo... Preferia morrer a ter de te perder depois de me ter dado a ti em pensamento... em vigília e em sonhos...»

E, rodando um pouco a linda cabeça, olhou-o com infinita ternura, emquanto o segurava com mais fôrça, com uma energia feroz, no pavoroso receio de que êle lhe fugisse. E pronunciou a frase que a entregava:

«Sou tua, Eduardo... Tôda tua, de corpo e alma!...»

»Tôda minha!» disse êle com funda emoção. «Deus seja louvado!»

Atraiu-a a si, fortemente, e os seus lábios amolgaram-se contra os dela num beijo que a fez desfalecer sôbre o seu braço onde aquele corpo adorável pesou, quási inerte. Eduardo, serenando um pouco, baixou a voz e segredou-lhe, cariciosamente:

«Não me permite a minha delicadeza e o respeito que por ti sinto que exija, em data fixa, a nossa festa de núpcias. Tu própria marcarás o dia quando entenderes que sou digno do presente valioso que de ti espera a minha louca impaciência.»

Maria Luisa respondeu, muito perturbada, com voz sonhadora;

«Serei tua quando me queiras!»

Eduardo mergulhou nos olhos dela o seu olhar turvado. Viu que ela empalidecia como se a vida lhe fôsse fugindo, aos poucos, mas não se assustou porque nos lábios dela, lívidos e vibrantes, fulgia um sorriso de plena ventura. E êle ficou-se a olhá-la, numa contemplação absorvente, como um devoto deante de uma imagem venerada.

Pelo seu rosto congestionado sentiu perpassar um insecto zumbidor, em perseguição da femea fugitiva, numa ânsia avassaladora de domínio e posse; nos troncos das árvores viu que os passarinhos se amavam livremente, sob as vistas do bondoso Creador, com um ruflar inquieto de azas e um piar débil, talvez de receio, talvez de prazer; sentiu que a atmosfera, carregada de pólen fecundante, lhe cocegava as narinas frementes e que aos seus ouvidos soava uma música estranha, tangida por mãos invisíveis, talvez mãos de arcanjos, em instrumentos celestes.

Tudo em sua volta o provocava e incitava, num convite a que era doce obedecer. E, apreendendo em tôda a sua plenitude o alcance daquela sublime frase de rendição: «Serei tua quando me queiras!», Eduardo notou que o queimava o seu ardor másculo, excitado por uma continência um tanto prolongada.

Voltou a fitar aquela apetecível mulher que lhe sorria, enlevada e rendida, inclinou-se um pouco e preguntou, a tremer de desejo:

«Hoje?»

Sôbre o seu braço forte o corpo reclinado de Maria Luisa experimentou uma suave convulsão; as pálpebras desceram a velar o fulgor momentâneo das suas pupilas abrasadas; os lábios agitaram-se como para pronunciar uma palavra que nêles expirou porque a voz se tinha afogado na túrgida garganta. E da sua linda boca vermelha mais não saiu do que um vago murmúrio, apenas audível:

«Sim...»

Num frenesí irreprimível, Eduardo cingiu-a como se temesse que alguém, o próprio vento, lh'a pudesse arrebatar.

«Meu tesouro!» gaguejou êle com transporte.

«Minha vida!» conseguiu ela articular, transfigurada.

E novamente se colaram as suas bocas num ósculo saboroso que foi como um sêlo a autenticar a concordância plena das suas almas em festa!

Por sôbre as suas cabeças, que a paixão endoidava, rumorejou a folhagem espessa do parque; houve uma terna palpitação de luz no scenário esplendente daquela tarde côr de rosa; um gorgeio melodioso se ouviu nas ramadas altas do arvoredo. E aquele cântico ingénuo soou, aos ouvidos de Maria Luisa, como o compasso inicial da enebriante sinfonia de amor que iria ressoar no seu peito a partir daquele instante bemdito!

Maria Octávia e Antonieta despontaram na curva da vereda e pararam, vendo-os de lábios colados, completamente alheios a tudo, como se, atravez daquele beijo apaixonado, as suas almas tives-

sem fugido, libertando-se da sua prisão corpórea.

«Aleluia!» disse baixinho a Antonieta.

A Octávia olhou, sorriu, e acrescentou:

«Meia volta. Não os perturbemos...»

Eduardo quiz caminhar para acalmar a excitação de ambos; mas Maria Luisa estava incapaz de dar um passo.

«Não posso, estou tonta, meu querido amigo,» disse, ao tentar desembaraçar-se do amplexo dêle. «Sentemo-nos um pouco, sim?»

Eduardo depositou-a brandamente sôbre a folhagem ali dispersa e sentou-se a seu lado de mãos enlaçadas. O *Bob*, fatigado de correr atraz dos lagartos que lhe escapavam sob as pedras, veiu sentar-se na frente de ambos e agitava a cauda, muito contente, vendo-os tão enleados.

«Até o *Bob* parece compreender que os nossos corações fazem um só, a partir de hoje, meu amigo...» disse Maria Luisa, deliciada.

«A partir de hoje, não acho bem... Há muito que o meu fugiu para ir habitar no teu peito...» emendou Eduardo.

«Querido!» disse ela, com uma carícia suave na face escanhoada do mocetão.

O *Bob* ansiava que o autorisassem a manifestar a sua alegria pelo curso que as coisas levavam, ao que parecia. Olhou o dono com intenção e ganiu de contentamento quando Eduardo lhe disse, ameigando-o:

«*Come, my friend. You see, don't you? I'm the luckiest man alive!*»

Maria Luisa entendeu vagamente que aquela

frase devia ser mais uma gentilesa a ela dirigida. O *Bob*, pelo contrário, pareceu perceber òtimamente porque a fitou e, tomando deliberadamente uma resolução, deitou-se ao comprido no regaço de ambos, pousando a cabeça nas mãos estendidas por sôbre as coxas da Maria Luisa.

Aproximou-se a Odette com o Vasco.

«Ora vivam os dois pombinhos!» disse ela, sorrindo com gaiatice para a sua amiga. «Já conversaram tudo? Venham de ahi... Vão sendo horas.»

Maria Luisa desculpou-se com uma tontura e Odette afirmou, com intencional ironia:

«Este parque da Pena tem êsse efeito sôbre nós as mulheres... Não sei se é esta meia luz, esta verdura, ou esta mistura de eflúvios que há no ar... O que é facto é que eu também senti êsse mal-estar hà pouco... Se não fosse este cavalheiro suster-me, julgo que cairia no chão...»

«Anda lá, minha velhaca...» censurou Maria Luisa, agitando a mão como quem ameaçava dar-lhe açoites.

Odette soltou uma gargalhada e disse:

«Então até já... Estimo as melhoras...»

Dentro de pouco tempo reüniam-se todos junto aos lagos para o regresso ao Monte. A Octavia fitou Maria Luisa e viu no seu rosto uma radiação que nunca tivera. Percebeu e murmurou:

«Eduardo falou... e deve ter falado com bastante eloqüência. Isto vai bem...»

Os autos tomaram o caminho da Estefânia e rodaram céleres.

A' chegada, Maria Luisa pediu à Octavia:

«Sobe ao meu quarto... tenho novidades para te contar...»

E comunicou-lhe tudo o que passara naquele cantinho isolado da Pena, a sua perturbação, a confissão de Eduardo e a definitiva entrega que ela prometera da sua pessoa para aquela noite.

«Acompanha-te toda a minha simpatia, toda a minha ternura....» disse a Octavia.

«Anseio esse momento, Octavia, e tremo de que êle chegue... Receio que se leia no meu rosto o que vae passar-se... Tenho medo de me trair...» afirmou Maria Luisa.

E as duas amigas abraçaram-se ternamente e desceram para jantar. Para evitar que D. Clorinda pudesse suspeitar, a Octavia convidou a amiga para jantar na mesa dela; as habituaes ironias e «saidas» da prima de Eduardo obrigariam Maria Luisa a sentir-se mais á vontade e a disfarçar melhor a sua turvação. Mas D. Clorinda sabia muito bem que o engenheiro cortejava activamente a sua filha e seria o que Deus quizesse...

Ambos fizeram pouca honra ao jantar o que não deixou de provocar um comentario burlesco á Octavia que a boa tia Isabel não compreendeu porque essa, coitada, nada compreendia do que se passava em volta. Sómente desconfiava de que o sobrinho gostava da Milí, mas seria apenas um *flirt* de praia. Em alguma coisa se havia de entreter o rapaz! E que melhor distração do que um namorico por dois meses?

Sairam depois de jantar, a pé, descendo pela estrada ao Estoril e regressando pela praia, lentamente.

Estava uma noite esplêndida, luarenta, convidativa. Sobre a baía uma larga mancha scintilante parecia uma toalha de prata como que para um banquete orgíaco das filhas de Neptuno.

Maria Luisa colava-se a Eduardo, suspensa do seu braço, como se quizesse confundir com o dele o seu corpo que estremecia com os suspiros que a agitavam. Vinha chegando, nesse momento, o comboio de Lisboa. E quando o grupo alcançou a plataforma de desembarque Maria Octavia ficou doida de alegria ao ver apear-se o seu tenente que não era esperado e que vinha passar a noite na companhia sempre apetecida da sua amante idolatrada.

Depois dos costumados beijos e de um pouco de conversa os dois homens subiram ao Casino onde Eduardo quiz matar o tempo que faltava até chegar o momento das loucas efusões, sentindo a necessidade de se aturdir com o jogo.

Maria Luisa continuou a passear com a Octavia e, como não podia deixar de ser, os seus pensamentos concentravam-se no inevitavel instante que se avisinhava e que a entregaria, cheia de amoroso abandono, nos braços do seu galante «cavaleiro moreno».

«Estou nervosa, Octavia,» dizia «desejaria ver já passada esta noite...»

«E' natural,» confirmou a amiga.

«Sofre-se muito, não?» preguntou ela, depois de um momento de meditação.

«Depende... Quiz Deus que a nossa estreia nos deleites amorosos fosse castigada com a dor, talvez como punição do pecado original da nossa remota

mãe Eva... Ha que sofrel-a com paciência... De resto, a violência dessa provação deriva, em grande parte, da delicadesa do nosso amado tirano. . Eu lhe pedirei que te poupe...» respondeu a Octavia.

«Pois tu vaes falar-lhe em semelhante coisa? E's uma mulher original!...» disse Luisa admirada.

«Falarei, sim... e não hei de córar, que já estou velha para isso!... Sei muito bem como as coisas se dizem...»

Maria Luisa agradeceu-lhe com um beijo, dizendo comovida;

«Tens sido duma gentilesa cativante para mim, Octavia... E's digna de toda a minha gratidão...»

«Quando dou a minha amisade, sou amiga mais em obras do que em palavras, querida Milí...» afirmou Octavia.

«Com efeito! Ninguem faria por mim o que tu tens feito. Nunca te esquecerei...»

Beijou-a novamente com efusão e Octavia disse, a rir:

«Se nos veem beijarmo-nos assim, com tanto ardor, o que irão supor as más linguas?... Podem julgar outra coisa!...»

Riram ambas da picante ideia e Luisa retorquiu:

«Qne pensem o que quiserem... E'-me indiferente...»

«E a minha reputação?» preguntou a Octavia, com um cómico tregeito.

Ao dar da meia noite subiram ao hotel. Havia uma desusada agitação no pavimento por elas ocupado, informando uma creada que a senhora do «7»

sentira subitamente as dores da maternidade tendo sido preciso chamar o médico. Era um transe difícil com o qual já não se entendia a parteira, receosa de lhe ficar nas mãos a padecente.

Maria Octavia viu transtornada por aquele inesperado acidente a noite nupcial da sua amiga que egualmente reconheceu a impossibilidade de admitir no seu quarto o senhor absoluto dos seus encantos. O quarto n.º 7 era tão próximo do seu que seria muito arriscado deixar mestre Cupido fazer travessuras com as criadas passando no corredor...

Mas a Octavia não servia só para vista. «Quando sou amiga, sou-o mais em obras do que em palavras» tinha ela dito. E provou-o imediatamente.

D. Clorinda dormia já a sono solto, muito cingida ao seu coronel, não havendo portanto qualquer inconveniente em pôr em prática o projecto que surgira na mente da excelente rapariga. E disse para Maria Luisa, no quarto desta, onde tinham entrado:

«Tive uma ideia magnífica: desfaz a cama e compõe as coisas como se tivesses cá passado a noite. Mete na maleta o que julgares indispensavel e prepara-te para ires dormir a Lisboa... Amanhã voltas cedo e ninguem dará por nada...»

«Mas onde, Octavia? Onde ficarei eu?» preguntou, atónita.

«Ficarás no meu *studio* de Bemfica... Cedo-te o meu quarto, onde encontrarás tudo quanto necessitas para a grande festa de que vaes ser a rainha...» respondeu Octavia com um adoravel sorriso.

E's um amor de rapariga, Octavia!... Pensas em tudo como se de ti se tratasse...» disse Maria Luisa, reconhecida, saltando-lhe ao pescoço.

«Não se fala mais nisso... Vou prevenil-o e volto já...»

Foi ao Casino, chamou-o de parte e deu-lhe conta do que se passava acabando por lhe oferecer o seu automovel e o ninho de arte que era o seu *atelier* de Bemfica para a festa amorosa dessa noite.

Eduardo ficou comovido com tal prova de amisade e aceitou gostosamente a carinhosa oferta.

«Esta rapariga é um anjo!» dizia êle pouco depois ao marinheiro. «Você pode gabar-se de ter tido sorte!»

Ele sorriu com discreta vaidade e confirmou. Dentro em pouco a Octavia dirigia-se com Eduardo á *remise* colocando no auto a maleta de Maria Luisa e, ao receber os efusivos agradecimentos do primo, disse-lhe com simplicidade:

«Só me resta desejar-te uma noite venturosa. Ouve uma coisa: tenho um pedido a fazer-te...»

Ele assegurou-lhe que os seus pedidos eram ordens que não tinham discussão. E ela, com a maior naturalidade, pediu-lhe:

«Sê meigo com ela. Não a castigues muito...»

Eduardo sorriu e tranquilisou--a afirmando-lhe que teria todas as cautelas possiveis. E arrancou para se ir postar junto de S. João.

Maria Luisa com a Octavia e o tenente tardaram um tanto em aparecer. Tinham voltado á praia por onde caminharam a fim de não levantar suspeitas e ao aproximarem-se do *cabriolet*, numa

volta da estrada, Luisa despediu-se do tenente que galantemente lhe desejou «uma noite feliz» e abraçou-se, com lágrimas nos olhos, á Octavia, beijando-a com infinita ternura e gratidão:

«Até àmanhã, minha muito querida Octavia... E's uma santa...»

«Adeus. Já lhe pedi o que te disse... Desejo-te uma noite inesquecivel... e saborosa... Tem coragem... Este primeiro encontro é uma estupidez... mas os que vêm depois compensam...» disse ela com a fina zombaria que lhe era habitual.

Maria Luisa entrou no *cabriolet* que se sumiu em acto contínuo, na negrura nocturna.

«Achas que fiz bem?» preguntou a Octavia ao tenente.

«O que tu fazes está sempre bem feito, minha Octavia. E' de bom tom cumular os nossos hóspedes de atenções e deferências...»

E, enlaçando a formosa rapariga, o marinheiro curvou-se um pouco, olhou-a com enlevo e colheu um terno beijo no favo dulcissimo da sua boca rubra e pequenina.

XIII

No «studio» de Bemfica

«Como te sentes, Luisa?» preguntou Eduardo, carinhosamente, aproveitando uma paragem forçada.

«Nervosa, mas muito feliz!» respondeu ela, sorrindo-lhe na penumbra densa, sob a capota.

Ele atraiu-a e beijou-a com um beijo de fogo que a fez comentar:

«Se me beijas, mais nervosa fico...»

E anichou-se contra êle, como uma creança mimada. Ia em cabelo e, como abafo, levava um châle andalus que lhe dava uma graciosidade picante.

O auto arrancou de novo e rolou pela estrada que semelhava uma fita cinzenta entre massas sombrias de arvoredo e renques de habitações, de quando em quando. Farrapos de nuvens escondiam a face risonha da lua que só a espaços deixava cair a sua túnica de luz para logo a recolher e desdobral-a de novo.

Iam calados. Muito embora Eduardo fosse um bom volante e o movimento fosse diminuto a essa

hora tardia, era-lhe preciso concentrar toda a sua atenção nas curvas da estrada, que não conhecia bem, receando algum desastre aborrecido.

Maria Luisa aproveitou esse silêncio para meditar na aventura que a envolvia e a que tão deliciadamente se confiara. Reviu a scena do parque de Sintra quando êle lhe confessou o ardente amor que por ela sentia e todos os incidentes que se lhe seguiram e não deixou de enviar mentalmente á Octavia uma mensagem em que ia todo o seu afecto e reconhecimento pelo inestimavel serviço que lhe prestava naquela noite em que iria mergulhar nas delicias da Paixão sentida e retribuida.

Aquela viagem nocturna tinha um estranho sabor romanesco a rapto, como se os seus parentes teimassem em recusar ao seu admirador o prémio da sua adoração e fose preciso recorrer ao meio extremo duma fuga para saciar a sua impaciência ebuliente.

E mirava, através do *pare-brise*, a carreira vertiginosa das casas e das arvores, afigurando-se-lhe que era o ninho de amor, onde ia adormecer nos braços de Venus, que de ela se aproximava numa ânsia insofrida de a acolher para o festival que não devia tardar muito.

E o *cabriolet* ia rodando, numa corrida sem fim, com pequenos solavancos e projectando na sua frente dois imensos cónes de luz, viva e branca, que rasgavam a treva como olhos potentes de farol.

De vez em quando o *klaxon* fazia ouvir a sua voz roufenha como a impôr aos raros transeüntes ou aos vehículos da frente que se afastassem e não

tolhessem o passo a Sua Magestade o Amor que ali ia, com imensa pressa de chegar aos seus domínios...

Por alturas de Caxias, cruzaram com o comboio de Cascaes que levava ás praias da linha os retardatários, entretidos por Lisboa em teatros e cinemas, talvez em êxtases de amor como aquele que os transportava aos dois em sentido inverso.

Minutos depois, Algés com a sua casaria compacta e a sua esplanada quasi deserta. Raros freqüentadores, preparando-se para o regresso, bebiam os ultimos golos de refrescos emquanto na grafonola, presa a uma arvore, morria o derradeiro compasso dum fado coimbrão. Era a cidade que lhes abria os braços e onde se engolfaram, rolando lado a lado com os «electricos», a demandar a Baixa.

Belem, a Junqueira, Alcântara desfilaram depois. A cidade dormia. Apenas os noctívagos deambulavam sem pressa de recolher ao leito. Circulavam autos com estúrdios ruidosos, acompanhados pelas inseparaveis guitarras e por mulheres desgrenhadas com o estigma do vicio vincado nas faces pálidas, quando atingiram a Baixa por onde fugiam tranvias fazendo tilintar as campainhas.

Havia luz a jorros facilitando o movimento e o auto de Eduardo, só com os farolins acesos, seguiu a caminho do Rossio para subir depois a Avenida. Alguns estabelecimentos se conservavam ainda abertos servindo uma clientela diminuta, circunstância de que Eduardo se aproveitou para comprar uma garrafa de bom champanhe dizendo a Maria Luisa, ao subir novamente para o *cabriolet*:

«Para brindarmos ao nosso amor...»

Os teatros tinham já encerrado as portas a cujos lados se liam em grossos caracteres os títulos das peças acabadas de representar havia pouco mais de uma hora. E em fila, pela Avenida acima, um rosário de taxis aguardava uma chamada improvavel emquanto os *chauffeurs* dormitavam nas mais variadas posições.

Cortaram a Augusto de Aguir que transpuzeram rapidamente, não tardando que o *cabriolet* avançasse pela estrada de Bemfica, em busca do tálamo que seria testemunha muda dos gemidos e suspiros de Maria Luisa, no momento em que Cupido lhe afundasse nas carnes a simbólica seta.

De dentro do jardim zoológico sairam uns grasnidos estridentes como gritos aflitivos, que logo foram secundados por uma saraivada de guinchos de inquietação. Mas, logo adiante, aquele efeito desagradavel desapareceu sob a toada triste e lamentosa duma voz feminina, que chegou aos ouvidos de Maria Luisa com uma cadência de afago. Essa voz, que os acordes de viola e os floreados da guitarra acompanhavam, vinha do «Ferro de Engomar» e dizia assim, com uma inflexão de carinho:

No teu peito me enrosquei
Cheia de amor e paixão!
....

O remate da quadra amorosa já a não ouviu Maria Luisa cuja atenção a voz amada desviara ao dizer-lhe:

«E' nesta rua. Estamos chegados...»

O *cabriolet* rolou mais umas dezenas de metros e estacou deante de uma *coquette* moradia, aconchegada, pequenina e acolhedora.

Eduardo consultou os apontamentos que tinha tomado quando a prima lhe deu as indicações precisas para o orientar e verificou que era, efectivamente, naquela mimosa casinha, que a sua tontura amorosa ia ter uma fase humana e lógica, porque, até então, não passara dum devaneio espiritual, anímico, ultra-terrestre.

Maria Luisa olhou curiosamente em frente de si e em volta; viu ao fundo uma casita caracteristica com um letreiro e, aos lados da pequena arteria, duas filas das pequenas habitações cujos contornos se esfumavam na meia sombra. Nem um só vivente em toda a extensão da rua.

Eduardo olhou o relogio do carro; marcava 2 horas e 15 minutos. O *cabriolet* passou atravez do portão de ferro que dava acesso ao jardim e ali ficou sob um alpendre. A meia claridade permitiu ao apaixonado moço descobrir umas flores que dormiam, de pétalas encolhidas, e que êle colheu em quantidade suficiente para o fim que tinha no pensamento, vindo ao encontro de Maria Luisa que se ocupava a fechar o portão de serventia.

A visita dos varios aposentos não tinha, naquele momento, interesse algum porque era tarde. Só os ocupava o fim para que ali tinham ido e Eduardo sentiu que Maria Luisa tremia quando a colheu pela cintura para subirem ao primeiro andar.

«Tranqüilisa os teus nervos se puderes, minha

bem amada» disse-lhe com muito carinho, beijando-a, ternamente.

«Farei todo o possivel» replicou ela, aconchegando-se a Eduardo com submissão e abandono.

E entraram no quarto de dormir da Octavia, um aposento em que se notava o requinte duma senhora de bom gosto ajudada por uma substancial fortuna.

Não era vasto mas estava disposto com uma arte infinita assegurando um sono confortavel, povoado de lindos sonhos como só uma mulher da edade dela pode sonhar. Havia almofadas com profusão espalhadas pelo chão e sobre a *chaise* e o *maple;* na janela um cortinado de fina tessitura; no *toilette* grande variedade de essencias finas e, sobre as mesas de cabeceira, os retratos de Octavia e do tenente ladeando o bonito leito entalhado sobre o qual dobrava as suas quatro pontas um *édredon* escarlate sobre uma colcha de seda lavrada. Numa pequena escrivaninha dois ou tres livros e varias revistas; ao lado do leito dois lindos tapetes de Smirna e, a um canto, ocultos pelo biombo, os utensílios das íntimas lavagens.

Maria Luisa voltou-se para Eduardo e disse-lhe, numa súplica:

«O meu amorzinho vae ser amavel por uns minutos, sim?»

«Percebo o que me pedes... Que me retire para que te faças ainda mais bela e me deslumbres ainda mais... Acertei?» disse êle, com uma chama a brilhar nas pupilas.

«Não, porque eu nunca poderei ser suficiente-

mente bonita a teus olhos» respondeu ela, com fingida modestia. «Desejo que me deixes só para arranjar a minha *toilette* de noivado... Tenho vergonha de o fazer na tua presença...»

Eduardo pouzou as flores e a garrafa sobre uma cadeira, beijou-a novamente e preguntou:

«Quanto tempo? Meia hora?...»

«Nem tanto será preciso...»

Subiu o apaixonado rapaz ao *atelier* e ali se entreteve admirando os trabalhos da sua talentosa prima, onde havia de tudo: retratos, «nus», naturezas mortas, paisagens, interiores. Poz de parte um rolo de tela vermelha e poz-se a fumar, a ver se adormecia a impaciência que começava a tortural-o com a tenaz do desejo reprimido. E, quando lhe pareceu que era já passada meia hora bem contada, desceu a buscar duas taças á casa de jantar e bateu á porta do quarto onde Maria Luisa tivera já tempo de lavar-se cuidadosamente, perfumar-se, empoar-se, para lhe aparecer formosa como lhe ordenava o seu instinto.

Quando ela sentiu que êle batia lançou um último olhar para o leito que ia ser ara de sacrificio e templo de delicías simultaneamente e, enchendo-se de ânimo, autorisou a entrada.

A' luz velada da lâmpada eléctrica viu Eduardo, ao penetrar na câmara, uma imagem de estranha belesa que lhe sorria com aquele sorriso que usa o condenado ao deixar-se imolar por um ideal que o ilumina interiormente: sorriso venturoso e estático, que só nesses momentos divinisa o semblante e lhe rouba por completo a humana configuração; sorriso

que é um lampejo da graça celeste que em raros penetra e os arrebata para aquela ignota região á qual nos transporta igualmente o Amor quando atinge as culminâncias da Paixão!

Eduardo, pouzou o rolo de tela e as taças e correu para ela, estreitando-a ao peito convulsionado. Sentia latejarem-lhe as fontes e bater o coração com pancadas tão fortes que pareciam querer arrombar a carcassa que o retinha. E disse-lhe:

«Peço-te perdão, Luisa, por ter de te arrancar gritos de dor quando eu só desejaria ouvir-te gemidos de prazer que fossem a música embaladora desta nossa noite de amor...»

E ela, cingindo-o muito ao seu peito fremente, replicou-lhe com a voz mal firme:

«Não importa, Eduardo... E' por ti e para ti que vou sofrer... Nossa Senhora me dará coragem...»

E estendeu-lhe os lábios que êle recebeu nos seus num beijo ávido e profundo. Em seguida fez estalar a rolha da garrafa e encheu as duas taças com o gazoso líquido que explodiu pelo gargalo em vómitos espumosos.

«Pela tua formosura, minha Maria Luisa... que Deus conserve para ventura minha!» disse, erguendo no ar o frágil recipiente de cristal.

«Pelo nosso amor que Deus faça eterno e constante!... Pelas felicidades da Octavia a quem sorriam todas as bênçãos do céu!» repetiu ela, entusiasmada.

Beberam, com os braços enlaçados, trocando as taças. Depois Eduardo desfez o leito cobrindo o lençol de baixo com as pétalas das flores que tinha

trazido do jardim. E, voltando a cingil-a com ambos os braços, disse-lhe com uma tremura na voz:

»Desejaria que me favorecesses com a visão divina da tua belesa no seu máximo esplendor... Já a contemplei pintada em tela... Já a sonhei sob a malha encobridora e discreta... Mas seria gentil e eu te agradeceria, se quizesses patenteal-a aos meus olhos maravilhados tal como ela é: palpitante de vida, caricioso, emblema de paixão!... Concedes-me isto, antes que te entregues?» pregunton êle, de todo transtornado.

«Que poderá haver» respondeu ela, com a mesma voz perturbada e com o mesmo fogo no olhar «que, agradando-te, eu te recuse, meu amor?»

Eduardo desfez o amplexo em que a retinha; envolveu a lâmpada do velador na tela vermelha e acendeu-a, apagando a do tecto. Uma claridade rubra se espalhou pelo aposento como o reflexo do incêndio em que ambos crepitavam; êle sentou-se numa cadeira e olhou fixamente a graciosa silhueta de Maria Luisa que, num gesto elegante, desprendeu a ligeira túnica que a cobria, deixando-a cair aos pés em volta dos quaes se enrodilhou.

E foi com olhos congestionados que Eduardo viu desenhar-se, pintado de vermelho desmaiado, aquele corpo de maravilha que, com imenso orgulho, ia chamar seu. Uma secura de garganta o tomou, obrigando-a a repetidas deglutições dolorosas; pensou em tocar com um dedo naquela carne para se certificar de que não sonhava. Mas não se atreveu, afigurando-se-lhe sacrilégio tão profana intenção! Maria Luisa era Venus viva, que o denunciava

o brilho dos seus olhos, a tremura dos seus braços abertos, o arfar rítmico dos seus formosos seios!

Não poude mais. Como tomado de súbita loucura, desnudou-se num gesto nervoso e rápido e acercou-se dela que teve um estremecimento, misto de goso e temor, ao vel-o aproximar-se para o duelo inevitavel.

O coração de Maria Luisa, de sino festivo que tinha sido até então, tornou-se em clarim de guerra. Ia começar o combate.

E quando, junto da sua, sentiu o contacto da pele dêle, ardente e húmida a um tempo; quando os seus lábios se amolgaram sob os dêle, num beijo que foi como que a primeira bala trocada na refrega, Maria Luisa quasi desmaiou, numa vertigem que por completo a escureceu: da sua garganta intumecida escapou-se um gemido que parecia um lamento mas que era antes um balbuceio da sua alma embriagada; uma palidez intensa espraiou-se sobre as suas faces alteradas; sobre os seus olhos revirados desceram as pálpebras, numa tremura convulsa.

E os seus dedos afilados soltaram os hombros de Eduardo sobre os quaes se haviam cravado as unhas róseas, ali deixando pequenos sulcos, profundos e violácios; e os braços foram resvalando, resvalando sempre, ao longo dos flancos daquele Apolo magnífico até que tombaram, inertes de todo, numa rendição completa, absoluta, irremediável...

....

....

Clareava o novo dia quando Eduardo se ergueu, a custo, a regular o despertador para as 8 horas. A janela, mal fechada, batia fustigada pelo vento que lá fora soprava com um rugir lamentoso.

Foi fechal-a, mas com dificuldade. Cambaleava o atleta como se tivesse lutado com um gigante para esmagar o qual tivesse tido que empregar as últimas reservas de energia muscular e nervosa.

E voltou ao leito sobre o qual se abateu pesadamente, conforme poude, caindo em fundo letargo.

Maria Luisa dormia plácidamente. Meio a descoberto, na alfombra de pétalas sôbre a qual a galanteria de Eduardo a reclinára, continuava na posição em que a tolhera o sono quando surpreendeu o seu corpo, dolorido e cansado daquela prolongada luta cujo início fora a colheita da sua virginal corola.

As duas pomas arrogantes, sobre as quaes se haviam pousado com sofreguidão os labios do amante arfavam docemente num suave fluxo e refluxo; no no seu rosto sereno havia uma delicada tinta rósea em que se desbotara a vermelhidão produzida pela amorosa luta de horas antes e um sorriso inefavel arrepanhava as comissuras dos seus lábios sanguineos denunciando, certamente, um adoravel sonho de ventura!

A's 8 horas prefixas retiniu a campanha do despertador como num alarme. Maria Luisa acordou em sobresalto, esfregou os olhos e notou que se deixara adormecer, descomposta, bem como êle a quem cobriu carinhosamente, não fosse constipar-se,

murmurando ao mesmo tempo, com um sorriso:

«Descaradão!...»

Ele nada ouvira; dormia regaladamente e Luisa não achou oportuno acordal-o sem proceder primeiro ás suas lavagens de que estava bem necessitada. Depois o despertaria com beijos e carícias.

Circulavam ha muito, na visinha via ferrea, os comboios de Sintra com estridentes silvos e um ruïdo surdo que fazia estremecer o aposento como num tremor de terra; no outro extremo da rua ouvia-se tilintar o alarme dos «electricos»: a cidade rumorosa, com o seu habitual zumbido, entregava-se à agitada faina quotidiana.

Já lavada e perfumada, de joelhos no tapete, Maria Luisa procurou acordar Eduardo com carinhosos beijos distribuidos suavemente pelos cabelos, pelos olhos, pela boca. Aquela repetida impressão de aranhiço, a cocegal-o, acabou por afuguentar-lhe o sono pertinaz e, ao ter completa noção do que em sua volta se passava, abandonou-se á aluvião de carícias com que o comulava a terna amante e pretendeu cingil-a e atrail-a de novo ao leito.

Mas ela esquivou-se com uma risadinha gaiata, dizendo-lhe:

«Juizo, que se vae fazendo tarde... Temos ainda uma longa viagem a cobrir....»

Voltou para junto dêle e, ao ouvido, murmurou, como envergonhada:

«Logo. Ainda estou muito maguada...»

Ele comoveu-se, como se a sua carne partilhasse a dor de que ela se queixava e, muito terno, preguntou:

«Perdoas-me? Procurei satisfazer o meu proprio desígnio e o pedido da Octavia... poupei-te o mais que me foi possivel, mas, ainda assim... Acredita que me peza muito...»

Ela abraçou-o com ardor:

«Deixa... Sinto-me feliz, imensamente feliz, por teres sido tu quem me feriu... A chaga ha-de sarar...»

E mudando de tom:

«Vamos, mandrião, são horas de vestir...»

Ela propria se vestiu rapidamente e começou a pôr o quarto em ordem emquanto Eduardo se lavava. Depois desceu ao jardim, tendo-lhe ocorrido uma ideia gentil: colheu um punhado de flores de que fez uma grinalda e com ela floriu o retrato da Octavia prendendo-lhe um cartão de visita de Eduardo onde, além do endereço dêle, em Londres, se liam estas palavras manuscritas: *Com o eterno rcconhecimento de duas almas venturosas.*

Dataram e assinaram ambos.

Era uma homenagem singela, mas não menos tocante, cujo significado só Octavia e o seu tenente podiam compreender...

«E é que os dois marotos assistiram a «tudo» disse Maria Luisa, rindo e apontando os dois retratos emoldurados a ambos os lados do leito.

«Testemunhas mudas que... não fazem fé em juiso...» comentou Eduardo, de bom humor.

Lançaram uma olhadela á câmara. Estava tudo como encontraram, como se nada de anormal se tivesse passado no segredo daquelas quatro paredes que muito poderiam contar se falassem...

Maria Luisa tinha sido a creada de quarto de si mesma. E foi com um olhar impregnado de saüdade que fitou, uma última vez, aquele aposento gentil, aquele leito confortavel e macio onde tanto tinha suspirado e sofrido para que o «seu senhor» abrisse a porta do Templo em que ambos tinham sacrificado no altar da eterna Deusa.

Dentro de poucos minutos o *cabriolet* rolava vertiginosamente a caminho do Mont'Estoril onde chegou já passadas as 10 horas.

A Octavia tinha vindo esperal-os ao mesmo ponto da estrada em que, na noite anterior, dêles se despedira. Era ainda cedo; os banhistas não movimentariam o Monte antes das 11 horas dadas. Mas importava que não os vissem, sós os dois, num automovel vindo dos lados de Lisboa. Poderiam adivinhar o que se passava e não convinha que êsse «incidente» saisse fora do âmbito restricto do grupo.

Desde as 9 horas que a Octavia estava a pé, ansiosa pelo regresso da sua amiga. Contanto que não viessem tarde para não trairem o segredo...

Impaciente, pegou num livro e desceu á estrada fingindo-se interessada na leitura e espiando em frente.

O tempo ia passando e ...nada.

«Aqueles marotos ainda não acharão que são horas? Eu faço ideia do que por lá foi!...»

E sorria interiormente a imaginar a scena que se desenrolava deante dos seus olhos como fita cinematográfica num *écran*.

«Mais detalhe menos detalhe, deve ter sido

assim,» monologava. «E' sempre a mesma coisa, para variar...»

Mas reconheceu de longe o seu carro e levantou a mão a dar sinal.

«E' a Octavia que nos veiu esperar» disse a Eduardo a sua risonha amante. «Que gentil!»

«Tem sido a Padroeira do nosso Amor, minha adorada,» confirmou Eduardo afrouxando o movimento.

A Octavia subiu, beijou-os e disse:

«Julguei que não faziam tenção de vir!... já passa das 10...»

E, emquanto o auto se punha em marcha novamente, Octavia passou um braço em volta do pescoço de Maria Luisa e fitou-a como a preguntar: «Então?»

Maria Luisa revirou os olhos como a contestar: «Uma noite de loucura e de êxtase...»

Eduardo compreendeu que ambas queriam segredar. E despediu-se, quando chegaram à *terrasse* do hotel, com um «até já» e subiu ao seu quarto. A Octavia não teve necessidade de formular preguntas porque Maria Luisa se desfez em confidências:

«Portou-se como o rapaz galante que é... carinhoso... apaixonado... poeta!...»

Contou-lhe as suas impressões com a fidelidade que lhe dava o seu recente desenrolar: a sua fuga atravez dos campos serenos e da cidade adormecida; a chegada ao doce ninho onde se cumprira o destino para que ela corria, desde a scena da estrada com a *Dinorah* empinada, a seu lado, como

uma avalanche branca a desabar sobre a sua cabeça; a entrada dêle no quarto, as saúdes que fizeram ao amor que os unia e ás venturas que lhe desejavam a ela, Octavia...

Esta sensibilisou-se:

«Lembraram-se de mim!? Muito bonito, muito elegante...»

«Se tudo te devemos! Como esquecer-te, no momento em que êle ia colher o prémio da sua paixão por mim... prémio que tu propria lhe entregaste, com a inolvidavel gentilesa com que nos favoreceste?...»

«Seria, no entanto, desculpavel o egoismo que é uma «virtude» tão humana!...

«Esse egoismo, em taes condições, seria ingratidão... E eu nunca saberei ser ingrata para ti, minha Octavia estremecida!...»

Uma humidade de ternura e de carinhosa amisade velava os olhos de Maria Luisa, ao falar assim. A Octavia beijou-a:

«Não te enterneças que não vale a pena... Continua...»

Maria Luisa prosseguiu, comovida, a referir-lhe o louco ardor com que êle a cingira ao peito, o pedido que lhe fizera para se exibir em toda a pujança da sua magestosa formosura, á luz vermelha da lâmpada; a amoravel intenção com que espalhara na alvura do lençol as pétalas das flores colhidas no jardim e, finalmente o momento supremo em que, vendo-o aproximar-se, de semblante alterado pelo desejo, ela tinha sentido o seu coração a bater desordenadamente sob o seio como se tivesse pressa

de sair para ir anichar-se no peito dêle. Depois... ah! depois, êle apertara-a muito a si, gulosamente, fortemente, como se ela pudesse fugir-lhe e sorvera na sua boca um beijo...

«Oh! Octavia, que beijo aquele que me roubou as poucas forças que me restavam! Senti como que uma labareda de fogo envolver-me toda, um desmaio se apoderou de mim e perdi a noção das coisas até que...»

«Até que...?» preguntou Octavia.

«Até que me fez voltar á realidade da vida a tortura da minha carne dilacerada... mas êle não é culpado...»

«Não, de-certo» concordou Octavia.

«Tu o disseste, querida, antes de partirmos: «Quiz Deus que a nossa estreia nos deleites amorosos fosse castigada pela Dor...» Mas não me queixo... outras terão sido mais castigadas... O Eduardo foi tão carinhoso quanto lhe era possivel sel-o, em taes apuros... pediu perdão muitas vezes, pelo mal que me fazia...»

«E tu...?»

«Feliz de sofrer por êle, de bom grado lh'o concedi...»

Octavia atraiu-a a si, colando ao seu o rosto de Maria Luisa e inquiriu:

«Em suma?»

«Sou imensamente ditosa, porque pertenço ao homem a quem adoro e por quem sou amada com a mesma loucura, o mesmo desvanecimento, a mesma exaltação com que todo o meu ser vibra por êle...»

«Ainda bem...»

Maria Luisa aplicou os seus lábios sobre a face de Octavia com tanta força que nela deixou uma mancha vermelha.

«Neste beijo, Octavia,» disse-lhe «vae uma pequena parcela do muito carinho que te consagro...»

«Obrigada... Recebo-o com infinito praser porque é sincero ..»

«Nunca o duvides...»

«E como te sentes?»

«Muito dorida... Hoje não tomo banho... vão vocês...»

Eduardo descia, já preparado para seguir para a praia. Maria Luisa sorriu-lhe com amor e subiu, por seu turno. E a Octavia fitou-o por momentos, teve uma ligeira contracção de lábios e, com a costumada ironia, disse-lhe, torcendo-lhe uma orelha:

«Seu malandrão! Aquilo faz-se à menina?...»

Riram ambos da facécia. E sentaram-se, a fumar, emquanto não chegava a hora do banho.

XIV

«São umas machonas...»

Logo ás 11 horas se juntou muita gente na praia para assistir ao torneio de natação promovido pelo engenheiro. Sabia-se que a prova ia ser disputada com afinco pelos nadadores inscritos que eram Eduardo, o casal Hobson, a Odette, a Octavia, trez veraneantes do Estoril e duas de Cascaes, além de *miss* Molly e o noivo que, umas vezes por outras, vinham de Carcavelos compartilhar das alegres brincadeiras do grupo das *sans-culottes.*

Era muito animada e graciosa *miss* Molly com os seus desoito anos frescos e saüdaveis, a sua linda cabeleira de ouro fulvo, os seus olhos dum puríssimo azul celeste, as suas gargalhadas crístalinas e espontâneas provocadas pelos ápartes da Octavia e da Odette com quem se ligara de grande amisade. Com elas conversava longamente em inglês, única lingua que falava, por não ter ainda podido aprender o nosso idioma nos escassos seis meses que levava de residência em Portugal.

Não podia, portanto, entender-se facilmente com

as outras meninas do grupo que às duas referidas recorriam como interpretes ou então a Eduardo, seu companheiro nos *mixed-doubles* das animadas partidas de *tennis*, em Londres, depois que um acidental convivio, no á-vontade da grande urbe, os tornara íntimos.

A convite de Eduardo, a dona da *Dinorah* viera juntar a sua mocidade estrepitosa á vivacidade alacre das amigas da Octavía, tomando parte sempre que podia, em todos os folguedos da praia com a mesma naturalidade que elas patenteavam.

Nesse dia vinha encantadora com o seu *maillot* malva, que tão deliciosa *nuance* dava á sua epiderme branca e gentilmente lhe modelava as formas do corpo esbelto e donairoso.

A Octavia, num grupo em que estavam Eduardo, a Maria do Ceu, Maria Luisa e a Candinha pousou os olhos na adoravel silhueta da britânica e disse a seu primo:

«E' preciso ser muito «pé de boi», muito «bota de elástico» ou, então, duma castidade de cenobita, para admitir que exista o que quer que seja de indecoroso naquela imagem...»

E apontava a formosa rapariga em animada conversa, cortada de juvenis risadas, com a Odette e o casal Hobson todos em trajo de banho, preparados para a largada. Junto deles um outro grupo de «espectadores» devorava, como sempre, com vistas cobiçosas e significativas piscadelas de olhos o relevo plástico que a malha patenteava. Era de calcular que espécie de impressões trocavam...

E Octavia contou a Eduardo que, antes da chegada dele, um jornal de Lisboa tinha publicado um artiguelho como um grito de alarme contra o «descaro nudista nas nossas praias, segundo o figurino estrangeiro».

«Não calculas a indignação que foi por essas praias, a julgar pela que causou entre nós! Esta gente é duma pudicícia que enjoa!... Teve o tal jornalista o atrevimento e a incorrecção de classificar as senhoras que se apresentam como nós e como aquelas — e apontou as duas inglesas—como taradas, desvergonhadas e não sei que mais! Bordou considerações idiotas sobre o clássico tipo da *jeune-fille* discreta cujo desaparecimento deu a entender que seria uma calamidade nacional! A *jeune-fille*, meu caro Eduardo! Toda a gente sabe o que isso é... uma sabida que finge tudo ignorar para armar ao efeito e que baixa os olhos, com falso pudor, quando ouve uma graçola pesada, ruborisando-se "adoravelmente" como dizem os parvos! Mas não se foi sem resposta...»

E disse-lhe que, em nome do seu grupo, tinha desancado o articulista com uma carta irónica e contundente, — que «êles» não publicaram, claro está! — e em que lhe fazia o paralelo entre a indecência «real» da masculina indumentaria de banho e a "suposta" imoralidade do *maillot* feminino sem saia encobridora até aos tornoselos...

"Pouco mais ou menos nos termos em que te falei noutro dia, na *terrasse* do hotel... Faço ideia da cara de parvo do tal senhor quando leu a frase final que era assim:

«Chega a gente a duvidar de que essas palavras tenham sido escritas por *um homem*, e um homem novo, como nos dizem que é o seu autor. A ser assim, até dá vontade de lhe dizer, popularmente: *Oh! filho, vae-te encher de moscas!...*»

Uma gargalhada geral coroou estas palavras atraindo a atenção de *miss* Molly que se aproximou, inquirindo de que riam com tanto gosto.

A Octavia resumiu e *miss* Molly comentou, com um ar de espanto nos seus olhos côr do ceu:

«*It's sheer nonsense! There is really no harm in it, is there?*»

«*There is not, indeed*», afirmou Eduardo.

«*Absolutely!*» confirmou a Octavia, com energia. Depois, apontando-lhe a bandeirinha vermelha a tremular no alto da sua «tenda» informou-a do significado que ela tinha.

A inglesinha riu com satisfação e iam proseguir a conversa quando o Alcino, que desempenhava gravemente as funções de juiz de partida, deu o sinal para se prepararem.

Tinha sido colocada uma prancha a dois metros de altura sobre o nivel da agua e distante quinze metros da praia, devidamente fixada para, de sobre ela, mergulharem todos em dois grupos distintos, atingirem Cascaes e voltarem.

As senhoras tinham uma vantagem de quinze minutos e os prémios eram trez: um bronze, oferecido por Cascaes, para a primeira senhora que atingisse aquela praia, outro oferecido pelo Estoril para a que fizesse o percurso de ida e volta no menor tempo e uma taça, oferecida por Maria Luisa,

para o vencedor da prova — homem ou senhora — e que ela desejava, naturalmente, que fosse parar ás mãos do amante adorado.

Ele tinha-lhe assegurado:

«Farei o impossivel para arrebatar a taça aos meus competidores. Esta prova tem, a meus olhos, o aspecto de um torneio medieval em que vou lutar «por minha dama»! O peor é alguma câimbra arrelienta ou o Hobson que é adversario de temer. Mas tenho fé que Deus me ajudará a triunfar...»

Alinhavam-se já sobre a prancha as seis concorrentes atentas ao sinal de partida, emquanto em doze barcos tomaram assento os amigos dos competidores para os acompanharem na travessia. Em Cascaes estava o Horta como *contrôleur* de chegada da primeira *étape* e ali não era menor a afluencia de banhistas de ambos os sexos esperando na praia, debaixo de sol, que do Monte se lançassem ao Oceano as seis manchas escuras que se avistavam ao raz de agua, lado a lado, a trez quartos de milha.

Atravez do seu grande funil de cartão o Alcino deu o primeiro sinal:

«Estão prontas?»

Olhou o cronómetro, emquanto as nadadoras encurvavam um pouco o corpo para a frente e voltou a dizer:

«Atenção!»

E logo a seguir:

«Mergulhar!»

As seis senhoras lançaram-se confiadamente ao mar com os braços estendidos e as mãos juntas,

enfiando de cabeça. Houve um «plá» caracteristico ao afastar-se a agua, para dar entrada aos corpos, com formação de espuma e ondinas concentricas que se alargaram e deformaram indo morrer mais além.

A dez metros da largada a Odette e *miss* Molly tinham tomado a «cabeça» nadando vigorosamente; seguia-se a Octavia que não tinha pressa e parecia desejar cansal-as para lhes tomar a deanteira. Um pouco mais atraz as três restantes, quasi em linha, esforçando-se por ganhar avanço.

No Monte e em Cascaes, as pessoas que se apinhavam na praia seguiam a prova com binóculos fixando-os nos números das bandeirolas dos barcos que lhes indicariam a posição relativa das nadadoras; os que não tinham binóculo erguiam-se nos bicos dos pés, procurando ver melhor por entre as cabeças, ou dispunham-se ao longo da muralha que desce até Cascaes, junto á via ferrea.

Passados os minutos do *handicap* concedido ás senhoras tombaram na agua os seis homens com o mesmo ceremonial na prancha de saida, á voz do Alcino, a repetir as palavras do estilo.

A partida tomou maior interesse com a saida dos homens inclinando-se as previsões para o engenheiro e para Mr. Hobson que eram conhecidos como excelentes nadadores do que já tinham dado provas na baía.

Mais seis barcos começaram fendendo as aguas vagarosamente na direcção de Cascaes. Outros se lhes seguiram por curiosidade, nada tendo que ver com a prova, e para animar os nadadores ao sa-

bor das simpatias dos que a bordo se encontravam.

As senhoras da frente levavam uns 300 metros de avanço seguindo as mais atrasadas a vinte metros das primeiras que continuavam sendo a Odette e a inglesinha, sempre «coladas». A maré era favoravel e prometia não contrariar os esforços porfiados que todos faziam em procura dum bom «tempo». A Octavia seguia a pouca distância das duas da cabeceira como a espiar o momento em que fraquejassem para lhes passar adeante se pudesse. Pelo seu lado Eduardo não se importava com o sensivel avanço que Mr. Hobson lhe tomara e que manteve, seguido de perto, até aos 7 minutos em que Eduardo o atingiu, adiantando-se, para pouco depois se deixar bater. Parecia que o queria fatigar com aqueles pequenos duelos de avanço e recuo para, na volta, cair sobre êle a fundo; era a mesma táctica da Octavia para com as duas que continuavam afastando as aguas no seu compassado *over-arm*.

«Ah, patife!» disse-lhe a Octavia quando, aos 16 minutos do início, êle passou junto dela com um «força, rapariga!» a incutir-lhe ânimo. E a Octavia viu-o seguir no encalço do inglês que não tardou a alcançar. Aos 800 metros Mr. Hobson não conseguiu conservar o avanço que levava, apesar do esforço que fez nesse sentido, o que o fatigou sem vantagem para êle.

Para traz tinham ficado as senhoras que, no entanto, se adiantavam ainda bastante aos outros homens, os trez concorrentes do Estoril que eram fracos nadodores, avançando muito lentamente. Os

restantes formavam uma plantação de cabeças que se estendia por uma superficie de 100 metros por 30.

Todo o interesse se concentrava agora, de parte dos homens, em Eduardo e Hobson e, de parte das senhoras, em Octavia, Odette e *miss* Molly que disputavam com alma a primazia da chegada a Cascaes.

Faltavam 200 metros para que os dois homens alcançassem a meta onde o Horta, muito senhor do seu papel, fitava as cabeças emergentes dos dois contendores certo de que seria Eduardo o primeiro a chegar, apesar da secundaria importância dessa prioridade e de ser *mister* Hobson um adversário de respeito.

Depois observou o grupo das raparigas semicerrando os olhos para ler o algarismo da bandeira de cada um dos barcos que lhes pertenciam.

«Ahi, valente Odette!» murmurou vendo que ela se adiantava sensivelmente sobre as duas restantes. «Contanto que te possas manter assim...»

Mas Eduardo e Hobson estavam a menos de oitenta metros da chegada e na praia de Cascaes agitavam-se os curiosos fazendo apostas e comentários. Ambos nadavam com bom estilo e vieram «colados» até 25 metros da meta quando Eduardo se adiantou um pouco, sendo alcançado novamente a 12 para se destacar aos 7, ser outra vez alcançado a pouco mais de 3 e, num arranco, tocar a meta apenas com 1″ 3/5 de avanço.

Estrugiram palmas quando o Horta agitou uma bandeira com barras pretas, sinal de que fora o

«Monte» que primeiro chegou a Cascaes. No Estoril, funcionavam os prismáticos procurando distinguir qual deles teria sido o primeiro mas sem resultado porque a diferença fora pequeníssima. Mas não tardou a saber-se, porque vieram emissários a comunicar a meia vitoria de Eduardo sobre o inglês que logo virara de rumo no encalço do seu vencedor. Nessa segunda parte empregaria toda a sua tenacidade nativa para arrancar ao português as honras do triunfo.

Eduardo voltou a repousar deixando-o adiantar-se mas não lhe consentindo mais de uns 15 metros, quando muito. Nos últimos 300 o reptaria a um duelo de velocidade.

Mr. Black, o noivo de *miss* Molly chegou á meta 5 minutos depois, quando já se aproximavam galhardamente a inglesinha e as suas duas amigas. O interesse era grande por ver qual delas conseguiria o bronze oferecido pela colonia balnear e que seria entregue durante o baile da noite seguinte. Infelizmente as duas representantes de Cascaes vinham muito atrasadas e o artístico objecto ía para a praia visinha. Embora! o entusiasmo não era menor por esse motivo; outra vez seriam mais afortunados.

E todos os olhares se fixaram nas três enérgicas raparigas que porfiavam na luta. Estavam quasi a chegar e a vitoria era duvidosa, ainda, a 8 metros de distância porque todas três traziam boa «embalagem». Mais um esforço. Os braços fendiam as aguas com maior vigor quasi simultaneamente e *miss* Molly conseguiu «arrancar» a 2

metros de forma a permitir-lhe chegar com uma diferença de apenas $^2/_5$ de segundo das duas restantes, chegadas ao mesmo tempo.

Premiou-as uma ovação que elas não puderam agradecer porque tinham ainda egual percurso a fazer em sentido oposto. Havia outro bronze a disputar, lá no seu cantinho do Mont'Estoril.

Parte dos nadadores tinham já desistido e pelo lado de Cascaes perdera todo o interesse aquela festa de «trazer por casa». Os autos rodaram ràpidamente para o Monte, ficando alguns pela estrada, para seguirem o final, que devia ser magnífico, entre os dois homens que vinham já a meia distancia entre as duas praias. Mais uns 6 ou 7 minutos de braçadas enérgicas e teriam atingido a prancha onde o Alcino se conservava imperturbavel, crente tambem na victoria do seu amigo português.

As duas cabeças dos competidores iam avançando com regularidade metódica ora adiantando-se uma, ora outra, até aos 300 metros em que começou a desenhar-se, mais nítido, o desejo de victoria a que ambos obedeciam.

Deslisaram, a par, até 200 metros sempre acompanhados pelos respectivos barcos. Os 100 metros seguintes foram de incertesa que fez com que alguns começassem a duvidar do triunfo do primo de Octavia. Na primeira metade dos últimos 100 metros Mr. Hobson pareceu ceder de forma visivel e deu uma impressão de cansaço, mas logo reagiu, corajosamente, chegando a 20 metros novamente

«colado» a Eduardo e parecendo fugir sobre a agua como um torpedo.

O barco de Eduardo aproximou-se então para que Maria Luisa lhe pudesse falar e êle conseguisse ouvil-a. E Maria Luisa falou:

«Coragem, Eduardo! Para a frente!...»

Foi como se uma mola o impelisse, o som daquela voz amada. O atleta mudou para *crawl*, com uma espumarada intensa em volta de si, e sob uma saraivada de aplausos tocou a base da prancha com 2'' de diferença! Mr. Hobson chegava e, dentro em pouco, envoltos em *peignoirs* e sentados na areia descansavam da violenta travessia feita em menos de 30 minutos.

Mr. Hobson felicitou-o pelo seu triunfo mas Eduardo, delicadamente, atribuiu-o a ser mais jovem e, portanto, mais ágil, assegurando-lhe, no entanto, que ele, Hobson, era um temível concorrente.

Maria Luisa exultava com o êxito do amante sobre quem tiveram uma influência tão decisiva aquelas palavras que lhe soprara nos últimos segundos. Como ela amava o seu heroe!

E, não podendo vir á praia felicital-o naquele momento, mudou de direcção e foi em busca da Octavia que, com Odette e a inglesa, vinha a uns 3/5 da distancia total.

Ia encorajal-a tambem, muito embora a sua voz não pudesse ter sobre ela o efeito naturalíssimo que tinha sobre o seu querido Eduardo que ela via, sentado na praia e rodeado de admiradores entusiásticos que o cumprimentavam. Ela o felicita-

ria tambem, mas mais tarde. . . O maroto não perderia com a demora. E merecia-o bem, o grande querido!» pensava a preciosa rapariga.

Mais concorrentes tinham chegado a Cascaes e voltavam sem esperança alguma em prémio mas simplesmente para completarem a prova fosse com que «tempo» fosse. Era, pelo menos, um treino agradavel.

«Isto vae muito bem,» disse a Octavia a Maria Luisa quando o barco a apanhou já a menos de metade do caminho. «Agora é que eu me atiro de cabeça, vaes ver. . .»

O aspecto da enseada era pintoresco com todos aqueles barcos disseminados sobre as aguas que se conservavam mansas. Do lado de terra o efeito não era menos interessante com a mancha movediça de banhistas que tomavam posições de melhor perspectiva para assistirem á chegada das raparigas que se aproximavam com denodada valentia.

Repetia-se o caso de pouco antes, nada fazendo prevêr qual delas venceria pois pareciam de egual força. Vinha a Odette á «cabeça» desta vez, quando chegaram a 200 metros da prancha. Mas as duas restantes seguiam-na a muito pequena distancia não dando indícios de fadiga. E quando atacaram os 50 metros finaes, com egual fúria, houve um momento de emoção ao ver-se que as trez avançavam positivamente em linha. Mas, porque na ída a inglesa e a Odette se tinham fatigado mais do que convinha, emquanto Octavia se poupava, não conseguiram as duas intrépidas nadadoras evitar que a Octavia lhes tomasse a dianteira e atin-

gisse a prancha com um pouco mais de 4 segundos de avanço. Desta vez foi *miss* Molly a ultima a chegar ainda que com diminuto atraso. O noivo tinha já chegado, alguns minutos depois de Hobson, e lá estava na praia conversando animadamente com aquele e com Eduardo, o heroe do dia.

«Parabens!» disse a Odette á Octavia. «Mas custou um bocadinho, hein?»

As trez raparigas pizavam a areia ouvindo em volta uma ovação que agradeceram sorrindo, emquanto se cobriam com os *peignoirs* até que descansassem do violento esforço desenvolvido. A pouco e pouco foram chegando os restantes nadadores mas já ninguem lhes dava atenção. A festa tinha terminado com a chegada das primeiras senhoras á meta.

Toda a gente parecia interessada com o bom êxito daquela prova desportiva a que seis senhoras tinham emprestado o concurso da sua graça e donaire. Até o *Bob* exultava compreendendo que o seu dono tinha feito uma proêsa, a que enchera de tão orgulhosa satisfação aquela senhora bonita de quem êle gostava tanto. E saltava em volta dêle, encharcado tambem por se ter lançado á agua, indiferente ao chamamento da Carlotinha, quando o vira avançar para a prancha, com tanta alma, pondo-se a nadar a seu lado, com vigor, como se êle também fosse um concorrente.

Comentava-se que aquele exercicio era magnifico para a saüde do corpo e muito proprio para ser praticado por senhoras; o amor pelo desporte tornava as linguas menos contundentes naquele

momento, excepção feita do «Cenáculo da Virtude».

A D. Engracia achava que o engenheiro se apresentava com muita indecência e dizia, mal humorada, para a D. Brigida:

«Repare que êle só traz uma tanguinha... Póde-se dizer que vem nú!»

«Mas é um belo moço!» dizia a outra, mirando-o dos pés á cabeça com olhos gulosos.

«Se é! Infelizmente os rapazes finos de agora já não apreciam o tesouro que é uma rapariga honesta!»

E envolvia num olhar de maternal doçura a apagada figura da filha, que passeava na praia, muito honestasinha, muito tapadinha, mas muito pálidasinha e muito insignificante.

«Isto não serve senão para elas mostrarem o que não devem...» continuava a sacerdotisa da virtude, referindo-se á prova de natação, «Para os homens está bem que nada lhes fica mal... agora para elas, não!... A verdade, D. Brigida, é que elas são umas machonas... Umas machonas!...»

«Lá isso!» replicava a outra, concordando.

E, não lhe saindo do pensamento a arrogante figura do «belo moço, disse em confidência:

«Ele parece que catrapisca aquela bonitota, muito bem feita, que anda sempre com a descaradona que ganhou o bronze...»

«Namora, namora... A minha filha já conseguiu saber que essa é prima dêle, chama-se Maria Octavia, tem automovel, é pintora e mora nas Avenidas Novas... A outra, a que êle namora, chama-se Maria Luisa, tem 20 anos, é solteira, mora

lá para Duque d'Avila e gosta dos homens morenos... Sabe tudo, aquela inocente... Sabe tudo!...»

E novamente a mirou com maternal ternura.

A inocente passeava pelo braço duma amiga em frente do «Cenáculo», cochichando confidências. Cinco metros para a esquerda, cinco metros para a direita. Não tinha ordem de se afastar mais para além, não fossem os atrevidos dos rapazes dizer-lhe qualquer maroteira que lhe ofendesse a sua candura, completamente ignorante das maldadades do mundo.

Assim o tinha afirmado a cautelosa mãe á virtuosa D. Brigida. Mas á passagem por qualquer homem em trajo de banho tocavam-se discretamente as duas raparigas com o cotovelo chamando-se mutuamente a atenção. E o que dava que scismar era que esses toques eram repetidos, nervosos, insistentes, se o banhista que passava trazia a malha apertada e exibia a quem quisesse ver, sem ser preciso examinar muito detidamente, determinado relêvo anatómico que o trajo vulgar disfarça mais ou menos.

E, de olhos baixos, havia entre elas risadinhas histéricas e segredinhos ditos ao ouvido que ninguem podia captar.

«E a respeito de namoro? Nada?» preguntava a D. Brigida.

«Deixe-me cá, minha amiga! Estou muito desanimada... Tinham-me dito que era facil arranjar um marido, aqui, nesta época... mas não vejo isso! Ela, coitadinha, bem faz a diligencia mas, não sei porquê, não «engata» com nenhum...»

«E ela é prendada, isso é...»

«Lá isso! Borda muito bem, sabe de cosinha e já toca a *Oração dum Anjo* e outras peças dificeis como a *Giesta* e o *Fado da Mouraria*... Se a ouvisse, D. Brigida!... Ha-de ir a nossa casa, sim?...»

«Com todo o gosto, ora essa!...»

E D. Engracia desfiou a sua desdita:

«Empenhei-me para vir cá passar o verão a ver se ela «pescava» algum rapaz que tivesse geito... Mas os que valem alguma coisa são uns presumidos! E só apreciam as que são sabidas... Parece mentira, mas é verdade! E aquele anjinho que, com certeza,—ia jural-o!—ainda julga que os meninos veem de França não consegue arranjar um noivo capaz! E' desconsolador ...»

«Realmente!»

Via-se que D. Engracia procurava ganhar coragem para dizer qualquer coisa que os seus labios não se atreviam a formular. Depois, num instante de decisão, disse confidencialmente:

«Eu vou-lhe pedir um conselho, D. Brigida, mas peço-lhe pelas almas que guarde segredo...»

«Dirá... Asseguro-lhe que nada repetirei nem á minha melhor amiga...»

D. Engracia coçou o temporal esquerdo com a unha a imaginar o discurso, olhou para o chão por um momento e resolveu-se:

«Ele ha ahi um sujeito... sim, já não é rapaz... e é casado... mas gosta muito da minha pequena... Eu, como mãe, que sabe o que é a vida, é que devo decidir... mas não sei, com franqueza... O que acha?»

A «honesta» matrona respondeu que, «nessas coisas» é sempre mau dar conselhos. Cada um deve proceder conforme lhe ditar o coração... ou as conveniências...

«Sim, porque a felicidade não se vae buscar á Egreja, não é?»

«Claro, minha amiga... diz muito bem...»

«Isso do latinorio já não pega, não é verdade?

«Só vale por causa das bocas do mundo. O que é preciso é salvar as aparencias...»

D. Engracia tinha a sua ideia e retorquiu:

«Quanto a isso ha sempre maneira de arranjar as coisas... Então acha que devo consentir?»

«Se vê nisso alguma vantagem acho que sim... O dever das mães é procurar o bem-estar das filhas.. E a pequena simpatisa com êle? E' rico?...»

»Sim, suponho que sim... E sabe? Já se beijaram, ou por outra: êle é que a beijou... porque ela, coitadinha, não sabe nada dessas coisas... é muito inocentesinha!...»

A casta donzela continuava passeando pelo braço da amiga nos dez metros que a autoridade materna lhe tinha imposto, como limites além dos quaes residiam o «impudor, o escândalo e a desvergonha» das *sans-culottes* dum lado, e a tentação, o atrevimento, a lingua suja dos homens, do outro lado, o que tudo poderia perverter a cândida menina que não sabia nada «daquelas coisas».

Conversavam ambas agora, muito em segredo e viradas ao mar, para que a mãe não percebesse, pelo seu «adoravel» rubor, que o tema da conversa era picante:

«... depois êle, á traição, apertou-me contra si, beijou-me na boca... e atreveu-se...» dizia a inocente.

«O que foi que êle te fez?» inquiria a outra, com os olhos a luzir de curiosidade.

A inocente disse-lhe ao ouvido o que acontecera naquela ousada entrevista, baixando muito a voz.

«Ah!» fez a amiga, córando muito. «E tu?»

«Eu fiquei tão nervosa que não tive coragem para dizer que não...»

A confidência foi cortada por um toque de corneta imitando o sinal de «sentido» usado nos regimentos. Todos olharam, tentando perceber de que se tratava.

Era o grupo das *sans-culottes* que se preparava para um «formidavel combate de cavalaria naval» conforme resava o programa, no seu 2.º número. Depois haveria uma *gymkana*, á meia tarde, e, á noite, a festa dos cravos, no Casino. Um dia pleno.

No momento em que o Vasco tocou a corneta já havia um grande número de petizes em volta dos «cavaleiros», mirando com visivel cobiça nos seus olhitos pasmados, aqueles extraordinarios cavalos sem pernas, que parecia que relinchavam, preparados para a refrega iminente. Os «combatentes» bifurcaram-se sobre os «animais» e, á voz de comando de Eduardo, iniciaram um trote ligeiro entrando na agua que espumou com ruïdo emquanto eles tomavam posições.

Acorreu gente a observar a paródia militar onde haveria, por certo, episódios hilariantes.

E as duas damas do «Cenáculo» suspenderam por uns segundos a costura para observarem também. O espectáculo não mereceu a aprovação da D. Engracia que franziu a boca e distilou um comentário:

«Não teem mesmo proposito nenhum!... E' o que eu digo: são umas machonas!... Umas machonas!... E o engenheiro ainda tem menos juizo do que elas! E' pena...»

A D. Brigida repetiu, nostálgica:

«E' pena...»

E o olhar em que envolveu o «belo moço» completou o seu pensamento:

«... que eu não tenha menos 30 anos e não me chame Maria Luisa...»

XV

"A morte da Sereia"

Um clarão azulado rasgou, como um relâmpago, a treva da noite. Dir-se-ia que, para os lados da baía, se tinha desenrolado alguma scena de trágico relevo. Não se ouvira detonação mas, contra a luz baça das lâmpadas na estrada, em cima, poderia distinguir-se uma fumarada compacta elevando-se no espaço e perdendo-se no seio da negrura densa que envolvia as aguas da enseada.

Um vulto de homem, com as pernas mergulhadas até quasi aos joelhos, segurava um instrumento metálico em que luziam ferragens polidas; a seu lado, um pouco afastado, um vulto de mulher, com o braço no ar, apertava na mão uma pistola fumegante. Perto de ambos uma outra mulher, inteiramente nua, jazia de costas sobre um rochedo como se acabasse de tombar, victima de romanesca paixão, ciumenta e cruel. Ouvia-se um murmúrio confuso de vozes, e as ondinas, lambendo docemente os pés e a cabeleira da victima, com um sussurro brando e gemido, como que teciam um madrigal

áquela formosura altiva num débil protesto contra a sanha criminosa que a vida tivesse roubado á cativante sereia jacente sobre o rochedo áspero. Estava imovel, morta ao que parecia, a formosa mulher nua.

A victima agitou-se um instante. Estremeções agónicos, talvez. Não. A imagem dum crime nefando logo se dissiparia ao ver-se que a suposta morta se erguia, limpando-se dos limos que a espaços lhe enegreciam a alvura leitosa da pele e cobriam a sua nudez protegida pela escuridão contra indiscretos olhares.

Trez tinham sido os actores da scena que parecera lúgubre: um homem e duas senhoras. O homem era Eduardo, as senhoras eram Maria Luisa e Octavia. Aproveitando aquela noite escura em que toda a gente se dava *rendez-vous* no Casino, tinha Eduardo deliberado preparar o *cliché* de arte com que esparava arrancar o primeiro prémio no certame fotográfico a realizar em Londres.

A dificuldade consistia em afastar toda a gente da praia e imediações e para isso contribuira a lua nova e a festa anunciada no «Internacional» onde a quasi totalidade dos veraneantes tinha acorrido com avidez.

Lá iriam, êles tambem, depois de Eduardo ter obtido a fotografia que, tudo o indicava, deveria ficar magnifica. Iriam entreter-se á roleta se, na festa anunciada, não encontrassem interesse que os prendesse.

Tinham descido á praia onde mais ninguem se encontrava nem seria crivel que viesse com aquela

noite tão pouco convidativa. Deixaram os trajos na «tenda de campanha» cobriram-se com *peignoirs* e muniram-se de duas almofadas para que as asperezas da rocha não molestassem a carne mimosa da fotografada.

Eduardo tinha pedido á sua amoravel amante, com extremosa meiguice, para lhe servir de modelo e a carinhosa rapariga anuíra sem dificuldade, feliz por lhe satisfazer um desejo de que podia provir-lhe gloria e receita.

Tinham pensado em aproveitar para o efeito a orla acidentada de Cascaes no caso de se tornar impraticavel a tentativa no proprio Mont'Estoril. Mas os dois motivos apontados tinham vindo em seu auxilio e logo resolveram lançar mão dêsse acaso providencial.

O local escolhido foi o pequeno banco de areia a oeste da praia de banhos onde emergem as cristas duras de alguns cachopos, tendo por fundo o desnível da via ferrea. E para lá se dirigiram os trez amigos na intenção de fazer o apetecido *cliché* sob indicação da Octavia que tinha delineado a composição por meio de um interessante *croquis* a carvão.

Teria o quadro como título «A Morte da Sereia» e nela figuraria Maria Luisa vergada pelos rins sobre o rochedo, como se Neptuno tivesse trucidado uma das favoritas do seu harém e ordenado que a lançassem fóra da húmida moradia por indigna dela.

Eduardo tinha regulado, de antemão, a distancia a que a Octavia devia disparar a pistola de magné-

sio, a abertura da objectiva e o obturador; a amiga de Maria Luisa tinha colocado, com arte e naturalidade, alguns limos sobre o corpo nú do modelo dando a ideia de vorazes sanguesugas chupando gulosamente o rico sangue daquele inebriante despojo despresado pelos peixes. E, logo que tudo foi declarado em ordem, Eduardo contou compassadamente:

«Um... dois... três...»

A Octavia disparou e Eduardo fechou o obturador em acto contínuo.

«Deve ficar esplêndida», comentou a Octavia.

«Deus o queira», acrescentou Eduardo. «Veremos ámanhã a prova».

Regressaram á praia para se calçarem e o moço engenheiro colheu Maria Luisa pela cintura e depositou um beijo de amor na sua boca de romã dizendo, entre radiante e grato:

«Muito obrigado...»

«De quê, meu amor? Se eu sou tua inteiramente disporás de mim como entenderes! E será com venturoso orgulho, por te ter sido de algum préstimo, que eu ouvirei dizer, porventura, que foste premiado...» respondeu a apaixonada Maria Luisa.

«E a ti» disse Eduardo a sua prima, «devo egualmente agradecer...»

Tomou-lhe a linda cabeça anelada e beijou-lhe a fronte.

«Olha que ela tem ciúmes!...» disse a Octavia de bom humor.

«Ciúmes de ti, Octavia? De forma nenhuma...«

«Sou inofensiva, nesse caso... Não te fies muito...»

«Não receio que m'o roubes... De outra qualquer já não diria o mesmo, mas de ti!...»

«Antes assim. Haja confiança e tudo correrá no melhor possivel dos mundos...»

«Nem deves temer qualquer outra mulher, minha Luisa adorada», disse-lhe Eduardo, «porque és a mais linda, a mais amoravel e terna...»

«Muito amavel para mim, não haja dúvida!... Eu sou assim uma espécie de estafermo, não?» preguntou a Octavia, fingindo-se melindrada.

«Não faças caso», continuou Eduardo, «o amor é exclusivista...»

E, atraindo Maria Luisa, ficaram os dois, de ilharga, sobre a areia e com os labios colados.

«Vejo que sou demais aqui... Afasto-me por discrecção...» voltou a dizer a Octavia, com ironia.

«Não é preciso,» retorquiu Maria Luisa, com voz carinhosa.

«Pois não! Vae mesmo deante de mim... Não façam cerimonia! Pois então!»

«Grande má! Estás a dar mau sentido!... Apanhas!...»

E fez menção de lhe dar palmadas.

Mas eram horas de se aprontarem para subir ao Casino e regressaram ao hotel para mudar de vestido, não tardando a ingressar na sala onde rodopiavam pares enlaçados.

Momentos depois Eduardo declarava que tudo aquilo era uma sensaboria e que preferia jogar. Maria Luisa seria a sua *mascotte*.

Estava resolvido, dizia, a levar o Casino no bolso o que parecia indicar a intenção de jogar forte. Ela pediu-lhe, com inquietação, que não se aventurasse muito, abandonando a mesa se visse que a sorte não lhe sorria. Insistir, nesse caso, seria insensatez. Mas êle tranqüilisou-se afirmando-lhe que estava gracejando. Seria prudente e estava convencido de que, com a presença delas, não deixaria de adejar em torno da sua cabeça a asa fagueira da inconstante deusa que preside áquele febril e perigoso passatempo.

Tudo lhe corria tão bem, desde que chegara, muito além da sua mais optimista expectativa, que não queria deixar de tentar o jogo por mera distracção, sob a bemfazeja influência daquela mulher que era tudo para êle havia uns escassos vinte dias.

Entraram os três inseparaveis na sala de jogo cuja atmosfera o fumo do tabaco viciava. Envolvia os globos electricos uma neblina cinzenta que lhes esbatia a luz coruscante, não chegando as janelas, abertas sobre a noite tranqüila e fresca, para ventilar o vasto salão onde se transpirava de calor e de febre.

Os charutos e os cigarros fu egavam ininterruptamente no nervosismo das jogadas, desprendendo espiraes enoveladas que se elevavam lentamente para o tecto; e em volta de três longas mesas comprimiam-se, em filas compactas, inúmeras pessoas que seguiam com atenção concentrada as caprichosas evoluções do Azar.

Havia homens e mulheres de bom aspecto, quanto ao exterior, denunciando uma prosperidade

aparente ou verdadeira; havia-os em quem a penúria gritava pelos fatos no fio, pelas botas cambaias, pelos colarinhos cebosos. Todas as edades, desde os 20 aos 70, ali tinham representantes em quasi imberbes mancebos ou senhores de barbas patriarcaes, e em damas de face fresca e mimosa ou devastada pela insónia, pela idade ou pela crápula. E a todos irmanava o mesmo rictus congestionado, o mesmo olhar de febre e de cobiça, o mesmo estigma de vicio e de ambição insatisfeita.

As cartas e os dados não interessaram os três amigos que, depois de meia volta pela sala, se aproximaram de uma das mesas da roleta.

«E' curiosissimo, para quem seja observador,» disse a Octavia, «contemplar estes sujeitos... Ha tipos notaveis...»

«Devem ser uns infelizes maníacos», comentou Maria Luisa. «Tenho ouvido historias horriveis destes visionários da fortuna...»

«Quasi sempre trágicas», concluiu Eduardo. «Este vicio é daqueles que, uma vez enraisados, não largam mais a sua víctima...»

«Deve ser medonho!...» afirmou Maria Luisa. E, amorosamente, com uma tremura na sua voz harmoniosa pediu-lhe:

«Tu nunca te deixarás dominar por esta paixão terrivel, não é assim? Causavas-me um susto de morte!...»

Eduardo socegou-a. Ele só jogava por desfastio, nunca com o fito idiota de enriquecer ou de ganhar a folgança sem esforço. Era um homem prático, de espirito equilibrado, que pedia o bem-estar ao seu

cérebro, de longa data cultivado para lhe angariar fartamente a subsistência e as superfluidades com que se aligeira e enfeita a materialidade enfadonha da vida.

Contou-lhe casos tenebrosos, tornados públicos pela imprensa mundial, em que tinham actuado alguns daqueles comparsas que formam parte integrante da figuração dos grandes Casinos internacionaes. Descreveu-lhe essas catedraes do vício, sob cujas abóbadas doiradas se geram, desabrocham e fenecem tantas quimeras risonhas, quaes cortiços onde se abrigam, como enxames de vespas, os que voltejam em redor do Bezerro de Ouro, atraidos pela visão perturbadora dum esplendor alcançado sem custo: bastava, ás vezes, um palpite, uma parada avultada e, num pronto, um caudal de ouro corria para as suas algibeiras, pequenas em demasia para conter todo aquele Pactolo reluzente e cobiçado!...

Mas, na maior parte dos casos, a rósea cor dessas miragens de grandeza tomava aspectos carregados e sombrios. O sorriso desvanecido que tingia os lábios, á entrada, transformava-se numa visagem de desalento e de agonia que mirrava as faces e desmaiava o olhar laivado de traços vermelhos. E, no banco dum parque, sob a folhagem rumorosa, ou junto a um talude da via ferrea, no silencio da madrugada nascente, a visão sedutora de poucas horas antes tornava-se em pesadelo alucinante e esmagador; quasi sempre um fio de sangue escorria dum orificio feito no temporal por bala mortifera, deixando um traço húmido no rosto pálido para ir

tingir de vermelho o peitilho alvo e lustroso da camisa brunida. E, quando não era assim, a variante não deixava de ter o mesmo aspecto lúgubre; só com a diferença de o infeliz alucinado ter escolhido um banho forçado nas aguas murmurantes dum rio, para ir aparecer mais além, descarnado, roïdo, irreconhecivel, alguns dias depois. E tudo pela febre insensata duma suntuosidade para que não tinham sido talhados! Tudo pela ânsia dessa molesa cómoda e aviltante, dessa magnificência falsa que se compra com a vergonha que degrada e se paga com a morte que mancha junto da bolinha branca, saltitante e esquiva, como mulher *coquette* que se oferece e foge para se tornar mais desejada e apetecida. . .

«Fazem-me pena estes desgraçados,» dizia Maria Luisa com sincera mágua. «A sua obcecação não lhes permite ver, suponho eu, até que ponto se podem afundar...»

«Desgraçados, dizes bem,» confirmava Maria Octavia. «Muitos deles não arriscam o que lhes sobra mas — quantas vezes! — o que lhes é estritamente indispensavel a si e aos seus!...»

«Quantas vezes!» corroborou Eduardo. «Tudo aqui se derrete... E a filosofia desta gente é curiosa: não foi hoje será àmanhã... E «àmanhã» é ainda peor do que «hoje»: a sorte encarniça-se, volta as costas ao teimoso, arruina-o aniquila-o, mata-o...»

«E' um algoz aquela bolinha branca...» disse, pensativa, Maria Luisa.

«E um algoz mais temivel que os outros, os das justiças regulares... Os seus decretos são inexora-

veis e não necessitam, para se fazerem cumprir, da força armada como requer a justiça dos homens...» rematou a Octavia.

E, por proposta desta última, foram observar os «pontos», postados todos três numa pequena clareira aberta nas filas dos espectadores. D'ali podiam disfrutar os jogadores que lhes ficavam fronteiros ou proximos.

O *croupier* continuava, com voz monótona, indicando os números felizes em cada jogada, depois da esferasinha ter saltado com particular ruïdo nas arestas das 37 conchas contidas na bacia giratoria. Dentro do peito dos jogadores os corações pulavam como a bolita branca, emquanto a palidês se acentuava nos seus rostos e os seus olhos adquiriam uma dramática fixidez e uma expressão que passava por todos os cambiantes desde a incertesa ao desespero, desde a miragem risonha á desilusão cruel.

Alguns eram momentaneamente felizes, sobretudo se tinham acertado no ataque a um determinado número que desaparecia sob uma pequena pilha de fichas de varias cores e formatos. Então, emquanto os que perdiam, mal orientados por cálculos extravagantes, os olhavam com mal disfarçada inveja, os que ganhavam respiravam fundo, dilatando o peito com volúpia, e meneando a cabeça como a significar:

«Não podia deixar de ser... Era impossivel falhar...»

E os *rateaux* dos *croupiers* recolhiam, nas duas metades da comprida mesa, a sementeira colorida,

espalhada a esmo sobre o pano verde, para só nele deixarem as fichas vitoriosas no pequeno quadrado em que se empilhavam e as que, de algum modo, com o número feliz se relacionavam. Em seguida pagavam com fichas tambem — a moeda particular dos casinos—emquanto os duplos rectângulos com as trez duzias de números, dispostos por séries horizontaes de trez, eram novamente salpicados com as manchas córadas que durante a noite, incessantemente, apareciam e desapareciam de sobre o pano.

Os charutos e os cigarros continuavam fumegando na borda das mesas e nas bocas secas dos jogadores enervados. E a pequenina esfera continuava o seu giro, circular e rápido, para voltar a anichar-se numa das conchas numeradas, levando a uns um prémio e a outros, quasi todos, uma desilusão!

Maria Octavia tocou com o cotovelo no braço da sua amiga chamando a sua atenção para um dos «pontos» fronteiros. Era um homem ainda novo cujo rosto, avelhentado precocemente, denunciava a irregularidade duma vida malbaratada no goso de doçuras fictícias e malsãs. Era com uma acentuada tremura de mãos que êle fazia as suas paradas, consultando com misterio uns apontamentos garatujados e só por êle compreendidos. Algum sistema «infalivel» de ganho, aprendido ou comprado por bom preço a outro maníaco como êle.

Os seus olhos alucinados, emquanto a esfera rolava, a atenção que concentrava nos ouvidos á escuta do número saido, mostravam a luta interior

de que era teatro a alma daquele infeliz. Tinha jogado forte no 17 depois de duas consultas atentas aos gatafunhos do seu papel cabalístico e cebento. E, quando o *croupier* anunciou o 5, a expressão daquele louco infundia dó e pavor. Os seus olhos, raiados de filetes sanguíneos, pareciam querer saltar das órbitas; as mãos tremeram mais como numa epilepsia; torceu-se a sua boca num esgar de insânia; e uma palidês mortal descorou por completo a vermelhidão com que o calor ambiente tinha tingido as suas faces enrugadas e gastas. Como que atordoado sob uma violenta pancada no crâneo, ergueu-se, como um sonâmbulo, e cedeu o lugar a outro «ponto» que o substituiu á mesa de jogo. E lá foi, a passos lentos, a caminho da saida. Tinha perdido tudo. E Deus sabe se seria sua pertença o dinheiro que perdera!...

«Desgraçado!...» comentou Maria Luisa, penalisada.

Octavia encolheu os hombros e apontou-lhe outro jogador mais afastado.

Era um rapaz de farta cabeleira negra, e de vestuario pobre, qualquer modesto empregado que ganhava penosamente a sua vida, para conseguir no fim de cada mês, umas centenas de escudos com que atender ás suas mais urgentes carências. Suas e, porventura, de mais alguem porque, no seu dedo anelar direito, brilhava a linha dourada duma aliança matrimonial. Jogava forte tambem: a teoria do «tudo ou nada». Não era crivel que, com aquela aparência, pudesse dispôr, como coisa supérflua, das importancias que ia arriscando e perdendo.

Devia tratar-se de valores do casal empenhados ou vendidos, a ocultas da esposa, para tentar a sorte caprichosa; ou, o que seria mais grave ainda, proviria aquele dinheiro, que representava a subsistência de dois mêses, dum qualquer acto vilipendioso no género dos que enchem diariamente as colunas dos jornaes e caem sob a alçada da polícia.

Como o anterior, tudo perdeu. E ficou-se a olhar, abstrátamente, o pano verde que outros mais felizes continuavam coalhando de fichas de côr. E êle sem uma única! Ainda vasculhou as algibeiras numa ansia febril e, como nada encontrasse, só então pareceu notar a situação a que se tinha deixado levar, talvez a enormidade dum criminoso proceder cuja realidade começava a afligil-o! E saiu, desorientado e nervoso.

«Outro!...» disse a Octavia ao ouvido de Maria Luisa. «São quasi todos por aqueles dois padrões...»

«Loucura, ilusão e miseria! Eis no que eu resumo tudo isto!...» comentou Maria Luisa.

«E acertas em 90 % dos casos...» afirmou a Octavia. «Se assim não fosse como se manteriam estas Casas com o grande dispêndio que fazem?»

«A esperança que resta aos jogadores é a de pertencerem á minoria feliz que triunfa... E ha exemplo de algum ter enriquecido?»

«Ha, ao que se afirma. Mas são raríssimos... E' precisa uma sorte estupenda, inverosimil, para fazer fortuna ao jogo.»

Continuaram mirando atentamente os «pontos» na sua luta encarniçada com a bolinha saltitante e

irrequieta. Eduardo, por seu lado, escutava com um sorriso de mofa, um diálogo a meia voz entre dois espectadores com prosápias de entendidos naquela azarenta distracção.

Eram daqueles que pretendem conhecer o segredo do jogo nos seus menores detalhes, subordinando as paradas a raciocinios e regras inflexiveis que só por acaso não resultam infructiferas. Aqueles «sabiam jogar»; o peor era que, a despeito de tanta sciencia e tanto método de seguríssima infalibilidade, estavam pobres como sempre, quando deveriam ser não só milionarios mas ainda o terror dos casinos havidos e por haver...

Naquele momento um «ponto», cujas paradas os dois «sábios jogadores» seguiam com interesse, estava hesitante no número a cobrir com a sua ficha. Por fim tinha-se decidido pelo 35.

Os dois «infaliveis» não aprovaram. Em voz baixa dizia um deles de forma a ser apenas ouvido pelo seu companheiro e sem desfitar o jogador:

«No 7... põe no 7, patéta!...»

E teve um sorriso de desdem ao notar que o «ponto» se ficava no 35. Olhou o outro «conhecedor» com ar de comiseração por aquele pobre diabo que estava mesmo a deitar o dinheiro pela janela fora...

«Quer ver que sae o 7?» disse-lhe, baixinho.

«Ah! com certeza... A regra manda jogar no 7 nesta altura.

A esfera rolou, saltou e parou.

«36», disse o *croupier*.

Os dois «sábios» olharam-se desconcertados, interditos. Podia lá ser!

Nova jogada. O «ponto» escolheu desta vez o 27 que os «mestres» reprovaram novamente afirmando entre si que êle deveria ter jogado no 8. Novamente a bolita rolou, saltou e parou.

«Zero» anunciou o *croupier*.

«Está bem... é a defesa da Casa!...» comentaram os dois «entendidos»...

Ainda outra jogada. O «ponto» decidiu-se pelo 17; os «sábios» voltaram a encolher os hombros desdenhosamente, opinando que devia ter preferido o 27. E quando o *croupier* pronunciou o número 15 os dois «peritos» encontraram uma justificação bastante plausivel para os seus cálculos falhados:

«A roleta hoje não está boa...» disse um.

«Não está, não... São dias...» rematou o outro.

Eduardo, muito divertido com aquela pretenciosa sapiência dos misterios da roleta, sentou-se por fim aproveitando uma vaga. As duas raparigas ladearam-no, não tardando a sentar-se tambem e, trocada uma nota de 100 escudos, coube a vez ao engenheiro de se entreter com os caprichos da esfera branca.

Decidiu-se por um número apenas, o 23. Faria quarenta paradas de «pleno» seguidas ou intervaladas, conforme a inspiração de momento e, no fim, deitaria contas. Eram 400 escudos deitados á voragem por desfastio durante umas horas. Se perdesse, não ficaria pobre; se ganhasse ficaria provavelmente com o mesmo que tinha quando entrou

na sala. Jogar, no seu entender, era assim: á margem de todas as regras, de todos os sistemas, de todos os métodos que só iludem os visionarios e os tolos!

As primeiras dez jogadas foram um desastre. E já Eduardo dizia, de bom humor, que a *mascotte* tinha falhado em toda a linha quando se penitenciou com a primeira parada feliz. Passou a dobrar as jogadas fazendo fogo com a pólvora que lhe davam. Nas dezoito paradas que fez, a seguir, com pequenos intervalos e aproveitando as repetições, acertou em sete perdendo as restantes.

Havia mais de duas horas que se sentara a jogar e, calculando mentalmente, verificou que devia ter comsigo perto de cinco contos que o *croupier* ia pagando, a pouco e pouco, com um desgosto bem visivel. A *mascotte* não tinha falhado naquele logar como não falhara ainda em circunstância alguma!

Maria Luisa insistia por que se retirassem. Tinha sono e para experiência já bastava; mas Eduardo quiz que ela propria e a Octavia fizessem também cinco paradas no mesmo número para terminar. Acederam, optando pelo 20. Cinco paradas eram mais uns escassos minutos, sómente. E o 20 deu um «pleno» ás duas raparigas de quem Eduardo não aceitou a receita que ambas fizeram, declarando que era para os seus «alfinetes» ou para arriscarem noutra noite qualquer.

A soma conseguida por êle tinha já um destino no seu pensamento: com ela compraria um afoga-

dor de pérolas que alindasse a pele assetinada de Maria Luisa...

E os três amigos sairam daquela atmosfera de fumo e de febre em que outros ficavam, até muito tarde, a queimar os nervos inquietos nas emoções produzidas pelos saltos da bolinha leviana.

Maria Luisa queixava-se de dores de cabeça e admirava-se de que fosse possivel passar noites seguidas naquele ambiente doentio. Mas compreendia que o vicio tem garras potentes a que não é possivel resistir quando uma vez nos deixamos colher por elas.

O ar exterior fez-lhe bem com o seu efeito calmante e fresco. E foi com a mesma carinhosa submissão de sempre e a mesma rendida paixão que reclinou a adoravel cabeça no peito do amante quando se deitou a seu lado, no leito que, havia poucos dias, se transformara em trono de amor.

Nessa noite havia nos seus olhos uma sombra de melancolia que êle notou e cuja causa inquiriu com inquietação.

«E' que me lembro de que só tenho duas breves dezenas de dias, para enlouquecer de apaixonada ternura nos teus braços...» confessou ela, anichando-se no seu torax musculoso e cingindo-o a si como se aquêle momento fosse o minuto cruel duma irremediavel separação.

Eduardo sentia nítidamente o pulsar ansioso do coração da amante perto do seu. Tomou-lhe carinhosamente a cabeça que beijou com devoção e disse-lhe ao ouvido:

«Não te aflijas, meu amor... Temos a vida inteira

deante de nós para nos adorarmos livremente, como se amam as avesitas do ceu, sob o olhar paternal e bondoso de Deus justo e bom... tão infinitamente bom que me cumulou da imerecida ventura de conhecer-te e de ter-te conquistado... Eis porque não se passa um só dia em que eu não lhe agradeça com sinceridade e comoção!... Eis porque aprendi a amar essa ignota divindade com um fervor de que eu não me julgava capaz!... Vinte dias, dizes tu? Não: dize vinte anos, quarenta anos, a eternidade... Porque eu, nem que seja por meio de um roubo, por força ou por geito, levo-te comigo para Inglaterra...»

Maria Luisa quasi enlouqueceu de felicidade ao ouvil-o. Beijou-o loucamente, repetidamente, perdidamente, emquanto dizia:

«Obrigada! Obrigada! As tuas palavras foram um filtro divino que me transtornou! Essa dúvida que tanto me atormentava dissipa-se, por fim!... Oh Deus do céu, quanto te agradeço!...»

E benzeu-se, devotadamente.

Ele mirou-a com enlevo e sorriu-lhe. Insensivelmente se enlaçaram os seus braços, uniram-se as suas bocas, juntaram-se os seus peitos. E, numa sublime renúncia de toda a sua pessoa, novamente Maria Luisa brindou Eduardo com o presente magnífico da sua carne em flor...

XVI

"Farewell, you silly boy!"

Setembro tinha findado. Já no firmamento se acastelavam negras nuvens fazendo prever borrasca brava, a secundar as chuvas diluvianas que, nas provincias, anunciavam um inverno dum rigor excessivo.

Faziam os periódicos largas reportagens de desastrosas tempestades que haviam pairado sobre povoados e vilas, reduzindo a casaria, apertada no conchego dos vales férteis, a montões de ruinas com um lamentavel cortejo de lágrimas, dor e luto.

Os poderes públicos acudiam com apressadas visitas ministeriaes, com donativos, com providências de momento que, infelizmente, não podiam levar aos sinistrados a perdida abastança, nem secar-lhes o pranto aflitivo que a desventura fizera correr, nem afastar o espectro apavorante da miseria.

As enxurradas, nalguns sítios, tinham levado tudo deante da sua violência de avalanche. Culturas e animaes, casas e arribanas, tudo se con-

fundira com as aguas enoveladas que durante horas consecutivas tinham caído, como se o Céu, enraivecido com a Terra, quizesse castigal-a de algum ultrage formidando á magestade divina, reeditando a scena bíblica dos tempos afastados de Noé.

Toda a gente se confrangia com tão pavorosa calamidade que, em curto espaço de tempo, aniquilava tantas esperanças dum futuro fagueiro, roubando o sustento a muitas centenas de bocas. Pobre gente!

Os sabios meteorologistas tinham anunciado nas gazetas que o inverno seguinte seria duma violência extremada, como havia muito não acontecia, por se terem notado grandes deslocações de enormíssimos blocos do gelo polar, prenúncio de intensos frios, de devastadoras geadas e de formidaveis chuvas. E, ao que parecia, tinham acertado, pela amostra que a chegada do equinocio de outono trouxera consigo.

Pelas praias e termas aprontava-se a maior parte dos veraneantes para regressar á capital afim de retomar as suas habituaes ocupações. Alguns ainda ficavam até fim de outubro para aproveitar ao maximo um descanso útil até que os hoteis, fechando as portas, os forçassem á retirada para voltarem no verão seguinte.

A época balnear e termal tinha já perdido o seu esplendor; já não se notava a mesma animação, a mesma vida, a mesma sussurante agitação dos meses anteriores em toda a parte onde se reünem os que podem disfrutar de uma temporada tranqüila á beira-mar ou no campo.

O grupo das *sans-culottes* despedia-se tambem dos seus folguedos, ao ar livre e forte da praia, para reünir possivelmente no ano imediato naquele ou noutro local e proseguir nas suas folias de audaz e petulante mocidade.

Faziam-no com mágua e saüdade. Aquele Setembro fôra uma loucura de gôso permanente em que Eduardo se tinha empenhado, variando a sua inventiva para que os amigos de Maria Luisa pudessem sempre recordar aquela temporada que o acaso os fizera passar, em doce e amavel companhia, naquele recanto agradavel do Mont'Estoril.

O Dódinho parecia ter crescido dois palmos; tão queimado que parecia mulato, engordara, bem como a Carlotinha, e desfez-se em lágrimas quando soube que iam voltar a Lisboa. Em vão a sua amiguinha o consolou com a perspectiva do ano seguinte em que voltariam a montar o cavalo com que Eduardo tinha presenteado a irmã da Candinha. Mas o pequenito parecia advinhar que não tornaria a gosar um verão como aquêle.

Os restantes componentes do grupo eram do mesmo parecer e pasmavam da rapidez com que decorrera o mês de Setembro em que os dias pareciam ter-se reduzido a metade da sua duração normal.

Mas era forçoso reentrar em Lisboa, onde já tinham chegado os paes da Odette e da Candida, onde a Carlotinha devia recomeçar os estudos e onde Eduardo devia embarcar, dentro de poucos dias, para voltar a Londres a exercer a sua profissão.

O próprio tempo os forçava com os primeiros aguaceiros caídos e as noites cortantes e frias que tinham posto fim ás serenatas da praia, ás guitarradas melancólicas, aos idílios apaixonados, sob a cúpula estrelada do ceu e junto da fita espumosa do mar, queixoso e triste de as ver partir.

Para Maria Luisa aquele último mês tinha sido um conto das *Mil e Uma Noites.* Muito embora já não a assustasse o «despertar daquele sonho» em que vivera, não era sem profunda e dolorida mágua que deixava o Mont'Estoril onde tinha amado e sido feliz.

Voltaria ali mais vezes, num futuro longinquo, porque ali tinha deixado um pouco de si mesma em suspiros de perturbadora paixão e desordenadas palpitações da sua carne amante e contente. Seria uma peregrinação fervorosa que lhe permitiria recordar a risonha fase da sua juventude, em que tinha conhecido os mistérios inebriantes do Amor nos braços do primeiro e, possivelmente, do único homem a quem fora dado gozal-a!

Ah! e não esqueceria lançar um olhar agradecido, sempre que possivel fosse, áquele pequenino e tranqüilo *studio* de Bemfica onde sofrera a primeira e dolorosa arremetida do travesso Cupido! Lembrar-se-ia sempre daquela noite misteriosa e tépida de Agosto em que rolara, atravez dos campos sombrios e de Lisboa adormecida, para tornar ditoso aquêle que a dominava com a sua varonil gentileza!...

Dentro de poucos dias novas perspectivas se rasgariam deante dos seus olhos inquietos e curio-

sos. Seriam, durante muitos mezes, uns horizontes de parda bruma e cerração espessa. Mas o Amor tudo embeleza! Iriam parecer-lhe, por certo, scenários maravilhosos de cor que uma neblina aurifulgente tornasse ainda mais formosos!... E' que, nesse ambiente, vivia, respirava, palpitava «Ele». E palpitava por ela, para ventura sua! Como Deus era bom e magnânimo em tel-a contemplado com essa felicidade suprema!

Deveria conviver com outras gentes que falavam um idioma que êle já ia compreendendo menos mal. Gentes com uma outra mentalidade, outros hábitos, outra visão mais rasgada e mais racional das coisas e da vida e com elas aprenderia, despojando-se de alguns restos daquele provincianismo nacional que, por atavismo, levava aderente ao corpo.

A vida sorria-lhe. Era preciso gosal-a emquanto tudo lhe aparecia tinto de roseos tons. Era jovem e bela. Bela! Estava-o mais do que nunca: a languidez, a prostração, as olheiras, todas as antigas e penosas conseqüências dos pesadelos nocturnos causados pela sua prodigiosa matuıação, tinham desaparecido depois que pudera restituir o equilibrio e a sanidade ao corpo, ao contacto das vibrações a duo em noites de volutuosa loucura, de alucinante embriaguês, de espasmo consolador e saüdavel!

E, enlevada de amorosa solicitude, Maria Luisa fazia-se muito pequenina junto a Eduardo que a cobria de loucos beijos, como naquêle momento em que ela acabava de ter uma ideia gentil e to-

cante para com a Octavia e que o sensibilisou:

«Se estiveres de acordo, meu Eduardo, hei de presentear a Octavia com o afogador de pérolas que me queres ofertar. Tu me comprarás outro em Londres, sim?»

«Aprovo. E's um anjo, Maria Luisa. O que ela fez por nós, pelo nosso amor, merece todas as dádivas, todas as ternuras, todos os carinhos...»

Subiram, como tinham combinado, ao *studio* do último andar do hotel. Iam proceder á assinatura das dedicatorias nas provas fotográficas de «A Morte da Sereia», estupendo trabalho de amador que haveria de obter, seguramente, uma elevada recompensa no concurso londrino. Estava magnifico de naturalidade, de graça e de mimo, ao que a magestosa belesa do modelo dava um realce que encantava e seduzia. Parecia mais uma agua-forte de artista consumado do que uma simples fotografia obtida pela luz solar sobre sal de prata.

No rosto das provas tinha Maria Luisa escrito estas palavras saüdosas: *Em recordação de um verão inesquecivel.* Por baixo a sua assinatura, juntamente com a de Eduardo. Era um delicado presente que ambos faziam ás cinco raparigas que com eles tanto haviam movimentado a praia com o «escândalo» da sua ruidosa juventude. Na que á «generala» do grupo era destinado havia ainda mais algumas palavras de afectuoso carinho como era devido a quem lhes tinha dado tão grandes provas de amisade que não seria fácil exceder.

Iam chegando os pares para a taça de champanhe que Eduardo oferecia aos seus amigos como

despedida. Estavam já assinadas todas as provas e metidas em grandes envelopes com os nomes das contempladas quando, reünidos todos em volta da mesa, estalaram as rolhas das garrafas e se encheram as taças onde o apetitoso líquido ficou a espumar como se fervesse.

Começou a série de brindes. Tinham todos por tema a belesa das raparigas e a felicidade dos respectivos homens, reinando entre todos a mais afectuosa camaradagem.

Eduardo reservou para o fim a sua breve alocução em que, comovidamente, brindou pelo triunfo dos amores das gentis senhoras que tão suave lhe tinham tornado o seu regresso a Portugal apoz uma longa ausência de oito anos. Envolveu no seu voto a ventura dos seus amigos que tão fraternalmente o tinham acolhido e com quem tinha partilhado das alegrias daquele verão cuja lembrança ficaria gravada para sempre no seu coração.

Voltou-se depois para Maria Octavia a quem era devida a existência daquele grupo folgazão e disse:

«Quis Deus conceder-te, Octavia, a par das graças do corpo, essa formosura subtil da alma a que se chama Bondade. Para ti reclamo as bênçãos celestes que não deixarão de cair sobre a tua cabeça porque as mereces.»

Depois, voltando-se para Maria Luisa:

«Quanto a ti, Maria Luisa, nada mais posso desejar senão que sejas o sol a que me aquecerei sempre que o frio do desânimo de mim se apodere ou o cordial que me conforte nos momentos, em

que o travo amargo da desilusão me envenene o sangue, na penosa travessia da vida que para nós começa...»

E ergueu a sua taça brindando ás senhoras em geral:

«Pela vossa eterna belesa!»

E os homens vozearam em côro:

«*Hurrah! Hurrah! Hurrah!*

Beberam um gole da saborosa bebida e escutaram Maria Octavia que, em nome proprio e dos restantes, agradecia, sensibilisada, as amaveis palavras do primo. E a Octavia ergueu a sua taça e, dirigindo-se aos homens presentes, disse:

«Pela constância e fidelidade aos vossos amores, desabrochados nesta quadra que eu não poderei olvidar!»

E as raparigas, imitando os homens, gritaram: *Hurrah! Hurrah! Hurrah!*

Esvasiaram as taças e as raparigas receberam das mãos de Maria Luisa o envelope que a cada uma era destinado, como uma graciosa lembrança da amiga a quem, talvez, não voltassem a ver tão cedo.

E, por cada envelope, foi trocado um beijo afectuoso e sentido.

*

Onze horas da manhã. Manhã triste, pardacenta e húmida. Uma ligeira melancolia turvava desta vez o garrulo bando das *sans-culottes* que aguardavam na estação do Monte a hora do embarque para Lisboa.

Desvanecera-se o encantamento que durava desde princípios de Julho, em obediência àquele rifão que afirma que não há bem que sempre dure. Conversava-se, mas os temas acudiam dificilmente e as réplicas resultavam descosidas e incolores.

Ouviu-se o rodar do comboio vindo de Cascaes e todo o grupo se apressou a embarcar com uma alegria que soava falso. E' que não se abandona, sem choque, um local onde se viveu algum tempo em estreito contacto com a Natureza, amando e gosando em liberdade e fruindo as delícias de uma vida quási sem peias nem constrangimentos.

Mas todos procuravam disfarçar essa irreprimivel infantilidade o melhor que podiam. Maria Luisa era uma excepção: essa olhava a linda praia onde lhe sorrira a ventura, com visível desgosto de a deixar tão cedo, lamentando que a fôrça das circunstâncias a isso a constrangesse. E quando o comboio arrancou e que ela viu a areia, franjada de espuma, fugir-lhe em sentido oposto, teve um estremecimento doloroso como se a própria felicidade que ali gosara lhe fugisse também.

Pura ilusão. Eduardo estava a seu lado, risonho, atento, amante, como sempre; e a voz dêle tão grata aos seus ouvidos, embalava-a docemente emquanto o comboio deslisava sôbre a via com tanta rapidez que se diria que tinha pressa de se afastar daquele local de delícias.

A Carlotinha não foi capaz de reter as lágrimas. Parecia-lhe que aqueles três mezes tinham tido a duração curta de três dias, de tal forma perdera a noção do tempo com os seus infantis folguedos

com o Dódinho, principalmente depois que Eduardo chegara cumulando as duas crianças de brinquedos com tal quantidade que elas já não sabiam quais preferir. Era o cavalo, era o barco, era a bola, um rôr de coisas encantadoras. E acima de tudo o *Bob* que lá ia com a tia Izabel, no auto da Octavia, a caminho de Lisboa também.

Não pudera a interessante garota despedir-se do lindo animal sem uma chuva de lágrimas e uma aluvião de beijos, o mesmo fazendo o pequenino Jorge, a preguntar se o cão também era para êle, como a bola...

Agora, no comboio, queria o Jorginho que a criada lhe explicasse porque razão as árvores fugiam e para onde iam. Mas a moçoila não lhe dava atenção. De olhos baixos, ía calada e triste, com visíveis sinais de lágrimas no seu rosto vermelhusco e cheio.

Não eram de saüdade pelo verão que findára essas lágrimas que ela, havia alguns dias, vertia em silêncio. Eram de desespêro, de vergonha e de terror pelas conseqüências que tivera para ela a fé que tinha depositado naquele «ladrão» do 24, o tal cabo de artilharia de Caxias...

A Odette tinha dado com ela a soluçar num recanto do hotel e tanto a tinha apertado com preguntas que ela acabou por confessar a sua desdita:

«Aquele patife, imagine a menina», tinha-lhe ela dito, redobrando de choro furioso, «tais coisas me disse que me deu volta ao «toitiço»... Prometeu-me que havia de «arreceber-me» quando fôsse a sargento... e queria que eu conhecesse a tia

dêle... Eu «acreditei» nas suas palavras e fui... A menina «alembra-se?» Foi «cand'eu» lhe pedi p'ra me deixar ir a Lisboa a ver a minha mãe?...»

Aqui a Odette não poude conter uma risada e comentou, chocarreira:

«Então não fôste a casa da mãe... fôste «a casa da tia...»

A rapariga não percebeu a alusão e justificou-se:

«A menina desculpe... Ele é que me ensinou o recado... Mas «cal» tia, «cal» carapuça! Levou-me mas foi a uma rua «qu'eu» nem me «alembra» o nome e entrou comigo p'ra um quarto. E «antão» o que havia eu de fazer, ali sozinha com êle? Fui-me abaixo como «oitra calquer»... O marau soube fazer a partida... Caí como um rato! Grande malandro!»

E chorava num frenesi desesperado. A Odette, penalisada, tranqüilisou-a:

«Deixa lá, mulher... antes isso do que uma perna partida!... Não chores... Aposto que naquela ocasião não choraste?...»

«Ai nada que não!» continuou ela entre soluços. «Gritei e chorei que me fartei, menina! «Qu'eu» ainda estava pura... juro-lhe por esta!»

E beijava os dois indicadores, grossos e nodosos, crusados deante da boca em certificado de que não mentia. E não cessava o seu pranto aflitivo.

Voltou Odette a aquietá-la:

«Isso são partidas que o verão faz ás mulheres, tem paciência!... »

«Não me deixa «soidades» o verão, lá isso não... A menina fala assim porque não é com ame-

nina... as «probes» de Cristo é que «s'amolam...»

E, assim dizendo, patenteava a suposição ingénua de que as meninas finas e ricas estavam livres daquêles apuros, como se fossem feitas doutra massa muito diferente, ou como se a sua riquêsa as defendesse, como um baluarte inatacável, contra as investidas do Amor traiçoeiro com figura de homem...

«Acaba com a choradeira, mulher! Vaes ficar nisso? Esse foi falso, depressa arranjas outro... Homens não te hão-de faltar!...» impoz a Odette, já um pouco impacientada.

O efeito foi absolutamente oposto. A infeliz levou as mãos á cabeça, fungou estrepitosamente e chorou com mais força ainda, implorando o auxílio divino:

«Ai, valha-me Nossa Senhora!...»

Odette sorriu e troçou:

«Vais a tempo. Agora de que pode ela valer-te?»

Então a desventurada moça confessou á sua jovem ama a terrivel suspeita que a torturava:

«Ai, menina, «aquilo» faltou-me êste mês... Com certeza «pegou»... Mas a menina não diz nada aos senhores, não? Eu morria de vergonha!...»

Odette tranqüilisou-a. Nada diria a sua mãe para não a afligir mais. E, para pôr ponto no assunto, afirmou-lhe, a dar-lhe ânimo:

«Deixa, não te mortifiques mais, que algum remédio se lhe ha-de dar... Outras se teem visto nesses assados e não morreram por causa disso!...»

A chorosa moça pareceu mais aliviada com

estas palavras tranqüilisadoras. Ainda falou em queixar-se ao comandante do regimento ou, então, em pegar na faca mais afiada que houvesse lá em casa e «prepara-lo» como se faz aos gatos! Assim já êle não faria a «desgracia de oitras», tão confiadas como ela, que se deixassem seduzir pelas suas cotoveladas carinhosas e pelas futuras divisas de sargento; e não as levaria docilmente áquela casa onde morava a tal «tia» que havia de ser madrinha do casamento...

A Odette não conseguiu reprimir o riso. E a outra, interdita, comentou:

«A menina ri... Pois não é caso para rir... Coitada de mim!...»

«Já te disse que tudo se ha de arranjar e não se fala mais nisso.»

E deixou-a a contas com as suas lamentações, ouvindo-a ainda a lamuriar, com punhadas na testa:

«Grande malandro que me desgraçou! E eu, grande burra, que fui no «embrulho»! Valha-me Nossa Senhora!...»

*

Maria Luisa estremeceu ao ouvir o som estrídulo da sineta de bordo. Era o primeiro sinal para a saida dos que não seguiam viagem, e logo visitas e viajantes trocaram os costumados abraços de mistura com os habituaes beijos e recomendações finais.

«Boa viagem!» ouvia-se de todos os lados.

Maria Luisa apertou mais a si o busto da Octavia como se, retendo-a, pudesse retardar o mo-

mento doloroso daquela separação inevitavel que estava por minutos.

Havia mais de uma hora que com ela conversava com a voz velada pela comoção e com os olhos marejados de lagrimas. A indefectivel amiga e padroeira daqueles jovens amores tinha ido com o seu inseparavel e garboso tenente despedir-se do enamorado par que partia para longe com prolongada demora.

Do grupo das *sans-culottes* a Antonieta vogava já, havia alguns dias, sobre as ondas do Atlântico a caminho do frondoso Brazil onde iria reinar no coração dc industrial que tivera a sorte invejavel de lhe colher as primicias dois mezes antes; as restantes, impossibilitadas de comparecer, tinham delegado na «chefe do grupo» o carinhoso encargo de, num aperto de mão a Eduardo e num beijo de sincera amisade a Maria Luisa, lhes desejar boa viagem, pedindo-lhes noticias ao chegarem a terras de John Bull. De egual deferência era portador o Vasco que comparecera em nome proprio e com delegacia do Alcino e do Horta ausentes de Lisboa, em serviço.

D. Clorinda e o comandante tinham ido também, o que, muito pezarosas, não puderam fazer as tias de Eduardo devido aos seus achaques reumatismaes, quasi devorando o sobrinho com beijos condimentados com abundantes lágrimas de afectuosa ternura que só secaram quando êle lhes afirmou que viria vel-as, novamente, muito antes que outros oito anos tivessem passado.

O Vasco, desempenhada a sua missão, pediu

licença para se retirar regressando ao Banco onde era empregado e Maria Luisa, sentada entre a mãe e a Octavia, ocupava os últimos minutos com ternas confidências, emquanto Eduardo conversava animadamente com o tenente e com o comandante Silvares junto á amurada do luxuoso paquete.

«Levo-te no coração, Octavia,» dizia-lhe cingindo-a comovidamente contra si, «e penalisa-me esta separação. Acredita que a distância não obstará a que estejas sempre presente no meu pensamento e no meu coração... Que bom seria se tu viesses também!...»

E os olhos húmidos da boa rapariga quasi sorriam ante essa perspectiva irrealisavel.

«Não importa, meu amor,» retorquia Maria Octavia. «Sejas tu feliz — e não tenho dúvida de que o serás — já me dou por contente. Também me custa ver-te partir...»

«Mas vocês irão a Londres visitar-me, dentro de algum tempo, não é verdade?»

Maria Luisa olhava ansiosamente para o tenente que confirmou:

«Faremos as maiores diligências para isso, querida amiga.»

«Julgo que não será muito difícil conseguir uma licença de dois ou trez mêses...» continuou ela, contente com a resposta do marinheiro.

«Depende, como deve calcular, de varias circunstâncias. Mas creio poder afirmar que nos daremos esse grande prazer muito brevemente...»

«Oh! não calcula, meu amigo, como eu seria feliz! Insiste, Eduardo, pede-lhe tu também.»

Eduardo sorriu. E, com uma carícia na face da sua amada, afiançou:

«Já estive combinando com o nosso amigo os pormenores dessa visita que ambos desejamos ardentemente. Acredita que êle não afirma só por complacência...»

«E a mamã tambem irá com o senhor comandante, sim?»

D. Clorinda limpou as lágrimas que lhe orvalhavam os olhos e tranqüilisou-a com a promessa requerida.

Aproximava-se o minuto extremo em que seria forçoso baixarem a terra. Maria Octavia continuava presa no abraço em que a retinha a amiga como a querer metel-a bem no coração e, vendo-a comovida, tentava animal-a e incutir-lhe a coragem que parecia querer abandonal-a. E ciciou-lhe ao ouvido palavras de conforto e de confiança no futuro que a faziam sorrir por entre as lágrimas.

A sineta badalou, por fim; Maria Luisa apertou muito a si o busto de sua mãe, a quem beijou repetidamente, e ouviu-a dizer, com voz cortada:

«Custa-me, mas fico tranqüila porque te sei feliz, minha querida filha... Ao passo que os outros dois...»

E rompeu a soluçar. Logo o Silvares, Eduardo e o tenente a consolaram com palavras meigas aquietando-a na aparência. Seguidamente as duas amigas abraçaram-se, prodigalizando-se carícias e frases de fraterno carinho. Os trez homens tinham-se despedido já com sincera amisade quando

Eduardo, pedindo licença ao tenente, atraiu a si a Octavia e a beijou na fronte, com delicadêsa.

«*Farewell, you silly boy!*» disse-lhe ela, com um sorriso forçado, a querer aparentar uma serenidade que estava longe de sentir.

«*Farewell, you sweet!*» retribuiu êle com disfarçada comoção.

Entretanto o tenente despedia-se de Maria Luisa que o tomou de parte e lhe pediu, como se nesse pedido residissem as suas proprias esperanças de ventura:

«Você tem na Octavia um tesouro de mulher de que não será fácil encontrar um duplicado. Estime-a como ela merece. Fico zangada consigo para tôda a vida se lhe der algum desgosto...»

«Tranqüilise-se. Vejo que são amigas de verdade. Isso me alegra. Pelo motivo que você aponta não lhe dê cuidado que eu perca a sua preciosa amisade... Boa viagem e deem notícias...»

«Sempre»

De repente Maria Luisa lembrou-se de qualquer coisa que lhe ia esquecendo no delírio da despedida e, chamando a Octavia, colocou-lhe ao pescoço o fio de pérolas que Eduardo lhe tinha dado:

«Aceita, Octávia, esta lembrança da tua Maria Luisa. Servirá para que te recordes dela algumas vezes...»

«Oh!» fez Octavia entre admirada e encantada com a gentileza, olhando para Eduardo, como a interrogá-lo.

«Guarda-o, minha boa Octávia, eu próprio t'o peço.»

Não era possível demorarem-se mais. D. Clorínda ainda rogou a Eduardo, quási de fugida:

«Faça-a ditosa, sim? Que ao menos esta veja sorrir-lhe a ventura...»

E, como êle percebesse que estava iminente outra explosão de dor no coração daquela mãe tão pouco feliz com os filhos, esforçou-se Eduardo, em rápidas palavras, por socegar-lhe as apreensões.

No cais apinhavam-se já inúmeros parentes e amigos dos que partiam, com os olhos fitos no vulto avantajado do paquete, imóvel junto à muralha.

Maria Octavia e o tenente desceram também e ali ficaram aguardando a partida daquela cidade flutuante em cujo seio se azafamava o pessoal de bordo nos últimos preparativos de abalada.

Veio o rebocador, pequenino e negro, colocar-se a pequena distância da prôa alterosa do enorme *liner*; foi recolhida a *passerelle* e viu-se sair um espesso rolo de fumo de ambas as largas chaminés, ao centro. Na ponte de comando, um oficial com largos galões na manga do dólman dava ordens rápidas e precisas e, instantes depois, enovelavam-se as águas com característico marulho a ambos os lados da ré do navio, logo se transformando em alva espuma abundante.

O monstro começou a mover-se, cortando lentamente as águas do Tejo e obliquando a tomar o meio do rio. Pequenos vapores cruzavam, rápidos, em várias direcções de mistura com fragatas bojudas e pequenos botes singrando a remos. Pelo cais fora formigava a gente do porto e emaranhava-se

uma floresta de mastros a perder de vista para jusante. E o paquete, ventrudo e magestoso, foi-se afastando, cada vez mais veloz, em direcção à barra.

Na amurada adejavam manchas brancas a que de terra correspondiam com outras tantas. Maria Octavia parecia sonâmbula. Imóvel, como alheada, visivelmente comovida, fitava a silhueta movediça do navio que se afastava e parecia tornar-se mais pequeno, de minuto a minuto.

Dentro em pouco tinham debandado alguns grupos, cansados daquela contemplação prolongada. Mas Octavia continuava na mesma atitude como se não désse por o que a rodeava, mal tendo dado notícia de D. Clorinda se ter despedido dela bem como o comandante. Pela sua face mimosa deslisou uma lágrima que o tenente viu anichar-se na comissura dos lábios; e tão absorta estava que nem deu por ter êle passado um braço em volta da sua cintura flexível.

«Estás comovida, Octavia?» preguntou êle.

Ela pareceu despertar:

«E' ridículo, mas que queres? Sensibilisou-me esta despedida mais do que eu poderia supor... Gosto tanto dela!»

«E merece-o, posso afirmá-lo».

A tarde declinava. Começava a soprar uma brisa fresca que enrugava as águas do rio e provocava estremecimentos na pele mal agazalhada.

E o navio era já um ponto negro no horisonte purpureado quando o tenente, atraindo-a mais, lhe segredou:

«Vamos?»

Maria Octavia dirigiu-se ao seu automóvel que a aguardava a poucos passos. Voltou ainda a fitar por um momento a longínqua mancha, esfumada e pequenina, em cujo bojo se albergavam aqueles dois queridos corações, imolados, como tantos outros, no altar da eterna e esplendorosa Afrodite. E murmurou:

«Que Deus a leve e a fade bem...»

"*Amen*", rematou o marinheiro.

Entraram ambos no *cabriolet* cujo motor começou a trepidar suavemente. E, poucos minutos passados, o magnífico *Buick* rodava, veloz e silencioso pelas ruas da cidade, em demanda do ninho encantado de Bemfica.

FIM